

ALLAN KARDEC

OBRAS PÓSTUMAS

Dem. — Il a toujours été dit que plusieurs Esprits supérieurs devaient s'incarner pour aider au mouvement.

Rép. — Sans doute, plusieurs Esprits auront cette mission, mais chacun aura sa spécialité, et agira par sa position sur telle ou telle partie de la société. Tous se révéleront par leurs oeuvres, et aucun par une prétention quelconque à la suprématie.

P. — Sempre se disse que muitos Espíritos devem encarnar-se para ajudar o movimento.

R. — Sem dúvida, muitos Espíritos terão essa missão, mas cada um possuirá sua especialidade e agirá conforme sua condição social sobre tal ou qual segmento da sociedade. Todos se revelarão através de suas obras, e nenhum por uma pretensão qualquer à supremacia.

TRADUÇÃO DE
WLADIMIR OLIVIER

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

É sob o choque da dor profunda causada pela partida prematura do venerável fundador da doutrina espírita que nós nos propomos a uma tarefa, simples e fácil para suas mãos sábias e experimentadas, mas cujos peso e importância nos abateriam se não contássemos com o concurso eficaz dos bons Espíritos e com a indulgência de nossos leitores.

Quem, entre nós, poderia, sem ser acusado de presunção, ufanar-se de possuir a mentalidade metódica e organizada de que se iluminam todos os trabalhos do mestre? Sua poderosa inteligência podia sozinha concentrar tantos materiais variados, e triturá-los, transformá-los, para espargi-los em seguida, como um orvalho benfazejo, sobre as almas desejosas de conhecer e de amar.

Incisivo, conciso, profundo, ele sabia agradar e fazer-se a compreender, em uma linguagem a uma só vez simples e elevada, tão distante do estilo familiar quanto das obscuridades da metafísica.

Multiplicando-se sem parar, ele pôde até aqui prover a tudo. Todavia, o crescimento diário de suas relações e o desenvolvimento incessante do Espiritismo faziam que sentisse a necessidade de se cercar de alguns ajudantes inteligentes, e ele preparava, simultaneamente, a nova organização da doutrina e de seus trabalhos, quando nos deixou para ir, em um mundo melhor, recolher a aprovação da missão cumprida e reunir os elementos de uma nova obra de devotamento e de sacrifício.

Ele era só!... Nós nos chamaremos *legião*, e, por mais fracos e inexperientes que sejamos, nós possuímos a íntima certeza de que nos manteremos à altura da situação, caso, partindo de princípios estabelecidos e de uma evidência incontestável, nos limitarmos a executar, tanto quanto nos for possível e conforme as necessidades do momento, os projetos que o Senhor Allan Kardec mesmo se propunha a cumprir no futuro.

Enquanto nós permanecermos na rota por ele estabelecida e se unirem todas as boas vontades em comum esforço para o progresso e a regeneração intelectual e moral da humanidade, o Espírito do grande filósofo estará conosco e nos secundará com sua poderosa influência. Possa ele suprir nossa insuficiência e possamos nós tornar-nos dignos de seu auxílio, ao nos consagrarmos à obra com o mesmo tanto de devotamento e de sinceridade, se não com o mesmo tanto de ciência e de inteligência!

Ele escreveu em sua bandeira estas palavras: *Trabalho, solidariedade, tolerância*. Sejamos, como ele, infatigáveis; sejamos, conforme seus votos, tolerantes e solidários, e não tenhamos seguir seu exemplo reiniciando vinte vezes o trabalho sobre os princípios ainda em discussão. Nós estamos apelando a todas as colaborações, a todas as luzes. Vamos tentar avançar com segurança e não com rapidez, e nossos esforços não serão infrutíferos, caso, como nos achamos persuadidos e

como daremos em primeiro lugar o exemplo, cada um se esforçar em realizar seu dever, pondo de lado toda questão pessoal para contribuir para o bem geral.

Nós não poderíamos entrar sob auspícios mais favoráveis na nova fase que se abre para o Espiritismo senão dando a conhecer a nossos leitores, em breve síntese, aquele que foi, toda a vida, o homem íntegro e honrado, o cientista inteligente e fecundo, cuja memória se transmitirá aos séculos futuros coroada com a auréola dos benfeitores da humanidade.

Nascido em Lyon, a 3 de outubro de 1804, de uma antiga família que se distinguiu na magistratura e na advocacia, o Senhor Allan Kardec (*Léon Hippolyte Denizard Rivail*) não seguiu absolutamente essa carreira. Desde sua primeira juventude, ele se sentia atraído para o estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), ele se tornou um dos discípulos mais eminentes daquele célebre professor, e um dos divulgadores zelosos do seu sistema de educação, que exerceu uma grande influência sobre a reforma dos estudos na Alemanha e na França.

Dotado de uma inteligência notável e atraído para o ensino por seu caráter e suas aptidões específicas, desde a idade de quatorze anos, ensinava o que sabia àqueles de seus colegas que haviam assimilado menos que ele. Foi nessa escola que se desenvolveram as ideias que deviam, mais tarde, colocá-lo na classe dos homens progressistas e dos livres pensadores.

Nascido na religião católica, mas educado em um país protestante, os atos de intolerância que teve de sofrer por isso fizeram-no, em boa hora, conceber a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas lhe faltava o elemento indispensável para a solução deste grande problema.

O espiritismo veio mais tarde fornecer-lhe e imprimir uma direção específica a seus trabalhos.

Encerrados seus estudos, voltou para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduziu para a Alemanha diferentes obras sobre educação e sobre moral, e, o que é peculiar, as obras de Fénelon, que o haviam particularmente seduzido.

Ele era membro de muitas sociedades científicas, entre outras da Academia Real de Arras, que, em seu concurso de 1831, o laureou por uma dissertação notável sobre esta questão: “*Qual é o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época?*”

De 1835 a 1840, fundou, em seu domicílio, à Rua de Sèvres, cursos gratuitos, em que ensinava química, física, anatomia comparada, astronomia etc.; empresa digna de elogios em qualquer tempo mas sobretudo em uma época em que um pequeníssimo número de inteligências se arriscava a entrar por essa via.

Invariavelmente ocupado em tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, ele inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso para aprender a contar e um quadro mnemônico da história da França, com o objetivo de fixar na memória as datas dos eventos notáveis e das descobertas que ilustraram cada reinado.

Entre suas numerosas obras de educação, nós citaremos as seguintes: *Plano para a melhoria da instrução pública* (1828); *Curso prático e teórico de aritmética*, de acordo com o método de Pestalozzi, para uso dos professores primários e das mães (1829); *Gramática Francesa Clássica* (1831); *Manual dos exames para os diplomas de capacitação*; *Soluções racionais das questões e problemas de aritmética e de geometria* (1846); *Catecismo gramatical da língua francesa* (1848); *Programa dos cursos normais de química, física, astronomia, fisiologia*, que ele professava no Liceu Polimático; *Ditados normais dos exames dos Paços do Conselho Municipal e da Sorbonne*, acompanhados dos *Ditados específicos sobre as dificuldades ortográficas* (1849), obra muito conceituada na época de sua aparição e da qual, recentemente ainda, se extraíam novas edições.

Antes que o espiritismo viesse a popularizar o pseudônimo Allan Kardec, havia ele, como se vê, sabido ilustrar-se através de trabalhos de natureza inteiramente diferente mas sempre visando a esclarecer as massas e a vinculá-las mais à família e ao país.

Mais ou menos em 1855, desde que se levantou a questão das manifestações dos Espíritos, o Senhor Allan Kardec se dedicou a observações perseverantes sobre o fenômeno, e se ateve principalmente a deduzir-lhe as consequências filosóficas. Ele percebeu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível; ele reconheceu na ação deste último uma das forças da natureza, cujo conhecimento devia lançar luz sobre uma infinidade de problemas tidos como insolúveis, e compreendeu sua importância do ponto de vista religioso.

Suas principais obras sobre esta matéria são: *O Livro dos Espíritos*, quanto à parte filosófica, cuja primeira edição apareceu a 18 de abril de 1857; *O Livro dos Médiuns*, quanto à parte experimental e científica (janeiro de 1861); *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, quanto à parte moral (abril de 1864); *O Céu e o Inferno ou a Justiça de Deus Segundo o Espiritismo* (agosto de 1865); *A Gênese, os Milagres e as Predições* (janeiro de 1868); a *Revista Espírita, jornal de estudos psicológicos*, compilação mensal iniciada a 1.º de janeiro de 1858. Fundou em Paris, a 1.º de abril de 1858, a primeira sociedade espírita regularmente constituída, sob o nome de *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*, cujo objetivo exclusivo é o estudo de tudo quanto possa contribuir para o progresso desta nova ciência. O Senhor Allan Kardec nega com razão que tenha escrito algo sob a influência de ideias preconcebidas ou sistemáticas; homem de caráter frio e calmo, ele observou os fatos, e de suas observações deduziu as leis que os regem; foi o primeiro a formular-lhes a teoria e a formar-lhes um corpo metódico e regular.

Ao demonstrar que os fatos falsamente qualificados de sobrenaturais se acham submetidos a leis, ele os coloca na ordem dos fenômenos da natureza, e destrói, assim, o último refúgio do maravilhoso e um dos fundamentos da superstição.

Durante os primeiros anos em que se levantou a questão dos fenômenos espíritas, tais manifestações foram mais um objeto de curiosidade que um tema para sérias meditações; *O Livro dos Espíritos* fez que a coisa se encarasse sob um aspecto diferente; então a gente desistiu das mesas girantes, que não haviam sido senão um prelúdio, e aderiu a um corpo de doutrina que abrangia todas as questões de interesse da humanidade.

Data do aparecimento de *O Livro dos Espíritos* a verdadeira fundação do espiritismo, o qual, até então, só possuía elementos esparsos sem coordenação, e cujo alcance não pôde ser compreendido por todo o mundo; fixa a doutrina, a partir desse momento também, a atenção dos homens sérios, acelerando seu desenvolvimento. Em poucos anos, tais ideias encontraram numerosos partidários em todas as classes da sociedade e em todos os países. Este sucesso sem precedente é devido, sem dúvida, às simpatias que tais ideias despertaram, mas é devido também, em grande parte, à clareza dos escritos de Allan Kardec, uma de suas características distintivas.

Ao abster-se das fórmulas abstratas da metafísica, o autor soube fazer-se ler sem fadiga, condição essencial para a vulgarização de uma ideia. Sobre todos os pontos de controvérsia, sua argumentação, de uma lógica cerrada, concede pouca disputa à refutação e predispõe à convicção. As provas materiais que proporciona o espiritismo, quanto à existência da alma e à vida futura, tendem à destruição das ideias materialistas e panteístas. Um dos princípios mais fecundos desta doutrina, e que decorre do anterior, é o da *pluralidade das existências*, já entrevisto por uma infinidade de filósofos antigos e modernos, e nestes últimos tempos por *Jean Reynaud, Charles Fourier, Eugène Sue* e outros; mas ele permaneceu no estado de hipótese e de sistema, enquanto o espiritismo lhe demonstra a realidade e comprova que se trata de um dos atributos essenciais da humanidade. Deste princípio decorre a solução de todas as anomalias aparentes da vida humana,

de todas as desigualdades intelectuais, morais e sociais; o homem fica sabendo, assim, de onde vem, para onde vai, com que objetivo se acha na Terra e porque sofre.

As ideias inatas se explicam através dos conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores; a marcha dos povos e da humanidade, através dos homens dos tempos passados, que vivem de novo após terem progredido; as simpatias e as antipatias, através da natureza das relações anteriores; tais relações, que unem a grande família humana de todas as épocas, fornecem como base as leis mesmas da natureza, e não mais uma teoria, aos grandes princípios da fraternidade, da igualdade, da liberdade e da solidariedade universal.

Em lugar do princípio: *Fora da Igreja, não existe salvação*, que mantém a divisão e a animosidade entre as diferentes seitas, e que fez derramar tanto sangue, o espiritismo tem por máxima: *Fora da Caridade, não existe salvação*, quer dizer, a igualdade entre os homens diante de Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a benevolência mútua.

Em lugar da *fé cega* que aniquila a liberdade de pensar, ele diz: *Só é inabalável a fé que consegue defrontar a razão em todas as épocas da humanidade. A fé precisa de uma base e tal base é a percepção perfeita daquilo em que se tem de crer; para crer, não é suficiente ver; é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega não é adequada a este século dezanove; ora, é precisamente o dogma da fé cega que origina, hoje em dia, o maior número de incrédulos, porque ela deseja impor-se, e porque exige a abdicação de duas das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. (O Evangelho Segundo o Espiritismo.)*

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro e o último no trabalho, Allan Kardec sucumbiu a 31 de março de 1869, no meio dos preparativos de u'a mudança de local, necessária por causa do considerável volume de suas múltiplas ocupações. Numerosas obras que ele estava em vias de terminar, ou que esperavam o tempo oportuno para surgirem, virão um dia comprovar ainda mais a amplitude e o poder de suas concepções.

Ele morreu como viveu: trabalhando. Fazia muitos anos que sofria de uma doença do coração que só podia ser combatida através do repouso intelectual e uma certa atividade física; mas, dando-se de todo ao trabalho, ele se recusava a tudo o que pudesse absorver um de seus instantes às custas de suas ocupações prediletas. Nele, como em todas as almas de vigorosa têmpera, a lâmina desgastou a *bainha*.

Seu corpo pesava e lhe recusava seus serviços, mas sua mente, mais viva, mais enérgica, mais fecunda, alargava sempre mais o círculo de sua atividade.

Nessa luta desigual, a matéria não podia eternamente resistir. Um dia, ela foi vencida: o aneurisma se rompeu e Allan Kardec caiu fulminado. Um homem faltava à Terra; mas um grande nome assumia lugar entre os insígnies deste século; um grande Espírito ia retemperar-se no infinito, onde todos os que ele havia consolado e esclarecido aguardavam impacientemente sua vinda!

“A morte, dizia ele recentemente ainda, a morte está atacando com golpes redobrados as fileiras ilustres!... A quem estará vindo agora libertar?”

Ele foi para perto de tantos outros retemperar-se no espaço, buscar novos elementos para renovar seu organismo desgastado por uma vida de labores incessantes. Ele partiu com os que serão os faróis da nova geração, para cedo voltar com eles a fim de continuar e encerrar a obra deixada em mãos devotadas.

O homem não se acha mais aqui, mas a alma continuará entre nós; trata-se de um protetor seguro, uma luz a mais, um trabalhador infatigável com que se reforçaram as falanges do espaço. Como na Terra, sem magoar ninguém, ele saberá fazer que cada um ouça os conselhos adequados; ele contrabalançará o zelo prematuro dos ardorosos, apoiará os sinceros e os abnegados e estimulará os indolentes. Ele percebe, ele sabe hoje tudo quanto previa há pouquíssimo tempo! Ele

não se acha mais sujeito nem às incertezas, nem às hesitações, e nos fará partilhar de sua convicção ao fazer-nos tornar efetivo o objetivo, ao designar-nos a rota, naquela linguagem clara, precisa, que transformou em modelo nos anais literários.

O homem não se acha mais aqui, nós o repetimos, mas Allan Kardec é imortal e sua lembrança, seus trabalhos, seu Espírito se acharão sempre com os que mantiverem firme e alta a bandeira que ele sempre soube fazer respeitada.

Uma individualidade forte fundou a obra; era o guia e a luz de todos. A obra, na Terra, há de ficar para nós no lugar do indivíduo. Nós não nos reuniremos em torno de Allan Kardec: nós nos reuniremos em torno do Espiritismo tal qual ele o fundou e, através de seus conselhos, sob a sua influência, avançaremos a passos seguros para as fases felizes prometidas à humanidade regenerada.

(Revista Espírita, maio de 1869.)

DISCURSO
PRONUNCIADO ÀS EXÉQUIAS
DE ALLAN KARDEC,
em 2 de abril de 1869,

POR CAMILLE FLAMMARION

Senhores,

Ao aceitar com deferência o convite simpático dos amigos do pensador laborioso, cujo corpo terrestre jaz agora a nossos pés, eu me lembro de um dia sombrio do mês de dezembro de 1865. Eu pronunciava, então, as últimas palavras de adeus junto ao túmulo do fundador da Livraria Acadêmica, do honrado Didier, que foi, como editor, o colaborador convicto de Allan Kardec na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era querida, e que também morreu subitamente, como se o céu quisesse poupar a esses dois Espíritos íntegros, o embaraço filosófico de sair desta vida por um caminho diferente do caminho comumente utilizado. — A mesma reflexão se aplica à morte de nosso antigo colega Jobard, de Bruxelas.

Hoje, minha tarefa é maior ainda, pois eu desejaria poder configurar ao pensamento dos que estão ouvindo-me e ao dos milhões de homens que, neste mundo novo, vêm ocupando-se com o problema ainda misterioso dos fenômenos chamados espíritas; — eu desejaria, dizia eu, poder configurar-lhes o interesse científico e o futuro filosófico do estudo desses fenômenos (ao qual se entregaram, como ninguém o ignora, homens eminentes entre nossos contemporâneos). Eu gostaria de fazer que divisassem quais horizontes desconhecidos o pensamento humano verá abrir-se diante desse estudo, à medida que ele amplie seu conhecimento positivo das forças naturais em ação em torno de nós; de demonstrar-lhes que tais confirmações constituem o antídoto mais eficaz da lepra do ateísmo que parece atacar particularmente nossa época de transição; e de testemunhar, enfim, publicamente, aqui, o eminente serviço que o autor de *O Livro dos Espíritos* prestou à filosofia, *chamando a atenção e a discussão* sobre fatos que, até então, pertenciam ao domínio mórbido e funesto das superstições religiosas.

Seria, de fato, importante estabelecer aqui, diante deste túmulo eloquente, que o exame metódico dos fenômenos chamados de forma errônea sobrenaturais, longe de renovar o espírito supersticioso e de debilitar a energia da razão, afasta, ao contrário, os erros e as ilusões da ignorância, e *serve melhor ao progresso* que a negação ilegítima dos que não desejam em absoluto dar-se ao trabalho de ver.

Mas não é aqui o lugar de abrir uma arena à discussão desrespeitosa. Deixemos somente descer de nossos pensamentos, sobre a face impassível do homem deitado diante de nós, nossos testemunhos de afeição e sentimentos de pesar, que permanecem em torno dele em seu túmulo como um embalsamamento do coração! E já que nós sabemos que sua alma eterna sobrevive a

este despojo mortal da mesma forma que lhe preexistiu; já que nós sabemos que vínculos indestrutíveis ligam nosso mundo visível ao mundo invisível; já que esta alma está existindo hoje tão bem quanto há três dias, e que não é impossível que se ache agora aqui diante de mim; digamos-lhe que nós não desejamos ver desvanecer-se sua imagem corpórea e encerrá-la em seu sepulcro, sem honrar unanimemente seus trabalhos e sua memória, sem pagar um tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão útil e dignamente cumprida.

Eu irei traçar primeiro, em um rápido esboço, as linhas principais de sua carreira literária.

Morto com a idade de 65 anos incompletos, Allan Kardec consagrou a primeira parte de sua vida à confecção de obras didáticas, elementares, destinadas sobretudo ao uso dos professores dos jovens. Quando, lá por 1855, as manifestações, aparentemente novas, das mesas girantes, das batidas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos dos objetos e dos móveis, começaram a atrair a atenção pública e determinaram mesmo entre as imaginações atrevidas uma espécie de febre devida à novidade dessas experiências, Allan Kardec, que estudava ao mesmo tempo o magnetismo e seus efeitos peculiares, acompanhou com a maior paciência e judiciosa clarividência as experiências e as tentativas tão numerosas realizadas então em Paris. Ele recolheu e colocou em ordem os resultados obtidos por essa longa observação e compôs com eles o corpo de doutrina publicado em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Todos os Senhores sabem qual foi o sucesso que acolheu esta obra, na França e no exterior.

Tendo chegado hoje em sua 15.^a edição, ela divulgou, por todas as classes sociais, esse corpo de doutrina elementar, que não era absolutamente novo em sua essência, já que a escola de Pitágoras, na Grécia, e a dos druidas, em nossa pobre Gália, lhe ensinavam os princípios, corpo que se revestiu de uma forma de atualidade por sua correspondência com os fenômenos.

Após essa primeira obra, apareceram, sucessivamente, *O Livro dos Médiuns* ou *Espiritismo Experimental*; — *O que é o Espiritismo?*, ou sumário sob a forma de perguntas e de respostas; — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; — *O Céu e o Inferno*; — *A Gênese*: — e a morte acaba de surpreendê-lo no momento em que, em sua atividade infatigável, ele trabalhava em uma obra sobre as relações do magnetismo e do espiritismo.

Através da *Revista Espírita* e da Sociedade de Paris, da qual era presidente, ele se constituiu, de algum modo, no centro para onde tudo convergia, o traço de união de todos os praticantes. Faz alguns meses, sentindo próximo seu fim, preparou as condições de vitalidade desses mesmos estudos após sua morte, e estabeleceu a comissão central que o está sucedendo.

Ele superou as rivalidades; ele fez escola de um modo um pouco pessoal; existe ainda alguma divisão entre os “espiritualistas” e os “espíritos”. Doravante, Senhores, nós devemos (tal é, pelo menos, a promessa dos amigos da verdade) estar todos reunidos através de uma solidariedade fraterna, através dos mesmos esforços para a resolução do problema, através do desejo geral e impessoal da verdade e do bem.

Objetaram, Senhores, ao nosso digno amigo, ao qual prestamos hoje as derradeiras obrigações, objetaram-lhe não ser em absoluto o que a gente chama *um cientista*, não ter sido, primeiro, físico, naturalista ou astrônomo, e ter preferido constituir um corpo de doutrina moral antes de ter aplicado a discussão científica à realidade e à natureza dos fenômenos.

Talvez, Senhores, tenha sido preferível que as coisas comesçassem assim. Nem sempre se deve rejeitar o valor do sentimento. Quantos corações foram consolados no princípio por esta crença religiosa! Quantas lágrimas foram estancadas! Quantas consciências abertas à luz da beleza espiritual! Nem todos são felizes neste mundo. Muitas afeições se dilaceraram! Muitas almas se entorpeceram pelo ceticismo. Não significa nada, então, haver conduzido ao espiritualismo tantos seres que flutuavam na dúvida e que não estimavam mais a vida, nem física, nem intelectual?

Tivesse sido Allan Kardec um cientista e, sem dúvida, não teria podido prestar esse primeiro serviço e divulgá-lo assim tão longe, como um convite a todos os corações.

Mas ele era o que eu chamarei simplesmente de “o bom senso encarnado”. Raciocínio reto e judicioso, não se esquecia de aplicar à sua obra permanente, as indicações íntimas do senso comum. Não era essa uma qualidade menor na ordem das coisas de que nos ocupamos. Era, podemos afirmá-lo, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não poderia tornar-se popular, nem lançar suas imensas raízes no mundo. Os que se dedicaram a tais estudos, em sua maioria, recordam-se de haver sido, em sua juventude, ou em certas circunstâncias especiais, testemunhas, eles mesmos, de manifestações que não conseguiam explicar; existem poucas famílias que não observaram em sua história fenômenos dessa ordem. O primeiro ponto consistia em aplicar-lhes a razão sólida do simples bom senso e examiná-los conforme os princípios do método positivo.

Na qualidade de organizador desse estudo lento e difícil, predisse ele mesmo que esse complexo estudo deve entrar agora em seu período científico. Os fenômenos físicos, nos quais não se insistiu de início, devem tornar-se o objeto da crítica experimental, à qual nós devemos a glória do progresso moderno e as maravilhas da eletricidade e do vapor; este método deve levantar os fenômenos de ordem ainda misteriosa aos quais assistimos, dissecá-los, medi-los, e defini-los.

Pois, Senhores, o espiritismo não é uma religião, mas é uma ciência, ciência da qual mal conhecemos o *á-bê-cê*. A era dos dogmas terminou. A natureza abrange o universo, e Deus mesmo, que a gente fez outrora à imagem do homem, não pode ser considerado pela metafísica moderna senão como *um Espírito na natureza*. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas por intermediação dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, *são de ordem natural*, e devem ser severamente submetidas ao escrutínio da experiência. Não existem mais milagres. Nós assistimos à aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a quais consequências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

A ciência, de agora em diante, rege o mundo; e, Senhores, não ficará estranho, neste discurso fúnebre, o destaque de sua obra atual e das implicações novas que ela nos desvenda, exatamente do ponto de vista de nossas investigações.

Em nenhuma época da história, desenvolveu a ciência, diante do olhar espantado do homem, horizontes tão grandiosos. Nós sabemos agora que a *Terra é um astro* e que *nossa vida atual se cumpre no céu*. Através da análise da luz, nós conhecemos os elementos que se abrasam no Sol e nas estrelas, a milhões e a trilhões de léguas de nosso observatório terrestre. Através do cálculo, nós reconstituímos a história do céu e da terra em seu passado longínquo, como em seu futuro, os quais não existem tendo em vista as leis imutáveis. Através da observação, nós estimamos as terras celestes que gravitam na vastidão. O globo onde estamos se transformou em um átomo estelar voando no espaço no meio das profundezas infinitas, e nossa própria existência neste globo se transformou em uma fração infinitesimal de nossa vida eterna. Mas o que é capaz, efetivamente, de nos atingir mais vivamente ainda é este admirável resultado dos trabalhos da física realizados nestes últimos anos, ou seja, que *nós vivemos no meio de um mundo invisível*, atuando sem parar em torno de nós. Sim, Senhores, eis aqui, para nós, uma revelação imensa. Contemplem, por exemplo, a luz espargida a esta hora na atmosfera por este sol brilhante, contemplem este azul tão suave da abóbada celeste, observem estes eflúvios de ar morno que vêm acariciar nossos rostos, olhem estes monumentos e esta terra. Muito bem, malgrado nossos olhos arregalados, nós não vemos o que se passa aqui! A cada cem raios emanados do Sol, um terço somente é acessível à nossa vista, quer diretamente, quer refletidos em todos estes corpos; os dois terços existem e atuam em torno de nós, mas de um modo invisível, conquanto real. Eles são quentes, sem serem luminosos para nós, e são, contudo, muito mais ativos que os que nos sensibilizam, pois são eles que atraem as flores na direção do sol, que produzem todas as ações

químicas¹, e são eles também que elevam, sob uma forma igualmente invisível, o vapor de água na atmosfera para formar as nuvens — exercendo assim sem parar, em torno de nós, de um modo oculto e silencioso, uma força colossal, mecanicamente equivalente ao trabalho de muitos bilhões de cavalos!

Se os raios caloríficos e os raios químicos que atuam continuamente na natureza são invisíveis para nós, é porque os primeiros não sensibilizam assaz rapidamente nossa retina, e porque os segundos a sensibilizam muitíssimo rapidamente. Nosso olho só vê as coisas entre dois limites, aquém e além dos quais ele não enxerga mais. Nosso organismo terrestre pode ser comparado a uma harpa de duas cordas, que representam o nervo óptico e o nervo auditivo. Uma certa espécie de movimentos põe em vibração o primeiro e uma outra espécie de movimentos põe em vibração o segundo: eis aí *toda a sensação humana*, mais restrita aqui que a de certos seres vivos, de certos insetos, por exemplo, nos quais estas mesmas cordas da vista e do ouvido são mais delicadas. Ora, existem realmente, na natureza, não dois, mas dez, cem, mil espécies de movimentos. A física nos ensina, pois, que nós vivemos assim no meio de um mundo invisível para nós, e que não é impossível que seres (invisíveis igualmente para nós) vivam igualmente na Terra, com um sistema de sensações absolutamente diferentes do nosso, e sem que possamos consignar sua presença, a menos que se manifestem a nós através de efeitos que penetrem em nosso sistema de sensações.

Diante de tais verdades, que ainda apenas se entreabrem, quanto a negação *a priori* parece absurda e sem valor! Quando se compara o pouco que sabemos e a exiguidade de nossa esfera de percepção à quantidade do que existe, não se pode deixar de concluir que nós não sabemos nada e que tudo nos falta saber. Com que direito pronunciaríamos nós, assim, a palavra “impossível” diante dos fatos que confirmamos sem poder descobrir-lhes a causa única?

A ciência nos abre olhos tão percucientes quanto os anteriores quanto aos fenômenos da vida e da morte e quanto à força que nos anima. Basta-nos observar o circuito das existências.

Tudo é apenas metamorfose. Levados em seu eterno percurso, os átomos que constituem a matéria passam sem parar de um corpo a outro, do animal à planta, da planta à atmosfera, da atmosfera ao homem e nosso próprio corpo, durante toda a duração de nossa vida, troca incessantemente de substância constituinte, como a chama brilha tão só por causa dos elementos que se renovam sem parar; e, quando já a alma se evoluiu, esse mesmo corpo, tantas vezes transformado já durante a vida, devolve definitivamente à natureza todas as moléculas, para não mais retomá-las. Ao dogma inadmissível da ressurreição da carne substituiu a elevada doutrina da transmigração das almas.

Eis aqui o sol de abril que irradia nos céus e nos inunda com seu primeiro orvalho calorescente. Já os campos despertam, já os primeiros botões se entreabrem, já a primavera floresce, o azul celeste sorri e a ressurreição se efetiva; no entanto, esta vida nova se forma tão somente através da morte e recobre apenas ruínas! Donde vem a seiva destas árvores que reverdecem no campo dos mortos? Donde vem esta umidade que nutre suas raízes? Donde vêm todos os elementos que vão fazer aparecer, sob as carícias de maio, as pequenas flores silenciosas e os pássaros cantores? — Da morte!... Senhores... Destes cadáveres sepultados na noite sinistra dos túmulos!... Lei suprema da natureza, o corpo não passa de uma reunião transitória de partículas que não lhe pertencem em absoluto, e que a alma agrupou conforme seu próprio tipo, para criar para si órgãos que a põem em contato com nosso mundo físico. E, enquanto nosso corpo assim se renova, peça a peça, através da troca perpétua das matérias, enquanto um dia ele cai, massa inerte, para não mais se levantar, nosso espírito, ser pessoal, resguardou continuamente sua *identidade*

¹ A nossa retina é insensível em relação a esses raios; mas outras substâncias os *veem*, por exemplo, o iodo e os sais de prata. Fotografou-se o espectro solar químico, que nossa vista não enxerga. A placa do fotógrafo jamais fornece, de resto, qualquer imagem visível ao sair da câmara escura, conquanto ela a *possua*, já que uma operação química a faz aparecer.

indestrutível, reinou soberano sobre a matéria com a qual estava revestido, estabelecendo assim, através deste fato contínuo e universal, sua personalidade independente, sua essência espiritual não submissa ao império do espaço e do tempo, sua grandeza individual, *sua imortalidade*.

Em que consiste o mistério da vida? Através de que vínculos a alma está presa ao organismo? Através de que desenlaçamento ela se livra dele? Sob que forma e em que condições ela existe após a morte? — Eis aqui, Senhores, outros tantos problemas que estão longe de serem resolvidos e cujo conjunto constituirá a ciência psicológica do futuro. Certos homens podem negar a existência mesma da alma, como a de Deus, podem afirmar que a verdade moral não existe, que não há, em absoluto, leis inteligentes na natureza, e que nós, espiritualistas, somos ludibriados por uma imensa ilusão. Outros podem, ao contrário, declarar que conhecem, por um privilégio especial, a essência da alma humana, a forma do Ser Supremo, a condição da vida futura, e tratar-nos como ateus, porque nossa razão se nega à sua fé. Uns e outros, Senhores, não impedirão que nós nos achemos aqui perante os maiores problemas, que nós nos interessemos por tais coisas (que longe estão de nos serem alheias), e que tenhamos o direito de aplicar o método experimental da ciência contemporânea à investigação da verdade.

É através do estudo positivo dos efeitos que se remonta à avaliação das causas. No sistema dos estudos reunidos sob a denominação genérica de “espiritismo”, *os fatos existem*. Mas ninguém conhece seu modo de produção. Eles existem da mesma forma que os fenômenos elétricos, luminosos, térmicos; mas, Senhores, nós não conhecemos nem a biologia, nem a fisiologia. O que é o corpo humano? O que é o cérebro? Qual é a ação integral da alma? Nós o ignoramos. Nós ignoramos igualmente a essência da eletricidade, a essência da luz; é, portanto, prudente observar, sem opinião formada, todos estes fatos, e tentar determinar-lhes as causas, que constituem, talvez, categorias diferentes e mais numerosas do que imaginamos até agora.

Que aqueles cuja vista esteja limitada pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendam absolutamente estas ânsias de nossos pensamentos ávidos por conhecer; que eles arremessem sobre este gênero de estudo o sarcasmo ou o anátema; elevemos nós mais alto nossas contemplações!... Você foi o primeiro, ó mestre e amigo, você foi o primeiro que, desde o início de minha carreira de astrônomo, testemunhou viva simpatia por minhas deduções relativas à existência de humanidades celestes; pois, pegando o livro *A Pluralidade dos Mundos Habitados*, você o pôs de imediato na base do edifício doutrinário que você sonhava. Muitíssimas vezes nós nos entretivemos juntos com essa vida celeste tão misteriosa; agora, ó alma, você sabe, através de uma visão direta, em que consiste essa vida espiritual, à qual nós todos retornaremos e da qual nós nos esquecemos durante esta existência.

Agora você retornou a esse mundo de onde nós viemos e recolhe o fruto de seus estudos terrestres. O seu invólucro dorme a nossos pés, seu cérebro está extinto, seus olhos estão fechados para não mais se abrirem, sua palavra não se fará mais ouvir... Nós sabemos que todos nós atingiremos esse mesmo derradeiro sono, a mesma inércia, o mesmo pó. Mas não é nesse invólucro que nós depositamos nossa glória e nossa esperança. O corpo cai, a alma fica e retorna ao espaço. Nós nos reencontraremos em um mundo melhor e, no céu imenso, onde serão exercidas nossas faculdades mais pujantes, nós continuaremos os estudos que não possuíam na Terra mais que um teatro demasiado estreito para agasalhá-los.

Nós preferimos saber esta verdade a crer que você de todo jaz neste cadáver e que sua alma tenha sido destruída pela cessação da atividade de um órgão. A imortalidade é a luz da vida, como este sol cintilante é a luz da natureza.

Até logo, meu caro Allan Kardec, até logo.

OBRAS PÓSTUMAS

DE

ALLAN KARDEC

PRIMEIRA PARTE

PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIOCINADA.

I. DEUS

1. *Existe um Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.*

A prova da existência de Deus se acha neste axioma: *Não existe absolutamente efeito sem causa.* Nós observamos sem parar u'a multidão inumerável de efeitos cuja causa não se acha na humanidade, já que a humanidade é impotente para reproduzi-los e mesmo para explicá-los: a causa se acha, portanto, acima da humanidade. É a essa causa que se dá o nome de *Deus, Jeová, Alá, Brama, Fô-hi, Grande Espírito* etc., conforme as línguas, os tempos e os lugares.

Esses efeitos não se produzem em absoluto por acaso, fortuita e desordenadamente; desde o organismo do menor inseto e da menor semente até a lei que rege os mundos circulando no espaço, tudo atesta um pensamento, uma combinação, uma providência, uma solicitude que ultrapassam todas as concepções humanas. Logo, essa causa é supremamente inteligente.

2. *Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, supremamente justo e bom.*

Deus é *eterno*: se ele tivesse tido um começo, algo teria existido antes dele; ele teria saído do nada, ou bem teria ele mesmo sido criado, por um ser anterior. Eis como, a pouco e pouco, nós remontamos ao infinito na eternidade.

Ele é *imutável*: se ele se achasse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.

Ele é *imaterial*: quer dizer que sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, caso contrário ele estaria sujeito às flutuações e às transformações da matéria, e não seria *imutável*.

Ele é *único*: se existissem muitos deuses, existiriam muitas vontades; e daí não existiria nem uniformidade de vistas, nem uniformidade de poder na disposição do universo.

Ele é *onipotente*, porque é *único*. Se ele não possuísse o supremo poder, existiria algo mais poderoso que ele; ele não teria feito todas as coisas, e as que ele não tivesse feito, seriam o produto de um outro Deus.

Ele é *supremamente justo e bom*. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas como nas maiores, e esta sabedoria não permite duvidar nem de sua justiça, nem de sua bondade.

3. *Deus é infinito em todas as suas perfeições.*

Caso se imagine imperfeito um único dos atributos de Deus, caso se corte a menor parcela da *eternidade*, da *imutabilidade*, da *imaterialidade*, da *unidade*, da *onipotência*, da *justiça* e da *bondade* de Deus, pode-se imaginar um outro ser que possua o que lhe estivesse faltando, e este ser, mais perfeito que ele, seria Deus.

II. A ALMA

4. *Existe no homem um princípio inteligente que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria e que lhe dá o senso moral da faculdade de pensar.*

Caso o pensamento fosse uma propriedade da matéria, ver-se-ia a matéria bruta pensar; ora, como ninguém jamais viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais, como, quando o corpo morreu, não pensa mais, é preciso concluir daí que a alma é independente da matéria e que os órgãos são apenas instrumentos com cuja ajuda o homem manifesta seu pensamento.

5. *As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas do sistema social.*

Caso, conforme os materialistas, o pensamento fosse secretado pelo cérebro, como a bile é secretada pelo fígado, resultaria daí que, na morte do corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais retornariam ao nada; que os parentes, os amigos e todos os que tivessem sido estimados estariam perdidos inexoravelmente; que o homem de gênio não teria mérito algum, já que deveria suas faculdades transcendentais tão só ao acaso de seu organismo; que existiria entre o imbecil e o sábio apenas a diferença de mais ou de menos cérebro.

As conseqüências desta doutrina seriam que o homem, não esperando nada para além desta vida, não teria nenhum interesse em praticar o bem; que seria de todo natural buscar propiciar-se o máximo de gozos possíveis, fosse mesmo às custas de outrem; que seria estúpido privar-se de algo pelos outros; que o egoísmo seria o sentimento mais racional; que quem fosse obstinadamente infeliz na Terra não teria nada de melhor para fazer do que suicidar-se, já que, devendo cair no nada, isso não contaria nem mais, nem menos para ele, e ele abreviaria seus sofrimentos.

Logo, a doutrina materialista constitui a sanção do egoísmo, fonte de todos os vícios, a negação da caridade, fonte de todas as virtudes e fundamento do sistema social, e a justificação do suicídio.

6. *A independência da alma foi comprovada pelo espiritismo.*

A existência da alma foi comprovada pelos atos inteligentes do homem, que devem ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Sua independência da matéria se demonstrou de modo patente através dos fenômenos espíritos, que a exibem agindo por si mesma e, sobretudo, através da experiência de seu desligamento *durante a vida*, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir na ausência do corpo.

Pode-se dizer que, se a química separou os elementos da água, se colocou assim suas propriedades a descoberto e se pode, à vontade, desfazer e refazer um corpo composto, o espiritismo pode igualmente isolar os dois elementos constituintes do homem: *o espírito e a matéria, a alma e o corpo*, separá-los e reuni-los à vontade, o que não pode deixar dúvida sobre a sua independência.

7. A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva sua individualidade após a morte.

Se a alma não sobrevivesse ao corpo, ao homem restaria apenas a perspectiva do nada, como também se a faculdade de pensar tivesse origem na matéria; caso ela não conservasse sua individualidade, quer dizer, caso ela viesse a se perder no reservatório comum chamado *grande todo*, como as gotas de água no oceano, no mínimo isso constituiria para o homem o nada do pensamento, e as consequências seriam absolutamente as mesmas que se não possuísse alma.

A sobrevivência da alma após a morte está comprovada de um modo irrecusável e de certa forma palpável através das comunicações espíritas. Sua individualidade se demonstrou através do caráter e das qualidades próprias a cada um; tais qualidades, distinguindo as almas umas das outras, constituem sua personalidade; caso elas estivessem confundidas em um todo comum, possuiriam só qualidades uniformes.

Além destas comprovações inteligentes, existe ainda a comprovação material das manifestações visuais ou aparições, que são tão frequentes e tão autênticas que a dúvida não tem permissão de revogá-las.

8. A alma do homem é feliz ou infeliz após a morte, conforme o bem ou o mal que tenha praticado durante a vida.

Uma vez que se admite que Deus seja soberanamente justo, não se pode admitir que as almas tenham um destino comum. Caso a situação futura do criminoso e do homem virtuoso tivesse de ser a mesma, isto excluiria toda a utilidade de buscar praticar o bem; por isso, imaginar que Deus não estabeleça diferença entre quem pratica o bem e quem pratica o mal, seria negar sua justiça. Nem sempre recebendo o mal sua punição, nem o bem sua recompensa durante a vida terrestre, é preciso concluir daí que será feita justiça depois, sem o que Deus não seria justo.

Os castigos e os gozos futuros se acham, ademais, comprovados materialmente através das comunicações que os homens conseguem estabelecer com as almas dos que viveram e que vêm descrever seu estado feliz ou infeliz, a natureza de suas alegrias ou de seus sofrimentos, e referir-lhes a causa.

9. Deus, a alma, sobrevivência e individualidade da alma após a morte do corpo, castigos e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de todas as religiões.

O espiritismo vem juntar às comprovações morais desses princípios, as comprovações materiais dos fatos e da experimentação, e acabar de vez com os sofismas do materialismo. Na presença dos fatos, a incredulidade não tem mais razão de ser; eis como o espiritismo vem devolver a fé aos que a perderam e dirimir as dúvidas dos incrédulos.

III. CRIAÇÃO

10. Deus é o criador de todas as coisas.

Esta proposição é a consequência da comprovação da existência de Deus.

11. O princípio das coisas se acha nos mistérios de Deus.

Tudo afirma que Deus é o autor de todas as coisas, mas quando e como ele as criou? Existe a matéria por toda a eternidade como ele? Eis o que ignoramos. No que respeita a tudo quanto ele não julgou oportuno revelar-nos, só se podem estabelecer sistemas mais ou menos prováveis. Pelos efeitos que nós observamos, podemos remontar a certas causas; mas existe um limite que nos é impossível ultrapassar, e seria, de uma só vez, perder tempo e expor-se a extraviar-se desejando ir além dele.

12. *O homem tem por guia, na busca do desconhecido, os atributos de Deus.*

Na busca dos mistérios que se deixam sondar através do raciocínio, existe um critério seguro, um guia infalível: os atributos de Deus.

Uma vez que se admita que Deus deva ser *eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, supremamente justo e bom*, que seja infinito em suas perfeições, toda doutrina ou teoria, científica ou religiosa, que tendesse a lhe extrair parcela de um só de seus atributos seria necessariamente falsa, já que tenderia à negação da própria divindade.

13. *Os mundos materiais tiveram um começo e terão um fim.*

Quer a matéria seja de toda a eternidade como Deus, quer tenha sido criada em uma época qualquer, é evidente, conforme o que se passa diariamente sob nossos olhos, que as transformações da matéria são cíclicas, e que dessas transformações resultam os diferentes corpos, que nascem e se destroem sem parar.

Sendo os diferentes mundos o resultado da aglomeração e da transformação da matéria, devem eles, como todos os corpos materiais, ter um começo e ter um fim, segundo leis que nos são desconhecidas. A ciência é capaz, até um certo ponto, de estabelecer as leis de sua formação e remontar a seu estado primitivo. Toda teoria filosófica em contradição com os fatos demonstrados pela ciência é necessariamente falsa, a menos que comprove que a ciência está errada.

14. Ao criar os mundos materiais, Deus também criou seres inteligentes que chamamos de Espíritos.

15. A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos; nós sabemos somente que eles são criados simples e ignorantes, quer dizer, sem sabedoria e sem conhecimento do bem e do mal, mas perfectíveis e com uma igual aptidão para tudo assimilar e tudo conhecer com o tempo. No princípio, eles permanecem em uma espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência exata de sua existência.

16. À proporção que o Espírito vai afastando-se do ponto de partida, as ideias vão desenvolvendo-se nele, como na criança, e, com as ideias, o livre-arbítrio, quer dizer, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir tal ou qual rota para seu adiantamento, o que constitui um dos atributos essenciais do Espírito.

17. O alvo final de todos os Espíritos é atingir a perfeição de que seja suscetível a criatura; o resultado desta perfeição é o gozo da bem-aventurança suprema, que constitui sua consequência, e à qual eles chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem de seu livre-arbítrio.

18. Os Espíritos são os agentes do poder divino; eles constituem a força inteligente da natureza e concorrem para o cumprimento dos desígnios do Criador quanto à manutenção da harmonia geral do universo e das leis imutáveis da criação.

19. Para concorrerem, como agentes do poder divino, para a obra dos mundos materiais, os Espíritos se revestem, de tempos em tempos, de um corpo material.

Os Espíritos encarnados constituem a humanidade. A alma do homem é um Espírito encarnado.

20. A vida espiritual é a vida normal do Espírito; ela é eterna; a vida corpórea é transitória e passageira; não passa de um instante na eternidade.

21. A encarnação dos Espíritos se encontra nas leis da natureza; ela é necessária a seu adiantamento e à realização das obras de Deus. Através do trabalho que requer sua existência corpórea, eles aperfeiçoam sua inteligência e adquirem, ao observar a lei de Deus, os méritos que devem conduzi-los à bem-aventurança eterna.

Resulta daí que, concorrendo totalmente para a realização geral da criação, os Espíritos trabalham por seu próprio adiantamento.

22. O aperfeiçoamento do Espírito constitui o fruto de seu próprio trabalho; ele avança em função de sua maior ou menor atividade ou da boa vontade para adquirir as qualidades que lhe faltam.

23. Não podendo o Espírito adquirir, em uma única existência corpórea, todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-lo ao alvo, ele o atinge através de uma série de existências, em cada uma das quais ele dá alguns passos à frente na estrada do progresso e se purifica de algumas de suas imperfeições.

24. A cada nova existência, o Espírito traz o que adquiriu em inteligência e em moralidade em suas existências anteriores, assim como as sementes das imperfeições de que ele ainda não se libertou.

25. Quando uma existência foi mal utilizada pelo Espírito, quer dizer, caso ele não tenha feito nenhum progresso na estrada do bem, ela ficou sem proveito para ele, e ele deve recomeçá-la em condições mais ou menos penosas, em função de sua negligência e de sua má vontade.

26. A cada existência corpórea, devendo o Espírito adquirir algo bom e despojar-se de algo mau, resulta daí que, após um certo número de encarnações, ele se acha purificado e atinge o estado de puro Espírito.

27. O número de existências corpóreas é indeterminado: ele depende da vontade do Espírito de abreviá-lo trabalhando ativamente para seu aperfeiçoamento moral.

28. No intervalo das existências corpóreas, o Espírito permanece *errante* e vive a vida espiritual. A erraticidade não tem duração determinada.

29. Assim que os Espíritos hajam adquirido, em um mundo, o máximo de progresso que comporta o estado desse mundo, eles o deixam para se encarnarem em um outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim por diante até que, não lhes sendo mais útil a encarnação em um corpo material, eles vivem exclusivamente a vida espiritual, onde progredem ainda em outro sentido e através de outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, eles gozam da suprema bem-aventurança; admitidos nos conselhos do Onipotente, eles haurem seu pensamento e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para a regência dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de diferentes níveis de adiantamento.

AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS.

1. As almas ou Espíritos dos que viveram constituem o mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual nós vivemos; resulta daí que, desde que existem homens, existem Espíritos, e que, se estes têm o poder de se manifestar, eles devem tê-lo exercido em todas as épocas. É o que confirmam a história e as religiões de todos os povos. Contudo, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos tiveram um grande desenvolvimento e adquiriram um caráter de autenticidade bem maior, porque estava nos desígnios da Providência dar término à praga da incredulidade e do materialismo, através de provas evidentes, em permitindo aos que deixaram a Terra vir atestar sua existência e revelar-nos sua condição feliz ou infeliz.

2. Vivendo o mundo visível no meio do mundo invisível, com o qual se acha em contato perpétuo, resulta daí que eles atuam sem parar um sobre o outro. Tal atuação constitui a fonte de uma infinidade de fenômenos que foram vistos como sobrenaturais, por falta de conhecer sua causa.

A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e vice-versa constitui uma das leis, uma das forças da natureza necessária à harmonia universal, como a lei de atração; caso ela viesse a cessar, a harmonia seria perturbada, como em um mecanismo de que se suprimisse uma engrenagem. Estando esta ação fundamentada em uma lei da natureza, resulta daí que todos os fenômenos que ela produz não têm nada de sobrenatural. Eles só pareceram assim porque não se conhecia sua causa; assim ocorreu com certos efeitos da eletricidade, da luz etc.

3. Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por alvo o futuro do homem após a morte. Este futuro, que é para o homem de um interesse capital, se acha necessariamente ligado à existência do mundo invisível; por isso, o conhecimento desse mundo se tornou, durante todo o tempo, o objeto de suas investigações e de suas preocupações. Sua atenção naturalmente recaiu sobre os fenômenos que tendem a comprovar a existência desse mundo, e não existem dentre eles outros mais concludentes que os da manifestação dos Espíritos, através dos quais os habitantes mesmos desse mundo revelavam sua existência; eis porque tais fenômenos se tornaram a base da maioria dos dogmas de todas as religiões.

4. Tendo o homem instintivamente a intuição de um poder superior, foi levado, em todos os tempos, a atribuir à ação *direta* deste poder os fenômenos cuja causa lhe era desconhecida, e que passavam a seus olhos por prodígios e efeitos sobrenaturais. Tal tendência é considerada por certos incrédulos como a consequência do amor do homem pelo maravilhoso, porém, eles não buscam a fonte deste amor do maravilhoso; ela se encontra muito simplesmente na intuição mal definida de um sistema extracorpóreo. Com o progresso da ciência e o conhecimento das leis da natureza, estes fenômenos foram passando, a pouco e pouco, do domínio do maravilhoso ao dos efeitos naturais, de tal sorte que o que parecia outrora sobrenatural não parece mais hoje, e que o que parece ainda hoje não parecerá mais amanhã.

Dependendo os fenômenos da manifestação dos Espíritos, por sua natureza mesma, forçosamente forneceram um vasto contingente de fatos considerados maravilhosos; mas devia vir um tempo em que, sendo conhecida a lei que os rege, eles retornariam, como os outros, ao sistema

dos fatos naturais. Esse tempo já veio, e o espiritismo, dando a conhecer tal lei, fornece a chave da maioria das passagens incompreendidas das Escrituras Sagradas que lhe fazem alusão, e de fatos vistos como miraculosos.

5. O caráter do fato milagroso consiste em ser insólito e excepcional; trata-se de uma derrogação das leis da natureza; uma vez que um fenômeno se reproduz em idênticas condições, é que se acha submetido a uma lei e não é milagroso. Tal lei pode ser desconhecida, mas nem por isso deixa de existir; o tempo se encarrega de dá-la a conhecer.

O movimento do Sol, ou melhor, da Terra, suspenso por Josué constituiria um verdadeiro milagre, pois seria uma derrogação manifesta da lei que rege o movimento dos astros; mas, caso o fato pudesse reproduzir-se em dadas condições, é que se acharia submetido a uma lei e deixaria, conseqüentemente, de ser milagroso.

6. Erroneamente a Igreja se assusta ao ver restringir-se o círculo dos fatos milagrosos, pois Deus comprova sua grandeza e seu poder através do admirável conjunto de suas leis melhor do que através de algumas infrações a essas mesmas leis, e isso de par com o fato de atribuir ao demônio o poder de realizar prodígios, o que implicaria que o demônio, podendo interromper o curso das leis divinas, seria tão poderoso quanto Deus. Ousar dizer que o Espírito do mal seja capaz de suspender a ação das leis de Deus é uma blasfêmia e um sacrilégio.

A religião, longe de perder sua autoridade por passarem os fatos tidos como milagrosos para o sistema dos fatos naturais, só pode ganhar com isso; primeiro, porque, caso um fato seja inadvertidamente tido como milagroso, se trata de um erro e a religião só pode perder ao se apoiar em um erro, se, sobretudo, se obstinasse em considerar um milagre o que não seria; segundo, porque muitas pessoas que não admitem a possibilidade dos milagres, negam os fatos tidos como milagrosos, e, por conseguinte, a religião que se apoia em tais fatos; caso, ao contrário, a possibilidade desses fatos seja demonstrada como consequência das leis naturais, não existe mais como rejeitá-los nem à religião que os proclama.

7. Os fatos confirmados pela ciência de maneira peremptória não podem ser contestados por nenhuma crença religiosa contrária. A religião só pode ganhar em autoridade ao seguir o progresso dos conhecimentos científicos, e só pode perder ao ficar atrás ou ao protestar contra esses mesmos conhecimentos em nome dos dogmas, pois nenhum dogma poderia prevalecer contra as leis da natureza, nem anulá-las; um dogma fundamentado na negação de uma lei da natureza não pode ser a expressão da verdade.

O espiritismo, fundamentado no conhecimento de leis incompreendidas até agora, não vem em absoluto destruir os fatos religiosos, mas sancioná-los ao lhes oferecer uma explicação racional; ele vem destruir apenas as falsas consequências que se deduziram deles, em virtude da ignorância dessas leis ou de sua interpretação errônea.

8. A ignorância das leis da natureza, levando o homem a buscar causas fantásticas para os fenômenos que não compreende, constitui a fonte das ideias supersticiosas, algumas das quais são devidas aos fenômenos espíritas mal compreendidos: o conhecimento das leis que regem os fenômenos destrói essas ideias supersticiosas, vinculando as coisas à realidade e demonstrando o limite do possível e do impossível.

I. O PERISPÍRITO, PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES.

9. Os Espíritos, como ficou dito, têm um corpo fluídico a que se dá o nome de *perispírito*. Sua substância é haurida no fluido universal ou cósmico que o forma e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo, conforme os mundos e conforme o nível de purificação do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, sua natureza é mais grosseira e se avizinha mais da matéria bruta.

10. Na encarnação, o Espírito conserva seu perispírito: o corpo é para ele apenas um segundo invólucro mais grosseiro, mais resistente, adequado às funções que deve cumprir, e do qual se desvencilha com a morte.

O perispírito é o intermediário entre o Espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para as que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão, o perispírito a transmite e o Espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe; quando o ato procede da iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito deseja, que o perispírito transmite e que o corpo executa.

11. O perispírito não se encontra em absoluto recluso nos limites do corpo, como dentro de uma caixa; por sua natureza fluídica, ele é expansível; ele irradia para fora e forma ao redor do corpo uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade conseguem ampliar mais ou menos; donde se segue que as pessoas que não se acham de forma alguma em contato corpóreo podem achar-se através de seu perispírito e transmitir a si mesmas suas impressões, à revelia, às vezes até mesmo a intuição de seus pensamentos.

12. Sendo o perispírito um dos elementos constituintes do homem, representa um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas se compenetrarem da influência do elemento espiritual sobre o organismo, terão dado um grande passo e horizontes de todo novos se abrirão diante delas; muitas causas de doenças serão explicadas então e poderosos meios de combatê-las serão encontrados.

13. É por meio do perispírito que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. Sua natureza etérea não poderia ser um obstáculo, uma vez que a gente sabe que os mais poderosos motores se acham nos fluidos mais rarefeitos e nos fluidos mais imponderáveis. Logo, não existe absolutamente como se espantar ao se ver, com a ajuda dessa alavanca, os Espíritos produzirem certos efeitos físicos, tais como batidas e barulhos de todos os tipos, objetos elevados, transportados ou projetados no espaço. Não há nenhuma necessidade para a compreensão desses fatos de buscar auxílio no maravilhoso ou nos efeitos sobrenaturais.

14. Atuando sobre a matéria, os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: através de efeitos físicos, tais como os barulhos e o movimento de objetos; da transmissão de pensamento, através da vista, do ouvido, da palavra, do toque, da escrita, do desenho, da música etc., em suma, através de todos os meios que podem servir para pô-los em relação com os homens.

15. As manifestações dos Espíritos podem ser espontâneas ou provocadas. As primeiras acontecem inopinadamente e de improviso; elas se produzem muitas vezes entre as pessoas mais alheias às ideias espíritas. Em certos casos e sob certas circunstâncias, as manifestações podem ser provocadas pela vontade, sob a influência de pessoas dotadas de faculdades especiais para tal efeito.

As manifestações espontâneas aconteceram em todas as épocas e em todos os países; o meio de provocá-las era certamente também conhecido na antiguidade, mas constituía o privilégio de certas castas que o revelavam apenas a raros iniciados, sob rigorosas condições, escondendo-o do povo a fim de dominá-lo através do prestígio de um poder oculto. Apesar de tudo, ele se perpetuou através das idades até nossos dias, entre alguns indivíduos, mas quase sempre desfigurado pela superstição ou misturado às praticas ridículas da magia, o que contribuiu para desacreditá-lo. Tratava-se tão só até então das sementes lançadas aqui e ali; a Providência havia reservado para nossa época o conhecimento completo e a popularização desses fenômenos, para separá-los de suas ligas ruins e fazê-los servir para o melhoramento da humanidade, madura hoje em dia para compreendê-los e extrair-lhes as conseqüências.

II. MANIFESTAÇÕES VISUAIS

16. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e isso ele tem em comum com uma infinidade de fluidos que nós sabemos existir e que nós, todavia, não vimos jamais; mas ele pode também, da mesma forma que certos fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma alteração na disposição molecular; ele pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, mas consegue instantaneamente reaver seu estado etéreo e invisível. Pode-se compreender este efeito através daquele do vapor que é capaz de passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido, e vice-versa.

Estes diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito, e não de uma causa física externa, como nos gases. Quando um Espírito aparece, é que ele põe seu perispírito na condição necessária para torná-lo visível. Mas nem sempre sua vontade é suficiente: é preciso, para que esta modificação do perispírito possa realizar-se, um conjunto de circunstâncias independentes dele; é preciso, além disso, que o Espírito tenha permissão de se fazer ver por tal pessoa, permissão que nem sempre lhe é dada ou é apenas em certas circunstâncias, por motivos que nós não podemos avaliar. (Ver *O Livro dos Médiuns*, item 105.)

Uma outra propriedade do perispírito e que se atém à sua natureza etérea é a *penetrabilidade*. Matéria alguma lhe constitui obstáculo; ele as atravessa a todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Eis porque não existe clausura que consiga opor-se à entrada dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro em sua cela tão facilmente quanto o homem que está no meio dos campos.

17. As manifestações visuais mais comuns acontecem no sono, através dos sonhos: trata-se das *visões*. As *aparições* propriamente ditas acontecem no estado de vigília e quando se goza da plenitude e da inteira liberdade de suas faculdades. Elas se apresentam geralmente sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes, vaga e indecisa: trata-se amiúde, de início, de um clarão alvacentos, cujos contornos se desenhavam a pouco e pouco. Outras vezes, as formas ficam nitidamente acentuadas e se distinguem os menores traços do rosto, a ponto de se poder fazer dele uma

descrição muito precisa. Os trejeitos e a aparência são semelhantes ao que era o Espírito em sua vida.

18. Podendo assumir todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que pode melhor fazê-lo reconhecer, caso seja esse seu desejo. Por isso, conquanto, como Espírito, ele não possua nenhuma deformidade corpórea, ele se mostrará estropiado, coxo, ferido, com cicatrizes, caso isso seja necessário para confirmar sua identidade. Acontece o mesmo quanto à roupa; a dos Espíritos que não conservaram nada dos estragos terrestres compõe-se, o mais comumente, de uma vestimenta de longas pregas flutuantes, com uma cabeleira ondulante e graciosa.

Amiúde os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação, como uma auréola, asas para os que se podem considerar como anjos, um aspecto luminoso resplandecente, enquanto outros possuem os atributos que lembram suas ocupações terrestres; assim, um guerreiro poderá aparecer com sua armadura, um estudioso com livros, um assassino com um punhal etc. Os Espíritos superiores apresentam um semblante bonito, nobre e sereno; os muito inferiores possuem algo de cruel e de bestial, e, às vezes, trazem ainda os vestígios de crimes que cometeram ou de suplícios que enfrentaram; para eles, tal aparência é uma realidade; quer dizer que creem que são tais quais aparecem; trata-se de um castigo para eles.

19. O Espírito que deseja ou pode aparecer, reveste, às vezes, uma forma mais nítida ainda, apresentando todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de produzir uma ilusão completa e de fazer crer que se tem diante de si um ser corpóreo.

Em alguns casos e em certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, quer dizer que se pode tocar, apalpar, sentir a mesma resistência, o mesmo calor de um corpo vivo, o que não o impede de se dissipar com a rapidez do raio. A gente poderia, portanto, estar na presença de um Espírito com o qual se trocariam as palavras e as rotinas da vida, crendo estar lidando com um simples mortal, sem suspeitar de que se trata de um Espírito.

20. Seja qual for o aspecto sob o qual se apresente um Espírito, mesmo sob a forma tangível, ele consegue, no mesmo instante, ser visível apenas para alguns; em uma assembleia, ele seria capaz, portanto, de só se mostrar a um ou a muitos membros; de duas pessoas colocadas lado a lado uma da outra, uma consegue vê-lo e tocá-lo, a outra nada ver e nada sentir.

O fenômeno da aparição a uma só pessoa entre muitas que se encontram juntas explica-se através da necessidade, para que se produza, de uma combinação entre o fluido perispiritual do Espírito e o da pessoa; é preciso, para isso, que exista entre tais fluidos uma espécie de afinidade que favoreça a combinação; caso o Espírito não encontre a aptidão orgânica necessária, o fenômeno da aparição não consegue produzir-se; caso a aptidão exista, o Espírito é livre de se aproveitar dela ou não; daqui resulta que, se duas pessoas igualmente dotadas neste aspecto se encontrem juntas, o Espírito pode realizar a combinação fluídica somente com aquela das duas a quem deseja mostrar-se; deixando de fazê-lo com a outra, esta pessoa não o verá. Assim se daria a dois indivíduos que tivessem um véu cada um sobre os olhos; caso um terceiro indivíduo deseje mostrar-se a somente um dos dois, ele erguerá um só véu; mas a quem fosse cego inutilmente ergueria o véu: a faculdade de ver não lhe seria dada só por isso.

21. As aparições tangíveis são muitíssimo raras, mas as aparições vaporosas são frequentes; elas o são sobretudo no momento da morte; o Espírito desprendido parece ter pressa em rever seus parentes e seus amigos, como para avisá-los de que acaba de deixar a Terra e para dizer-lhes que continua vivo. Que cada um reúna suas lembranças e a gente verá quantos fatos autênticos deste tipo, que não se tinha em conta, aconteceram não somente à noite, mas em plena luz e na condição de vigília mais completa.

III. TRANSMUTAÇÃO. INVISIBILIDADE.

22. O perispírito das pessoas vivas usufrui das mesmas propriedades que o dos Espíritos. Como já foi dito, ele não se acha em absoluto confinado ao corpo, mas irradia e forma em torno dele uma espécie de atmosfera fluídica; ora, pode acontecer que, em certos casos e nas mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação análoga à que foi descrita; a forma real e material do corpo pode desaparecer sob essa camada fluídica, caso se possa dizer assim, e assumir, por certo tempo, uma aparência totalmente diferente, mesmo a de uma outra pessoa ou do Espírito que esteja combinando seu fluido com o do indivíduo, ou ainda proporcionar a um semblante feio um aspecto belo e radioso. Tal é o fenômeno designado pelo nome de *transmutação*, fenômeno assaz frequente, que se produz principalmente quando as circunstâncias provocam uma expansão mais abundante de fluido.

O fenômeno da transmutação pode manifestar-se com uma intensidade muito diferente conforme o nível de purificação do perispírito, nível que sempre corresponde ao da elevação moral do Espírito. Ele se limita, às vezes, a uma simples alteração no aspecto da fisionomia, como pode propiciar ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida.

A forma material pode, portanto, desaparecer sob o fluido perispiritual, mas não tem este fluido necessidade de assumir um outro aspecto; ele pode, às vezes, simplesmente encobrir um corpo inerte ou vivo e torná-lo invisível aos olhos de uma ou de muitas pessoas, como o faria uma camada de vapor.

Nós tomamos as coisas reais apenas como pontos de comparação, e não visando a estabelecer uma analogia absoluta, que não existe.

23. Estes fenômenos podem parecer estranhos somente porque não se conhecem as propriedades do fluido perispiritual; trata-se para nós de um corpo novo, que deve possuir propriedades novas e que não se pode estudar através dos processos comuns da ciência, mas que nem por isso deixam de ser propriedades naturais, tendo de maravilhoso apenas a novidade.

IV. EMANCIPAÇÃO DA ALMA.

24. Durante o sono, só o corpo repousa: o Espírito não dorme; ele tira proveito do repouso do corpo e dos momentos em que sua presença não é necessária, para atuar separadamente e ir aonde desejar; então, desfruta de sua liberdade e da plenitude de suas faculdades. Durante a vida, o Espírito não fica jamais completamente separado do corpo; transporte-se ele para qualquer distância, fica sempre preso por um liame fluídico que serve para chamá-lo de volta, quando sua presença é necessária; esse liame só é rompido com a morte.

“O sono libera em parte a alma do corpo. Quando se dorme, a gente fica temporariamente no estado em que se acha permanentemente após a morte. Os Espíritos que se desligam logo da matéria quando de sua morte tiveram sonhos inteligentes; esses, quando dormem, reencontram a companhia de outros seres superiores a eles: eles viajam, conversam e se instruem juntos; eles trabalham mesmo em obras que acham terminadas ao morrerem. Isto deve ensiná-los, uma vez

mais, a não temer a morte, porquanto vocês morrem todos os dias, conforme a palavra de um santo.

“Isto quanto aos Espíritos elevados; mas, quanto à massa dos homens que, com a morte, têm que ficar muitas horas nessa perturbação, nessa incerteza de que eles lhes têm falado, esses vão ou para mundos inferiores à Terra, para onde antigas afeições os chamam, ou procurar prazeres talvez ainda mais grosseiros que os que possuem aqui; eles vão sorver doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas que as que professam em seu meio. E o que engendra a simpatia na Terra não é outra coisa senão o fato de que a gente se sente próxima, ao despertar, através do coração, daqueles com quem acaba de passar oito a nove horas de felicidade ou de alegria. O que explica também essas antipatias invencíveis é que a gente sabe no fundo de seu coração que essas pessoas possuem uma outra compreensão diferente da nossa, uma vez que as conhece sem tê-las jamais visto com os olhos. É isso ainda que explica a indiferença, porquanto a gente não se dedica a fazer novos amigos, quando sabe que possui outros que nos amam e nos prezam. Em suma: o sono influi mais do que vocês imaginam sobre nossa vida.

“Em consequência do sono, os Espíritos encarnados se acham sempre em contato com o mundo dos Espíritos, e é isso o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem excessiva repulsa, encarnar-se entre vocês. Deus desejou que, durante seu contato com o vício, eles pudessem ir retemperar-se na fonte do bem, para não fracassarem eles mesmos, eles que vinham instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu dando para seus amigos do céu; é a distração após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a liberação final que deve devolvê-los a seu verdadeiro lugar.

“O sonho é a recordação do que seu Espírito viu durante o sono; mas observem que vocês só não sonham sempre porque não é sempre que se recordam do que viram ou de tudo o que viram. Sua alma não se acha ali durante todo o desenrolar dele; com frequência, o sonho não passa da lembrança da perturbação que acompanha sua partida ou sua reentrada, a que se junta a recordação do que vocês fizeram ou do que os preocupa na vigília; sem isto, como explicariam vocês esses sonhos absurdos que têm os mais sabidos como os mais simples? Os maus Espíritos se servem também dos sonhos para atormentarem as almas fracas e pusilânimes.

“A incoerência dos sonhos se explica ainda através das lacunas que produz a recordação incompleta do que apareceu no sonho. Seria como um trecho cujas frases tivessem sido truncadas ao acaso: reunidos os fragmentos que restassem, perderiam toda significação racional.²

“De resto, vocês verão em breve desenvolver-se um outro tipo de sonhos que é tão antigo quanto o que vocês conhecem, mas que não praticam: o sonho de Joana, o sonho de Jacó, o sonho dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos; esse sonho é a lembrança da alma inteiramente desligada do corpo, a lembrança dessa segunda vida de que eu lhes falava há pouco.” (*O Livro dos Espíritos*, item 400 e seguintes.)

25. A independência e a emancipação da alma se manifestam sobretudo, de um modo evidente, no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia. A lucidez sonambúlica não passa da faculdade que possui a alma de ver e de sentir sem o concurso dos órgãos materiais. Esta faculdade constitui um de seus atributos; ela reside em todo o seu ser; os órgãos do corpo são os canais exclusivos por onde lhe chegam certas percepções. A visão a distância, que possuem certos sonâmbulos, provém do deslocamento da alma, que observa o que se passa nos lugares para os quais se transporta. Em suas peregrinações, ela fica sempre revestida de seu perispírito, agente de suas sensações, mas que jamais se acha inteiramente desprendido do

² Em *O Livro dos Espíritos*, item 402, este parágrafo consta como parte do comentário de Kardec. Os demais parágrafos entre aspas constituem a resposta à pergunta: *Como podemos nós julgar da liberdade do Espírito durante o sono?* (Nota do tradutor.)

corpo, assim como nós o dissemos. O desligamento da alma produz a inércia do corpo, que parece, às vezes, privado de vida.

26. O desligamento pode igualmente produzir-se em diversos níveis, no estado de vigília, mas então o corpo jamais desfruta completamente de sua atividade normal; existe sempre uma certa absorção, um desprendimento mais ou menos completo das coisas terrestres; o corpo não dorme, ele anda, ele age, mas os olhos enxergam sem ver; compreende-se que a alma se acha em outro lugar. Como no sonambulismo, ela vê as coisas ausentes; ela possui percepções e sensações que nos são desconhecidas; às vezes, ela apresenta a presciência de certos eventos futuros pela ligação que lhes reconhece com as coisas presentes. Penetrando o mundo invisível, ela vê os Espíritos com os quais ela é capaz de conversar e cujo pensamento consegue transmitir-nos.

Ao retorno ao estado normal se segue quase sempre o esquecimento do passado, mas às vezes se conserva uma lembrança mais ou menos vaga, como a de um sonho.

27. A emancipação da alma amortece, às vezes, as sensações físicas a ponto de produzir uma real insensibilidade que, nos momentos de exaltação, é capaz de fazer suportar com indiferença as mais vivas dores. Tal insensibilidade provém do desprendimento do perispírito, agente de transmissão das sensações corpóreas: o Espírito ausente não é afetado pelos machucados do corpo.

28. A faculdade emancipadora da alma, em sua manifestação mais simples, produz o que chamamos de *sonhar acordado*; ela proporciona também a certas pessoas a presciência que constitui os pressentimentos; em um nível maior de desenvolvimento, ela produz o fenômeno designado *segunda vista*, *dupla vista* ou *sonambulismo acordado*.

29. O *êxtase* é o grau máximo de emancipação da alma. “No sonho e no sonambulismo, a alma erra nos mundos terrestres; no êxtase, ela penetra em um mundo desconhecido, no dos Espíritos etéreos com os quais ela entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites que ela não conseguiria vencer sem quebrar totalmente os liames que a prendem ao corpo. Um estado resplandecente de todo novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a arrebatam, um bem-estar indefinível a penetra: ela usufrui por antecipação a beatitude celeste, e se pode dizer que ela põe um pé no umbral da eternidade. No êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo; ele mais não tem, por assim dizer, do que a vida orgânica, e se sente que a alma se prende a ele por não mais que um fio, que um esforço a mais faria romper para sempre.”³ (*O Livro dos Espíritos*, item 455.)

30. O êxtase, como os outros níveis de emancipação da alma, não está isento de falhas; eis porque as revelações dos extáticos estão longe de ser sempre a expressão da verdade absoluta. A razão disto se acha na imperfeição do Espírito humano; apenas quando se chegou ao topo da escala é que se consegue julgar as coisas com correção; até lá, não é dado tudo ver nem tudo compreender. Assim como, após a morte, quando o desprendimento é completo, nem sempre se vê corretamente; assim como existem os que se acham ainda imbuídos dos preconceitos da vida, os que não compreendem as coisas do mundo invisível onde se encontram, deve acontecer o mesmo, com maior razão, com o Espírito que se liga ainda à carne.

Existe, às vezes, entre os extáticos, mais exaltação que real lucidez; dizendo melhor: sua exaltação prejudica sua lucidez; eis porque suas revelações amiúde constituem uma mistura de verdades e de erros, de coisas sublimes ou mesmo ridículas. Os Espíritos inferiores, para dominarem o extático, tiram proveito também dessa exaltação, que constitui sempre uma causa de

³ O trecho entre aspas consta do item 455 de *O Livro dos Espíritos*, como comentário de Kardec. (Nota do tradutor.)

fraqueza quando não se sabe refreá-la; para tal efeito, eles assumem a seus olhos *aparências* que o firmam em suas ideias ou preconceitos, de sorte que suas visões e suas revelações muitas vezes são apenas um reflexo de suas crenças. Trata-se de um obstáculo de que só escapam os Espíritos de elevada condição, e contra o qual o observador tem de manter-se em guarda.

31. Existem pessoas cujo perispírito fica de tal modo identificado com o corpo que o desprendimento da alma só se realiza com extrema dificuldade, até mesmo no momento da morte; são estas geralmente as que viveram mais materialmente; são estas também as que sofrem a morte mais penosa, mais repleta de angústias, e a agonia mais longa e mais dolorosa; mas existem outras, ao contrário, cuja alma se liga ao corpo por liames tão fracos que a separação se faz sem trauma, com a maior facilidade e, muitas vezes, antes da morte do corpo; às vizinhanças do término da vida, a alma entrevê já o mundo em que vai entrar e aspira ao momento de sua liberação completa.

V. APARIÇÃO DE PESSOAS VIVAS. BICORPOREIDADE.

32. A faculdade emancipadora da alma e seu desprendimento do corpo durante a vida podem ocasionar fenômenos análogos aos que apresentam os Espíritos desencarnados. Enquanto o corpo permanece dormindo, transportando-se o Espírito para diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob uma forma vaporosa, seja em sonho, seja no estado de vigília; ele pode igualmente apresentar-se sob a forma tangível ou, ao menos, com uma aparência de tal maneira idêntica à da realidade que muitas pessoas podem estar certas ao afirmar tê-lo visto, ao mesmo tempo, em dois lugares diferentes; ele estava, de fato, mas de um lado só estava o corpo real e, do outro, havia apenas o Espírito. Este fenômeno, muito raro de resto, é que ocasionou a crença nos homens duplos; é ele designado pelo nome de *bicorporeidade*.

Por mais extraordinário que seja, ele não deixa, como todos os outros, de pertencer ao sistema dos fenômenos naturais, já que se fundamenta nas propriedades do perispírito e em uma lei da natureza.

VI. DOS MÉDIUNS.

33. Médiuns são pessoas aptas a perceber a influência dos Espíritos e a transmitir seu pensamento.

Toda pessoa que experimenta, em um grau qualquer, a influência dos Espíritos é, *ipso facto*, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; por conseguinte, não se trata em absoluto de um privilégio exclusivo; por isso, existem poucas pessoas nas quais não se encontram dela alguns rudimentos. Pode-se, portanto, dizer, que todo o mundo, pouco mais ou menos, é médium; todavia, usualmente essa qualificação só se aplica àqueles em quem a faculdade mediúnica se manifesta através de efeitos ostensivos de uma certa intensidade.⁴

⁴ Este parágrafo, mui ligeiramente modificado, encontra-se no item 159 de *O Livro dos Médiuns*. (Nota do tradutor.)

34. O fluido perispiritual é o agente de todos os fenômenos espíritas; estes fenômenos só conseguem efetivar-se pela ação recíproca dos fluidos emitidos pelo médium e pelo Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica está ligada à natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e à sua junção mais ou menos fácil com o perispírito dos Espíritos; tal faculdade está ligada, por conseguinte, ao organismo e pode ser desenvolvida quando o princípio existe, mas não pode ser adquirida quando tal princípio não existe. A predisposição mediúnica é independente do sexo, da idade e do caráter; encontram-se médiuns em todas as categorias de indivíduos desde a mais tenra idade até a mais avançada.

35. As relações entre os Espíritos e os médiuns estabelecem-se por meio de seu perispírito; a facilidade dessas relações depende do nível de afinidade que existe entre os dois fluidos; existem os que se assimilam facilmente e outros que se repelem; donde se segue que não é suficiente ser médium para comunicar-se indistintamente com todos os Espíritos; existem médiuns que só conseguem comunicar-se com certos Espíritos ou com certas categorias de Espíritos, e outros que o conseguem apenas através de uma transmissão de pensamento, sem nenhuma manifestação exterior.

36. Através da assimilação dos fluidos perispirituais, o Espírito identifica-se, por assim dizer, com a pessoa que deseja influenciar; não somente ele lhe transmite seu pensamento, mas pode exercer sobre ela uma ação física, fazê-la agir ou falar à sua vontade, fazê-la dizer o que ele deseja; em suma, servir-se dos órgãos dela como se fossem os seus; ele pode, enfim, neutralizar a ação do próprio Espírito dela e paralisar-lhe o livre-arbítrio. Os bons Espíritos se servem desta influência para o bem, e os maus Espíritos, para o mal.

37. Os Espíritos podem manifestar-se de uma infinidade de maneiras diferentes, e eles só o conseguem na condição de encontrar uma pessoa apta a receber e a transmitir tal ou qual tipo de impressão conforme sua aptidão; ora, como não existe nenhuma que possua todas as aptidões no mesmo grau, resulta daí que umas obtêm efeitos impossíveis para as outras. Esta diversidade nas aptidões produz diferentes variedades de médiuns.

38. A vontade do médium nem sempre é absolutamente necessária; o Espírito que deseja manifestar-se procura o indivíduo apto a receber sua impressão e serve-se dele amiúde à revelia; outras pessoas, ao contrário, tendo consciência de sua faculdade, são capazes de provocar certas manifestações; daqui duas categorias de médiuns: os *médiuns inconscientes* e os *médiuns facultativos*.

No primeiro caso, a iniciativa parte do Espírito: no segundo, parte do médium.

39. Os *médiuns facultativos* encontram-se apenas entre as pessoas que possuem um conhecimento mais ou menos completo dos meios de comunicação com os Espíritos, e podem, assim, servir-se a bel-prazer de sua faculdade; os *médiuns inconscientes*, ao contrário, encontram-se entre os que não possuem nenhuma ideia nem do espiritismo, nem dos Espíritos, encontram-se até mesmo entre os mais incrédulos e que servem de instrumentos sem que o saibam e sem que o desejem. Todos os tipos de fenômenos espíritas podem produzir-se através de sua influência, o que ocorreu em todas as épocas e entre todos os povos. A ignorância e a credulidade atribuíram a eles um poder sobrenatural e, conforme os lugares e os tempos, foram transformados em santos, em feiticeiros, em loucos ou em visionários; o espiritismo nos demonstra neles a simples manifestação espontânea de uma faculdade natural.

40. Entre as diferentes variedades de médiuns, distinguem-se principalmente: os *médiuns de efeitos físicos*; os *médiuns sensitivos ou impressionáveis*; os *médiuns audientes, falantes*,

videntes, inspirados, sonâmbulos, curadores, escreventes ou psicógrafos etc.; nós só descreveremos aqui os essenciais.⁵

41. *Médiuns de efeitos físicos*. — São os que se acham mais especificamente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos de corpos inertes, os barulhos, o deslocamento, a elevação e a translação de objetos etc. Tais fenômenos podem ser espontâneos ou provocados; em todos os casos, requerem o concurso voluntário ou involuntário de médiuns dotados de faculdades específicas. Eles constituem geralmente o privilégio de Espíritos de uma categoria inferior; os Espíritos elevados só se ocupam das comunicações inteligentes e instrutivas.

42. *Médiuns sensitivos ou impressionáveis*. — São assim designadas as pessoas suscetíveis de perceber a presença de Espíritos através de uma vaga impressão, uma espécie de roçadela por todos os membros, que não conseguem entender. Esta faculdade pode adquirir uma tal sutileza que quem é dotado reconhece, dada a impressão que sente, não somente a natureza boa ou má do Espírito que se acha a seu lado, mas até sua individualidade, como o cego reconhece instintivamente a aproximação de tal ou qual pessoa. Um bom Espírito provoca sempre uma sensação suave e agradável; a de um mau, ao contrário, é penosa, aflita e desagradável; existe como que um faro de impureza.

43. *Médiuns audientes*. — São os que ouvem a voz dos Espíritos; trata-se, às vezes, de uma voz interna que se dá a ouvir no foro íntimo; outras vezes, é uma voz externa, clara e distinta como a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes conseguem assim entrar em conversação com os Espíritos. Quando possuem o hábito de comunicar-se com certos Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pelo som de sua voz. Quando a pessoa não é, por si mesma, médium audiente, pode comunicar-se com um Espírito por intermédio de um médium audiente, que transmite suas palavras.

44. *Médiuns falantes*. — Os médiuns audientes que apenas transmitem o que ouvem não são, propriamente ditos, *médiuns falantes*; estes últimos o mais das vezes não ouvem nada; o Espírito atua em seus órgãos da palavra como atua na mão dos médiuns escreventes. Desejando o Espírito comunicar-se, serve-se do órgão que acha mais flexível; a um toma emprestada a mão, a um outro, a palavra, a um terceiro, o ouvido. O médium falante exprime-se, geralmente, sem possuir a consciência do que diz, e amiúde ele diz coisas completamente alheias a suas ideias habituais, a seus conhecimentos e mesmo ao alcance de sua inteligência. Veem-se, às vezes, pessoas iletradas e de uma inteligência comum exprimirem-se, nesses momentos, com real eloquência e tratarem com incontestável superioridade questões sobre as quais seriam incapazes de emitir uma opinião no estado normal.

Conquanto o médium falante se ache perfeitamente acordado, raramente conserva a lembrança do que disse. A passividade, entretanto, nem sempre é completa; existem os que possuem a intuição do que dizem no momento mesmo em que pronunciam as palavras.

A palavra constitui para o médium falante um instrumento de que se serve o Espírito com quem uma pessoa de fora pode entrar em comunicação, como pode fazê-lo através de um médium audiente. A diferença existente entre o médium audiente e o médium falante é que o primeiro fala voluntariamente ao repetir o que ouve, enquanto o segundo fala involuntariamente.

45. *Médiuns videntes*. — Dá-se tal nome às pessoas que, no estado normal, e perfeitamente acordadas, usufruem a faculdade de enxergar os Espíritos. A possibilidade de vê-los em sonho

⁵ Em *O Livro dos Médiuns*, ao final do item 159, não se relaciona a categoria dos *inspirados*; a lista se completa com os *sonâmbulos* e os *pneumatógrafos*. Adiante, veremos que Kardec relaciona também os *médiuns sonâmbulos*, os *de pressentimentos* e os *proféticos*. Por tratar-se de obra específica, recomenda-se de preferência a leitura de *O Livro dos Médiuns*. (Nota do tradutor.)

resulta, sem controvérsia, de um tipo de mediunidade, mas não constitui, propriamente dito, os médiuns videntes. Nós explicamos a teoria deste fenômeno no capítulo *Manifestações Visuais*, itens de 101 a 110, de *O Livro dos Médiuns*.

As aparições acidentais de pessoas que a gente amou ou conheceu são muito frequentes; e, embora os que as obtiveram possam ser considerados médiuns videntes, atribui-se tal nomenclatura em geral aos que desfrutam permanentemente, em certo sentido, da faculdade de ver quase todos os Espíritos. Dentre eles, existem os que veem tão só os Espíritos evocados e cuja descrição conseguem realizar com minuciosa correção; eles descrevem, nos mínimos pormenores, seus gestos, a expressão de sua fisionomia, os traços do rosto, a roupa e até os sentimentos de que parecem animados. Existem outros para os quais esta faculdade é ainda mais geral; eles enxergam toda a população espírita ambiente indo, vindo e, poder-se-ia dizer, ocupando-se de seus negócios. Estes médiuns não ficam jamais sozinhos: eles sempre têm consigo uma companhia que podem escolher a seu arbítrio, conforme seu gosto, pois podem, por sua vontade, afastar os Espíritos que não lhes convêm, ou atrair os que lhes são simpáticos.

46. *Médiuns sonâmbulos*. — O sonambulismo pode ser considerado uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, trata-se de duas classes de fenômenos que se encontram muitíssimas vezes reunidas. O sonâmbulo age sob a influência de seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fora do limite dos sentidos; o que ele exprime, extrai de si mesmo; suas ideias são, em geral, mais corretas que no estado normal, seus conhecimentos, mais extensos, porque sua alma fica livre; em suma, ele vive por antecipação a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é o instrumento de uma inteligência alheia; ele é passivo e o que diz não provém em absoluto dele. Em resumo, o sonâmbulo exprime seu próprio pensamento, e o médium exprime o de um outro. Mas o Espírito que se comunica por um médium comum, pode também fazê-lo por um sonâmbulo; muitas vezes, o próprio estado de emancipação da alma, durante o sonambulismo, torna a comunicação mais fácil. Muitos sonâmbulos enxergam perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes; eles podem conversar com os Espíritos e transmitir-nos seu pensamento; o que dizem fora do círculo de seus conhecimentos pessoais é amiúde sugerido a eles por outros Espíritos.

47. *Médiuns inspirados*. — São aqueles em que os sinais externos da mediunidade são os menos aparentes; a ação dos Espíritos é toda intelectual e toda moral e se revela nas menores circunstâncias da vida, como nas maiores concepções; é sob este aspecto sobretudo que se pode dizer que todo o mundo é médium, pois não existe ninguém que não possua seus Espíritos protetores e familiares, que dedicam todos os seus esforços para sugerir a seus protegidos pensamentos sadios. No inspirado, frequentemente é difícil de distinguir o pensamento próprio do que é sugerido; o que caracteriza este último é sobretudo a espontaneidade.

A inspiração torna-se mais patente nos grandes trabalhos da inteligência. Os homens de gênio, em todas as esferas, artistas, cientistas, literatos, oradores, são, sem dúvida, Espíritos avançados, capazes, por si mesmos, de compreender e de conceber grandes coisas; ora, é precisamente porque eles são considerados capazes que os Espíritos que desejam a realização de certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias, e é assim que eles são, o mais das vezes, *médiuns sem que o saibam*. Eles têm, entretanto, uma vaga intuição de uma assistência alheia, pois quem apela à inspiração não faz nada além de uma evocação; se não esperasse ser ouvido, por que gritaria tão amiúde: Meu bom gênio, venha em minha ajuda?!

48. *Médiuns de pressentimentos*. — São pessoas que, em certas circunstâncias, possuem uma vaga intuição das coisas futuras comuns. Tal intuição pode provir de uma espécie de dupla vista que permite vislumbrar as conseqüências das coisas presentes e a conexão dos

acontecimentos; mas, muitas vezes, ela constitui o efeito de comunicações ocultas que os torna uma variedade dos *médiuns inspirados*.

49. *Médiuns proféticos*. — Trata-se igualmente de uma variedade dos médiuns inspirados; eles recebem, com a permissão de Deus e mais precisamente que os médiuns de pressentimentos, a revelação das coisas futuras de interesse geral, que ficam encarregados de dar a conhecer aos homens para sua instrução. O pressentimento é outorgado à maioria dos homens, de um jeito ou de outro, para seu uso pessoal; o dom da profecia, ao contrário, é excepcional e implica a ideia de u'a missão na Terra.

Se existem verdadeiros profetas, existem mais ainda falsos profetas, e que transformam os sonhos de sua imaginação em revelações, quando não se trata de ladinos que se fazem passar como tais por ambição.

“O verdadeiro profeta é um homem de bem inspirado por Deus. A gente consegue reconhecê-lo através de suas palavras e de suas ações. Deus não pode utilizar a boca do mentiroso para ensinar a verdade.”⁶ (*O Livro dos Espíritos*, item 624.)

50. *Médiuns escreventes ou psicógrafos*. — Designam-se por este nome as pessoas que escrevem sob a influência dos Espíritos. Assim como um Espírito é capaz de atuar nos órgãos da fala de um médium falante para fazer que pronuncie as palavras, ele pode servir-se de sua mão para fazer que escreva. A mediunidade psicográfica apresenta três variedades bem distintas: os médiuns *mecânicos*, *intuitivos* e *semimecânicos*.

Em relação ao *médium mecânico*, o Espírito atua diretamente na mão a que propicia a impulsão. O que caracteriza este tipo de mediunidade é a inconsciência absoluta daquilo que se escreve; o movimento da mão é independente da vontade; ela avança sem interrupção e malgrado o médium, enquanto o Espírito tenha algo a dizer, e para quando ele tenha encerrado.

Em relação ao *médium intuitivo*, a transmissão do pensamento se dá através do Espírito do médium. O Espírito alheio, neste caso, não atua na mão para dirigi-la; ele atua na alma com a qual se identifica e à qual imprime sua vontade e suas ideias; o médium recebe o pensamento do Espírito alheio e o transcreve. Nesta situação, ele escreve voluntariamente e possui a consciência do que escreve, conquanto não seja seu próprio pensamento.

É muitas vezes assaz difícil de distinguir o pensamento próprio do médium do que lhe é sugerido, o que leva *muitos médiuns deste gênero a duvidar de sua faculdade*. A gente pode reconhecer o pensamento sugerido pelo fato de que não é jamais preconcebido; ele vai nascendo à medida que se vai escrevendo e amiúde é contrário à ideia prévia que se havia formado; ele pode mesmo ir além dos conhecimentos e das aptidões do médium.

Existe grande analogia entre a mediunidade intuitiva e a inspiração; a diferença consiste em que a primeira, o mais das vezes, se restringe às questões da atualidade, e pode verificar-se além das aptidões intelectuais do médium; um médium poderá tratar, por intuição, de um tema a que seja completamente alheio. A inspiração se estende por sobre um campo mais vasto e vem geralmente em auxílio às aptidões e às preocupações do Espírito encarnado. Os vestígios da mediunidade são geralmente menos patentes.

O médium *semimecânico* ou *semi-intuitivo* participa das duas outras variedades. No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico sente um impulso ministrado à sua mão, a despeito dele, mas, ao mesmo tempo, possui a consciência do que vai escrevendo à medida que as palavras se vão formando. No primeiro, o pensamento segue o ato da escrita; no segundo, ele o precede; no terceiro, ele o acompanha.

⁶ Obrigou-nos ao uso das aspas o fato de se tratar de uma assertiva de origem mediúnica. (Nota do tradutor.)

51. Constituindo o médium tão somente um instrumento que recebe e transmite o pensamento de um Espírito alheio, seguindo a impulsão mecânica que lhe é dada, não existe nada que não possa realizar mesmo além de seus conhecimentos, caso se ache dotado da flexibilidade e da aptidão mediúnicas necessárias. É assim que existem médiuns *desenhistas, pintores, músicos, versificadores*, conquanto alheios à arte do desenho, da pintura, da música e da poesia; médiuns *iletrados*, que escrevem sem saber nem ler nem escrever; médiuns *polígrafos*, que reproduzem diferentes gêneros de escrita, e, às vezes, com extrema perfeição a escrita que o Espírito possuía em vida; médiuns *políglotas*, que falam ou escrevem nas línguas que lhe são desconhecidas etc.

52. *Médiuns curadores*. — Este tipo de mediunidade consiste na faculdade, que certas pessoas apresentam, de curar através do simples toque, da imposição das mãos, do olhar, de um gesto mesmo, sem o concurso de nenhum medicamento. Esta faculdade obtém, incontestavelmente, seu princípio no poder magnético; contudo, ela difere dele pela energia e pela instantaneidade da ação, enquanto as curas magnéticas exigem um tratamento metódico mais ou menos demorado. Todos os magnetizadores se acham mais ou menos aptos a curar, caso saibam amoldar-se a isso convenientemente; eles possuem a ciência adquirida; nos médiuns curadores, a faculdade é espontânea e alguns a possuem sem ter jamais ouvido falar do magnetismo.

A faculdade de curar através da imposição das mãos obtém, evidentemente, seu princípio em um poder excepcional de expansão, porém, ela é acrescida de diversas causas, entre as quais é preciso pôr em primeiro lugar: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o ardente desejo de consolar, a prece fervorosa e a confiança em Deus, em suma, todas as qualidades morais. O poder magnético é totalmente orgânico; ele pode, como a força muscular, ser concedido a todo o mundo, mesmo ao homem perverso; mas apenas o homem de bem se serve dele exclusivamente para o bem, sem segunda intenção de interesse pessoal nem de satisfação de orgulho ou de vaidade; seu fluido purificado possui propriedades benéficas e reparadoras que não pode possuir o do homem vicioso ou interesseiro.

Todo efeito mediúnico, como ficou dito, é o resultado da combinação de fluidos emitidos por um Espírito e pelo médium: através dessa união, tais fluidos adquirem propriedades novas que eles não teriam separadamente ou, ao menos, que eles não teriam no mesmo grau. A prece, que constitui uma verdadeira evocação, atrai os bons Espíritos zelosos em vir secundar os esforços do homem bem intencionado; seu fluido benéfico facilmente se une ao dele, enquanto o fluido do homem vicioso se junta ao dos maus Espíritos que o cercam.

O homem de bem que não possuísse o poder fluídico conseguiria, portanto, muito pouco por si mesmo; ele pode apenas apelar para a assistência dos bons Espíritos, pois sua ação pessoal é quase nula; um grande poder fluídico, aliado à maior quantidade possível de qualidades morais, consegue efetuar verdadeiros prodígios de curas.

53. A ação fluídica é, além do mais, poderosamente secundada pela confiança do doente e Deus amiúde recompensa sua fé através do êxito da cura.

54. Apenas a superstição pode vincular uma virtude a certos dizeres e apenas Espíritos ignorantes e mentirosos podem conservar tais ideias ao prescreverem umas fórmulas quaisquer. Todavia, pode acontecer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o emprego de uma fórmula de prece ou de uma prática determinada contribua para lhes proporcionar confiança; neste caso, não é a fórmula que é eficaz, mas a fé que aumenta através da ideia vinculada ao emprego da fórmula.

55. Não se pode confundir os *médiuns curadores* com os *médiuns médicos*; estes últimos são simples médiuns escreventes, cuja especialidade é de servirem, com maior desenvoltura, de

interpretes aos Espíritos para as prescrições médicas; porém, eles tão somente transmitem o pensamento do Espírito e não apresentam, por si mesmos, nenhuma influência.

VII. OBSESSÃO E POSSESSÃO

56. A obsessão constitui o domínio que maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, tendo em vista oprimi-las e submetê-las à sua vontade, pelo prazer que experimentam em praticar o mal.

Quando um Espírito, bom ou mau, deseja atuar em um indivíduo, ele o envolve, por assim dizer, com seu perispírito como com um manto; os fluidos interpenetram-se, ambos os pensamentos e ambas as vontades fundem-se e o Espírito pode então servir-se daquele corpo como de seu próprio, fazê-lo agir conforme sua vontade, falar, escrever, desenhar: assim são os médiuns. Caso o Espírito seja bom, sua ação é suave, benéfica; ele só manda praticar boas coisas; sendo mau, manda praticar as más; sendo perverso e cruel, ele o apanha como em uma armadilha, paralisa até sua vontade, seu julgamento mesmo, que abafa com seu fluido, como se abafa o fogo com um jato d'água; ele o faz pensar, falar, agir por ele; ele o incita, à revelia, a atos extravagantes ou ridículos; em suma, ele o magnetiza, ele o torna um cataléptico moral, e o indivíduo se transforma em um instrumento cego de suas vontades. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em graus de intensidade muito diversos. Ao paroxismo da subjugação é que a gente chama popularmente *possessão*. Observe-se que neste caso o indivíduo possui muitíssimas vezes a consciência de que o que faz é ridículo, porém, é constrangido a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso que ele o fizesse mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua.

57. Já que os Espíritos existiram desde sempre, desde sempre também eles representaram o mesmo papel, porque tal papel se acha na natureza, e a comprovação disso se encontra no grande número de pessoas obsedadas ou possuídas, se se preferir, antes que fosse levantada a questão dos Espíritos, ou que, nos dias atuais, se ouvisse falar de espiritismo ou de médiuns. A ação dos Espíritos, bons ou maus, é, portanto, espontânea; a dos maus produz uma infinidade de perturbações no sistema moral e mesmo físico, que, por ignorância da causa real, se atribuía a causas erradas. Os maus Espíritos são inimigos invisíveis tanto mais perigosos quanto menos se suspeite de sua ação. O espiritismo, colocando-os a descoberto, vem revelar uma nova causa para certos males da humanidade; conhecida a causa, não se buscará mais combater o mal através dos meios que se sabem inúteis a partir de agora; a gente buscará outros mais eficazes. Ora, o que provocou a descoberta dessa causa? A mediunidade; foi através da mediunidade que esses inimigos ocultos traíram sua presença; ela fez a eles o que o microscópio fez aos infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O espiritismo não atraiu absolutamente os maus Espíritos; ele os desvendou e forneceu meios de paralisar sua ação e, por conseguinte, de afastá-los. Logo, ele não trouxe em absoluto o mal, uma vez que o mal existia desde sempre: ele traz, ao contrário, o remédio ao mal ao mostrar a causa. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, a gente terá a chave de uma infinidade de fenômenos incompreendidos, e a *ciência*, enriquecida com esta nova lei, verá abrir-se diante de si novos horizontes. QUANDO CHEGARÁ ELA AÍ? *Quando não professar mais o materialismo*, pois o materialismo a retém em seu progresso e lhe coloca uma barreira insuperável.

58. Já que, se existem maus Espíritos que obsedam, existem bons que protegem, a gente pergunta se os maus Espíritos são mais poderosos que os bons.

Não é o bom Espírito que é mais fraco, é o médium que não é assaz forte para retirar o manto que foi arremessado sobre ele, para se libertar do apertão dos braços que o agarram e nos quais, é bem preciso dizê-lo, às vezes ele se compraz. Neste caso, compreende-se que o bom Espírito não possa ter supremacia, já que a ele se prefere um outro. Admitamos agora o desejo de se desvencilhar desse invólucro fluídico, do qual o seu está impregnado, como uma roupa se impregna pela umidade: o desejo não será suficiente. Até mesmo a vontade nem sempre será suficiente.

Trata-se de lutar contra um adversário; ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, é o que tem músculos mais fortes quem abate o outro. Com um Espírito, é preciso lutar, não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito, e é ainda o mais forte quem vence; aqui, a força reside na *autoridade* que se pode assumir sobre o Espírito, e essa autoridade se acha subordinada à superioridade moral. A superioridade moral é como o sol que dissipa a névoa pelo poder de seus raios. Esforçar-se para ser bom, tornar-se melhor, caso já se seja bom, purificar-se de suas imperfeições, em suma, elevar-se moralmente o mais possível, tal é o meio de adquirir o poder de impor-se aos Espíritos inferiores para afastá-los, caso contrário, eles zombam de suas injunções. (*O Livro dos Médiuns*, itens 252 e 279.)

No entanto, perguntar-se-á por que os Espíritos protetores não mandam que se retirem. Sem dúvida, eles podem fazê-lo e o fazem às vezes; mas, ao permitirem a luta, eles abrem mão também do mérito da vitória; caso eles deixem contenderem-se pessoas de mérito sob certos aspectos, é para pôr à prova sua perseverança e para fazer que adquiram *mais força* no bem; constitui para elas uma espécie de *ginástica moral*.

Certas pessoas prefeririam, sem dúvida, uma outra receita mais fácil para rechaçar os maus Espíritos: algumas palavras ou alguns sinais, por exemplo, o que seria mais cômodo que corrigir-se de seus defeitos. Lamentamos mas não conhecemos nenhum meio eficaz para *vencer um inimigo senão o de ser mais forte que ele*. Quando a gente se acha doente, é preciso resignar-se a ingerir um medicamento, por mais amargo que seja; mas também, quando se teve a coragem de beber, como a gente se sente bem e quanto ânimo cria! Logo, é preciso persuadir-se de que não existe, para atingir tal objetivo, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismã, nem quaisquer símbolos materiais. Os maus Espíritos ridicularizam tudo isso e amiúde se divertem ao indicá-los, tendo sempre o cuidado de dizer que são métodos infalíveis, para melhor captarem a confiança dos que eles desejam engodar, porque, assim, estes, confiando na virtude do processo, se entregam sem medo.

Antes de pretender dominar o mau Espírito, é preciso dominar a si mesmo. De todos os meios para adquirir força para chegar aí, o mais eficaz é a vontade auxiliada pela prece, a prece do coração, entenda-se, e não a das palavras, das quais a boca participa mais que o pensamento. É preciso rogar ao anjo guardião e aos bons Espíritos para nos assistirem na luta; mas não é suficiente pedir que expulsem o mau Espírito; é preciso lembrar-se desta máxima: *Ajude-se que o céu o ajudará*, e lhes pedir, sobretudo, a força que nos falta para vencer nossas más inclinações, que são para nós piores que os maus Espíritos, pois são tais inclinações que os atraem, como a carniça atrai as aves de rapina. Rogar também pelo Espírito obsessivo significa pagar-lhe o mal com o bem e mostrar-se melhor que ele, e isto é já uma superioridade. Com a perseverança, acaba-se, o mais das vezes, por levá-lo a melhores sentimentos e por transformar o perseguidor em endividado.

Em resumo, a prece fervente e os esforços sérios para melhorar-se, são os únicos meios de afastar os maus Espíritos que reconhecem seus mentores nos que praticam o bem, enquanto as fórmulas os fazem rir e a cólera e a impaciência os excitam. É preciso cansá-los mostrando-se mais pacientes que eles.

Mas acontece, às vezes, que a subjugação aumenta a ponto de paralisar a vontade do obsedado e que não se pode esperar dele nenhuma cooperação séria. É então, sobretudo, que a intervenção de terceiros se torna necessária, seja através da prece, seja da ação magnética; mas o poder desta intervenção depende também do ascendente moral que os intervenientes consigam exercer sobre os Espíritos; pois, caso aqueles não valham mais que estes, sua ação é estéril. A ação magnética, neste caso, tem como efeito interpenetrar o fluido do obsedado com um fluido melhor, e extrair dele o do mau Espírito; ao operar, o magnetizador tem de visar ao duplo objetivo de opor uma força moral a uma força moral, e de produzir sobre o indivíduo uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expelindo um fluido através de um outro fluido. Assim, ele não somente efetua uma separação salutar, como ainda fortalece os órgãos enfraquecidos por uma longa e, com frequência, vigorosa constrição. Compreende-se, de resto, que o poder da ação fluídica se acha em correlação não somente com a energia da vontade, mas sobretudo com a qualidade do fluido introduzido, e, de acordo com o que dissemos, que esta qualidade depende do saber e das qualidades morais do magnetizador; donde se segue que um magnetizador ordinário que agisse maquinalmente para magnetizar pura e simplesmente produziria pouco ou nenhum resultado; é preciso para tanto, forçosamente, um magnetizador *espírita* atuando com conhecimento de causa com a intenção de produzir, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os resultados que acabamos de descrever. É evidente, além disso, que uma ação magnética, dirigida neste sentido, não tem como não muito útil nos casos de obsessão comum, porque, então, caso o magnetizador seja auxiliado pela vontade do obsedado, o Espírito é combatido por dois adversários em lugar de um.

É preciso dizer também que amiúde se imputam aos Espíritos malefícios de que são inteiramente inocentes; certos estados doentios e certas aberrações que se atribuem a uma causa oculta vinculam-se simplesmente, às vezes, ao Espírito do indivíduo mesmo. As contrariedades que o mais ordinariamente cada um concentra em si mesmo, as mágoas amorosas sobretudo, têm levado a que se cometam muitos atos excêntricos que seria errado pôr na conta da obsessão. A gente constitui-se muitas vezes seu próprio obsessor.

Acrescentemos, enfim, que certas obsessões tenazes, sobretudo nas pessoas de mérito, constituem, às vezes, parte das provações a que se submetem. “Acontece mesmo, às vezes, que a obsessão, quando é simples, constitui uma tarefa imposta ao obsedado, que deve trabalhar pela melhoria do obsessor, como um pai pela de um filho vicioso.”

(Nós remetemos para mais pormenores a *O Livro dos Médiuns*.)

A prece constitui, geralmente, um poderoso meio para ajudar na liberação dos obsedados, mas não é uma prece de palavras, dita com indiferença e como uma fórmula banal, que pode ser eficaz em tal caso; é preciso uma prece ardente que seja, ao mesmo tempo, uma espécie de magnetização mental; através do pensamento, tem-se como levar ao paciente uma corrente fluídica salutar, cujo poder se exerce em função da intenção. Logo, a prece não tem somente o condão de invocar um socorro alheio, mas de exercer uma ação fluídica. O que uma pessoa não consegue fazer sozinha, diversas pessoas unidas pela intenção em uma prece coletiva e reiterada podem-no com frequência, ficando o poder da ação aumentado pela quantidade.

59. A ineficácia do exorcismo nos casos de possessão foi confirmada pela experiência, e ficou comprovado que, na maioria das vezes, ele aumenta o mal ao invés de diminuir. A razão disso reside no fato de que a influência se acha de todo no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos, e não em um ato exterior, na virtude dos dizeres e dos símbolos. O exorcismo consiste nas cerimônias e nas fórmulas de que se riem os maus Espíritos, enquanto que se rendem à superioridade moral imposta a eles; eles percebem que se deseja subjugá-los por meios impotentes, que se pretende intimidá-los através de um aparato inútil, e se firmam em demonstrar que são

mais fortes; eis porque reduplicam suas ações; são como o cavalo espantadiço, que joga ao chão o cavaleiro inábil, e que cede quando topa com seu senhor; ora, o verdadeiro senhor aqui é o homem de coração mais puro, porque é ele o mais ouvido pelos bons Espíritos.

60. O que um Espírito consegue realizar em um indivíduo, muitos Espíritos conseguem em muitos indivíduos, simultaneamente, dando à obsessão um caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos é capaz de invadir uma localidade e se manifestar ali de diversas maneiras. Foi uma epidemia deste tipo que castigou a Judeia ao tempo do Cristo; ora, o Cristo, por sua imensa superioridade moral, apresentava sobre os demônios ou maus Espíritos uma tal autoridade que lhe era suficiente mandar que se retirassem para que eles o fizessem; e não utilizava para isso nem símbolos, nem fórmulas.

61. O espiritismo está fundamentado na observação dos fatos resultantes das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Pertencendo tais fatos à natureza, produziram-se em todas as épocas, e se multiplicam sobretudo nos livros sagrados de todas as religiões, porque serviram de base à maioria das crenças. É por falta de compreendê-los que a Bíblia e os Evangelhos oferecem tantas passagens obscuras, interpretadas em sentidos diferentes; o espiritismo é a chave que deve facilitar seu entendimento.

DOS HOMENS DUPLOS E DAS APARIÇÕES DE PESSOAS VIVAS

É um fato hoje confirmado e perfeitamente explicado que o Espírito, ao se apartar de um corpo vivo, é capaz, com a ajuda de seu invólucro fluídico perispiritual, de aparecer em um lugar diferente daquele em que se acha seu corpo material; mas, até o presente, a teoria, concordando com a experiência, parece demonstrar que tal separação só pode acontecer durante o sono ou, ao menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos. Os fatos seguintes, em sendo verdadeiros, comprovariam que a separação é capaz de se produzir igualmente no estado de vigília. Constituem eles extratos da obra alemã: *Os Fenômenos Místicos da Vida Humana*, por Maximiliano PERTY, professor da Universidade de Berna, publicado em 1861 (Leipzig e Heidelberg).

1. — “Um proprietário rural foi visto por seu cocheiro no estábulo, com os olhos voltados para os animais, no momento em que se achava comungando na igreja. Ele contou isto mais tarde a seu pároco, que lhe perguntou em que estava pensando no momento da comunhão. — Mas, respondeu ele, se eu devo dizer a verdade, eu estava pensando em meus animais. — Eis sua aparição explicada, replicou o eclesiástico.”

O padre estava certo, pois, sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, este tem de se encontrar no local para onde se transporta seu pensamento. A questão é de saber se, no estado de vigília, o desprendimento do Espírito pode ser tão intenso para produzir uma aparição, o que implicaria uma espécie de desdobramento do Espírito, uma parte animando o corpo fluídico e a outra, o corpo material. Isto não teria nada de impossível, caso se considere que, quando o pensamento se concentra em um ponto distante, o corpo age tão só maquinalmente, através de uma espécie de impulsão mecânica, o que acontece sobretudo às pessoas distraídas; o corpo se acha animado apenas da vida material; a vida espiritual segue o Espírito. Logo, é provável que o

homem em questão tenha experimentado naquele momento uma forte distração e que seus animais o preocupassem mais que sua comunhão.

O fato seguinte pertence a esta categoria, mas apresenta uma particularidade mais notável.

2. — “O juiz de comarca, J., em Fr., enviou um dia seu empregado a uma vila dos arredores. Após um certo lapso de tempo, ele o viu entrar, pegar um livro no armário e folheá-lo. Então lhe perguntou bruscamente por que não havia partido ainda; o empregado desaparece a essas palavras; o livro cai no chão e o juiz o põe aberto sobre uma mesa, como tinha caído. À tardinha, quando o empregado voltou, o juiz lhe perguntou se não lhe havia sucedido nada na estrada, se não havia regressado à sala onde se achava naquele momento. — Não, respondeu o empregado; eu fiz o percurso com um de meus amigos; ao atravessar a floresta, tivemos uma discussão a propósito de uma planta que havíamos encontrado, e eu dizia que, se estivesse em casa, me seria fácil mostrar a página de *Lineu* que me daria razão. — Era justamente aquele livro que permanecia aberto na página indicada.”

Por mais extraordinário o fato, não se poderia dizer que seja materialmente impossível, pois nós nos achamos longe ainda de conhecer todos os fenômenos da vida espiritual; contudo, precisa de confirmação. Em tal caso, seria preciso poder configurar, de modo positivo, o estado do corpo no momento da aparição. Até prova em contrário, nós duvidamos que a coisa seja possível quando o corpo se encontra em uma atividade inteligente.

Os fatos seguintes são mais extraordinários ainda, e nós confessamos francamente que nos inspiram as maiores dúvidas. Compreende-se facilmente que a aparição do Espírito de uma pessoa viva seja vista por uma terceira pessoa, mas não que um indivíduo possa ver sua própria aparição, sobretudo nas circunstâncias relatadas adiante.

3. — “O secretário de governo de Triptis, em Weimar, dirigindo-se à chancelaria para ali procurar um pacote de escrituras das quais tinha grande necessidade, viu-se ali já sentado em sua cadeira habitual, tendo as escrituras diante de si. Ele leva um susto, volta para casa e envia sua criada com a ordem de pegar as escrituras, que encontraria em seu lugar costumeiro. Indo para lá, ela vê igualmente seu senhor sentado em sua cadeira.”

4. — “Becker, professor de matemática em Rostock, estava com amigos em casa, à mesa. Uma controvérsia teológica se levanta entre eles. Becker vai à sua biblioteca procurar uma obra que devia decidir a questão e ali se vê sentado em seu lugar habitual. Ao olhar por cima do ombro do outro de si mesmo, percebe que este lhe mostra a passagem seguinte, na Bíblia aberta: ‘Arrume sua casa, pois você deve morrer.’ Ele retorna a seus amigos, que se esforçam em vão para lhe demonstrar a loucura de dar a menor importância àquela visão. — *Ele morreu no dia seguinte.*”

5. — “Hoppack, autor da obra: *Materiais para o Estudo da Psicologia*, diz que o abade Steinmetz, abrigando uma sociedade em casa, em seu quarto, se viu ao mesmo tempo em seu jardim, em seu lugar favorito. Apontando o dedo primeiro a si mesmo, depois a seu semelhante, ele diz: — Eis aqui Steinmetz, o mortal; aquele ali é imortal.”

6. — “F., da cidade de Z., que mais tarde seria juiz, achando-se em sua juventude em um campo, viu-se solicitado pela jovem da casa a ir buscar uma sombrinha que ela havia esquecido em seu quarto. Ele se dirigiu para lá e viu a senhorita sentada em sua mesa de trabalho, mas mais pálida do que quando ele a havia deixado; ela olhava para diante de si. F., malgrado seu medo, pegou a sombrinha que estava ao lado dela e a levou. Ao ver seus traços transtornados, ela lhe disse: — Confesse que você viu alguma coisa, você me viu. Mas não se preocupe: eu não estou em vias de morrer. Eu sou dupla (em alemão: *Doppelgaenger*, literalmente: alguém que vai duplo); eu

estava em pensamento perto de meu trabalho, e tenho já, muitas vezes, encontrado minha imagem ao meu lado. Nós não nos causamos nenhum problema.”

7. — “O conde D. e as sentinelas pretenderam ver, uma noite, a imperatriz Isabel da Rússia sentada no trono, na sala do trono, em grande traje de cerimônia, enquanto estava ela deitada, dormindo. A dama de honra de serviço, que também estava convencida do fato, foi acordá-la. A imperatriz dirigiu-se à sala do trono e ali viu sua imagem. Ela ordenou a uma sentinela para atirar; a imagem desapareceu então. A imperatriz morreu três meses depois.”

8. — “Um estudante, de nome Elger, tornou-se muito macambúzio após se ter visto muitas vezes com a roupa vermelha que usava de ordinário. Ele não via jamais seu rosto, mas os contornos de uma forma vaporosa que parecia consigo, sempre no crepúsculo ou ao luar. Ele via a imagem no local em que acabava de ficar por longo tempo estudando.”

9. — “Uma preceptora francesa, Emília Sagée, perdeu dezenove vezes seu emprego, porque aparecia por toda a parte *duplicada*. As mocinhas de um pensionato, em Neuwelke, na Livônia, a viam, às vezes, no salão ou no jardim, enquanto ela se encontrava, na realidade, em outro lugar. Outras vezes, elas viam diante da lousa, durante a lição, duas da senhorita Sagée, uma ao lado da outra, exatamente iguais, fazendo os mesmos movimentos, com a única diferença de que somente a verdadeira Sagée tinha um pedaço de giz na mão, com o qual escrevia na lousa.”

A obra do Senhor Perty contém um grande número de fatos deste tipo. Deve-se notar que, em todos os exemplos citados, o princípio inteligente se acha igualmente ativo nos dois indivíduos, até mesmo mais ativo no ser material, o que deveria ser o contrário. Mas o que nos parece uma impossibilidade radical é que possa existir um antagonismo, uma divergência de ideias, de pensamentos e de sentimentos.

Tal divergência se encontra sobretudo manifesta no caso n.º 4, onde um adverte o outro de sua morte, e no de n.º 7, onde a imperatriz manda atirar sobre a outra de si mesma.

Ao admitir a divisão do perispírito e um poder fluídico suficiente para manter a atividade normal do corpo; ao supor também a divisão do princípio inteligente ou uma irradiação capaz de animar os dois seres e de dar ao perispírito uma espécie de ubiquidade, tal princípio é uno e tem que ser idêntico; logo, ele não poderia apresentar de um lado uma vontade que não existiria do outro, a menos que se admita a existência de gêmeos de espírito como existem gêmeos de corpo, quer dizer, os dois Espíritos se identificam para se encarnarem em um mesmo corpo, o que não é de forma alguma concebível.

Em todas estas histórias fantásticas, se existe algo para reter, existe também muito para largar, e a parte para transformar em lenda. O espiritismo, bem longe de nos fazer aceitá-las cegamente, ajuda-nos a distinguir o verdadeiro e o falso, o possível e o impossível, com a ajuda das leis que ele nos revela no tocante à constituição e ao papel do elemento espiritual. Não nos apressemos, no entanto, em rejeitar *a priori* tudo o que não compreendemos, porque estamos longe de conhecer todas estas leis e porque a natureza ainda não nos revelou todos os seus segredos. O mundo invisível é um campo de observação ainda novo, cujas profundezas todas seria presunçoso pretender haver sondado, agora que novas maravilhas se revelam sem parar a nossos olhos. Todavia, existem fatos cuja impossibilidade material a lógica e as leis conhecidas demonstram. Tal é, por exemplo, o que se acha relatado na *Revista Espírita* do mês de fevereiro de 1859, sob o título de: *Meu amigo Hermann*. Tratava-se de um jovem alemão da alta sociedade, delicado, benévolo e de caráter honorabilíssimo, que, todas as tardinhas, ao pôr-do-sol, caía em um estado de morte aparente; durante este tempo, seu Espírito se ativava junto aos antípodas, na Austrália, no corpo de um malandro, que acabava sendo enforcado.

O simples bom senso demonstra que, ao supor a possibilidade desta dualidade corpórea, o mesmo Espírito não tem como ser, alternadamente, durante o dia, um bom homem, e, à noite⁷, um bandido, em um outro corpo. Dizer que o espiritismo dá crédito a tais histórias é comprovar que não se conhece o espiritismo, já que ele fornece os meios de comprovar o que elas apresentam de absurdo. Mas, ao mesmo tempo que ele demonstra o erro de uma crença, comprova que ela amiúde repousa sobre um princípio verdadeiro, descaracterizado ou exagerado pela superstição; é em desvencilhar o fruto da casca que ele se entrega.

Quantos contos ridículos não se compuseram sobre o relâmpago antes de ser conhecida a lei da eletricidade! É o mesmo que se passa no que concerne às relações do mundo invisível; ao dar a conhecer a lei dessas relações, o espiritismo as reduz à realidade; mas esta realidade é ainda demais para os que não admitem nem almas, nem mundo invisível; a seus olhos, tudo o que escapa do mundo visível e tangível pertence à superstição; eis aí porque eles denigrem o espiritismo.

Observação. — A questão assaz interessante dos *homens duplos* e a dos *agêneres*, que se prende a ela estreitamente, foram até agora relegadas a segundo plano pela ciência espírita, por falta de documentos suficientes para sua inteira elucidação. Tais manifestações, por mais bizarras que sejam, por mais incríveis que pareçam à primeira vista, sancionadas pelos relatos dos historiadores mais sérios da Antiguidade e da Idade Média, confirmadas por acontecimentos recentes, anteriores ao advento do espiritismo ou contemporâneos a ele, não podem, portanto, de forma alguma, ser postas em dúvida. *O Livro dos Médiuns*, no tópico intitulado: *Aparição dos Espíritos de vivos*, a *Revista Espírita*, em numerosas passagens, confirmam a existência destas manifestações de forma incontestável. Da comparação e do exame aprofundado de todos estes fatos, resultaria talvez uma solução pelo menos parcial da questão e a eliminação de algumas das dificuldades de que ela parece cercada.

Nós ficaríamos gratos a nossos correspondentes que decidissem realizar um estudo especial sobre esta matéria, seja pessoalmente, seja por intermédio dos Espíritos, e que nos comunicassem o resultado de suas investigações, no interesse, bem entendido, da difusão da verdade.

Ao percorrermos rapidamente os anos anteriores da *Revista Espírita* e ao aproximarmos os fatos assinalados e as teorias emitidas para explicá-los, fomos levados a concluir que talvez conviesse dividir os fenômenos em duas categorias bem distintas, o que permitiria aplicar-lhes as diferentes explicações e demonstrar que as dificuldades que se opõem à sua aceitação pura e simples são mais aparentes que reais.

(Ver, para isso, os artigos da *Revista Espírita* de janeiro de 1859, *O duende de Bayonne*; de fevereiro de 1859, *Os agêneres, Meu amigo Hermann*; de maio de 1859, *O liame entre o Espírito e o corpo*; de novembro de 1859, *A alma errante*; de janeiro de 1860, *O Espírito de um lado e o corpo do outro*; de março de 1860, *Estudo sobre o Espírito das pessoas vivas*; *O Doutor V. e a Srta. S.*; de abril de 1860, *O fabricante de São Petersburgo*; *Aparições tangíveis*; de novembro de 1860, *História de Maria de Ágreda*; de julho de 1861, *Uma aparição providencial* etc. etc.)

Nota da redação. — A propriedade de expansão dos fluidos perispirituais está hoje abundantemente demonstrada através das operações cirúrgicas mais dolorosas realizadas em pacientes adormecidos, seja pelo clorofórmio e pelo éter, seja pelo magnetismo animal. Não é raro, de fato, ver estes últimos conversando com os presentes sobre coisas agradáveis ou alegres, ou transportando-se ao longe em Espírito, enquanto o corpo se contorce com todas as aparências de horríveis torturas; a máquina humana, imobilizada no todo ou em parte, é rasgada sob o escalpelo brutal do cirurgião, os músculos se agitam, os nervos se crispam e transmitem a sensação ao aparelho *cerebrospinal*; mas a alma, que, no estado normal, é quem percebe a dor e a manifesta exteriormente, temporariamente afastada do corpo submetido à impressão, dominada por outros pensamentos, por outras ações, só é advertida silenciosamente do que se passa em seu invólucro mortal e permanece ali

⁷ Devemos observar que, entre os antípodas, na Austrália, não seria noite, mas dia. (Nota do tradutor.)

perfeitamente insensível. Quantas vezes não se viram soldados feridos gravemente, dando-se ao ardor do combate, perdendo seu sangue e suas forças, lutar por longo tempo ainda, sem se aperceberem de suas feridas? Um homem muito preocupado recebe um choque violento sem nada sentir, e só quando cessa a abstração de sua inteligência é que ele reconhece ter sido atingido através da sensação dolorosa que experimenta. A quem não aconteceu, em uma forte concentração do espírito, atravessar uma multidão tumultuosa e barulhenta, sem nada ver e sem nada ouvir, conquanto o nervo ótico e o aparelho auditivo houvessem percebido as sensações e as houvessem transmitido fielmente à alma?

Não se pode duvidar disto, pelos exemplos que precedem e por uma infinidade de fatos que seria muito demorado citar aqui, mas que cada um tem como conhecer e avaliar: o corpo pode, de um lado, cumprir suas funções orgânicas, enquanto o Espírito é arrastado para longe por preocupações de um outro gênero. O perispírito, indefinidamente expansível, conservando a elasticidade e a atividade do corpo necessárias à sua existência, acompanha invariavelmente o Espírito durante sua viagem longínqua pelo mundo ideal.

Se nós nos lembrarmos, além do mais, de sua propriedade bem conhecida de condensação, que lhe permite tornar-se visível, sob as aparências corpóreas, para os médiuns videntes e, mais raramente, para quem se encontra no local aonde se transportou o Espírito, não se poderá mais pôr em dúvida a possibilidade dos fenômenos de ubiquidade.

Logo, acha-se demonstrado para nós que uma pessoa viva pode aparecer simultaneamente em duas localidades afastadas uma da outra; em um lugar, com seu corpo real, em outro, com seu perispírito condensado temporariamente, com todas as aparências de suas formas materiais. Não obstante, de acordo nisto como em tudo com Allan Kardec, nós só podemos admitir a ubiquidade quando reconhecemos uma similitude perfeita na forma de agir do ser aparente. Tais são, por exemplo, os fatos citados precedentemente sob os n.ºs 1 e 2. Quanto aos fatos seguintes, inexplicáveis para nós, ao aplicar-lhes a teoria da ubiquidade, eles nos parecem, se não indiscutíveis, ao menos admissíveis, caso sejam encarados segundo um outro ponto de vista.

Nenhum de nossos leitores ignora a faculdade que possuem os Espíritos desencarnados de aparecer, sob a aparência material, em certas circunstâncias e mais particularmente aos médiuns ditos videntes. No entanto, em um certo número de casos, tais como nas aparições visíveis e tangíveis para uma multidão ou para um certo número de pessoas, é evidente que a percepção da aparição não se deve à faculdade mediúnica dos presentes, mas à realidade da aparência corpórea do Espírito, e, nesta circunstância como nos fenômenos de ubiquidade, esta aparência corpórea se deve à condensação do aparelho perispiritual. Ora, se o mais das vezes os Espíritos, no intento de se darem a reconhecer, aparecem tais quais eram em vida, com as roupas que eram as mais utilizadas por eles, não é impossível que se apresentem seja vestidos diferentemente, seja mesmo sob uns traços quaisquer, como, por exemplo, o *Duende de Bayonne*, que aparecia ora sob sua forma pessoal, ora sob os traços de um de seus irmãos, falecido como ele, ora sob as aparências de pessoas vivas e até mesmo presentes. O Espírito tinha necessidade de dar a reconhecer sua identidade, malgrado as formas variadas sob as quais se apresentava; mas, caso não tivesse nada feito, não fica evidente que as testemunhas da manifestação teriam sido persuadidas de que assistiam a um fenômeno de ubiquidade?

Se, considerando-se este fato como um precedente, o qual está longe de ser isolado, nós procurarmos explicar da mesma forma os fatos de n.ºs 3, 4, 5, 6, 8 e 9, talvez nos seja possível aceitar a realidade deles, já que, admitindo a ubiquidade, a incompatibilidade dos pensamentos e o antagonismo dos sentimentos e da atividade do organismo das duas partes não nos permitem em absoluto considerá-los possíveis.

No fato de n.º 4, em lugar de supor o professor Becker na presença de seu sócia, admitamos que ele haja mantido contato com um Espírito que lhe apareceu sob sua própria forma: todo antagonismo desaparece e o fenômeno cai no domínio do possível. Acontece o mesmo com o fato de n.º 7. Não se compreende que Isabel da Rússia mandasse atirar em sua própria imagem, mas admite-se perfeitamente que ela mandasse atirar em um Espírito que assumiu sua aparência para ludibriá-la. Certos Espíritos tomam, às vezes, um nome suposto e se apropriam do estilo e das formas de um outro para obter a confiança dos médiuns e o acesso aos grupos; que haveria de impossível no fato de que um Espírito orgulhoso se aprestasse em adotar a forma da imperatriz Isabel e em se sentar em seu trono, para proporcionar uma vaidosa satisfação a seus sonhos ambiciosos? Isto vale para os outros fatos.

Nos só fornecemos esta explicação por aquilo que ela vale; constitui ela, a nossos olhos, apenas uma suposição assaz plausível e não a solução real dos fatos; mas, tal qual foi colocada, pareceu-nos de molde a esclarecer a questão ao chamar sobre si as luzes da discussão e da refutação. É a este título que nós a submetemos a nossos leitores. Possam as reflexões que ela provocará, as meditações que ela pudesse ocasionar, cooperar para a elucidação de um problema que nós mal conseguimos esflorar, deixando aos mais dignos que dissipem a obscuridade em que ele ainda se acha mergulhado.

P. C. Leymarie.

CONTROVÉRSIAS SOBRE A IDEIA DA EXISTÊNCIA DE SERES INTERMEDIÁRIOS ENTRE O HOMEM E DEUS

N., 4 de fevereiro de 1867.

Caro Mestre:

Já faz algum tempo que não dou sinal de vida; tendo permanecido muito ocupado durante todo o tempo da minha estada em Lião, eu não pude conhecer perfeitamente como desejaria o estágio atual da doutrina naquele grande centro. Eu só assisti a uma única reunião espírita; não obstante, pude verificar que, naqueles cenáculos, a fé primacial é sempre como tem de ser nos corações verdadeiramente sinceros.

Em outros centros do sul, eu ouvi que se discutia a opinião emitida por alguns magnetizadores de que diversos fenômenos *ditos Espíritos* são simplesmente efeitos de sonambulismo, e que o espiritismo mais não faz do que tomar o lugar do magnetismo, ou antes, vestir-se com seu nome. É, como o senhor vê, um novo ataque voltado contra a mediunidade. Assim, conforme aquelas pessoas, tudo o que escrevem os médiuns é o resultado das faculdades da alma encarnada; é ela que, ao se desprender temporariamente, pode ler no pensamento das pessoas presentes; é ela que vê a distância e prevê os acontecimentos; é ela que, através de um fluido magnético-espiritual, agita, ergue, derruba as mesas, capta os sons etc., tudo, em suma, repousaria na essência anímica, sem a intervenção de seres puramente espirituais.

Não se trata de uma novidade o que eu lhe informo, o senhor me dirá. Eu mesmo, de fato, tenho ouvido, desde alguns anos, sustentarem essa tese certos magnetizadores; mas hoje em dia tentam implantar tais ideias que são, a meu ver, contrárias à verdade. Constitui sempre um erro ir aos extremos, e existe tanto exagero em tudo referir ao sonambulismo, como existiria da parte dos espíritos em negar as leis do magnetismo. Não se poderia subtrair à matéria as leis magnéticas, assim como ao Espírito, as leis puramente espirituais.

Onde se concentra o poder da alma sobre os corpos? Qual é o papel desta força inteligente nos fenômenos do magnetismo? Qual é o do organismo? Eis aqui questões regurgitantes de interesse, questões importantes tanto para a filosofia quanto para a medicina.

Aguardando a solução destes problemas, eu vou citar-lhe algumas passagens de J. Charpignon [*Medicina e Metafísica do Magnetismo*, Paris, 1848], esse doutor de Orléans, que é partidário da transmissão do pensamento. O senhor verá que ele mesmo se reconhece impotente para demonstrar, *na visão propriamente dita*, que a causa provém da extensão do *simpático orgânico*, como pretendem muitos autores.

Ele diz, à página 289:

“Acadêmicos, dobrem os trabalhos de seus candidatos; moralistas, promulguem leis para a sociedade, para o mundo; aquele mundo que ri de tudo, que deseja seu desfrute com desprezo às leis de Deus e aos direitos do homem, que inutiliza seus esforços, pois possui a seu serviço um poder que os senhores não imaginam e que deixaram aumentar de forma tal que não são mais senhores de detê-lo.”

À página 325:

“Nós bem entendemos, até aqui, o modo da transmissão do pensamento, mas nós permanecemos impotentes para compreender, através das leis de simpatia harmônica, o sistema

através do qual o homem forma em si mesmo tal ou qual pensamento, tal ou qual imagem e a solicitação de objetos exteriores. Isto ressalta das propriedades do organismo, e a psicologia, encontrando na faculdade rememorativa ou *criativa*, conforme o desejo do homem, algum antagonismo com as propriedades do organismo, faz que isto dependa de um ser substancial diferente da matéria. Portanto, nós começamos a encontrar, no fenômeno do pensamento, algumas lacunas entre a compreensão das leis fisiológicas do organismo e o resultado obtido. O rudimento do fenômeno, caso a gente possa explicar assim, é bem fisiológico, mas sua extensão realmente prodigiosa *não é mais*; e é preciso aqui admitir que o homem desfruta de uma faculdade que não pertence a nenhum dos dois elementos materiais com os quais, até o presente, nós o vimos composto. O observador de boa-fé reconhecerá, portanto, desde agora, *uma terceira parte* que entrará na composição do homem, parte que começa a se revelar a ele do ponto de vista de psicologia magnética, através de características novas, e que dizem respeito às que os filósofos atribuem à alma.

“Mas a existência da alma se acha mais vigorosamente demonstrada através do estudo de algumas outras faculdades do sonambulismo magnético. Assim, a visão a distância, quando é completa e nitidamente desprendida da transmissão do pensamento, não poderia, a nosso ver, explicar-se através da extensão do simpático orgânico.”

Depois, à página 330:

“Nós tínhamos, como se vê, grandes motivos para anunciar que o *estudo* dos fenômenos magnéticos apresentava fortes vínculos com a filosofia e a psicologia. Nós assinalamos um *trabalho* a ser feito, e convidamos para isso os especialistas.”

Nas páginas seguintes, encontram-se em questão os seres imateriais e suas relações possíveis com nossos indivíduos.

Página 349: É fora de dúvida para nós, e precisamente por causa das leis psicológicas que delineamos neste trabalho, que a *alma humana pode ser esclarecida* diretamente, seja por Deus, *seja por uma outra inteligência*. Nós acreditamos que esta comunicação sobrenatural pode acontecer tanto no estado normal, quanto no estado extático, quer seja espontânea, quer artificial.”

Página 351: “Mas nós voltamos a dizer que a previsão natural ao homem é limitada e não poderia ser tão precisa, tão contínua e tão largamente patenteada como as previsões que foram feitas pelos profetas sagrados ou pelos homens que se achavam inspirados por uma inteligência superior à alma humana.”

Página 391: “A ciência e a crença no mundo espiritual são dois termos antagônicos; mas nós nos apressamos a dizer: foi em consequência dos exageros que surgiram dos dois lados. É possível, a nosso ver, que a ciência e a fé se unam e, então, o espírito humano se achará ao nível de sua perfectibilidade terrestre.”

Página 396: “O Velho, como o Novo Testamento, assim como os anais da história de todos os povos, se enchem de fatos que só se podem explicar pela ação *de seres superiores* ao homem; aliás, os estudos de antropologia, de metafísica e de ontologia comprovam a realidade da existência *de seres imateriais* entre o homem e *Deus*, e a possibilidade de sua influência sobre a espécie humana.”

Eis aqui agora a opinião de uma das principais autoridades em magnetismo sobre a existência de seres fora da humanidade. Ela se extraiu da correspondência de Deleuze com o doutor Billot:

“O único fenômeno que parece estabelecer a comunicação com os seres imateriais são as aparições. Existem muitos exemplos delas e, como eu me convenci da imortalidade da alma, não vejo razões para negar a possibilidade da aparição de pessoas que, tendo deixado esta vida, se

ocupam dos que lhes são queridos e vêm apresentar-se a eles para lhes oferecer conselhos salutares.”

O Doutor Ordinaire, de Mâcon, outra autoridade nesta matéria, exprime-se assim:

“O fogo sagrado, a influência secreta (de Boileau), a inspiração não provêm, portanto, de tal ou qual textura, assim como pretendem os frenólogos, mas de uma alma poética, *em relação com um Gênio mais poético ainda*. Acontece o mesmo com a música, a pintura etc. Não seriam tais inteligências superiores almas desprendidas da matéria, elevando-se gradualmente, à medida que vão purificando-se, até a grande, a universal inteligência que as abrange a todas, até Deus? Não teriam lugar nossas almas, *após diversas migrações*, entre esses seres imateriais?

“Concluamos do que precede, diz o mesmo autor, que o estudo da alma se acha ainda em sua infância; que, como do pólipio ao homem existe uma série de inteligências e como nada se interrompe bruscamente na natureza, deve racionalmente existir do homem a Deus outra série de inteligências. O homem é o elo que une as inteligências inferiores associadas à matéria às inteligências superiores imateriais. Do homem a Deus encontra-se uma série semelhante à que existe do pólipio ao homem, quer dizer, uma série de seres etéreos mais ou menos perfeitos, desfrutando de especialidades diversas, possuindo empregos e funções variados.

“Que tais inteligências superiores se revelam de forma tangível no sonambulismo artificial;

“Que tais inteligências apresentam com nossas almas relações íntimas;

“Que é a tais inteligências a que nós *devemos nossos remorsos*, quando praticamos o mal; nossa satisfação, quando praticamos uma boa ação;

“Que é a tais inteligências que os homens superiores devem suas boas inspirações;

“Que é a tais inteligências que os extáticos devem a faculdade de prever o porvir e anunciar acontecimentos futuros;

“Enfim, que, para atuar sobre tais inteligências e torná-las propícias, *a virtude e a prece* exercem uma ação poderosa.”

Observação. — A opinião de tais homens, e não são esses os únicos, possui, com certeza, um valor que ninguém poderia contestar; mas essa seria sempre apenas uma opinião mais ou menos racional, caso a observação não viesse confirmá-la. O espiritismo se acha por inteiro nos pensamentos que nós acabamos de citar; somente ele vem completá-los através de observações específicas, vem coordená-los ao lhes oferecer a sanção da experiência.

Os que se obstinam em negar a existência do mundo espiritual, sem, contudo, ter como negar os fatos, se esforçam em lhes buscar a causa exclusiva no mundo corpóreo; mas uma teoria, para ser verdadeira, deve justificar todos os fatos que se prendem a ela; um único fato contraditório a destrói, pois não existem exceções nas leis da natureza. Isto aconteceu com a maioria das que se imaginaram no princípio para explicar os fenômenos espíritas; quase todas caíram, uma a uma, diante dos fatos que elas não podiam abranger. Após haver exaurido, sem resultado, todos os sistemas, a gente se viu forçada a chegar-se às teorias espíritas, como as mais concludentes, porque, não tendo sido absolutamente formuladas prematuramente e sobre observações elaboradas precipitadamente, elas abrangem todas as variedades, todas as nuances dos fenômenos. O que fez que fossem aceitas tão rapidamente pela maioria foi que cada um encontrou aí a solução completa e satisfatória do que havia inutilmente procurado em outros lugares.

Entretanto, muitos as rejeitam ainda; é o que elas têm em comum com todas as grandes ideias novas que vêm mudar os hábitos e as crenças, todas encontrando, por longo tempo, contraditores encarniçados até mesmo entre os homens mais esclarecidos. Mas aí chega o dia em que o que é real deve prevalecer sobre o que é falso, e então a gente se espanta da oposição que lhe fez, tanto a coisa parece natural. Assim será com o espiritismo; e o que se deve observar é que,

de todas as grandes ideias que revolucionaram o mundo, nenhuma conquistou em tão pouco tempo um tão grande número de partidários, em todos os países e em todas as classes da sociedade. Eis aí porque os espíritas, cuja fé não é absolutamente cega, como pretendem seus adversários, mas fundamentada na observação, não se inquietam nem com seus contraditores, nem com os que não compartilham de suas ideias; eles afirmam que, ressaltando a doutrina das leis mesmas da natureza, ao invés de se apoiar em uma derrogação dessas leis, não pode deixar de prevalecer, quando as leis novas forem reconhecidas.

A ideia da existência de seres intermediários entre o homem e Deus não é nova, como se sabe; mas imaginava-se geralmente que tais seres compunham criações à parte; as religiões designaram-nos com os nomes de anjos e de demônios; os pagãos chamavam-nos de deuses. O espiritismo, vindo comprovar que tais seres outros não são que as almas dos homens alçadas aos diferentes níveis da escala espiritual, coloca a criação na unidade gloriosa, que é a essência das leis divinas. Em vez de uma infinidade de criações estacionárias, que imputariam à Divindade o capricho ou a parcialidade, somente existe uma criação, essencialmente progressiva, sem privilégio para nenhuma criatura, cada individualidade elevando-se do embrião ao estado de desenvolvimento completo, como o germe da semente chega ao estado de árvore. O espiritismo demonstra-nos, portanto, a unidade, a harmonia, a justiça da criação. Para ele, os demônios são as almas atrasadas, ainda maculadas pelos vícios da humanidade; os anjos são essas mesmas almas purificadas e desmaterializadas; e, entre estes dois pontos extremos, a infinidade das almas alçadas aos diferentes níveis da escala progressiva; eis como ele estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo.

Quanto à questão proposta: Qual é, nos fenômenos espíritas ou sonambúlicos, o limite onde se detém a ação própria à alma humana e onde começa a dos Espíritos? Nós diremos que tal limite não existe, ou melhor, que não apresenta nada de absoluto. Desde o instante em que não constituem absolutamente espécies distintas, que a alma é apenas um Espírito encarnado e o Espírito, uma alma desprendida dos liames terrestres, que se trata do mesmo ser em meios diferentes, as faculdades e as aptidões têm que ser as mesmas. O sonambulismo é um estado transitório entre a encarnação e a desencarnação, um desprendimento parcial, um pé colocado, por antecipação, no mundo espiritual. A alma encarnada ou, se se preferir, o próprio Espírito do sonâmbulo ou do médium, pode, assim, fazer, pouco mais ou menos, o que fará a alma desencarnada, e mesmo mais, caso seja mais adiantada, com a diferença, porém, de que, em virtude de sua separação completa, ficando mais livre a alma, possui percepções específicas inerentes a seu estado.

A distinção entre o que, em um efeito, é produto direto da alma do médium e o que provém de uma fonte alheia é, às vezes, muito difícil de realizar, porque muitíssimas vezes essas duas ações se fundem e se corroboram. É assim que, nas curas por imposição das mãos, o Espírito do médium pode agir só ou com a assistência de um outro Espírito; é assim que a inspiração poética ou artística pode apresentar uma dupla origem. Mas, dado que uma distinção seja difícil, não se segue que seja impossível. Muitas vezes, a dualidade é evidente e, em todos os casos, depreende-se quase sempre de uma observação atenta.

CAUSA E NATUREZA DA CLARIVIDÊNCIA SONAMBÚLICA

Explicação do fenômeno da lucidez.

Sendo as percepções que acontecem no estado sonambúlico de uma natureza diversa das do estado de vigília, não podem ser transmitidas através dos mesmos órgãos. É frequente ocorrer, neste caso, que a visão não se dê através dos olhos, que ficam, aliás, geralmente fechados e que podem mesmo ser colocados ao abrigo dos raios luminosos de modo a afastar qualquer desconfiança. A visão a distância e através dos corpos opacos exclui, além do mais, a possibilidade do uso dos órgãos ordinários da visão. Logo, é preciso necessariamente admitir, no estado de sonambulismo, o desenvolvimento de um sentido novo, sede de faculdades e de percepções novas que nos são desconhecidas e que nós só podemos compreender por meio da analogia e do raciocínio. Concebe-se que isso não seja nada impossível; mas qual é a sede desse sentido? É o que não é fácil de determinar com exatidão. Os sonâmbulos mesmos não fornecem a respeito nenhuma indicação precisa. Existem os que, para ver melhor, colocam os objetos sobre o epigastro, outros, sobre a fronte, outros, sobre o occipício. Este sentido não parece, portanto, circunscrito a um local determinado; é certo, no entanto, que sua maior atividade reside nos centros nervosos. O que é positivo é que o sonâmbulo vê. Por onde e como? Eis o que ele mesmo não consegue definir.

Observemos, entretanto, que, no estado sonambúlico, os fenômenos da visão e as sensações que o acompanham são essencialmente diferentes do que sucede no estado normal; por isso nós só nos serviremos da palavra *ver* por comparação e na ausência de um termo que nos falta naturalmente para uma coisa desconhecida. Um povo de cegos de nascença não possuiria nenhuma palavra para exprimir *a luz* e faria corresponder as sensações que ela provoca a alguma daquelas que compreende porque se sujeita a ela.

Tentaram explicar a um cego a impressão viva e brilhante da luz sobre os olhos. *Eu compreendo*, disse ele, *é como o som da trombeta*. Um outro, um pouco mais prosaico sem dúvida, a quem desejaram fazer compreender a emissão dos raios em feixes ou cones luminosos, respondeu: *Ah!, sim; é como um pão de açúcar*. Nós nos encontramos nas mesmas condições no que concerne à lucidez sonambúlica; nós somos verdadeiros cegos e, como estes últimos quanto à luz, nós a comparamos ao que, para nós, apresenta maior analogia com nossa faculdade visual; mas, caso desejemos estabelecer uma analogia absoluta entre as duas faculdades e julgar uma pela outra, nós nos enganaremos necessariamente, como os dois cegos que acabamos de citar. Eis aí o erro de quase todos os que buscam pretensiosamente convencer-se através da experiência; eles desejam submeter a clarividência sonambúlica às mesmas experiências da vista comum, sem se lembrarem de que as relações existentes entre elas se limitam ao nome que nós lhes damos, e, como os resultados nem sempre correspondem à sua expectativa, eles acham mais simples negar.

Caso nós procedamos por analogia, diremos que o fluido magnético, espalhado por toda a natureza e cujos principais focos parecem ser os corpos animados, constitui o veículo da clarividência mediúnica, como o fluídico luminoso é o veículo das imagens percebidas através de nossa faculdade visual. Ora, da mesma forma que o fluido luminoso torna transparentes os corpos que ele atravessa livremente, penetrando o fluido magnético em todos os corpos sem exceção, não existem em absoluto corpos opacos para os sonâmbulos. Tal é a explicação mais simples e mais

natural da lucidez, falando de nossa perspectiva. Nós a julgamos correta, pois o fluido magnético desempenha incontestavelmente um papel importante neste fenômeno; tal explicação, contudo, não poderia compreender todos os fatos. Existe uma outra que os abrange a todos, mas para a qual algumas explicações preliminares são indispensáveis.

Na visão a distância, o sonâmbulo não distingue um objeto ao longe como nós poderíamos fazê-lo através de um binóculo. *Não é absolutamente o objeto que se aproxima dele por uma ilusão ótica: É ELE MESMO QUE SE APROXIMA DO OBJETO.* Ele o vê precisamente como se estivesse a seu lado; ele se vê a si mesmo no lugar que observa; em suma, ele se transporta. Seu corpo, naquele momento, parece aniquilado, sua fala é mais surda, o som de sua voz apresenta algo de estranho; a vida animal parece extinguir-se nele; a vida espiritual se acha por inteiro no lugar para onde seu pensamento o transporta; só a matéria permanece no mesmo lugar. Logo, existe uma porção de nosso ser que se separa de nosso corpo para se transportar, instantaneamente, através do espaço, conduzida pelo pensamento e pela vontade. Esta porção é, evidentemente, imaterial, caso contrário ela produziria alguns dos efeitos da matéria: é a esta parte de nós mesmos que denominamos *alma*.

Sim, é a alma que fornece ao sonâmbulo as faculdades maravilhosas que ele usufrui; é a alma que, em determinadas circunstâncias, se manifesta, separando-se parcial e temporariamente de seu invólucro corpóreo. Para quem quer que tenha observado atentamente os fenômenos do sonambulismo em toda a sua pureza, a existência da alma é um fato patente e a ideia de que tudo finda em nós com a vida animal é, para ele, uma falta de senso demonstrada até à evidência; por isso se pode dizer, com alguma razão, que o magnetismo e o materialismo são incompatíveis; se existem alguns magnetizadores que parecem afastar-se desta regra e que professam as doutrinas materialistas é que realizaram, sem dúvida, tão só um estudo muito superficial dos fenômenos físicos do magnetismo e não buscaram seriamente a solução do problema da visão a distância. Seja o que for, nós não vimos jamais um só *sonâmbulo* que não se deixasse penetrar de um profundo sentimento religioso, *quaisquer que pudessem ser suas opiniões no estado de vigília*.

Voltemos à teoria da lucidez. Constituindo a alma o princípio das faculdades do sonâmbulo, é nela que reside necessariamente a clarividência, e não em tal ou qual setor circunscrito de nosso corpo. Eis porque o sonâmbulo não pode designar o órgão desta faculdade, como designaria o olho para a visão exterior: ele vê através de seu ser moral por inteiro, quer dizer, por toda a sua alma, pois a clarividência constitui um dos atributos de todas as partes da alma, como a luz é um dos atributos de todas as partes do fósforo. Logo, por toda a parte em que a alma é capaz de penetrar, existe clarividência; daqui a causa da lucidez dos sonâmbulos através de todos os corpos, com os invólucros mais espessos e a todas as distâncias.

Uma objeção se apresenta naturalmente a este sistema, e nós devemos apressar-nos em responder. Se as faculdades sonambúlicas são as mesmas da alma desprendida da matéria, por que tais faculdades não são invariáveis? Por que certos indivíduos são mais lúcidos que outros? Por que a lucidez é variável no mesmo indivíduo? Concebe-se a imperfeição física de um órgão; não se concebe a da alma.

A alma se prende ao corpo através de liames misteriosos, que não tivemos oportunidade de conhecer antes que o espiritismo nos houvesse demonstrado a existência e o papel do perispírito. Tendo sido tratada esta questão de maneira específica na *Revista Espírita* e nas obras fundamentais da doutrina, não nos ocuparemos dela mais aqui; nós nos limitaremos a dizer que é através de nossos órgãos materiais que a alma se manifesta ao exterior. Em nosso estado normal, tais manifestações ficam naturalmente subordinadas à imperfeição do instrumento, assim como o melhor operário não tem como realizar uma obra perfeita com ferramentas ruins. Logo, por mais admirável que seja a estrutura de nosso corpo, qualquer que tenha sido a providência da natureza em relação a nosso organismo quanto ao cumprimento das funções vitais, existe, em vez destes

órgãos sujeitos a todas as perturbações da matéria, a sutileza de nossa alma. Portanto, durante todo o tempo em que a alma permaneça presa ao corpo, ela lhe sofre os entraves e as vicissitudes.

O fluido magnético não constitui absolutamente a alma; trata-se de um liame, algo intermediário entre a alma e o corpo; é através de sua maior ou menor ação na matéria que ele torna a alma mais ou menos livre; daqui a diversidade das faculdades sonambúlicas. O sonâmbulo é o homem que se desembaraçou apenas de uma parte de suas roupas e cujos movimentos se acham ainda atrapalhados pelas que lhe restam.

A alma só obterá sua plenitude e a inteira liberdade de suas faculdades quando se tiver livrado das últimas faixas terrestres, como a borboleta saída de sua crisálida. Caso um magnetizador fosse tão poderoso para conceder à alma uma liberdade absoluta, o liame terrestre seria rompido e a morte sucederia de imediato. O sonambulismo nos faz, assim, pôr um pé na vida futura; ele levanta a ponta do véu sob o qual se ocultam as verdades que o espiritismo nos faz vislumbrar hoje em dia; mas nós tão somente a conheceremos em sua essência quando nos acharmos inteiramente desembaraçados do véu material que a obscurece neste mundo.

A SEGUNDA VISTA

Conhecimento do futuro. — Previsões.

Se, no estado sonambúlico, as manifestações da alma se tornam, de algum modo, ostensivas, seria absurdo pensar que, no estado normal, ela ficasse confinada em seu invólucro de forma absoluta, como o molusco fica fechado em sua concha. Não é absolutamente a influência magnética que a desenvolve; tal influência apenas a torna patente através da ação que exerce em nossos órgãos. Ora, o estado sonambúlico nem sempre constitui uma condição indispensável para esta manifestação; as faculdades que nós observamos produzirem-se neste estado, desenvolvem-se às vezes espontaneamente no estado normal entre certos indivíduos. Daqui resulta, para eles, a faculdade de ver além dos limites de nossos sentidos; eles percebem as coisas ausentes por todo o lugar para onde a alma estende sua ação; eles veem, caso possamos servir-nos desta expressão, através da visão normal, e os quadros que descrevem, os fatos que narram se apresentam a eles como pelo efeito de u'a miragem; eis o fenômeno designado pelo nome de *segunda vista*. No sonambulismo, a clarividência é produzida pela mesma causa; a diferença está em que, neste estado, ela fica separada, independente da vida corpórea, enquanto, nos que se acham dotados dela no estado de vigília, ela lhe é simultânea.

A segunda vista não é quase nunca permanente; em geral, este fenômeno se produz espontaneamente, em determinados momentos, sem ser um ato da vontade, e gera uma espécie de crise que modifica, às vezes sensivelmente, o estado físico: o olho adquire algo de vago; ele parece olhar sem ver; toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação.

É notável que as pessoas que a desfrutam não têm noção disso; esta faculdade lhes parece natural como a de ver com os olhos; constitui para elas um atributo de seu ser, atributo que não lhes parece em absoluto excepcional. Acrescentem a isso que o esquecimento segue muitíssimas

vezes esta lucidez passageira, cuja lembrança, mais e mais vaga, finda por desaparecer como a de um sonho.

Existem níveis infinitos no poder da segunda vista, desde a sensação confusa até a percepção tão clara e tão nítida quanto no sonambulismo. Falta-nos um termo para designar este estado específico e, sobretudo, os indivíduos suscetíveis a ele: as pessoas se têm servido do termo *vidente*, e, conquanto não exprima exatamente o pensamento, nós o adotaremos até nova ordem, por falta de melhor.

Caso aproximemos agora os fenômenos da clarividência sonambúlica dos da segunda vista, a gente compreenderá que o vidente é capaz de alcançar a percepção das coisas ausentes; como o sonâmbulo, ele vê a distância; segue o curso dos acontecimentos, julga sua tendência e pode, em alguns casos, prever-lhes a conclusão.

O dom da segunda vista é que, no estado rudimentar, fornece a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos, e que a gente pode chamar de correção do relance moral. Mais desenvolvida, acorda os pressentimentos; mais desenvolvida ainda, evidencia os acontecimentos cumpridos ou prestes a se cumprirem; enfim, alcançado seu apogeu, é o êxtase de quem está desperto.

O fenômeno da segunda vista, como nós dissemos, é quase sempre natural e espontâneo; mas parece produzir-se mais frequentemente sob certas circunstâncias. Os tempos de crise, de calamidade, de grandes comoções, todas as causas, enfim, que sobreexcitam o moral, provocam seu desenvolvimento. Parece que a Providência, na presença dos perigos mais iminentes, multiplica em torno de nós a faculdade de preveni-los.

Existiram videntes em todos os tempos e entre todas as nações; parece que certos povos se predisõem a isso mais naturalmente; dizem que, na Escócia, o dom da segunda vista é muito comum. Ele se encontra também, frequentemente, entre as pessoas do campo e os habitantes das montanhas.

Os videntes foram diversamente vistos conforme os tempos, os costumes e o nível de civilização. Aos olhos das pessoas cépticas, passam por cérebros desarrumados, por alucinados; as seitas religiosas transformaram-nos em profetas, sibilas, oráculos; nos séculos de superstição e de ignorância, eram feiticeiros que a gente queimava. Para o homem sensato, que crê no poder infinito da natureza e na inesgotável bondade do Criador, a dupla vista é uma faculdade inerente à espécie humana, através da qual Deus nos revela a existência de nossa essência imaterial. Quem é que não reconhece um dom desta natureza em Joana d'Arc e em uma infinidade de outras personagens que a história qualifica de inspirados?

Sempre se falou de cartomantes que dizem coisas surpreendentemente verdadeiras. Estamos longe de fazer a apologia dos ledores da sorte que exploram a credulidade de espíritos frágeis e cuja linguagem ambígua se presta a todos os arranjos de uma imaginação chocada; mas não existe nada de impossível no fato de que certas pessoas que praticam este ofício tenham o dom da segunda vista, mesmo inconscientemente; sendo assim, as cartas não passam, em suas mãos, de um meio, de um pretexto, de uma base para a conversação; elas falam do que veem e não do que indicam as cartas, que mal olham.

Acontece o mesmo com os outros modos de adivinhação, tais como as linhas das mãos, a borra de café, as claras dos ovos e outros símbolos místicos. Os sinais da mão têm, quiçá, maior valor que todos os outros modos, mas não absolutamente por si mesmos: porque o pretenso adivinho, pegando e apalpando a mão do consulente, caso se ache dotado da segunda vista, se põe em relação mais direta com este último, como acontece nas consultas sonambúlicas.

A gente pode colocar os médiuns videntes na categoria das pessoas que desfrutam a dupla vista. Como estas últimas, de fato, os médiuns videntes julgam ver através dos olhos, mas, na realidade, é a alma que vê; eis a razão pela qual eles veem tão bem com os olhos fechados quanto

com os olhos abertos; daqui se segue, necessariamente, que um cego poderia ser médium vidente tanto quanto o de vista intacta. Um estudo interessante seria o de investigar se esta faculdade é mais frequente nos cegos⁸. Nós seríamos levados a crer nisto, considerando que, assim como a gente pode convencer-se através da experiência, a privação de comunicação com o exterior, conseqüente da falta de certos sentidos, proporciona, em geral, maior poder à faculdade de abstração da alma, e, por conseguinte, maior desenvolvimento ao sentido íntimo através do qual a alma se relaciona com o mundo espiritual.

Os médiuns videntes podem, portanto, ser cotejados às pessoas que desfrutam da vista espiritual; mas talvez seja por demais cabal considerar médiuns estes últimos, pois, consistindo a mediunidade unicamente na intervenção dos Espíritos, o que se faz por si mesmo não pode ser considerado um ato mediúnico. Quem possui a vista espiritual vê através de seu próprio Espírito, e em nada implica, para a realização de sua faculdade, a necessidade do concurso de um Espírito alheio.

Isto posto, examinemos até que ponto a faculdade da dupla vista pode permitir-nos descobrir as coisas escondidas e penetrar no futuro.

Sempre os homens desejaram conhecer o futuro, e se escreveriam volumes a respeito dos meios inventados pela superstição para erguer o véu que cobre nosso destino. Ao no-lo esconder, a natureza foi sapientíssima; cada um de nós tem sua missão providencial na grande colmeia humana, e concorre à obra comum dentro de sua esfera de atividade. Caso nós soubéssemos antes o fim de cada coisa, ninguém duvide de que a harmonia geral sofreria com isso. Um futuro feliz, assegurado, retiraria do homem toda a atividade, já que ele não teria necessidade de nenhum esforço para alcançar a meta a que se propõe: seu bem-estar; todas as forças físicas e morais ficariam paralisadas, e o avanço progressivo da humanidade se deteria. A certeza da infelicidade traria as mesmas conseqüências através do efeito do desânimo; cada qual renunciaria a lutar contra o decreto definitivo do destino. O conhecimento integral do futuro constituiria, portanto, um presente funesto que nos conduziria ao dogma da fatalidade, o mais perigoso de todos, o mais contrário ao desenvolvimento das ideias. É a incerteza do momento de nosso fim neste mundo que nos faz trabalhar até a última batida de nosso coração. O viajante levado por um veículo abandona-se ao movimento que deve conduzi-lo ao objetivo, sem pensar em fazê-lo desviar-se, porque conhece sua impotência; tal seria o homem que conhecesse seu destino irrevogável. Caso os videntes pudessem infringir esta lei da Providência, seriam os iguais da divindade; por isso, tal não é em absoluto sua missão.

No fenômeno da dupla vista, achando-se a alma parcialmente desprendida do invólucro material que limita nossas faculdades, não existe mais para ela nem duração, nem distâncias; abrangendo o tempo e o espaço, tudo se confunde no presente. Livre de seus entraves, ela julga os efeitos e as causas melhor do que poderíamos fazê-lo: ela percebe as conseqüências das coisas presentes e pode fazer que as pressintamos; é neste sentido que se deve entender o dom da presciência atribuído aos videntes. Suas previsões constituem apenas o resultado de uma consciência mais nítida do que existe, e não uma predição de coisas fortuitas sem vínculo com o presente; trata-se de uma dedução lógica a partir do conhecido para chegar ao desconhecido, que depende muitíssimas vezes de nosso modo de proceder. Quando um perigo nos ameaça, caso sejamos advertidos, estamos em condições de fazer o que é preciso para evitá-lo; mas livres de fazê-lo ou de não fazê-lo.

Em tal caso, o vidente se acha na presença do perigo que está oculto para nós; ele o assinala e indica o meio de contorná-lo, se não o acontecimento prossegue em seu curso.

⁸ Este parágrafo se acha parcialmente reproduzido em *O Livro dos Médiuns*, item 167, e se encerra com a seguinte informação do autor: "Espíritos que foram cegos nos afirmaram que, em vida, possuíam, através da alma, a percepção de certos objetos, e que não se encontravam mergulhados em uma escuridão *negra*." (Nota do tradutor.)

Imaginemos uma viatura rodando em um caminho que acaba em um abismo que o condutor não tem como perceber; é evidente que, se nada ocorrer que o desvie, ela irá precipitar-se ali; imaginemos, por outro lado, um homem colocado de maneira a dominar o caminho do alto; que este homem, vendo o desastre inevitável do viajante, possa adverti-lo para desviar-se a tempo: o perigo estará conjurado. De sua posição, dominando o espaço, ele vê o que o viajante, cuja visão se acha limitada pelos acidentes do terreno, não tem como distinguir; ele consegue ver se uma causa fortuita irá impedir sua queda; ele conhece, portanto, previamente, o término do acontecimento e pode predizê-lo.

Caso aquele mesmo homem, colocado sobre uma montanha, perceber ao longe, no caminho, uma tropa inimiga dirigindo-se na direção de um vilarejo em que deseja tocar fogo, será fácil para ele, computando o espaço e a rapidez, prever o momento da chegada da tropa. Caso, descendo ao vilarejo, ele diga simplesmente: *A tal hora, o vilarejo será incendiado*, vindo a acontecer o fato, ele passará aos olhos da multidão ignorante por um adivinho, um feiticeiro, enquanto que muito simplesmente ele viu o que os outros não podiam ver e deduziu as consequências.

Ora, o vidente, como aquele homem, abrange e acompanha o curso dos eventos; ele não prevê seu fim através do dom da adivinhação; ele o vê! Ele é capaz, portanto, de lhes dizer se vocês se acham no bom caminho, de lhes indicar o melhor e de lhes anunciar o que vocês encontrarão no fim do caminho; constitui ele para vocês o fio de Ariadne que lhes mostra a saída do labirinto.

Está longe daí, como se vê, a predição propriamente dita, tal como nós a entendemos na acepção vulgar da palavra. Nada se retira do livre-arbítrio do homem, que permanece sempre livre para agir ou para não agir, que efetiva ou deixa de efetivar os acontecimentos através de sua vontade ou de sua inércia; é indicado a ele o meio para chegar ao fim; compete-lhe fazer uso dele. Imaginá-lo submetido a uma fatalidade inexorável quanto aos menores acontecimentos da vida é deserdá-lo de seu mais belo atributo: a inteligência; é compará-lo ao animal. O vidente não é, portanto, absolutamente, um adivinho; é um ser que percebe o que nós não vemos; é para nós o cão do cego. Logo, nada aqui contradiz os desígnios da Providência no que respeita ao segredo de nosso destino; é ela mesma que nos fornece um guia.

Tal é o ponto de vista sob o qual deve ser encarado o conhecimento do futuro entre as pessoas dotadas de dupla vista. Se o futuro fosse fortuito, se dependesse do que a gente chama de acaso, se em nada se prendesse às circunstâncias presentes, nenhuma clarividência poderia penetrá-lo e nenhuma previsão, neste caso, poderia oferecer qualquer certeza. O vidente, e nós entendemos aí o verdadeiro vidente, o vidente sério e não o charlatão que o finge, o verdadeiro vidente, dizemos nós, não diz absolutamente o que o povo chama de boa sorte; ele prevê a consequência do presente, nada mais, e isso já é muito.

Quantos erros, quantas falsas atitudes, quantas tentativas inúteis evitaríamos, caso tivéssemos sempre um guia seguro para nos esclarecer! Quantos homens se acham deslocados no mundo por não haverem sido postos na trilha que a natureza havia traçado para suas faculdades!

Quantos fracassam por haverem seguido os conselhos de uma obstinação irrefletida! Uma pessoa poderia ter-lhes dito: “Não tentem tal coisa, porque suas faculdades intelectuais são insuficientes, porque não convém nem a seu caráter, nem a sua constituição física, ou bem ainda porque vocês não seriam auxiliados conforme a necessidade; ou bem ainda porque vocês se enganam a respeito do alcance desta coisa, porque vocês encontrarão tal entrave que não estão prevenido.” Em outras circunstâncias, ela teria dito: “Vocês terão êxito em tal coisa, caso a enfrentem de tal ou qual maneira; caso evitem tal atitude que pode comprometê-los.” Sondando os ânimos e os caracteres, ela teria dito: “Desconfiem de tal cilada que desejam preparar-lhes.” Depois ela teria acrescentado: “Como vocês se acham prevenidos, meu papel terminou; eu lhes mostro o perigo; caso vocês sucumbam, não acusem nem a sorte, nem a fatalidade, nem a Providência, mas

a vocês somente. Que pode o médico quando o doente não leva em nenhuma conta seus conselhos?”

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FOTOGRAFIA E DA TELEGRAFIA DO PENSAMENTO.

A ação fisiológica de indivíduo para indivíduo, com ou sem contato, constitui um fato incontestável. Esta ação só pode exercer-se evidentemente através de um agente intermediário, cujo recipiente é nosso corpo, cujos principais órgãos de emissão e de direção são nossos olhos e nossos dedos. O agente invisível é necessariamente um fluido. Qual é sua natureza, sua essência? Quais são suas propriedades íntimas? Trata-se de um fluido específico ou bem de u'a modificação da eletricidade ou de qualquer outro fluido conhecido? Trata-se do que se designava outrora com o nome de fluido nervoso? Não se trata antes do que nós designamos hoje em dia com o nome de fluido cósmico, quando está espalhado na atmosfera, e de fluido perispiritual, quando está individualizado?

Esta questão, de resto, é secundária.

O fluido perispiritual é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calor. Ele é invisível para nós no estado normal, e só se revela através de seus efeitos; mas ele se torna visível no estado de sonambulismo lúcido, e mesmo no estado de vigília para as pessoas dotadas da dupla vista. Quando de sua emissão, ele se apresenta sob a forma de feixes luminosos assaz parecidos com a luz elétrica difusa no espaço; eis a que, de resto, se limita sua analogia com este último fluido, pois ele não produz, ostensivamente ao menos, nenhum dos fenômenos físicos que nós conhecemos. Quando no estado ordinário, ele reflete tonalidades diversas conforme os indivíduos donde emana; ora de um vermelho fraco, ora de um azulado ou acinzentado, como uma névoa leve; e mais das vezes, ele espalha nos corpos ao derredor uma nuance amarelada mais ou menos intensa.

Os relatos dos sonâmbulos e dos videntes são idênticos quanto a esta questão; nós teremos, aliás, ocasião de voltar a isto ao tratar das qualidades impressas ao fluido pela motivação que o põe em movimento e pelo adiantamento do indivíduo que o emite.

Nenhum corpo lhe opõe obstáculo; ele os penetra e os atravessa a todos; até agora, não se conhece nenhum que seja capaz de isolá-lo. Tão só a vontade consegue dilatar-lhe ou restringir-lhe a ação; a vontade, de fato, constitui seu princípio mais poderoso; através da vontade, a gente dirige seus eflúvios através do espaço, ou o acumula a seu bel-prazer em um determinado ponto, ou se saturam dele certos objetos, ou bem é retirado dos lugares onde se acha em grande abundância. Digamos de passagem que foi neste princípio que se baseou o poder magnético. Ele parece, enfim, ser o veículo da visão psíquica, como o fluido luminoso é o veículo da visão comum.

O fluido cósmico, emanando, embora, de uma fonte universal, individualiza-se, por assim dizer, em cada ser, e adquire propriedades características que permitem distingui-lo entre todos. A morte mesma não desfaz estas características de individualização, que persistem longos anos após a cessação da vida, como tivemos a possibilidade de nos convencer. Cada um de nós possui, assim, seu fluido próprio que nos envolve e nos segue em todos os nossos movimentos, como a atmosfera segue cada planeta. A extensão da irradiação destas atmosferas individuais é muito variável; em um estado de repouso absoluto da mente, tal irradiação pode achar-se circunscrita a um limite de

alguns passos; mas, sob o império da vontade, ela pode atingir distâncias infinitas; a vontade parece dilatar o fluido, como o calor dilata os gases. As diferentes atmosferas particulares encontram-se, cruzam-se, misturam-se, sem jamais fundir-se, absolutamente como as ondas sonoras, que permanecem distintas malgrado a infinidade de sons que agitam o ar simultaneamente. Pode-se, portanto, dizer que cada indivíduo é o centro de uma onda fluídica cuja extensão se dá em função da força e da vontade, como cada ponto de vibração constitui o centro de uma onda sonora, cuja extensão se dá em função da força da vibração; a vontade é a causa propulsora do fluido, como o choque é a causa vibrante do ar e propulsora das ondas sonoras.

Das qualidades próprias a cada fluido resulta entre eles uma espécie de harmonia ou de desacordo, uma tendência a unirem-se ou a evitarem-se, uma atração ou uma repulsão, em suma, as simpatias ou as antipatias que se sentem muitas vezes sem causas determinantes conhecidas. Achando-nos na esfera de atividade de um indivíduo, sua presença se revela a nós através da impressão agradável ou desagradável que percebemos de seu fluido! Achando-nos no meio de pessoas cujos sentimentos nós não compartilhamos, cujos fluidos não se harmonizam com o nosso, uma reação penosa nos oprime, e ali nós nos encontramos como uma nota dissonante em um concerto! Achando-se reunidos muitos indivíduos, ao contrário, em uma comunidade de desígnios e de intenções, os sentimentos de cada um se exaltam na proporção mesma da massa das forças de reação. Quem não conhece a força de arrastamento que domina as aglomerações onde existe homogeneidade de pensamentos e de vontades? Não se poderia conjecturar a quantas influências nós nos achamos assim submetidos à nossa revelia.

Não podem tais influências ocultas ser a causa de certos pensamentos; daqueles pensamentos que comungam, no mesmo instante, certas pessoas; daqueles vagos pressentimentos que nos fazem dizer: Existe qualquer coisa no ar que pressagia tal ou qual acontecimento? Enfim, não seriam certas sensações indefiníveis de bem-estar ou de mal-estar moral, de alegria ou de tristeza, o efeito da reação do meio fluídico em que nos achamos, dos eflúvios simpáticos ou antipáticos que nós recebemos e que nos envolvem como as emanações de um corpo odorífico? Nós não poderíamos pronunciar-nos afirmativamente sobre tais questões, de forma absoluta, mas convir-se-á, pelo menos, que a teoria do fluido cósmico, individualizado em cada ser com o nome de fluido perispiritual, abre um campo de todo novo para a solução de uma infinidade de problemas até agora sem explicação.

Cada um, em seu movimento de translação, traz, portanto, consigo sua atmosfera fluídica, como o molusco traz sua concha; mas este fluido deixa os vestígios de sua passagem; ele deixa como um rastro luminoso, inacessível a nossos sentidos, no estado de vigília, mas que serve aos sonâmbulos, aos videntes e aos Espíritos desencarnados, para recompor os fatos e analisarem a causa que lhes determinou a execução.

Qualquer ação física ou moral, patente ou oculta, de um ser sobre si mesmo ou sobre um outro, pressupõe, de um lado, um poder atuante, do outro, uma sensibilidade passiva. Em todas as coisas, duas forças iguais se neutralizam, e a fraqueza cede à força. Ora, nem todos os homens achando-se dotados da mesma energia fluídica, ou seja, não possuindo o fluido perispiritual em todos o mesmo poder ativo, isto nos explica por que, em alguns, este poder é quase irresistível, enquanto que é nulo em outros; por que certas pessoas são muito acessíveis à sua ação, enquanto que outras são refratárias a ele.

Estas superioridade e inferioridade relativas dependem, evidentemente, do organismo; mas a gente andaria errada caso acreditasse que elas existem em função da força ou da fraqueza física. A experiência comprova que os homens mais robustos sofrem, às vezes, as influências fluídicas mais facilmente que os outros de uma constituição muito mais delicada, enquanto se encontra com frequência nestes últimos um poder que sua frágil aparência não possibilitaria imaginar. Esta diversidade no modo de agir pode explicar-se de muitas maneiras.

O poder fluídico aplicado à ação recíproca dos homens uns sobre os outros, ou seja, no magnetismo, pode depender: 1.º) da quantidade de fluido que cada um possui; 2.º) da natureza intrínseca do fluido de cada um, sem considerar a quantidade; 3.º) do nível de energia da força impulsora, talvez mesmo destas três causas reunidas. Na primeira hipótese, quem possui mais fluido daria a quem tem menos, sem receber nada; existiria neste caso analogia perfeita com a troca de calor entre si de dois corpos que se põem em equilíbrio de temperatura. Seja qual for a causa da diferença, nós podemos compreender o efeito que ela produz, imaginando três pessoas cujo poder nós representaremos através de três números: 10, 5 e 1. O 10 atuará sobre o 5 e sobre o 1, mas mais energicamente sobre o 1 que sobre o 5; o 5 atuará sobre o 1, mas será impotente sobre o 10; enfim, o 1 não atuará nem sobre um, nem sobre o outro. Tal seria a razão por que certos indivíduos são sensíveis à ação de um magnetizador e insensíveis à ação de outro.

Pode-se ainda, até certo ponto, explicar este fenômeno, remetendo-nos às considerações precedentes. De fato, nós dissemos que os fluidos individuais são simpáticos ou antipáticos, uns em relação aos outros. Não poderia ocorrer, então, que a ação recíproca de dois indivíduos se desse em função da simpatia dos fluidos, quer dizer, de sua tendência a se fundirem através de um tipo de harmonia, como as ondas sonoras produzidas pelos corpos ao vibrarem? É indubitável que esta harmonia ou simpatia dos fluidos é uma condição, se não absolutamente indispensável, ao menos bastante preponderante, e que, quando existe desacordo ou antipatia, a ação só pode ser fraca ou mesmo nula. Este sistema nos explica bem as condições prévias da ação; mas ele não nos diz de que lado se acha o poder e, caso o admitamos, somos forçados a recorrer à nossa primeira suposição.

De resto, que o fenômeno tenha acontecido por uma ou por outra destas causas, isto não apresenta nenhuma consequência; o fato existe, é o essencial: os da luz explicam-se igualmente através da teoria da emissão e através da teoria das ondulações; os da eletricidade, através dos fluidos positivo e negativo, vítreo e resinoso.

Em um próximo estudo, baseando-nos nas considerações precedentes, buscaremos estabelecer o que entendemos por fotografia e por telegrafia do pensamento.

FOTOGRAFIA E TELEGRAFIA DO PENSAMENTO

A fotografia e a telegrafia do pensamento são questões até agora tão só afloradas. Como todas as que não cuidaram das leis que, por essência, devem ser universalmente difundidas, elas foram relegadas a segundo plano, embora sua importância seja capital e os elementos de estudo que elas encerram sejam chamados a esclarecer muitos problemas que permaneceram até agora sem solução.

Quando um artista de talento executa um quadro, uma obra magistral a que ele consagra todo o gênio que adquiriu progressivamente, estabelece primeiro os grandes conjuntos, de maneira que se compreende, desde o delineamento, todo o partido que espera tirar dele; tão somente após haver minuciosamente elaborado seu plano geral é que procede à execução dos pormenores; e, conquanto este último trabalho deva ser tratado com mais cuidado talvez que o esboço, seria, contudo, impossível, caso este último não o precedesse. É o mesmo em relação ao espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais cujas raízes existem no âmago de todo ser criado, tiveram de

ser elaboradas desde a origem. Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras; eis a razão que fez, durante um certo tempo, que se negligenciasse seu estudo direto.

Não se pode, de fato, logicamente falar de fotografia e de telegrafia do pensamento antes de haver demonstrado a existência da alma, que manipula os elementos fluídicos, e a dos fluidos que permitem estabelecer relações entre duas almas distintas. Ainda hoje, quase não nos achamos, talvez, suficientemente esclarecidos para a elaboração definitiva destes imensos problemas! Não obstante, algumas considerações de natureza a preparar um estudo mais completo não estarão certamente deslocadas aqui.

Sendo o homem limitado em seus pensamentos e em suas aspirações, sendo seus horizontes reduzidos, é preciso, necessariamente, que ele condense e etiquete todas as coisas para guardar-lhes uma recordação apreciável e basear nos dados adquiridos seus estudos futuros. As primeiras noções do conhecimento lhe provieram através do sentido da visão; foi a imagem de um objeto que lhe ensinou que o objeto existia. Conhecendo muitos objetos, tirando ilações das diferentes impressões que eles produziam em seu íntimo, ele fixou-lhes a quintessência em seu intelecto, através do fenômeno da memória. Ora, o que é a memória se não uma espécie de álbum, mais ou menos volumoso, que se folheia para encontrar as ideias apagadas e recompor os acontecimentos desaparecidos?! Este álbum possui marcadores nas páginas importantes; a gente se lembra imediatamente de certos fatos; mas é preciso folhear durante muito tempo para alguns outros.

A memória é como um livro! Aquele de que a gente lê certas passagens apresenta facilmente tais passagens aos olhos; as páginas virgens, ou raramente percorridas, devem ser viradas uma a uma, para recompor um fato em que a gente pouco se fixou.

Quando o Espírito encarnado está recordando, sua memória lhe apresenta, de algum modo, a fotografia do fato que ele está buscando. Em geral, os encarnados que o rodeiam não veem nada; o álbum se acha em um lugar inacessível à vista deles; mas os Espíritos veem e folheiam conosco; em certas circunstâncias, eles podem mesmo, espontaneamente, ajudar em nossa busca ou atrapalhá-la.

O que o encarnado proporciona ao Espírito, igualmente o Espírito oferece ao vidente; quando se evoca a lembrança de certos fatos na existência de um Espírito, a fotografia destes fatos se apresenta a ele, e o vidente, cuja situação espiritual é análoga à do Espírito livre, vê como ele, e vê até mesmo, em certas circunstâncias, o que o próprio Espírito não vê, da mesma forma que um desencarnado pode folhear a memória de um encarnado, sem que este esteja consciente disso, e lembrar-lhe fatos esquecidos de há muito. Quanto aos pensamentos abstratos, pelo fato mesmo de existirem, criam um corpo para impressionar o cérebro; eles devem atuar naturalmente nele, gravando-se de alguma forma; neste caso também, como no primeiro, a similitude entre os fatos que existem na Terra e no espaço parece perfeita.

Tendo sido já o fenômeno da fotografia do pensamento objeto de algumas reflexões na *Revista Espírita*⁹, para maior clareza, reproduziremos algumas passagens do artigo em que este tema foi tratado, e que nós completamos com novas observações.

Constituindo os fluidos o veículo do pensamento, este atua nos fluidos como o som atua no ar; eles conduzem o pensamento como o ar nos conduz o som. Logo, pode-se dizer, convictamente, que existem nos fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se fundir, como existem no ar ondas e raios sonoros.

Existe mais: criando o pensamento *imagens fluídicas*, ele se reflete no invólucro perispiritual como em um espelho, ou ainda como as imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar; ele aí cria um corpo e aí se fotografa de alguma forma. Que um homem, por

⁹ Junho de 1868. (Nota do tradutor.)

exemplo, tenha a ideia de assassinar um outro, por mais impassível que fique seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, cujas nuances todas ele reproduz; ele executa fluidicamente o gesto, o ato cuja vontade de realizar ele possui; seu pensamento cria a imagem da vítima, e toda a cena se pinta, como em um quadro, tal qual ela se acha em sua mente.

Eis como as atividades mais secretas da alma repercutem no invólucro fluídico; que uma alma é capaz de ler em uma outra alma como em um livro e enxergar o que não é perceptível através dos olhos do corpo. Os olhos do corpo enxergam as impressões interiores que se refletem nos traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma enxerga, nos traços da alma, os pensamentos que não se traduzem do lado de fora.

Apesar de tudo, se a alma, vendo a intenção, pode pressentir a realização do ato que lhe seguirá, ela não consegue, no entanto, determinar o momento em que ele se realizará, nem precisar-lhe as minúcias, nem mesmo asseverar que ocorrerá, porque circunstâncias ulteriores podem modificar os planos fixados e alterar as disposições. Ela não pode enxergar o que não se acha ainda no pensamento; o que ela vê é a preocupação casual ou habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más; daqui os erros nas previsões de certos videntes. Quando um acontecimento se subordina ao livre-arbítrio de um homem, os videntes podem apenas pressentir-lhe a probabilidade conforme o pensamento que eles percebem, mas não podem afirmar que ele se efetivará de tal maneira e em tal momento. A maior ou menor exatidão nas previsões depende, por outro lado, da extensão e da clareza da vista psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela fica limitada a um ponto ou permanece difusa; enquanto que, em outros, ela é nítida e abrange o conjunto dos pensamentos e das vontades que devem concorrer para a realização de um fato. Mas, acima de tudo, existe sempre a vontade superior que pode, em sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la; neste último caso, um véu impenetrável é arremessado sobre a vista psíquica mais perspicaz. (Ver, em *A Gênese*, o capítulo XVI: *Teoria da presciência*.)

A teoria das criações fluídicas e, por conseguinte, da fotografia do pensamento, constitui uma conquista do espiritismo moderno, e pode ser doravante considerada estabelecida em princípio, com exceção das aplicações de pormenores que resultarão da observação. Este fenômeno constitui, incontestavelmente, a fonte das visões fantásticas e deve representar um grande papel em certos sonhos.

Quem é que, na Terra, sabe de que maneira se produziram os primeiros meios de comunicação do pensamento? Como foram inventados, ou antes, descobertos? Pois não se inventa nada; tudo existe no estado latente; compete aos homens buscar os meios de colocar em ação as forças que lhe oferece a natureza. Quem sabe o tempo que se precisou para que se servissem da palavra de forma completamente inteligível?

Quem primeiro soltou um grito inarticulado tinha uma certa consciência do que desejava exprimir, mas aqueles a quem ele se endereçava não compreenderam nada de início; somente após um longo período de tempo é que se convencionaram palavras, depois frases curtas, depois, enfim, falas inteiras. Quantos milhares de anos não foram precisos para chegar ao ponto em que a humanidade se encontra hoje! Cada progresso no modo de comunicação, de relacionamento entre os homens, foi continuamente marcado por u'a melhora no estado social dos seres. À medida que as relações de indivíduo a indivíduo foram tornando-se mais estreitas, mais regulares, foi sentindo-se a necessidade de um modo novo de linguagem mais rápida, mais capaz de colocar os homens em contato instantaneamente e universalmente uns com os outros. Por que aquilo que aconteceu no mundo físico, através da telegrafia elétrica, não sucederia no mundo moral, de encarnado a encarnado, através da telegrafia humana? Por que os contatos ocultos que unem mais ou menos conscientemente os pensamentos dos homens e dos Espíritos, através da telegrafia espiritual, não se generalizariam entre os homens de maneira consciente?

A telegrafia humana! Eis aqui, com certeza, algo com que provocar o sorriso dos que se recusam a admitir tudo o que não se encontra nos sentidos materiais. Mas que importam as caçoadas dos presunçosos? Suas contestações todas não impedirão as leis naturais de ir seguindo seu curso e de ir encontrando novas aplicações, à proporção que a inteligência humana for ficando em condições de sentir seus efeitos.

O homem exerce uma ação direta nas coisas como nas pessoas que o rodeiam. Muitas vezes, uma pessoa de quem se faz pouco caso exerce uma influência decisiva nas outras que apresentam uma reputação bem superior. Isto se deve ao fato de que, na Terra, se veem muito mais máscaras que semblantes e que os olhos se obscurecem através da vaidade, do interesse pessoal e de todas as más paixões. A experiência demonstra que se pode agir sobre a mente dos homens à sua revelia. Um pensamento superior *fortemente pensado*, para me servir desta expressão, pode, portanto, conforme sua força e sua elevação, alcançar, mais perto ou mais longe, homens que não têm nenhuma consciência do modo pela qual ele lhe chega; assim como, muitas vezes, quem o emite não tem consciência do efeito produzido por esta emissão. Eis aqui um jogo contínuo de inteligências humanas e de sua ação recíproca umas sobre as outras. Juntem a isto a ação das que se acham desencarnadas e calculem, caso possam, o poder incalculável desta força composta de tantas forças reunidas.

Caso o homem pudesse inteirar-se do imenso mecanismo que o pensamento põe em ação e dos efeitos que ele produz de um indivíduo para outro, de um grupo de seres para outro grupo e, enfim, da ação universal dos pensamentos dos homens, uns sobre os outros, ficaria alucinado! Ele se sentiria aniquilado diante desta infinidade de pormenores, diante destas redes inumeráveis ligadas entre si por uma poderosa vontade e agindo harmoniosamente para alcançar um fim único: o progresso universal.

Através da telegrafia do pensamento, ele apreciará, em todo o seu valor, a lei da solidariedade, ao refletir que não existe um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso ou qualquer outro, que não apresente uma ação real no conjunto dos pensamentos humanos e em cada um dentre eles; e, caso o egoísmo lhe fizesse ignorar as consequências para outrem de um pensamento perverso que lhe fosse pessoal, ele seria levado por este mesmo egoísmo a pensar direito, para aumentar o nível moral geral, pensando nas consequências sobre si mesmo de um mau pensamento de outrem.

Constituem outra coisa e não uma consequência da telegrafia do pensamento estes abalos misteriosos que nos previnem da alegria ou do sofrimento de um ser querido longe de nós? Não é a um fenômeno do mesmo tipo que nós devemos os sentimentos de simpatia ou de repulsão que nos impelem para certos indivíduos e nos afastam de outros?

Existe aqui, com certeza, um campo imenso para o estudo e a observação, cujos contornos, porém, nós mal conseguimos perceber ainda; o estudo dos pormenores será a consequência de um conhecimento mais completo das leis que regem a ação dos fluidos uns sobre os outros.

ESTUDO SOBRE A NATUREZA DO CRISTO

I. Fonte das provas da natureza do Cristo.

A questão da natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do cristianismo, e pode-se dizer que não está ainda resolvida, já que é ainda discutida em nossos dias. Foi a divergência de opinião sobre este ponto que deu origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja dezoito séculos atrás, e é digno de nota que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros do clero com variados títulos. Eles eram, por conseguinte, homens esclarecidos, a maioria escritores de talento, nutridos na ciência teológica, que não achavam concludentes as razões invocadas em favor do dogma da divindade do Cristo; entretanto, naquele tempo como agora, as opiniões se formaram de abstrações mais que de fatos, buscando-se sobretudo o que o dogma poderia ter de plausível ou de irracional, e em geral se desleixou, de uma e outra parte, de fazer que os fatos que poderiam lançar sobre a questão uma luz decisiva se ressaltassem.

Mas onde encontrar estes fatos, se não se acham nos atos e nas palavras de Jesus?

Não havendo Jesus escrito nada, seus únicos historiadores são os apóstolos, que não escreveram nada, nem mesmo eles, quando ele estava vivo; não havendo nenhum historiador profano contemporâneo falado dele, não existe sobre sua vida e sua doutrina nenhum documento além dos Evangelhos; logo, é ali somente que se deve procurar a chave do problema. Todos os escritos posteriores, sem excetuar os de São Paulo, não são e não podem ser senão comentários ou apreciações, reflexos de opiniões pessoais, com frequência contraditórias, que não poderiam, em nenhum caso, revestir-se da autoridade do relato de quem havia recebido instruções diretas do Mestre.

Sobre esta questão, como sobre a de todos os dogmas em geral, a concordância entre os Pais da Igreja e outros escritores sacros não poderia ser evocada como argumento preponderante, nem como uma comprovação irrecusável em favor de sua opinião, considerando que nenhum deles pôde citar um só fato concernente a Jesus fora dos Evangelhos, que nenhum deles descobriu documentos novos desconhecidos de seus predecessores.

Os autores sacros foram capazes tão só de girar no mesmo círculo, de oferecer sua apreciação pessoal, de extrair conclusões segundo seu ponto de vista, de comentar, sob novas fórmulas e com maior ou menor desenvolvimento, as opiniões contraditórias. Todos os da mesma facção tiveram de escrever no mesmo sentido, se não nos mesmos termos, sob pena de serem declarados heréticos, como o foram Orígenes e tantos outros. Naturalmente, a Igreja pôs entre seus Pais apenas os escritores ortodoxos segundo seu ponto de vista; ela exaltou, santificou e reuniu apenas os que tomaram sua defesa, enquanto que rejeitou os outros e fez desaparecer seus escritos na medida da possibilidade. A concordância entre os Pais da Igreja, assim, não apresenta nada de conclusivo, já que se trata de uma unanimidade de escolha formada através da eliminação dos elementos contrários. Caso se levasse em conta tudo o que se escreveu pró e contra, não se saberia de que lado iria pender a balança.

Isto não diminui em nada o mérito pessoal dos que sustentaram a ortodoxia, nem seu valor como escritores e homens conscienciosos; constituíram-se em advogados de u'a mesma causa e a defenderam com incontestável talento, tendo forçosamente de tirar as mesmas conclusões. Longe

de desejar denegri-los seja no que for, nós desejamos simplesmente refutar o valor das consequências que se pretendem deduzir de sua concordância.

No exame que nós iremos fazer da questão da divindade do Cristo, colocando de lado as sutilezas da escolástica que serviram apenas para atrapalhar ao invés de elucidar, nós nos apoiaremos exclusivamente nos fatos que ressaem do texto dos Evangelhos, que, se examinados friamente, conscienciosamente e sem opinião formada, fornecem, de modo assaz abundante, todos os meios de convicção que se possam querer. Ora, dentre estes fatos, não existem mais preponderantes nem mais conclusivos que as palavras mesmas do Cristo, palavras que não se poderiam recusar sem revogar a veracidade dos apóstolos. Pode-se interpretar de diferentes maneiras uma parábola, uma alegoria; mas afirmações precisas, sem ambiguidade, cem vezes repetidas, não poderiam apresentar um duplo sentido. Ninguém mais, só Jesus pode pretender saber melhor que ele o que quis dizer, como ninguém pode pretender estar melhor informado que ele sobre sua própria natureza: quando ele comenta suas palavras e as explica para evitar qualquer engano, deve-se confiar nele, a menos que lhe neguemos a superioridade que lhe foi atribuída e que nos coloquemos no lugar de sua própria inteligência. Se ele foi obscuro em certos pontos, quando se serviu de linguagem figurada, no que respeita à sua pessoa, não existe equívoco possível. Antes do exame das palavras, vejamos os atos.

II. Comprovam os milagres a divindade do Cristo?

Segundo a Igreja, principalmente os milagres, como testemunho de um poder sobrenatural, é que estabeleceram a divindade do Cristo. Esta consideração pode ter tido um certo peso em uma época em que o maravilhoso era aceito sem exame; mas hoje, quando a ciência voltou suas investigações para as leis da natureza, os milagres encontram mais incrédulos que crentes; e o que contribuiu não pouco para seu descrédito foi o abuso das imitações fraudulentas e a exploração que se fez disso. A fé nos milagres foi destruída pelo uso mesmo que se fez dela; resultou disso que os milagres dos Evangelhos são agora considerados por muitas pessoas como puramente lendários.

A própria Igreja, de resto, retira dos milagres todo o seu alcance como comprovação da divindade do Cristo, ao declarar que o demônio pode realizá-los tão prodigiosos quanto ele: pois, se o demônio possui um tal poder, fica evidente que os fatos deste naipe não apresentam em absoluto um caráter exclusivamente divino; se ele pode realizar coisas espantosas para seduzir mesmo os eleitos, como poderão simples mortais distinguir os bons milagres dos maus, e não é de recear que, ao verem fatos similares, confundam Deus e Satã?

Fornecer a Jesus um tal rival em habilidade constituía um grande disparate; mas, à vista das contradições e das inconseqüências, a gente não olhava para isso tão de perto, em uma época em que os fiéis transformariam em um caso de consciência pensar por si mesmos e discutir o menor artigo imposto à sua crença; não se contava, então, com o progresso e não se pensava que o reino da fé cega e ingênua, reino confortável como o do bem-estar, pudesse ter um fim. O papel tão preponderante que a Igreja teimou em atribuir ao demônio foi tendo consequências desastrosas para a fé, à medida que os homens foram sentindo-se capazes de ver por seus próprios olhos. O demônio, que foi explorado com sucesso durante um tempo, tornou-se a cunha aplicada no velho edifício das crenças e uma das principais causas da incredulidade; pode-se dizer que a Igreja, ao transformá-lo em um auxiliar indispensável, amamentou em seu seio aquele que deveria voltar-se contra ela e miná-la em seus fundamentos.

Uma outra consideração não menos grave é que os fatos miraculosos não são o privilégio exclusivo da religião cristã: não existe, de fato, uma religião idólatra ou pagã que não tenha tido seus milagres, tão maravilhosos e tão autênticos, para os adeptos, quanto os do cristianismo. A Igreja perdeu o direito de contestá-los ao atribuir aos poderes infernais a capacidade de produzi-los.

O caráter essencial do milagre, no sentido teológico, é o de ser uma exceção dentro das leis da natureza e, por conseguinte, de não ser explicável através dessas mesmas leis. A partir do momento que um fato pode ser explicado e que se prende a uma causa conhecida, deixa de ser milagre. Eis como as descobertas da ciência colocaram no domínio do natural certos efeitos qualificados de prodígios enquanto lhe ignoravam a causa. Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre o organismo, do mundo invisível no meio do qual nós vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do *perispírito*, forneceu a chave dos fenômenos de ordem psíquica e comprovou que não constituem, não mais que os outros, derrogações das leis da natureza, mas que constituem, ao contrário, aplicações frequentes delas. Todos os efeitos de magnetismo, de sonambulismo, de êxtase, de dupla vista, de hipnotismo, de catalepsia, de anestesia, de transmissão de pensamento, de presciência, de curas instantâneas, de possessões, de obsessões, de aparições e transfigurações etc., que constituem a quase totalidade dos milagres dos Evangelhos, pertencem a esta categoria de fenômenos.

Sabe-se hoje que tais efeitos resultam de aptidões e de disposições fisiológicas específicas; que eles se produziram em todos os tempos, em todos os povos, e puderam ser considerados como sobrenaturais do mesmo jeito que todos aqueles cuja causa não era compreendida. Isto explica por que todas as religiões tiveram seus milagres, que não passam de fatos naturais, mas quase sempre ampliados até ao absurdo pela credulidade, pela ignorância e pela superstição, e que os conhecimentos atuais reduzem a seu justo valor, ao permitir que se ponha em evidência a lenda.

A possibilidade da maioria dos fatos que os Evangelhos citam como tendo sido realizados por Jesus se acha hoje em dia completamente demonstrada através do magnetismo e do espiritismo como fenômenos naturais. Já que se produzem sob nossos olhos, seja espontaneamente, seja através de provocações, não existe nada de anormal no fato de que Jesus possuísse faculdades idênticas às de nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns etc. A partir do momento que essas mesmas faculdades se encontram, em diferentes níveis, em uma infinidade de indivíduos que não apresentam nada de divinos, que se encontram mesmo nos heréticos e nos idólatras, elas não implicam, em absoluto, uma natureza sobre-humana.

Se o próprio Jesus qualificava seus atos de *milagres*, é que nisso, como em muitas outras coisas, ele tinha de adequar sua linguagem aos conhecimentos de seus contemporâneos; como estes poderiam apreender uma nuance de palavra que não é ainda compreendida hoje em dia por todo o mundo? Para o povo, as coisas extraordinárias que ele realizava, e que pareciam sobrenaturais naquele tempo e mesmo muito mais tarde, constituíam milagres; não se podia dar a isso um outro nome. Um fato digno de nota é que ele se serviu disso para manifestar a missão que recebeu de Deus, conforme suas próprias expressões, mas sem jamais prevalecer-se disso para atribuir a si mesmo o poder divino¹⁰.

É preciso, portanto, riscar os milagres das provas em que se pretende fundamentar a divindade da pessoa do Cristo; vejamos agora se nós as acharemos em suas palavras.

¹⁰ Para o desenvolvimento completo da questão dos milagres, ver *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*, capítulo XIII e seguintes, onde são explicados, através das leis naturais, todos os milagres dos Evangelhos.

III. As palavras de Jesus comprovam-lhe a divindade?

Dirigindo-se a seus discípulos, que haviam começado uma disputa para saber qual deles era o maior, ele lhes disse, pegando uma criança e pondo-a junto de si:

“Quem me recebe recebe *a quem me enviou*; pois quem é o menor entre vocês é o maior.” (*São Lucas*, cap. IX, v. 48.)

“Quem recebe em meu nome uma criancinha como esta aqui me recebe, e quem me recebe não recebe somente a mim, mas recebe *a quem me enviou*.” (*São Marcos*, cap. IX, v. 37.)

“Jesus lhes disse, então: Se Deus fosse seu Pai, vocês me amariam porque foi de Deus que eu saí, e porque *é de sua parte que eu vim*; pois eu não vim por mim mesmo, mas foi ele quem me enviou.” (*São João*, cap. VIII, v. 42.)

“Jesus lhes disse, então: Eu fico ainda consigo por um pouco de tempo, e irei, em seguida, *para quem me enviou*.” (*São João*, cap. VII, v. 33.)

“Quem os escuta escuta a mim; quem os despreza despreza a mim, e *quem me despreza despreza a quem me enviou*.” (*São Lucas*, cap. X, v. 16.)

O dogma da divindade de Jesus se acha fundamentado na igualdade absoluta entre sua pessoa e Deus, já que ele mesmo é Deus: trata-se de um artigo de fé; ora, estas palavras tão frequentemente repetidas por Jesus: *Quem me enviou*, testemunham não somente a dualidade das pessoas, mas ainda, como nós dissemos, excluem a igualdade absoluta entre elas; pois quem é enviado se acha, necessariamente, *subordinado* a quem envia; ao obedecer, ele pratica um ato de *submissão*. Falando um embaixador ao soberano, dirá: *Meu senhor, quem me envia*; mas, caso seja o soberano em pessoa quem vem, ele falará em seu próprio nome e não dirá: *Quem me enviou*, pois não se pode enviar a si mesmo. Jesus o disse em termos categóricos através destas palavras: *eu não vim por mim mesmo, mas foi ele quem me enviou*.

Estas palavras: *Quem me despreza despreza a quem me enviou*, não implicam em absoluto a igualdade e ainda menos a identidade; em todos os tempos, o insulto contra um embaixador era considerado como contra o soberano mesmo. Os apóstolos possuíam a palavra de Jesus, como Jesus possuía a de Deus; quando ele lhes disse: *Quem os escuta escuta a mim*, ele apenas pretendia dizer que seus apóstolos e ele compunham uma só e mesma pessoa, igual em todas as coisas.

A dualidade de pessoas, assim como o estado secundário e subordinado de Jesus em relação a Deus, ressaltam, além do mais, sem equívoco, das passagens seguintes:

“Foram vocês que ficaram sempre firmes comigo em minhas tentações. Eis porque eu lhes preparo o Reino, *como meu pai o preparou para mim*, a fim de que vocês comam e bebam à minha mesa, no meu reino, e se sentem em tronos, para julgar as doze tribos de Israel.” (*São Lucas*, cap. XXII, vv. 28 a 30.)

“Quanto a mim, eu digo o que *eu vi na casa de meu Pai*, e, quanto a vocês, vocês façam o que viram na casa de seu pai.” (*São João*, cap. VIII, v. 38.)

“Ao mesmo tempo, surgiu uma nuvem que os cobriu, e saiu dessa nuvem uma voz que deu a ouvir estas palavras: *Este aqui é meu filho bem-amado*; escutem-no.” (Transfiguração. *São Marcos*, cap. IX, v. 7.)

“Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; e, estando em assembleia todas as nações, ele separará umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e ele colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, o Rei dirá aos que estarão à sua direita: Venham, *vocês que foram abençoados por meu Pai*, possuir o reino que lhes foi preparado desde o começo do mundo.” (*São Mateus*, cap. XXV, vv. 31 a 34.)

“Quem me confessar e me reconhecer perante os homens, eu o reconhecerei e o confessarei também perante meu pai que está nos céus; e quem renunciar a mim perante os homens, eu o renunciarei também, *eu mesmo, perante meu pai que está nos céus*.” (*São Mateus*, cap. X, vv. 32 e 33.)

“Ora, eu lhes declaro que quem me confessar e me reconhecer perante os homens, *o filho do homem o reconhecerá também perante os anjos de Deus*; mas se alguém renunciar a mim perante os homens, *eu o renunciarei também perante os anjos de Deus*.” (*São Lucas*, cap. XII, vv. 8 e 9.)

“Pois se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, o filho do homem se envergonhará também dele, quando vier em sua glória e *na de seu pai e dos santos anjos.*” (São Lucas, cap. IX, v. 26.)

Nestas duas últimas passagens, pareceria mesmo que Jesus põe acima de si os santos anjos que compõem o tribunal celeste, perante o qual ele seria o defensor dos bons e o acusador dos maus.

“Mas, quanto a estar sentado à minha direita ou à minha esquerda, *não é absolutamente a mim que compete conceder-lhes isso*, mas isso será concedido àqueles a quem meu Pai o preparou.” (São Mateus, cap. XX, v. 23.)

“Ora, estando os fariseus em assembleia, Jesus lhes perguntou: Que lhes parece o Cristo? De quem é ele filho? Eles lhe responderam: De Davi. E como, então, perguntou-lhes ele, Davi chama em espírito seu Senhor com estas palavras: O Senhor disse a meu Senhor: Sente-se à minha direita até que eu faça seus inimigos servir-lhe de escabelo? *Se Davi o chama de seu Senhor, como se dá que seja seu filho?*” (São Mateus, cap. XXII, vv. 41 a 45.)

“Mas, ensinando Jesus no templo, perguntou-lhes: Como os escribas dizem que o Cristo é filho de Davi, já que o próprio Davi disse: O Senhor disse a meu Senhor: Sente-se à minha direita até que eu faça seus inimigos servir-lhe de escabelo? *Já que o próprio Davi o chama de seu senhor, como se dá que seja seu filho?*” (São Marcos, cap. XII, vv. 35 a 37. — São Lucas, cap. XX, vv. 41 a 44.)

Jesus consagra, através dessas palavras, o princípio da diferença hierárquica que existe entre o Pai e o Filho. Jesus podia ser o filho de Davi por filiação corpórea e, como descendente de sua raça, ele teve o cuidado de acrescentar: “Como o chama *em espírito* seu Senhor?” Se existe uma diferença hierárquica entre o pai e o filho, Jesus, como filho de Deus, não pode ser igual a Deus.

Jesus confirma tal interpretação e reconhece sua inferioridade em relação a Deus, em termos que não deixam nenhum equívoco possível:

“Vocês ouviram o que eu lhes disse: Eu me vou e volto a vocês. Se vocês me amassem, vocês se alegrariam pelo fato de eu ir para meu Pai, *porque meu Pai é MAIOR QUE EU.*” (São João, cap. XIV, v. 28.)

“Então um rapaz se aproxima e lhe pergunta: Bom mestre, qual bem é preciso que eu faça para adquirir a vida eterna? Jesus lhe responde: Por que você diz que sou bom? *Só Deus existe que seja bom.* Se você deseja adentrar a vida, siga os mandamentos.” (São Mateus, cap. XIX, vv. 16 e 17. — São Marcos, cap. X, vv. 17 e 18. — São Lucas, cap. XVIII, vv. 18 e 19.)

Não somente Jesus não se fez passar, em nenhuma circunstância, por igual a Deus, como aqui ele afirma positivamente o contrário, considerando-se inferior em bondade; ora, declarar que Deus está acima dele, pelo poder e por suas qualidades morais, é dizer que ele mesmo não é Deus. As passagens seguintes vêm em apoio daquelas e são do mesmo jeito explícitas.

“*Eu nada disse por mim mesmo; mas foi meu Pai, que me enviou, quem me prescreveu, por seu mandamento, o que eu devo dizer e como eu devo falar;* e eu sei que seu mandamento é a vida eterna; o que eu digo, portanto, eu o digo conforme meu Pai *o ordenou a mim.*” (São João, cap. XII, vv. 49 e 50.)

“Jesus lhes respondeu: *Minha doutrina não é minha doutrina, mas a doutrina de quem me enviou.* Se alguém deseja realizar a vontade de Deus, ele reconhecerá se a minha doutrina é a dele, ou se eu falo por mim mesmo. Quem fala por seu próprio desígnio procura sua própria glória, mas quem procura a glória de quem o enviou é verdadeiro, e não existe em absoluto nele injustiça.” (São João, cap. VII, vv. 16 a 18.)

“Quem não me ama de forma alguma, de forma alguma guarda minha palavra; e *a palavra que vocês ouviram não foi em absoluto minha palavra, mas a de meu Pai, que me enviou.*” (São João, cap. XIV, v. 24.)

“Não creem vocês que eu estou em meu Pai e que meu Pai está em mim? O que eu lhes digo, eu não lhes digo por mim mesmo; mas meu Pai, que permanece em mim, executa ele mesmo as obras que eu faço.” (São João, cap. XIV, v. 10.)

“O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão de forma alguma. Quanto ao que é do dia e da hora, ninguém o sabe não, nem mesmo os anjos que estão no céu, *nem mesmo o Filho*, mas somente o Pai.” (São Marcos, cap. XIII, v. 32. — São Mateus, cap. XXIV, vv. 35 e 36.)

“Jesus lhes disse, então: Quando vocês tiverem elevado para o alto o filho do homem, então vocês saberão o que eu sou, pois *eu não executo nada por mim mesmo, mas eu só digo o que meu Pai me ensinou;* e

quem me enviou está comigo e nunca me deixou só, porque *eu faço sempre o que lhe é agradável.*" (São João, cap. VIII, vv. 28 e 29.)

"Eu desci do céu, não para fazer minha vontade, mas para fazer *a vontade de quem me enviou.*" (São João, cap. VI, v. 38.)

"*Eu não posso realizar nada por mim mesmo.* Eu julgo conforme o que ouço, e meu julgamento é justo porque *eu não busco minha vontade, mas a vontade de quem me enviou.*" (São João, cap. V, v. 30.)

"Mas, quanto a mim, eu possuo um testemunho maior que o de João, pois as obras *cujo poder de realizar meu Pai me proporcionou*, as obras, digo eu, que eu realizo, oferecem testemunho de mim e que foi meu Pai quem me enviou." (São João, cap. V, v. 36.)

"Mas agora vocês buscam fazer que eu morra, eu que lhes disse a verdade que *aprendi de Deus*, o que Abraão não fez em absoluto." (São João, cap. VIII, v. 40.)

Uma vez que ele não diz *nada por si mesmo*; que a doutrina que ele ensina *não é a sua*, mas que ele a obtém de Deus, que lhe *ordenou* vir dá-la a conhecer; que ele apenas realiza o que Deus lhe outorgou o *poder de realizar*; que a verdade que ensina *aprendeu de Deus*, à vontade de quem ele se submete, é que ele não é Deus, ele mesmo, mas seu enviado, seu messias e seu subordinado.

É impossível recusar de um modo mais positivo toda assimilação à pessoa de Deus e determinar seu principal papel em termos mais precisos. Não se acham aí pensamentos escondidos sob o véu da alegoria e que só se descobrem à força de interpretação: trata-se do sentido próprio, expresso sem ambiguidade.

Caso se objetasse que Deus, não desejando dar-se a conhecer na pessoa de Jesus, induzisse em erro quanto à sua individualidade, a gente poderia perguntar sobre que se acha fundamentada tal opinião, e quem possui autoridade para sondar o fundo de seu pensamento, e atribuir às suas palavras um sentido contrário ao que elas exprimem. Já que, enquanto Jesus vivia, ninguém o considerava como Deus, mas que o viam, ao contrário, como um messias, caso não desejasse ser conhecido por aquilo que ele era, bastava que não dissesse nada; de sua afirmação espontânea é preciso concluir que não era Deus, ou que, se era, ele disse, voluntariamente e sem utilidade, uma coisa falsa.

Cabe observar que São João, o evangelista em cuja a autoridade mais se apoiaram para estabelecer o dogma da divindade do Cristo, é precisamente o que encerra os argumentos contrários mais numerosos e mais positivos; é possível convencer-se disto através da leitura das passagens seguintes, que não acrescentam nada, é verdade, às provas já citadas, mas acorrem em seu apoio, porque ressaem delas, de forma evidente, *a dualidade e a desigualdade das pessoas*:

"Por causa disso, os judeus perseguiam Jesus e buscavam matá-lo, porque ele havia realizado tais coisas no sábado. Mas Jesus lhes disse: *Meu pai trabalha até hoje, e eu trabalho também.*" (São João, cap. V, vv. 16 e 17.)

"Pois o Pai não julga ninguém; mas *ele outorgou todo o poder* de julgar ao Filho, a fim de que todos honrem o Filho como honram o Pai. Quem em absoluto não honra o Filho, em absoluto não honra o Pai, *que o enviou.*"

"Em verdade, em verdade eu lhes digo: quem ouve minha palavra e crê em quem *me enviou* possui a vida eterna e não cai de forma alguma na condenação; e já passou da morte à vida."

"Em verdade, em verdade eu lhes digo: a hora está chegando, e ela já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem, viverão; pois, como o Pai possui a vida em si mesmo, ele também outorgou ao Filho possuir a vida em si mesmo, e *lhe concedeu o poder de julgar*, porque ele é o *Filho do homem.*" (São João, cap. V, vv. 22 a 27.)

"E o Pai que me enviou prestou ele mesmo testemunho de mim. *Vocês não ouviram jamais sua voz, nem viram sua face.* E sua palavra não ficará em vocês, porque vocês não creem *em quem ele enviou.*" (São João, cap. V, vv. 37 e 38.)

"E quando eu julgar, meu julgamento será digno de fé, pois *eu não estou só*; mas meu Pai que me enviou está comigo." (São João, cap. VIII, v. 16.)

"Tendo Jesus dito essas coisas, elevou os olhos ao céu e disse: Meu Pai, chegou a hora; glorifique seu Filho, a fim de que seu Filho o glorifique, *assim como o Senhor lhe concedeu poder* sobre todos os homens, a

fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que o Senhor lhe deu. Ora, a vida eterna consiste em conhecê-lo, *ao Senhor, que é o ÚNICO DEUS verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem o Senhor enviou*. Eu o glorifiquei na terra; eu terminei *a obra de que o Senhor me encarregou*. E o Senhor, meu Pai, glorifique-me, portanto, também, agora, em si mesmo, com aquela glória que eu obtive no Senhor antes que o mundo existisse.”

“Eu não estarei em breve mais no mundo; mas, quanto a eles, eles se acham ainda no mundo e, quanto a mim, *eu daqui retorno ao Senhor*. Pai santo, conserve em seu nome os que o Senhor me deu, a fim de que eles sejam um como nós. Eu lhes concedi *sua palavra*, e o mundo os abominou, porque eles em absoluto não são do mundo, como eu mesmo em absoluto não sou do mundo.”

“Santifique-os na verdade. Sua palavra constitui a própria verdade. Assim como o Senhor *me enviou* ao mundo, eu também os enviei ao mundo, e eu me santifico a mim mesmo por eles, a fim de que eles se santifiquem também na verdade. Eu não rogo apenas por eles, mas ainda pelos que devem crer em mim através da palavra deles; a fim de que estejam todos juntos, como o Senhor, meu Pai, se acha em mim e eu no Senhor; que eles sejam, da mesma forma, um em nós, *a fim de que o mundo creia que o Senhor me enviou*. Meu Pai, eu desejo que aqui, onde me acho, os que o Senhor me deu aqui se achem também comigo; a fim de que eles contemplem minha glória, que o Senhor *me outorgou*, porque o Senhor *me amou antes da criação do mundo*. Pai justo, o mundo não o conheceu em absoluto; mas, quanto a mim, eu o conheci: e eles reconheceram que o Senhor *me enviou*. Eu lhes dei a conhecer seu nome e lhes darei a conhecer ainda, a fim de que *o amor com que o Senhor me amou* se ache neles, e que eu mesmo me ache neles.” (Prece de Jesus. *São João*, cap. xvii, vv. 1 a 5, 11 a 14, 17 a 26.)

“Eis porque meu Pai me ama, porque eu deixo minha vida para recobrá-la. Ninguém a arrebatou de mim, mas sou eu quem a deixo por mim mesmo; eu possuo o poder de deixá-la e eu possuo o poder de recobrá-la. *É o mandado que recebi de meu Pai*.” (*São João*, cap. x, vv. 17 e 18.)

“Eles tiraram a pedra e, elevando Jesus os olhos para o alto, disse estas palavras: *Meu Pai, eu lhe rendo graça pelo fato de me atender*. Quanto a mim, eu sabia que o Senhor me atenderia sempre: mas eu digo isto por este povo que me rodeia, a fim de que ele creia que *foi o Senhor quem me enviou*.” (Morte de Lázaro. *São João*, cap. xi, vv. 41 e 42.)

“Eu não lhes falarei quase nada, porque o príncipe deste mundo vai chegar, conquanto ele *não tenha nada em mim que lhe pertença*: mas, a fim de que o mundo saiba que eu amo meu Pai e que *eu cumpro o que meu Pai me ordenou*.” (*São João*, cap. xiv, vv. 30 e 31.)

“Se vocês guardarem meus mandamentos, vocês conservarão meu amor, como eu mesmo guardei os mandamentos de meu Pai, e conservo seu amor.” (*São João*, cap. xv, v. 10.)

“Então, lançando Jesus um grande grito, disse: *Meu Pai, eu reponho minha alma em suas mãos*. E, ao pronunciar tais palavras, ele expirou.” (*São Lucas*, cap. xxiii, v. 46.)

Já que Jesus, ao morrer, repõe sua alma nas mãos de Deus, ele possuía, pois, uma alma distinta de Deus, submissa a Deus; *logo, ele mesmo não era Deus*.

As palavras seguintes testemunham certa fraqueza humana, um receio da morte e dos sofrimentos que Jesus vai padecer, as quais contrastam com a natureza essencialmente divina que lhe é atribuída; elas, porém, testemunham ao mesmo tempo uma submissão própria do inferior para com o superior.

“Então, Jesus chegou em um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: Sentem-se aqui enquanto eu vou até lá para orar. E, tendo tomado consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, *ele começou a entristecer-se e a ficar em grande aflição*. Aí, ele lhes disse: *Minha alma está triste até à morte*; fiquem aqui e velem comigo. E, indo um pouco mais longe, ele prosternou o rosto, pedindo e dizendo: *Meu Pai, se for possível, faça este cálice afastar-se de mim*; não obstante, que isto aconteça, não *como eu o desejo*, mas *como o Senhor o deseja*. Ele veio em seguida até seus discípulos e, tendo-os encontrado dormindo, disse a Pedro: *Quê! Você não conseguiu velar uma hora comigo?* — Vele e ore, a fim de que não caia nunca na tentação. A mente está preparada, mas a carne é fraca. Ele foi ainda orar uma segunda vez, dizendo: *Meu Pai, se não for possível passar sem que eu beba deste cálice, que seja feita sua vontade*.” (Jesus no Jardim das Oliveiras. *São Mateus*, cap. xxvi, vv. 36 a 42.)

“Então, ele lhes disse: *Minha alma está triste até à morte*; fiquem aqui e velem. E, tendo ido um pouco mais longe, ele se prosternou, pedindo que, se fosse possível, *aquela hora se afastasse dele*. E dizia:

Aba¹¹, meu Pai, *tudo lhe é possível; leve este cálice para longe de mim*; não obstante, que sua vontade seja feita e não a minha.” (São Marcos, cap. xiv, vv. 34 a 36.)

“Quando chegou àquele lugar, ele lhes disse: Fiquem orando, a fim de não sucumbirem de forma alguma à tentação. E, tendo-se afastado deles cerca de um arremesso de pedra, ele se pôs de joelhos, rogando: Meu Pai, se for desejo seu, *afaste este cálice de mim*; não obstante, que não seja *feita minha vontade*, mas a *sua*. Então lhe apareceu um anjo do céu que veio para fortalecê-lo. E, tendo caído em agonia, ele redobrava suas preces. E lhe veio um suor formado de gotas de sangue, o qual escorria até o chão.” (São Lucas, cap. xxii, vv. 40 a 44.)

“E, na nona hora, Jesus lançou um grande grito, dizendo: *Eli! Eli! Lamma sabachthani?*, o que quer dizer: *Meu Deus! Meu Deus! Por que o Senhor me abandonou?*” (São Mateus, cap. xxvii, v. 46.)

“E, na nona hora, Jesus lançou um grande grito, dizendo: *Meu Deus! Meu Deus! Por que o Senhor me abandonou?*” (São Marcos, cap. xv, v. 34.)

As passagens seguintes poderiam deixar alguma incerteza e fazer crer em uma identificação de Deus com a pessoa de Jesus; mas, além de elas não poderem prevalecer sobre os termos precisos das anteriores, trazem ainda, em si mesmas, sua própria retificação.

“Eles lhe perguntaram: Quem é você, então? Jesus lhes respondeu: *Eu sou o princípio de todas as coisas*, eu mesmo que lhes falo. Eu tenho muitas coisas a dizer de vocês e de julgá-las em vocês; *mas quem me enviou é verdadeiro*, e eu só digo o que aprendi com ele.” (São João, cap. viii, vv. 25 e 26.)

“O que meu Pai me deu é maior que todas as coisas; e ninguém o consegue arrancar da mão de meu Pai. *Meu Pai e eu, nós somos u’a mesma coisa.*” (São João, cap. x, vv. 29 e 30.)

Quer dizer que seu pai e ele são *apenas um através do pensamento*, já que ele exprime o *pensamento* de Deus; já que ele possui a *palavra* de Deus.

“Então, os judeus pegaram pedras com que lapidá-lo. E Jesus lhes perguntou: Eu fiz perante vocês muitas obras boas *através do poder de meu pai*: por qual é que vocês me lapidam? Os judeus lhe responderam: Não é por nenhuma boa obra que nós o lapidamos, mas por causa de sua blasfêmia e porque, sendo homem, você se passa por Deus. Jesus lhes redarguiu: Não está escrito em sua lei: *Eu disse que vocês são deuses?* Logo, se são chamados de deuses aqueles a quem a palavra de Deus era dirigida e se a Escritura não pode ser destruída, por que dizem vocês que eu blasfemo, eu, a quem meu Pai santificou e enviou ao mundo, porque tenho dito que eu sou o filho de Deus? Caso eu não realize as obras de meu Pai, não creiam em mim; mas, se eu as realizo, caso vocês não queiram crer em mim, creiam em minhas obras, a fim de que saibam e acreditem que meu Pai está em mim, e eu, em meu Pai.” (São João, cap. x, vv. 31 a 38.)

Em um outro capítulo, dirigindo-se a seus discípulos, ele lhes diz:

“Naquele dia, vocês saberão que *eu estou em meu Pai e vocês, em mim, e eu, em vocês.*” (São João, cap. xiv, v. 20.)

A partir destas palavras, não se deve concluir que Deus e Jesus são *apenas um*, caso contrário se deveria concluir também, a partir das mesmas palavras, que os apóstolos são, igualmente, *apenas um* com Deus.

IV. Palavras de Jesus após sua morte.

“Jesus lhe respondeu: Não me toque, pois eu não subi ainda até meu Pai; mas vá encontrar meus irmãos e lhes diga, de minha parte: *Eu subo até meu Pai e seu Pai, até MEU DEUS e seu Deus.*” (Aparição a Maria Madalena. São João, cap. xx, v. 17.)

“Mas Jesus, aproximando-se, lhes falou assim: Todo o poder *me foi dado*, no céu e na terra.” (Aparição aos Apóstolos. São Mateus, cap. xxviii, v. 18.)

¹¹ *Aba* significa *pai*, em sentido moral e não físico. Valemo-nos da expressão original para não resultar: *Pai, meu Pai*. (Nota do tradutor.)

“Ora, vocês são testemunhas destas coisas; e eu vou enviar-lhes o *dom de meu Pai*, que lhes foi prometido.” (Aparição aos Apóstolos. *São Lucas*, cap. xxiv, vv. 48 e 49.)

Tudo aponta, portanto, nas palavras de Jesus, seja em vida, seja após sua morte, para uma dualidade de pessoas perfeitamente distintas, como também para o profundo sentimento de sua inferioridade e de sua subordinação em relação ao ser supremo. Por sua insistência em afirmá-lo espontaneamente, sem para isso ser constringido nem provocado por quem quer que seja, parece querer protestar por antecipação contra o papel que ele previa que lhe atribuiriam um dia. Se ele houvesse guardado silêncio sobre o caráter de sua personalidade, o campo teria ficado aberto a todas as suposições assim como a todos os sistemas; mas a precisão de sua linguagem arreda qualquer incerteza.

Que autoridade se pode achar maior que as próprias palavras de Jesus? Quando ele diz, categoricamente: eu sou ou eu não sou tal coisa, quem ousaria se arrogar o direito de lhe dar um desmentido, ainda que fosse para colocá-lo mais alto do que ele mesmo se coloca? Quem é que pode racionalmente pretender ser mais esclarecido que ele, quanto à sua própria natureza? Que interpretações conseguem prevalecer contra afirmações tão formais e tão veementes quanto as seguintes?

“Eu não vim por mim mesmo, mas quem me enviou é o único Deus verdadeiro. — É de sua parte que eu vim. — Eu digo o que eu vi na casa de meu Pai. — Não é absolutamente a mim que compete conceder-lhes isso, mas isso será concedido àqueles a quem meu Pai o preparou. — Eu vou para meu Pai, porque meu Pai é maior que eu. — Por que você diz que sou bom? Só Deus existe que seja bom. — Eu nada disse por mim mesmo; mas foi meu Pai, que me enviou, quem me prescreveu, por seu mandamento, o que eu devo dizer. — Minha doutrina não é minha doutrina, mas a doutrina de quem me enviou. — A palavra que vocês ouviram não foi em absoluto minha palavra, mas a de meu Pai, que me enviou. — Eu não executo nada por mim mesmo, mas eu só digo o que meu Pai me ensinou. — Eu não posso realizar nada por mim mesmo. — Eu não busco minha vontade, mas a vontade de quem me enviou. — Eu que lhes disse a verdade que aprendi de Deus. — Meu alimento é fazer a vontade de quem me enviou. — O Senhor, que é o único deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem o Senhor enviou. — Meu Pai, eu reponho minha alma em suas mãos. — Meu Pai, se for possível, faça este cálice afastar-se de mim. — Meu Deus, meu Deus, por que o Senhor me abandonou? — Eu subo até meu Pai e seu Pai, até meu Deus e seu Deus.”

Quando se leem tais palavras, a gente se pergunta como foi possível vir ao pensamento atribuí-lhes um sentido diametralmente oposto ao que elas exprimem tão claramente, e conceber uma identificação completa de *natureza* e de *poder* entre o senhor e quem se diz seu servo. Neste grande processo que dura faz quinze séculos, quais são as peças de convicção? Os Evangelhos — não existem outras —, os quais, sobre o ponto em litígio, não propiciam nenhum equívoco. A documentos autênticos, que não podem ser contestados sem arguir de falsa a veracidade dos evangelistas e mesmo a de Jesus, documentos estabelecidos através de testemunhos oculares, o que lhes é oposto? Uma doutrina teórica puramente especulativa, nascida três séculos mais tarde de uma polêmica referente à natureza abstrata do Verbo, vigorosamente combatida durante muitos séculos, e que só prevaleceu através da pressão de um poder civil absoluto.

V. Dupla natureza de Jesus.

Alguém poderia objetar que, em razão da dupla natureza de Jesus, suas palavras eram a expressão de seu sentimento como homem e não como Deus. Sem examinar neste momento por qual encadeamento de circunstâncias a pessoa se deixou conduzir, bem mais tarde, à hipótese

daquela dupla natureza, admitamo-la por um instante e vejamos se, ao invés de elucidar a questão, ela não a complica mais, a ponto de torná-la insolúvel.

O que devia ser humano em Jesus era o corpo, a parte material; a partir deste ponto de vista, compreende-se que ele pudesse e mesmo devesse sofrer como homem. O que devia ser divino nele é a alma, o Espírito, o pensamento, em suma, a parte espiritual do ser. Se ele sentia e sofria como homem, ele devia pensar e falar como Deus. Falava ele como homem ou como Deus? Eis aqui uma questão importante quanto à autoridade excepcional de seus ensinamentos. Se ele falava como homem, suas palavras são controvertíveis; se ele falava como Deus, elas são indiscutíveis; é preciso aceitá-las e conformar-se a elas sob pena de deserção e de heresia; o mais ortodoxo será quem mais se aproximar delas.

Dirá alguém que, sob seu invólucro corpóreo, Jesus não tinha consciência de sua natureza divina? Mas, se fosse assim, ele não teria mesmo *pensado como Deus*, sua natureza divina teria permanecido em estado latente; apenas a natureza humana teria presidido sua missão, seus atos morais, assim como seus atos materiais. Logo, é impossível abstrair sua natureza divina durante sua vida, sem diminuir sua autoridade.

Mas, se ele *falou como Deus*, por que aquele incessante protesto contra sua natureza divina, que, neste caso, ele não podia ignorar? Logo, ele estaria enganado, o que seria pouco divino, ou ele teria cientemente enganado o mundo, o que o seria menos ainda. Parece-nos difícil sair deste dilema.

Caso se admita que ele falou quer como homem, quer como Deus, a questão se complica pela impossibilidade de distinguir o que vinha do homem do que vinha de Deus.

No caso em que ele teria tido motivos para dissimular sua verdadeira natureza durante sua missão, o meio mais simples era não falar disso, ou exprimir-se, como ele o fez em outras circunstâncias, de um modo vago e figurado sobre os pontos cujo conhecimento se reservava ao futuro; ora, não é este o caso aqui, já que aquelas palavras não apresentam qualquer ambiguidade.

Enfim, caso, malgrado todas estas considerações, alguém pudesse ainda supor que, em vida, ele tenha ignorado sua verdadeira natureza, esta opinião não é mais admissível após sua ressurreição; pois, quando ele aparece a seus discípulos, não é mais o homem que fala, é o Espírito separado da matéria, o qual deve ter recobrado a plenitude de suas faculdades espirituais e a consciência de seu estado normal, de sua identificação com a divindade; no entanto, é então que ele diz: *Eu subo até meu Pai e seu Pai, até meu Deus e seu Deus!*

A subordinação de Jesus é ainda indicada através de sua qualidade mesma de mediador, a qual implica a existência de uma pessoa distinta; é ele quem intercede junto a seu Pai; quem se oferece em sacrifício para redimir os pecadores; ora, caso ele mesmo fosse Deus, ou se fosse *igual a ele em todas as coisas*, ele não teria necessidade de interceder, pois não se intercede junto a si mesmo.

VI. Opinião dos apóstolos.

Até agora, nós viemos apoiando-nos exclusivamente nas palavras mesmas do Cristo, como o único elemento peremptório para os convencimentos, porque, além disso, só podem existir opiniões pessoais.

De todas estas opiniões, as que possuem mais valor são incontestavelmente as dos apóstolos, considerando que eles o assistiram em sua missão, e que, caso ele lhes tenha dado instruções secretas no tocante a sua natureza, se encontrariam traços disso em seus escritos.

Havendo vivido em sua intimidade, eles deviam conhecê-lo melhor que ninguém. Vejamos, portanto, de que modo eles o consideraram.

“Ó israelitas, escutem as palavras que eu lhes vou dizer: Vocês sabem que *Jesus de Nazaré foi um homem que Deus tornou célebre entre vocês* pelas maravilhas, os prodígios e os milagres que Deus realizou através dele no meio de vocês. Não obstante, vocês o crucificaram e o fizeram morrer pelas mãos dos maus, apesar de ele lhes ter sido enviado *por uma ordem expressa da vontade de Deus* e por um decreto de sua presciência. *Mas Deus o ressuscitou*, cessando as dores do inferno, tornando impossível que ele ali ficasse retido. Pois Davi disse em seu nome: Eu tenho sempre o Senhor presente diante de mim, porque ele se acha à minha direita, a fim de que eu não seja abalado. Eis porque meu coração se rejubilou, porque minha língua entoou cânticos de alegria e porque minha carne mesma repousará esperançosa; porquanto o Senhor não deixará de modo algum minha alma no inferno; porquanto o Senhor não permitirá de modo algum que seu Santo experimente a corrupção. O Senhor me deu a conhecer o caminho da vida e o Senhor me tornará pleno da alegria que proporciona a visão de sua face.” (*Atos dos Apóstolos*, cap. II, vv. 22 a 28. Pregação de São Pedro.)

“Após ele ter sido elevado pelo poder de Deus e ter recebido o cumprimento da promessa que o *Pai lhe havia feito de enviar o Santo Espírito*, ele espalhou este Espírito Santo que vocês veem e ouvem agora; pois Davi não subiu em absoluto ao céu; ora, ele mesmo diz: *O Senhor disse a meu Senhor*: Sente-se à minha direita até que eu faça seus inimigos servir-lhe de escabelo. Que toda a casa de Israel saiba, assim, com toda a certeza, que *Deus transformou em Senhor e Cristo aquele Jesus que vocês crucificaram*.” (*Atos dos Apóstolos*, capítulo II, vv. 33 a 36. Pregação de São Pedro.)

“Moisés disse a nossos pais: O Senhor seu Deus *lhes suscitará dentre seus irmãos um profeta como eu*; escutem-no em tudo o que ele lhes dirá. Quem não escutar esse profeta será exterminado do meio do povo.”

“Foi por vocês primeiramente que *Deus suscitou seu Filho*, e o enviou a vocês para abençoá-los, a fim de que cada um se convertesse de sua vida ruim.” (*Atos dos Apóstolos*, cap. III, vv. 22, 23 e 26. Pregação de São Pedro.)

“Nós lhes declaramos, a todos vocês e a todo povo de Israel, que é em nome de Nosso Senhor *Jesus Cristo de Nazaré*, o qual vocês crucificaram e *Deus ressuscitou* dentre os mortos; é por ele que este homem se acha agora curado, como vocês estão vendo diante de vocês.” (*Atos dos Apóstolos*, cap. IV, v. 10. Pregação de São Pedro.)

“Os reis da terra ergueram-se e os príncipes uniram-se todos juntos contra o *Senhor* e contra *seu Cristo*. Pois Herodes e Pôncio Pilatos, com os gentios e o povo de Israel puseram-se verdadeiramente juntos, nesta cidade, contra seu santo *Filho Jesus*, que o Senhor consagrou através de sua unção, para realizar tudo o que seu poder e seu desígnio ordenaram que deveria ser feito.” (*Atos dos Apóstolos*, cap. IV, vv. 26 a 28. Prece dos Apóstolos.)

“Pedro e os outros apóstolos responderam: É preciso antes obedecer a Deus e não aos homens. O Deus de nossos pais *ressuscitou a Jesus a quem vocês fizeram morrer ao pendurá-lo no madeiro*. Foi ele a quem Deus elevou à sua direita como sendo o príncipe e o salvador, para conceder a Israel a graça da penitência e a remissão dos pecados.” (*Atos dos Apóstolos*, cap. V, vv. 29 a 31. Resposta dos apóstolos ao grande sacerdote.)

“Foi esse Moisés que disse aos filhos de Israel: Deus lhes suscitará dentre seus irmãos *um profeta como eu*; escutem-no.”

“Mas o Altíssimo não habita de forma alguma nos templos feitos pela mão dos homens, conforme esta palavra do profeta: O céu é meu trono e a terra é meu escabelo. Que casa me edificarão?, pergunta o Senhor. E qual poderia ser o lugar de meu repouso?” (*Atos dos Apóstolos*, cap. VII, vv. 37, 48 e 49. Discurso de Estêvão.)

“Mas, achando-se Estêvão pleno do Santo Espírito e elevando os olhos aos céus, vê a glória de Deus, e *Jesus, que estava de pé à direita de Deus*, e diz: Eu vejo os céus abertos, e o *Filho do homem*, que se acha de pé à direita de Deus. Então, lançando grandes gritos e tapando os ouvidos, lançaram-se sobre ele todos juntos; e, havendo arrastado Estêvão para fora dos muros da cidade, eles o lapidaram; e as testemunhas depositaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo (mais tarde São Paulo). Assim eles lapidavam Estêvão, enquanto ele invocava Jesus, dizendo: Senhor JESUS, *receba meu espírito*.” (*Atos dos Apóstolos*, cap. VII, vv. 55 a 58. Martírio de Estêvão)

Estas citações dão claro testemunho do caráter que os apóstolos atribuíam a Jesus. A ideia exclusiva que ressaí daí é a de sua subordinação a Deus, da constante supremacia de Deus, sem que nada revele *um pensamento de qualquer assimilação de natureza e de poder*. Para eles, Jesus era um *homem profeta*, escolhido e abençoado por Deus. Logo, não foi entre os apóstolos que a crença na divindade de Jesus teve origem. São Paulo, que não havia conhecido Jesus mas que de ardente perseguidor se transforma no mais zeloso e no mais eloquente discípulo da nova fé, e cujos escritos prepararam as primeiras profissões de fé da religião cristã, não é menos explícito a este respeito. Consigna ele o mesmo sentimento de dois seres distintos e da supremacia do Pai sobre o filho.

“Paulo, servidor de Jesus Cristo, apóstolo da vocação divina, escolhido e destinado para anunciar o evangelho de Deus, o qual ele havia prometido anteriormente, através de seus profetas nas sagradas escrituras, *no tocante a seu filho, que nasceu, ele, conforme a carne, do sangue e da raça de Davi*; que foi predestinado a ser filho de Deus, com supremo poder, conforme o espírito de santidade, através da ressurreição dentre os mortos; no tocante, digo eu, a Jesus Cristo, nosso Senhor; através de quem nós recebemos a graça do apostolado, para fazer todas as nações obedecerem à fé através da virtude de seu nome; no meio das quais vocês se acham também, como tendo sido chamadas por Jesus Cristo; a vocês que estão em Roma, que são caros a Deus e chamados para serem santos; *que Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor, lhes deem a graça e a paz.*” (*Romanos*, cap. I, vv. 1 a 7.)

“Assim, achando-se justificados pela fé, desfrutemos a paz *com Deus, através de Jesus Cristo, nosso Senhor.*”

“Por que, quando nós nos achávamos ainda nos langores do pecado, foi Jesus Cristo morto por ímpios como nós, no tempo *destinado por Deus?*”

“Jesus Cristo não deixou de morrer por nós, no tempo *destinado por Deus*. Assim, achando-nos agora justificados por seu sangue, nós seremos, com maior razão, libertados *por ele da cólera de Deus.*”

“E não apenas nós nos reconciliamos, mas nós nos glorificamos mesmo *em Deus, através de Jesus Cristo*, nosso Senhor, através de quem nós obtivemos tal reconciliação.”

“Mas não sucede com o dom da graça como com o do castigo? Pois se, através do castigo de um só, muitos morrem, muito mais ainda a graça de Deus e o dom se distribuíram com abundância para muitos, *através da graça que se acha em um único homem, Jesus Cristo.*”¹²

“Se, através do pecado de um só, muitos morrem, a misericórdia e o dom de Deus se espalham, com maior razão, abundantemente, sobre muitos através da *graça de um só homem, que é Jesus Cristo.*” (*Romanos*, cap. V, vv. 1, 6, 9, 11, 15 e 17.)

“Se nós somos filhos, somos também herdeiros; *HERDEIROS de Deus e CO-HERDEIROS de Jesus Cristo*, contanto que, porém, soframos com ele.” (*Romanos*, cap. VIII, v. 17.)

“Caso vocês, pela boca, professem que Jesus Cristo é o Senhor e caso, pelo coração, creiam que *Deus o ressuscitou* dentre os mortos, vocês serão salvos.” (*Romanos*, cap. X, v. 9.)

“Em seguida, ocorrerá a consumação de todas as coisas, *quando ele houver entregue seu reino a Deus, seu Pai*, e quando houver destruído todo império, toda dominação, todo poder, pois Jesus Cristo deve reinar até que seu Pai tenha posto todos os seus inimigos sob o tacão. Ora, a morte será o último inimigo a ser destruído; pois a Escritura afirma que Deus lhe pôs tudo sob seu tacão e sujeitou tudo a ele; é indubitável que é preciso excetuar daí *quem sujeitou todas as coisas*. Logo, quando todas as coisas houverem sido sujeitas ao Filho, *então o Filho se achará sujeito, ele mesmo, a quem lhe houver submetido todas as coisas*, a fim de que Deus seja tudo em todos.” (*I Coríntios*, cap. XV, vv. 24 a 28.)

“Mas nós vemos que Jesus, que se havia tornado, por algum tempo, inferior aos anjos, foi coroado de glória e de honra por causa da morte que padeceu; Deus, por sua bondade, tendo desejado que ele morresse por todos, pois ele era mui digno de Deus, para quem e através de quem existem todas as coisas, querendo conduzir à glória muitos filhos, consumou e *aperfeiçoou através do sofrimento* quem devia ser o chefe e o autor da salvação deles. Por isso, quem santifica e os que são santificados *têm todos um mesmo princípio*; eis porque ele não se envergonha por chamá-los de *seus irmãos*, dizendo: Eu anunciarei seu nome a

¹² Apesar de relacionado na citação, o versículo 15 do capítulo V deixou de ser transcrito no original, com certeza por terminar de forma muito parecida com o de número 17, em seguida. Recompusemos o trecho através do texto em francês: Ro 5:15 Mais n'en est-il pas du don de grâce comme de la faute? car si, par la faute d'un seul, plusieurs sont morts, beaucoup plutôt la grâce de Dieu et le don ont abondé envers plusieurs, par la grâce qui est d'un seul homme, Jésus Christ. (Nota do tradutor.)

meus irmãos; eu cantarei seus louvores no meio da *assembleia de seu povo*. E, em outra passagem: eu colocarei minha confiança nele. E, em uma outra: eis-me aqui com *os filhos que Deus me deu.*”

“Eis porque foi preciso que fosse em tudo semelhante a seus irmãos, para ser *para Deus* um pontífice compassivo e fiel em seu ministro, a fim de expiar os pecados do povo. Pois foi das dores e dos sofrimentos mesmos, através dos quais ele foi tentado e afligido, que extraiu a virtude e a força de socorrer os que são também tentados.” (*Hebreus*, cap. II, vv. 9 a 13, 17 e 18.)

“Logo, vocês, meus sagrados irmãos, que compartilham a vocação celeste, considerem Jesus, que é o *apóstolo e o pontífice* da religião que nós professamos; que é fiel *a quem o estabeleceu neste cargo*, como Moisés lhe foi fiel com toda a sua casa; pois *ele foi julgado digno* de uma glória tanto maior que a de Moisés, como quem construiu a casa é mais estimável que a própria casa; pois não existe, de forma alguma, casa que não tenha sido construída por alguém. Ora, quem é o arquiteto e o *criador de todas as coisas é Deus.*” (*Hebreus*, cap. III, vv. 1 a 4.)

VII. Predições dos profetas concernentes a Jesus.

Além das afirmações de Jesus e da opinião dos apóstolos, existe um testemunho cujo valor os mais ortodoxos dos crentes não poderiam contestar, já que o mencionam repetidamente como se fosse um artigo de fé; é o testemunho de Deus mesmo; quer dizer, o dos profetas, falando sob inspiração e anunciando a vinda do Messias. Sendo assim, eis aqui as passagens da Bíblia consideradas como a predição desse grande evento.

“Eu o vejo, mas não agora; eu o enxergo, mas não de perto; uma estrela procedeu de Jacó, e um cetro se ergueu de Israel, e ele traspassará os chefes de Moabe, e destruirá todos os filhos de Sete.” (*Números*, XXIV, v. 17.)

“Eu lhes suscitarei um profeta, como você, *dentre seus irmãos*, e eu porei minhas palavras em sua boca, e lhes dirá ele *o que eu lhe houver mandado*. E acontecerá que qualquer um que não escutar as palavras *que houver dito em meu nome*, eu lhe pedirei conta.” (*Deuteronômio*, XVIII, vv. 18 e 19.)

“Acontecerá, então, quando os dias se completarem para que você vá para junto de seus pais, que eu farei erguer-se de sua posteridade *um de seus filhos*, e estabecerei seu reino. Ele me edificará uma casa e eu firmarei seu trono para sempre. *Eu serei pai para ele e ele será filho para mim*; e eu não retirarei minha misericórdia dele, como eu retirei de quem existiu antes de você, *e eu o estabecerei* em minha casa e em meu reino para sempre, e seu trono será firmado para sempre.” (*I Crônicas*, XVII, vv. 11 a 14.)

“Eis porque o Senhor mesmo lhes dará um sinal. Ei-lo: uma virgem engravidará e dará à luz um filho, e será seu nome Emanuel.” (*Isaías*, VII, v. 14.)

“Pois a criança nasceu para nós, o Filho foi dado a nós, e o império foi colocado sobre seu ombro, e será seu nome Admirável, Conselheiro, Deus Forte, Poderoso, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.” (*Isaías*, IX, v. 6.)

“Eis aqui *meu servo*, eu o sustentarei; *trata-se de meu eleito, minha alma ali colocou sua afeição; eu coloquei meu Espírito sobre ele*; ele exercerá a justiça entre as nações.”

“Ele não se retirará de modo algum, nem se precipitará jamais, até que tenha estabelecido a justiça na terra, e os seres se mantiverem sob sua lei.” (*Isaías*, XLII, vv. 1 e 4.)

“Ele desfrutará o trabalho de sua alma, e será saciado; e *meu servo* justo justificará a muitos, através do conhecimento que eles obterão dele, e ele mesmo carregará as iniquidades deles.” (*Isaías*, LIII, v. 11.)

“Rejuble-se muitíssimo, filha de Sião; lance gritos de júbilo, filha de Jerusalém! Eis aqui: seu rei virá a você, justo e salvador humilde, e montará em um asno, e no potro de uma jumenta. E eu suprimirei as carretas de guerra de Efraim, e os cavalos de Jerusalém, e o arco da guerra será também supresso e o rei falará de paz às nações; e seu domínio se estenderá desde um mar até ao outro mar, e desde o rio até aos extremos da terra.” (*Zacarias*, IX, vv. 9 e 10.)

“E ele (o Cristo) se manterá, e ele governará através da força do Eterno, e com a magnificência do nome do *Eterno seu Deus*. E eles voltarão, e agora ele será glorificado até aos extremos da terra, e será ele quem fará a paz. (*Miqueias*, v, vv. 4 e 5.)

A distinção entre Deus e seu futuro enviado se caracteriza da maneira mais formal; Deus o designa *seu servo*, por conseguinte, seu subordinado; nada, em suas palavras, implica a ideia de igualdade de poder, nem de consubstancialidade entre as duas pessoas. Logo, estaria Deus enganado, e os homens vindos *três séculos* após Jesus Cristo veriam mais corretamente que ele? Tal parece ser sua pretensão.

VIII. O Verbo se fez carne.

“No começo, existia o Verbo, e o Verbo existia com Deus, e o Verbo era Deus. Ele existia no começo com Deus. Todas as coisas foram criadas por ele; e nada do que ele criou foi criado sem ele. Nele existia a vida e a vida era a luz dos homens; e a luz brilhou nas trevas, e as trevas não a envolveram de forma alguma.

“Existiu aí um homem enviado por Deus chamado João. Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem através dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho de quem era a luz.

“Este era a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo. Ele se achava no mundo e o mundo foi criado por ele, e o mundo não o conheceu. Ele veio para sua casa e os seus não o receberam absolutamente. Mas ele concedeu a todos os que o receberam o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que creram em seu nome, que não são de forma alguma nascidos do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo.

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos sua glória, sua glória tal qual o Filho único devia receber do Pai; eu o afirmo, ele habitou entre nós, pleno de graça e de verdade.” (*São João*, cap. 1, vv. 1 a 14.)

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece conter implicitamente uma ideia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus; é também aquela sobre que se estabeleceria, mais tarde, a controvérsia sobre o tema. Esta questão da divindade de Jesus só apareceu gradualmente; ela nasceu das discussões a propósito das interpretações oferecidas por alguns às palavras *Verbo* e *Filho*. Apenas no quarto século é que ela foi adotada, em princípio, por uma parte da Igreja. Este dogma é, portanto, o resultado da decisão de alguns homens e não de uma revelação divina.

De início, convém observar que as palavras que nós citamos acima são de João, e não de Jesus, e que, admitindo-se que não tenham sido adulteradas, elas somente exprimem, realmente, uma opinião pessoal, uma indução em que se encontra o misticismo habitual de sua linguagem; logo, elas não poderiam prevalecer às afirmações reiteradas do próprio Jesus.

Mas, aceitando-as como estão, elas não explicam de forma alguma a questão no sentido da divindade, pois se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

De fato, o *Verbo* é Deus, porque é a palavra de Deus. Tendo Jesus recebido esta palavra diretamente de Deus, com a missão de revelá-la aos homens, ele a assimilou a si; a palavra divina, de que ele estava impregnado, encarnou-se nele; ele a trouxe ao nascer e, com razão, Jesus pôde dizer: *O Verbo se fez carne, e habitou entre nós*. Logo, Jesus tem como estar encarregado de transmitir a palavra de Deus, sem ser Deus ele mesmo, como um embaixador transmite as palavras de seu soberano, sem ser o soberano. De acordo com o dogma da divindade, é Deus quem fala; na outra hipótese, ele fala através da boca de seu enviado, o que não diminui em nada a autoridade de suas palavras.

Mas quem autoriza esta suposição de preferência à outra? Constituem as próprias palavras de Jesus a única autoridade competente para explicar a questão, quando diz: *Eu nada disse por mim mesmo; mas quem me enviou me prescreveu, por seu mandamento, o que eu devo dizer; minha doutrina não é minha doutrina, mas a doutrina de quem me enviou; a palavra que vocês ouviram não é em absoluto minha palavra, mas a de meu Pai, que me enviou.* É impossível exprimir-se com mais clareza e precisão.

A qualidade de *Messias* ou *enviado*, que lhe é atribuída em todo o transcurso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada em relação a quem ordena; quem obedece não pode igualar-se a quem comanda. João caracteriza esta posição secundária, e, por conseguinte, estabelece a dualidade das pessoas quando diz: *E nós vimos sua glória, tal como “o Filho único devia receber do Pai”*; pois quem recebe não pode ser igual a quem dá, e quem dá a glória não pode ser igual a quem a recebe. Caso Jesus seja Deus, ele possui a glória por si mesmo e não a espera de ninguém; se Deus e Jesus são um só ser com dois nomes diferentes, não poderia existir entre eles nem supremacia, nem subordinação; uma vez que não existe paridade absoluta de posição, é que se trata de dois seres distintos.

A qualificação do *Messias divino* não implica a igualdade entre o mandatário e o mandante, assim como a do *enviado real* entre um rei e seu representante.

Jesus era um messias divino por dois motivos: ele obteve sua missão de Deus e suas perfeições o punham em relação direta com Deus.

IX. Filho de Deus e Filho do homem.

O título de *Filho de Deus*, longe de implicar na igualdade, constitui antes o indício de uma submissão; ora, a gente se submete a outrem e não a si mesmo.

Para que Jesus fosse absolutamente igual a Deus, seria preciso que fosse como ele, por toda a eternidade, quer dizer, que ele fosse *incriado*; ora, o dogma afirma que Deus o *engendrou* por toda a eternidade; mas quem disse *engendrou* diz *criou*; que isto exista ou não por toda a eternidade, não deixa de ser uma criatura e, como tal, subordinada a seu Criador; eis a ideia implicitamente encerrada na palavra *Filho*.

Jesus nasceu dentro do tempo? Dito de outro modo: existiu um tempo, na eternidade passada, quando ele não existia? Ou ainda: é ele co-eterno com o Pai? Tais são as sutilezas a respeito de que se discutiu durante séculos. Em que autoridade se apoia a doutrina da co-eternidade transformada em dogma? Na opinião dos homens que a estabeleceram. Mas tais homens em que autoridade basearam sua opinião? Não foi na de Jesus, já que ele se declara subordinado; não foi na dos profetas, que o anunciam como o enviado e o servo de Deus. Em que documentos desconhecidos mais autênticos que os Evangelhos encontraram eles esta doutrina? Aparentemente, na consciência e na superioridade de suas próprias luzes.

Abandonemos, então, estas vãs discussões, que não acabariam jamais e cuja solução mesma, caso fosse possível, não tornaria os homens melhores. Afirmemos que Jesus é *Filho de Deus*, como todas as criaturas; ele o chama de seu Pai como nos ensinou a chamá-lo de *nosso Pai*. Ele é o *Filho bem-amado de Deus*, porque, tendo chegado à perfeição que o aproxima de Deus, possui toda a sua confiança e toda a sua afeição; ele mesmo afirma que é *Filho único*, não porque seja o único ser nesse nível, mas porque somente ele estava predestinado a cumprir aquela missão na Terra.

Se a qualificação de *Filho de Deus* parecia apoiar a doutrina da divindade, não se dava o mesmo com a de *Filho do homem* que Jesus se atribuiu em sua missão e que se constitui em assunto para muitos comentários.

Para compreender seu verdadeiro sentido, é preciso remontar à Bíblia, onde tal qualificação se acha aplicada pelo Senhor ao profeta Ezequiel.

“Tal foi aquela imagem da glória do Senhor que me foi apresentada. Tendo visto aquelas coisas, eu caí com o rosto no chão: e ouvi uma voz que me falou e me disse: *Filho do homem*, fique de pé e eu falarei com você. E o Espírito, tendo falado comigo daquela maneira, penetrou em mim, e me firmou em meus pés e eu ouvi que ele me falava e me dizia: *Filho do homem*, eu o envio aos filhos de Israel, até um povo apóstata que se retirou de mim. Eles violaram até este dia, eles e seus pais, a aliança que eu havia feito com eles.” (Ezequiel, cap. II, vv. 1 a 3.)

“Filho do homem, eis que eles lhe prepararam as cadeias; eles o prenderão com elas e você não se livrará delas de forma alguma.” (Ezequiel, cap. III, v. 25.)

“O Senhor me endereçou ainda sua palavra e me disse: E você, Filho do homem, eis aqui o que disse o Senhor Deus à terra de Israel: o fim vem vindo; e vem vindo este fim dos quatro cantos desta terra.” (Ezequiel, cap. VII, vv. 1 e 2.)

“No décimo dia do décimo mês do nono ano, o Senhor me endereçou a palavra e me disse: Filho do homem, marque bem este dia em que o rei da Babilônia reuniu suas tropas perante Jerusalém.” (Ezequiel, cap. XXIV, vv. 1 e 2.)

“O Senhor me disse ainda estas palavras: Filho do homem, eu vou feri-lo com uma chaga e arrebatá-lo o que é mais agradável a seus olhos; mas você não realizará de modo algum prantos fúnebres; você não chorará absolutamente, e não correrão lágrimas de forma alguma em suas faces. Você suspirará em segredo, e não portará luto de maneira alguma, como a gente faz para os mortos; sua coroa continuará presa em sua cabeça, e você calçará seus sapatos nos pés: você não cobrirá em absoluto o rosto nem comerá jamais as viandas que se oferecem aos que estão de luto. Eu falei, então, de manhã ao povo, e à noite minha mulher faleceu. Na manhã seguinte, eu procedi de acordo com o que Deus me havia ordenado. (Ezequiel, cap. XXIV, vv. 15 a 18.)

“O Senhor me falou ainda e me disse: Filho do homem, profetize no tocante aos pastores de Israel; profetize e diga aos pastores: Eis aqui o que diz o Senhor Deus: Coitados dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos: os pastores não apascentam seus rebanhos?” (Ezequiel, cap. XXXIV, vv. 1 e 2.)

“Então, eu escutei quem me falava dentro da casa; e o homem que estava próximo de mim me disse: Filho do homem, é aqui o lugar de meu trono: o lugar onde eu pousarei meus pés, e onde eu ficarei para sempre no meio dos filhos de Israel, e a casa de Israel não profanará mais meu santo nome no futuro, nem eles, nem seus reis, através de suas idolatrias, dos sepulcros de seus reis, nem dos altares.” (Ezequiel, cap. XLIII, vv. 6 e 7.)

“Pois Deus não ameaça jamais como o homem, e não entra jamais em fúria como o *Filho do homem*.” (Judite, cap. VIII, v. 15.)

É evidente que a qualificação de *Filho do homem* significa: *que nasceu do homem*, por oposição ao que se acha fora da humanidade. A última citação, extraída do livro de Judite, não deixa dúvida a respeito do significado desta expressão, empregada em um sentido muito literal. Deus só designou Ezequiel por este nome, sem dúvida, para lembrá-lo de que, malgrado o dom da profecia que lhe foi outorgado, ele não deixava de pertencer à humanidade, e a fim de que não se acreditasse de natureza excepcional.

Jesus atribuiu a si mesmo esta qualificação com notável persistência, pois apenas em muito raras circunstâncias é que ele se afirma *Filho de Deus*. Em sua boca, ela não pode ter outra significação senão a de lembrar que, ele também, pertence à humanidade; com isso, ele se identifica com os profetas que o precederam e aos quais ele se compara, fazendo alusão à sua morte, quando pergunta: JERUSALÉM, QUEM MATA OS PROFETAS? A insistência em se designar como filho do homem parece um protesto antecipado contra a condição que ele prevê que lhe será atribuída mais tarde, a fim de que seja muito bem comprovado que ela não saiu de sua boca.

É de se observar que, durante esta interminável polêmica, que foi a paixão dos homens durante uma longa sequência de séculos e que dura ainda, que acendeu as fogueiras e fez verter ondas de sangue, a gente disputou a respeito de uma abstração, a natureza de Jesus, com que se estabeleceu a pedra angular do edifício, conquanto disto ele não tenha tratado; é de observar também que a gente tenha esquecido uma coisa, ou seja, que o Cristo disse constituir-se *toda a lei e os profetas*: o amor de Deus e do próximo e a caridade, que ele transformou na condição expressa de salvação. Concentraram-se na questão da afinidade de Jesus com Deus e deixaram passar completamente em silêncio as virtudes que ele recomendou e de que ofereceu o exemplo.

Deus mesmo desapareceu perante a exaltação da personalidade do Cristo. No credo de Niceia, afirma-se, simplesmente: Nós cremos em um só Deus etc.; mas como é esse Deus? Absolutamente não se fez menção de seus atributos essenciais: a suprema bondade e a suprema justiça. Tais palavras teriam constituído a condenação dos dogmas que consagram sua parcialidade em relação a certas criaturas, sua inexorabilidade, seu ciúme, sua cólera, seu espírito vingativo, com os quais se cria autoridade para justificar as crueldades cometidas em seu nome.

Se o credo de Niceia, que se transformou no fundamento da fé católica, se achava conforme ao Espírito do Cristo, por que o anátema que o encerra? Não se acha aí a prova de que ele é obra da paixão dos homens? A que se deveu, de resto, sua adoção? À pressão do imperador Constantino, que havia feito dele uma questão mais política que religiosa. Sem que ele tivesse dado ordem, o concílio de Niceia não teria acontecido; sem a intimidação que ele exerceu, seria mais que provável que o arianismo¹³ o empolgasse. Logo, da autoridade suprema de um homem, que não pertencia à Igreja, que reconheceu publicamente mais tarde o erro que havia cometido e que inutilmente procurou voltar atrás conciliando os partidos, dependeu que nós não fôssemos arianos ao invés de católicos, e que o arianismo não fosse hoje a ortodoxia e o catolicismo, a heresia.

Após dezoito séculos de lutas e de vãs disputas, durante os quais se deixou completamente de lado a parte mais essencial do ensinamento do Cristo, a única que podia assegurar a paz da humanidade, a gente se entrega a estas discussões estereis que só trouxeram transtornos, engendraram a incredulidade e cujo objeto não satisfaz mais a razão.

Existe hoje em dia uma tendência manifesta da opinião geral para voltar às ideias fundamentais da primitiva Igreja e à parte moral do ensinamento do Cristo, porque é a única capaz de tornar os homens melhores. Ela é clara, positiva e não tem como ocasionar nenhuma controvérsia. Se a Igreja tivesse seguido esta via desde o princípio, seria hoje todo-poderosa, ao invés de se achar em seu declínio; ela teria reunido a imensa maioria dos homens ao invés de se achar dilacerada pelas facções.

Quando os homens avançarem sob esta bandeira, eles se auxiliarão fraternalmente, ao invés de se lançarem anátema e maldição, por questões que, na maior parte das vezes, não compreendem.

Tal tendência da opinião constitui o sinal de que chegou o momento de conduzir a questão para seu terreno real.

INFLUÊNCIA PERNICIOSA DAS IDEIAS MATERIALISTAS SOBRE AS ARTES EM GERAL

¹³ O arianismo, ou doutrina de Ário, negava a unidade e a consubstancialidade das três pessoas da Santíssima Trindade e, por isso mesmo, a divindade de Jesus Cristo. O concílio de Niceia, de 325, bem como o de Constantinopla, de 381, o condenaram. (Nota do tradutor.)

A regeneração delas através do espiritismo.

Lê-se no *Correio de Paris* de *O Mundo Ilustrado*, de 19 de dezembro de 1868:

“Carmouche escreveu mais de duzentas comédias e musicais, e é muito justo que nosso tempo saiba seu nome. É que é terrivelmente fugaz esta glória dramática que excita tantas cobiças. A menos que tenha assinado extraordinárias obras-primas, a pessoa se condena a ver cair seu nome no olvido, tão logo se deixe a linha de combate. Durante a luta mesmo, ela é ignorada pela maioria. O público, de fato, só se preocupa, ao ver o cartaz, com o título da peça; o nome de quem a escreveu pouco lhe importa. Experimente lembrar-se de quem assinou tal ou qual obra agradável cuja lembrança você guardou; quase sempre você se achará na impossibilidade de responder a isso. E quanto mais tempo houver passado, mais o fato se verifica: *as preocupações materiais substituindo mais e mais as preocupações artísticas*.”

“Carmouche, precisamente, contava a respeito uma anedota típica. Dizia ele: Meu alfarrabista, com quem eu conversava sobre seu pequeno comércio, exprimia-se assim: Isto aqui não vai mal, senhor; mas vem mudando; não são mais os mesmos artigos que se consomem. Antigamente, quando eu via chegar um rapaz de dezoito anos, nove vezes em dez era para me pedir um dicionário de rimas: hoje em dia, é para me pedir um manual de operações da bolsa.”

Se as preocupações materiais se sobrepõem aos cuidados artísticos, poderia ser de outro modo quando a gente se esforça em concentrar todos os pensamentos do homem sobre a vida carnal e em destruir-lhe toda esperança, toda aspiração para além desta existência? Esta consequência é lógica, inevitável, para quem não enxerga nada fora do pequeno círculo efêmero da vida presente. Quando a gente não enxerga nada atrás de si, nada diante de si, nada acima de si, em que é capaz de concentrar o pensamento se não no ponto em que se encontra? O sublime da arte é a poesia do ideal que nos transporta para fora da estreita esfera de nossa atividade; mas o ideal se acha precisamente nesta região além da matéria, onde se penetra apenas pelo pensamento, a qual é concebida pela imaginação, caso os olhos do corpo não na percebam; ora, que inspiração a mente consegue haurir no espírito do nada?

Poderia o pintor que apenas tivesse visto o céu brumoso, as estepes áridas e monótonas da Sibéria, e que acreditasse que lá se achasse todo o universo, conceber e descrever o esplendor e a riqueza de tons da natureza tropical? Como pretender que seus artistas e seus poetas os transportem para as regiões que eles não enxergam através dos olhos da alma, que não compreendem e em que mesmo não creem?

A mente só consegue identificar-se com o que sabe ou com o que julga uma verdade, e esta verdade, mesmo moral, se torna para ela uma realidade que tanto melhor exprime quanto melhor a sente; então, se à compreensão da coisa junta a flexibilidade do talento, ela transmite suas próprias impressões à alma dos outros; mas quais impressões é capaz de provocar quem não possui nenhuma?

A Terra constitui a realidade para o materialista: seu corpo é tudo, já que fora dele não existe nada, já que seu pensamento mesmo se extingue com a dissolução da matéria, como o fogo, com a falta de combustível. Ele somente é capaz de traduzir através da linguagem da arte o que ele enxerga e o que ele sente; ora, se ele enxerga e sente tão só a matéria tangível, não pode transmitir outra coisa. Onde ele enxerga apenas o vazio, não pode haurir nada. Caso se aventure naquele mundo desconhecido para ele, entra ali como um cego e, malgrado seus esforços para se elevar ao diapasão do ideal, fica no terra a terra como um pássaro sem asas.

A decadência das artes, neste século, é o resultado inevitável da concentração das ideias nas coisas materiais, e esta concentração, por sua vez, é o resultado da ausência de toda crença na espiritualidade do ser. O século apenas colhe o que semeou. *Quem semeia pedras não tem como colher frutos*. As artes tão só surtirão de seu torpor através de uma reação no sentido das ideias espiritualistas.

E como o pintor, o poeta, o literato, o músico conseguiriam ligar seu nome a obras duráveis, quando, em sua maior parte, eles mesmo não acreditam no futuro de seus trabalhos; quando não se apercebem absolutamente de que a lei do progresso, este poder invencível que arrasta os universos pela rota do infinito, lhes pede algo mais do que pálidas cópias das criações magistrais de artistas do passado. A gente se lembra de artistas como Fídias, Apeles, Rafael, Miguel Ângelo, faróis luminosos que se sobressaem na obscuridade dos séculos como brilhantes estrelas no meio de profundas trevas; mas quem pensará em contemplar a luz de um lampião lutando contra o fulgurante sol de um belo dia de verão?

O mundo avança a passos de gigante desde os tempos históricos; as filosofias dos povos primitivos foram transformando-se gradualmente. As artes, que se apoiam nas filosofias, que lhes constituem a consagração idealizada, tiveram, elas também, que se modificar e se transformar. É matematicamente correto afirmar que, sem crença, as artes não possuem absolutamente vitalidade possível, e que toda transformação filosófica acarreta necessariamente uma transformação artística paralela.

Em todas as épocas de transformação, as artes declinam, porque a crença em que se apoiam não é mais suficiente para as aspirações engrandecidas da humanidade, e porque, não estando os princípios novos ainda adotados de forma definitiva pela grande maioria dos homens, os artistas só ousam explorar de modo hesitante a mina desconhecida que se abre a seus pés.

Durante as épocas primitivas, quando os homens conheciam apenas a vida material, quando a filosofia divinizava a natureza, a arte buscou, antes de tudo, a perfeição da forma. A beleza corpórea era, então, a primeira das qualidades; a arte ocupou-se em reproduzi-la, em idealizá-la. Mais tarde, a filosofia entrou por uma via nova; os homens, ao progredirem, reconheceram acima da matéria um poder criador e organizador, que recompensava os bons, que punia os maus, que fazia da caridade uma lei; um mundo novo, o mundo moral, edificou-se sobre as ruínas do antigo mundo. Desta transformação nasceu uma arte nova, que fez palpitar a alma sob a forma e juntou à perfeição plástica, a expressão de sentimentos desconhecidos dos antigos.

O pensamento viveu sob a matéria; mas revestiu as formas severas da filosofia com a qual a arte se inspirava. Às tragédias de *Ésquilo*, aos mármores de *Milo*¹⁴, sucederam as descrições e as pinturas das torturas físicas e morais dos condenados. A arte elevou-se; ela revestiu um caráter grandioso e sublime, mas sombrio ainda. De fato, ela se acha de todo na pintura do inferno e do céu da Idade Média, pintura dos sofrimentos eternos ou de uma beatitude tão longe de nós, tão alto situada, que nos parece quase inacessível; eis talvez porque esta última nos toca tão pouco, quando nós a vemos reproduzida na tela ou no mármore.

Ainda hoje, ninguém poderia contestar, o mundo se acha em um período de transição, dividido entre os hábitos decrépitos, as crenças insuficientes do passado e as verdades novas que lhe são progressivamente desveladas.

Como a arte cristã sucedeu a arte pagã, transformando-a, a arte espírita será o complemento e a transformação da arte cristã. O espiritismo nos mostra, de fato, o futuro sob uma luz nova e mais a nosso alcance; através dele, a felicidade se acha mais perto de nós, se acha ao nosso lado, nos Espíritos que nos rodeiam e que não deixaram jamais de estar em relações

¹⁴ Ao contrário do que poderia parecer pela sugestão do paralelismo entre *Ésquilo*, poeta grego a quem se credita a criação da tragédia grega, e *Milo*, este é o nome de uma ilha grega do mar Egeu, onde, entre outras esculturas, foi encontrada, em 1820, a *Vênus de Milo*. (Nota do tradutor.)

conosco. As moradas dos eleitos e dos condenados não se acham mais isoladas; existe incessante solidariedade entre o céu e a terra, entre todos os mundos de todos os universos; a felicidade consiste no amor mútuo de todas as criaturas chegadas à perfeição, e em uma constante atividade tendo por fim instruir e conduzir para a mesma perfeição os que se acham atrasados. O inferno está no coração mesmo do culpado, que encontra o castigo em seus remorsos, contudo, ele não é eterno e, ao voltar o mau à senda do arrependimento, reencontra a esperança, esta sublime consolação dos infelizes.

Que fontes inesgotáveis de inspirações para a arte! Quantas obras-primas de todos os gêneros as ideias novas não poderão originar, através da reprodução das cenas tão múltiplas e tão variadas da vida espírita?! Ao invés de representar os despojos frios e inanimados, veremos a mãe tendo a seu lado sua filha querida, em sua forma radiosa e etérea: a vítima perdendo seu carrasco; o criminoso fugindo em vão do espetáculo que renasce sem cessar de suas ações culposas! O isolamento do egoísta e do orgulhoso, no meio da multidão; a confusão do Espírito que nasce para a vida espiritual etc. etc.; e se o artista deseja elevar-se acima da esfera terrestre, aos mundos superiores, verdadeiros Edens onde os Espíritos adiantados desfrutam a felicidade adquirida, ou reproduzir algumas cenas dos mundos inferiores, verdadeiros infernos onde as paixões reinam soberanas, quantas cenas emocionantes, quantos quadros palpitantes de interesse não terá ele para reproduzir!

Sim, com certeza, o espiritismo abre à arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado; e, quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção, haurirá nesta fonte as mais sublimes inspirações e seu nome viverá nos séculos futuros, porque, *às preocupações materiais e efêmeras da vida presente, ele sobreporá o estudo da vida futura e eterna da alma.*

TEORIA DA BELEZA

É a beleza uma coisa de convenção e relativa a cada tipo? O que constitui a beleza junto a certos povos não é, para outros, uma tremenda feiura? Os negros se acham mais belos que os brancos e *vice-versa*. Neste conflito de gostos, existe uma beleza absoluta, e em que consiste ela? Somos nós realmente mais belos que os hotentotes e os cafres, e por quê?

Esta questão que, à primeira vista, parece alheia ao tema de nossos estudos, vincula-se a ele, no entanto, de uma forma direta, e atinge o futuro mesmo da humanidade. Ela nos foi sugerida, assim como sua solução, pela passagem seguinte de um livro muito interessante e muito instrutivo intitulado: *As Revoluções Inevitáveis no Globo e na Humanidade*, por Charles Richard.

O autor aplica-se em combater a opinião da degenerescência física do homem desde os tempos primitivos; ele refuta vitoriosamente a crença na existência de uma raça primitiva de gigantes, e se aplica a comprovar que, do ponto de vista da força física e do talhe, os homens de hoje em dia valem os antigos, caso mesmo não nos superem.

Passando para a beleza das formas, ele se exprime assim, a partir da página 41:

“No que concerne à beleza do rosto, à graça da fisionomia, a este conjunto que constitui a estética do corpo, a melhora é ainda mais facilmente comprovada.

“Para isto, é suficiente lançar um olhar nos tipos que as medalhas e as estátuas antigas nos transmitiram intactas através dos séculos.

“A iconografia de Visconti e o museu do Conde de Clarol constituem, entre muitas outras, duas fontes em que é fácil de haurir os elementos variados deste interessante estudo.

“O que choca, em primeiro lugar, naquele conjunto de rostos, é a rudeza dos traços, a *animalidade da expressão, a crueldade do olhar*. A gente sente, com um arrepio espontâneo, que se trata de pessoas que picariam vocês sem piedade, para dar de comer às suas moreias, assim como fazia Polião, rico *gourmet* de Roma e familiar de Augusto.

“O primeiro Bruto (Lúcio Júnio), o que fez cortar a cabeça a seus dois filhos e assistiu com sangue-frio a seu suplício, assemelha-se a uma ave de rapina. Seu perfil sinistro toma emprestado da águia e da coruja o que estes dois carneiros do ar possuem de mais feroz. A gente não pode duvidar, ao vê-lo, que não tenha merecido a vergonhosa honra que a história lhe confere; se ele matou seus dois filhos, certamente degolou a própria mãe pelo mesmo motivo.

“O segundo Bruto (Marco Júnio), que apunhalou César, seu pai adotivo, justamente na hora em que este contava mais com seu reconhecimento e seu amor, lembra, em seus traços, um ingênuo fanático; ele não apresenta sequer aquela beleza sinistra que o artista muitas vezes descobre na energia excessiva que incita ao crime.

“Cícero, brilhante orador, escritor espiritual e profundo, que deixou tão grande recordação de sua passagem neste mundo, apresenta um rosto achatado e comum, que devia torná-lo muito menos agradável de ver que de ouvir.

“Júlio César, grande, incomparável vencedor, herói dos massacres, que entrou no reino das sombras com um cortejo de dois milhões de almas que ele havia expedido em vida, é tão feio quanto seu predecessor, mas de um outro gênero... Sua cara magra e ossuda, posta sobre um longo pescoço ornado despropositadamente com um pomo-de-adão saliente, faz que pareça mais com um grande bufão¹⁵ estranho que com um grande guerreiro.

“Galba, Vespasiano, Nerva, Caracala, Severo Alexandre, Balbino não são apenas feios, mas horrorosos. É com dificuldade que, naquele museu de antigos tipos de nossa espécie, a vista consegue enxergar, aqui e ali, algumas figuras para saudar com simpatia. As de Cipião, o Africano, de Pompeu, de Cômodo, de Heliogábalo, de Antínoo, o favorito de Adriano, pertencem àquele pequeno número. Sem serem belas, no sentido moderno da palavra, aqueles rostos são, não obstante, regulares, de um aspecto agradável.

“As mulheres quase não são melhor tratadas que os homens, e ocasionam as mesmas observações. Lúvia, filha de Augusto, apresenta o perfil pontiagudo de uma fuinha; Agripina dá medo de ver, e Messalina, como para embaraçar Cabanis e Lavater¹⁶, parece uma empregada gorducha, mais apreciadora de uma boa comida que de outra coisa.

“Os gregos, é preciso dizê-lo, são, em geral, menos feios que os romanos. Os rostos de Temístocles e de Milcíades, entre outros, podem ser comparados aos mais belos tipos modernos. Mas Alcebíades, aquele ancestral longínquo de nossos Richelieu e de nossos Lauzun, cujas façanhas galantes abarrotam, por si sós, a crônica de Atenas, apresenta, como Messalina, bem pouco o físico de seu desempenho. Ao ver seus traços solenes e sua fronte reflexiva, a gente o tomara mais por um jurisconsulto agarrado a um texto de lei que por aquele audacioso galhofeiro, que se fazia exilar em Esparta unicamente para *cobrir a cabeça* daquele pobre rei Ágis e se vangloriar depois de ter sido o amante de uma rainha.

“Por menor que seja a primazia que se pode conceder, neste aspecto, aos gregos sobre os romanos, quem quer que se dê ao trabalho de comparar aqueles antigos tipos com os de nosso tempo reconhecerá, sem esforço, que o progresso se deu nesta direção como em todas as outras. Apenas será bom não se esquecer, nesta comparação, de que se trata aqui de classes privilegiadas, sempre mais belas que as outras, e que, por conseguinte, os tipos modernos a se oporem aos antigos têm de ser escolhidos nos salões e não nas tabernas. Pois a pobreza, coitada, em todos os tempos e sob todos os aspectos, não é bela nunca, e é precisamente assim para nos envergonhar e para nos forçar a acabar com ela um dia.

“Eu não desejo dizer, portanto, longe disso, que a feiura desapareceu inteiramente de nossas fronteiras, e que o molde divino se encontra, enfim, em todas as máscaras que vedam uma alma; longe de mim uma afirmação que tão facilmente poderia ser contestada por todo o mundo. Minha pretensão se limita

¹⁵ No original, *Gilles*, personagem típica da comédia popular, espécie de bufão ou palhaço ingênuo e covarde. (Nota do tradutor.)

¹⁶ João Gaspar Lavater foi o filósofo suíço que criou a *fisiognomia*, ciência que se propõe a conhecer as pessoas através do estudo da fisionomia, da interpretação dos traços faciais. Jorge Cabanis, médico e filósofo francês, em seu *Tratado do Físico e do Moral*, de 1802, estuda as relações entre o físico e o moral, do ponto de vista materialista. (Nota do tradutor.)

somente em verificar que, em um período de dois mil anos, *tão pouca coisa para uma humanidade que tem tanto para viver*, a fisionomia da espécie melhorou de um modo já sensível.

“Eu creio, além do mais, que os mais belos rostos antigos são inferiores aos que nós podemos diariamente admirar em nossas reuniões públicas, em nossas festas e até no movimento das ruas. Se eu não receasse ferir certos recatos e também excitar certas invejas, cem exemplos conhecidos de todos, no mundo contemporâneo, confirmariam a evidência do fato.

“Os que adoram o passado têm, continuamente, a boca cheia de sua famosa Vênus de Médicis, que lhes parece o ideal da beleza feminina, sem perceberem que aquela mesma Vênus passeia, todos os domingos, pelos bulevares de Arles, em tiragem de mais de cinquenta exemplares, e que existem poucas de nossas cidades, particularmente entre as do sul, que não possuam algumas...

“...Em tudo o que nós acabamos de dizer, nós comparamos nosso tipo atual apenas com o de povos que nos precederam de alguns milhares de anos somente. Mas, se, remontando mais longe nas eras, vasculharmos as camadas terrestres onde dormem os despojos das primeiras raças que habitaram nosso globo, a vantagem a nosso favor se tornará a tal ponto sensível que toda negação a respeito se desvanecerá por si mesma.

“Sob a influência teológica que havia detido Copérnico, Tycho Brahe, que perseguiu Galileu e que, nestes últimos tempos, obscureceu por um instante o gênio mesmo de Cuvier, a ciência hesitava em sondar os mistérios das épocas antediluvianas. O relato bíblico, aceito ao pé da letra em seu sentido mais estreito, parecia ter pronunciado a derradeira palavra sobre nossa origem e dos séculos que nos separam dela. Mas a verdade, impiedosa em seus acréscimos, findou por romper o casacão de ferro no qual desejavam aprisioná-la para sempre, e por colocar a nu as formas até então escondidas.

“O homem que vivia antes do dilúvio, na companhia dos mastodontes e dos ursos das cavernas e outros grandes mamíferos hoje desaparecidos, o homem fóssil, em suma, tanto tempo negado, encontrou-se finalmente e sua existência posta fora de dúvida. Os trabalhos recentes dos geólogos, particularmente os de Boucher de Perthes, de Filippi e de Lyell, permitem-nos agora avaliar os caracteres físicos desse venerável ancestral do gênero humano. Ora, malgrado os contos imaginados pelos poetas sobre a beleza original, malgrado o respeito que se deve a ele como antigo chefe de nossa raça, a ciência é obrigada a verificar que ele era de uma feiura prodigiosa.

“Seu ângulo facial não tinha mais que 70°; suas mandíbulas, de um volume considerável, achavam-se armadas de dentes longos e salientes; a testa era fugidia, os temporais achatados, o nariz amassado, as narinas largas; em suma, aquele pai venerável devia parecer mais com um orangotango que com seus filhos longínquos de hoje em dia. Caso não tivessem sido achados perto dele os machados de sílex que ele havia fabricado e, em alguns casos, os animais que traziam ainda os vestígios das feridas produzidas por aquelas armas informes, a gente teria podido duvidar do papel importante que ele representava em nossa filiação terrestre. Não apenas ele sabia fabricar os machados de sílex, mas ainda maças e pontas de dardos da mesma matéria. A galantearia antediluviana ia mesmo ao ponto de confeccionar braceletes e colares, com pequenas pedras arredondadas, que ornamentavam, naqueles tempos recuados, o braço e o pescoço do sexo encantador, que ficaria muito mais exigente depois, como cada qual pode convencer-se disso.

“Eu não sei o que pensarão disso as elegantes de nossos dias, cujas espáduas brilham de diamantes; quanto a mim, eu o confesso, não posso impedir uma emoção profunda, ao imaginar aquele primeiro esforço do homem, *mal separado da alimária*, para agradar sua companheira, pobre e nua como ele, no seio de uma natureza inóspita, sobre a qual sua raça deveria reinar um dia. Ó nossos longínquos ancestrais! Se vocês amavam já, sob suas faces rudimentares, como poderíamos nós duvidar de sua paternidade à vista desse sinal divino de nossa espécie?

“Portanto, está claro que esses humanos informes são nossos pais, já que nos deixaram vestígios de sua inteligência e de seu amor, atributos essenciais que nos separam do bruto. Nós podemos, pois, examinando-os atentamente livres dos aluviões que os cobrem, medir como com um compasso o progresso físico cumprido por nossa espécie desde sua aparição na Terra. Ora, este progresso que, há pouco, podia ser contestado pela mentalidade sistemática e pelos preconceitos de educação, adquire aqui tal evidência que só se pode reconhecê-lo e proclamá-lo.

“Alguns milhares de anos poderiam deixar dúvidas; algumas centenas de séculos as dissipam, incontestavelmente...

“... Quanto somos nós jovens e recentes em todas as coisas! Nós ignoramos ainda nosso lugar e nossa rota na imensidão do universo, e ousamos negar progressos que, por falta de tempo, não puderam ainda ser suficientemente comprovados. Crianças que somos, tenhamos, então, um pouco de paciência, e os séculos, ao nos aproximarem do fim, revelarão esplendores que escapam ao longe a nossos olhos que mal se estão entreabrindo.

“Mas, desde hoje, nós proclamamos sonoramente, já que a ciência agora nos permite isso, o fato capital e consolador do progresso, lento mas seguro, de nosso tipo físico na direção daquele ideal entrevisto pelos grandes artistas através das inspirações que o céu lhes envia para nos revelar seus segredos. O ideal não é um resultado mentiroso da imaginação, um sonho fugidio destinado a esconder, de tempos em tempos, nossas misérias; é um limite assinalado por Deus para nossos aperfeiçoamentos, limite infinito, porque somente o infinito, em todos os casos, é capaz de satisfazer nosso espírito e oferecer-lhe uma carreira digna dele.”

Destas observações judiciosas, resulta que a forma dos corpos vem modificando-se *em um sentido determinado*, e de acordo com uma lei, à medida que o ser moral vai desenvolvendo-se; que a forma exterior está em correlação constante com o instinto e os apetites do ser moral; que, mais seus instintos vão aproximando-se da animalidade, mais a forma vai aproximando-se dela, igualmente; enfim, que à medida que os instintos materiais vão purificando-se e vão dando lugar aos sentimentos morais, o invólucro exterior, que não se acha mais destinado à satisfação de necessidades grosseiras, vai revestindo formas cada vez menos pesadas, cada vez mais delicadas, em harmonia com a elevação e a delicadeza dos pensamentos. Assim, a perfeição da forma constitui a consequência da perfeição da mente: donde se pode concluir que o ideal da forma deve ser a que tomam os Espíritos no estado de pureza, a que tomam os poetas e os verdadeiros artistas, porque eles penetram, através do pensamento, nos mundos superiores.

Dizem, de há muito, que o semblante é o espelho da alma. Esta verdade, transformada em axioma, explica o fato corriqueiro de que certas feiuras desaparecem sob o reflexo das qualidades morais do Espírito, e de que muitíssimas vezes se prefira uma pessoa feia dotada de eminentes qualidades à que tenha tão só a beleza plástica. É que tal feiura consiste apenas nas irregularidades de forma, mas não exclui a finura dos traços precisa para a expressão dos sentimentos delicados.

Do que precede, podemos concluir que a beleza real consiste na forma que mais se aparta da animalidade e melhor reflete a superioridade intelectual e moral do Espírito, que constitui o ser principal. Influindo o moral sobre o físico, que ele torna adequado a suas necessidades físicas e morais, segue-se: 1.º) que o tipo da beleza consiste na forma mais adequada à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais; 2.º) que, à proporção que o homem vai elevando-se moralmente, seu invólucro vai aproximando-se do ideal da beleza, que é a beleza angélica.

O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; eles podem expressar bem as paixões violentas, mas não poderiam prestar-se às nuances delicadas do sentimento e às modulações de um espírito atilado.

Eis porque nós podemos, sem fatuidade, eu creio, afirmar que somos mais belos do que os negros e os hotentotes; mas nós também seremos, talvez, para as gerações futuras melhoradas, o que os hotentotes são em relação a nós; e quem sabe se, ao encontrarem nossos fósseis, elas não os tomarão como os de alguma variedade de animais.

Tendo sido este artigo lido na Sociedade de Paris, foi objeto de um número muito grande de comunicações, apresentando todas as mesmas conclusões. Nós só transcreveremos as duas seguintes, por serem as mais desenvolvidas:

Paris, 4 de fevereiro de 1869. — (Médium: Senhora Malet.)

Vocês pensaram corretamente: a fonte primária de toda bondade e de toda inteligência é também a fonte de toda beleza. O amor engendra a perfeição de tudo, e ele mesmo constitui a perfeição. — O espírito é

atraído a adquirir esta perfeição; esta essência constitui seu destino. Ele tem, através de seu trabalho, de se aproximar da inteligência suprema e da bondade infinita; ele tem, assim, de também assumir, mais e mais, a forma perfeita que caracteriza os seres perfeitos.

Se, em suas sociedades infelizes, em seus globos ainda mal equilibrados, a espécie humana se acha tão longe dessa beleza física, isto advém do fato que a beleza moral está começando a se desenvolver ainda. A conexão entre estas duas belezas é algo certo, lógico e cuja intuição a alma possui já neste mundo. De fato, todos vocês sabem quanto é penoso o aspecto de um encantador semblante desmentido pelo caráter. Ao ouvirem falar de uma pessoa de mérito asseverado, vocês a revestem incontidamente com os traços mais simpáticos, e acabam dolorosamente impressionados à vista de um rosto que contradiga suas previsões.

Que concluir disto se não que, como de tudo que o futuro reserva, a alma vai adquirindo a presciência da beleza à medida que a humanidade vai progredindo e aproximando-se de seu tipo divino. Não elaborem jamais argumentos contrários a esta afirmação da decadência aparente em que se encontra a raça mais adiantada deste globo. Sim, é verdade, a espécie parece degenerar, abastardar-se; as doenças abatem-se sobre vocês antes da velhice; a infância mesma sofre de males que de hábito só aparecem em outra idade da vida; mas trata-se de uma transição. Sua época é má; ela finda e ela dá à luz; ela finda um período doloroso e dá à luz a uma época de regeneração física, de adiantamento moral, de progresso intelectual. A nova raça, de que já falei, possuirá mais faculdades, mais recursos para as obras do espírito; ela será maior, mais forte, mais bela. Desde o começo, ela se porá em harmonia com as riquezas da criação que sua raça, insatisfeita e fatigada, desdenha ou ignora; vocês farão grandes coisas por ela, ela se aproveitará disso e avançará na senda das descobertas e dos aperfeiçoamentos, com um ardor febril cujo poder vocês desconhecem.

Mais avançados também em bondade, seus descendentes farão o que vocês não terão podido fazer desta Terra infeliz: um mundo feliz onde o pobre não será nem rejeitado, nem menosprezado, mas socorrido por instituições pródigas e liberais. Já a aurora destes pensamentos está chegando; seu crepúsculo está para vir em alguns momentos. Amigos, eis o dia, enfim, em que a luz cintilará na Terra obscura e miserável, em que a raça será boa e bela conforme o nível de adiantamento que houver conquistado, em que o sinal colocado na frente do homem não será mais o da reprovação, mas um sinal de alegria e de esperança. Aí, a massa dos Espíritos adiantados virá alinhar-se entre os colonos desta Terra; eles se acharão em maioria e tudo cederá perante eles. A renovação se fará e a face do globo será alterada, pois aquela raça será grande e poderosa, e o momento em que ela vier assinalará o começo dos tempos felizes.

Pânfilo.

(Paris, 4 de fevereiro de 1869.)

A beleza do ponto de vista puramente humano é uma questão bastante discutível e bastante discutida. Para julgá-la bem, é preciso estudá-la com desinteressado amorismo: quem se acha extasiado não pode ter voz na assembleia. O gosto de cada um deve também ser levado em conta nas avaliações que se fazem.

Somente existe o belo, o realmente belo, no que é belo sempre e para todos: e essa beleza eterna, infinita, é a manifestação divina sob seus aspectos continuamente variados, é Deus em suas obras, em suas leis! Eis aí a única beleza absoluta. — É a harmonia das harmonias, e tem direito ao título de absoluta porque não se pode conceber nada de mais belo.

Quanto ao que se acordou chamar de belo, sendo realmente digno deste título, basta considerar apenas como algo essencialmente relativo, pois a gente pode sempre conceber algo mais belo, mais perfeito. Só existe uma beleza, só uma perfeição: Deus. Fora dele, tudo o que nós enfeitamos com tais atributos, não passa de pálido reflexo da beleza única, um aspecto harmonioso das mil e uma harmonias da criação.

Existem tantas harmonias quanto objetos criados, por conseguinte, tantas belezas típicas determinando o ponto culminante de perfeição quantas pode atingir uma das subdivisões do elemento animado. — A pedra é bela e diversamente bela. Cada espécie mineral possui suas harmonias, e o elemento que reúne todas as harmonias da espécie possui a soma de beleza a que a espécie pode alcançar.

A flor apresenta suas harmonias; ela também pode possuí-las todas ou separadas, e ser diferentemente bela, mas só será bela quando as harmonias que concorrem para sua criação se acharem harmoniosamente incorporadas. Dois tipos de beleza podem produzir, através de sua fusão, um ser híbrido, informe, de repugnante aspecto. Trata-se, então, de cacofonia! Todas as vibrações eram harmônicas

separadamente, mas a diferença de sua tonalidade produziu uma dissonância no encontro das ondas vibratórias; *daí a monstruosidade!*

Ao descer na escala criada, cada tipo animal possibilita as mesmas observações, e a ferocidade, a astúcia, a inveja mesmo poderão dar origem a belezas específicas, caso o princípio que determina a forma se ache sem mescla. A harmonia, mesmo no mal, produz o belo. Existe o belo satânico e o belo angélico; a beleza vigorosa e a beleza lânguida. — Cada sentimento, cada feixe de sentimentos, desde que o feixe seja harmonioso, produz um tipo de beleza particular, cujos aspectos humanos todos constituem, não degenerescências, mas delineações. Por isso é possível dizer, não que se trata do mais belo, mas que mais a gente vai aproximando-se da beleza real, à proporção que se vai elevando no sentido da perfeição.

Todos os tipos se unem harmoniosamente no perfeito. Eis aqui porque existe o belo absoluto. — Nós que progredimos, só possuímos uma beleza relativa, enfraquecida e combatida pelos elementos inarmônicos de nossa natureza.

Lavater.

A MÚSICA CELESTE

Um dia, em uma das reuniões da família, o pai havia lido uma passagem de *O Livro dos Espíritos* concernente à música celeste. Uma de suas filhas, boa musicista, dizia a si mesma: Mas não existe música no mundo invisível; isto lhe parecia impossível, contudo, ela não deu a conhecer seu pensamento. À noite, ela mesma escrevia, espontaneamente, a comunicação seguinte:

“Esta manhã, minha criança, seu pai lhe leu uma passagem de *O Livro dos Espíritos*; tratava-se de música; você aprendeu que a do céu possui uma beleza diferente daquela da Terra e que os Espíritos a acham bem superior à sua. Isto tudo constitui a verdade; no entanto, você se dizia consigo mesma: Como Bellini poderia vir dar-me conselhos e ouvir minha música? Trata-se provavelmente de algum Espírito leviano e farsante. (Alusão aos conselhos que o Espírito de Bellini lhe dava às vezes sobre a música.) Você se engana, minha criança: quando os Espíritos tomam um encarnado sob sua proteção, seu objetivo é o de fazê-lo adiantar-se.

“Assim, Bellini não considera mais sua música bela, porque não pode compará-la à do espaço, mas ele observa sua aplicação e seu amor por esta arte; se ele lhe dá conselhos, é por sincera satisfação; ele deseja que seu instrutor seja recompensado por todo o seu sacrifício; apesar de achar seu desempenho bem infantil, perante as sublimes harmonias do mundo invisível, ele avalia seu talento, o qual se pode considerar superior na Terra. Creia, minha criança, o som de seus instrumentos, suas vozes mais belas, não poderiam dar-lhes a mais fraca ideia da música celeste e de sua suave harmonia.”

Instantes depois, a jovem disse: “Papai, papai, eu estou dormindo, eu estou caindo.” Pronto ela se prostrou em uma poltrona, a gritar: “Oh! papai, papai, que música deliciosa!... Acorde-me, porque eu estou indo embora para lá.”

Os presentes, espantados, não sabiam como acordá-la; aí ela disse:

“Água, água.” De fato, algumas gotas jogadas em seu rosto produziram um rápido resultado; aturdida ainda, ela voltou a si lentamente, sem ter a menor consciência do que se havia passado.

Na mesma noite, estando o pai sozinho, obteve a explicação seguinte do Espírito de São Luís:

“Quando você lia para sua filha a passagem de *O Livro dos Espíritos* que tratava da música celeste, ela se achava na dúvida; não compreendia que pudesse existir música no mundo espiritual. Eis aí porque, esta

noite, eu lhe disse a verdade; não tendo podido persuadi-la disso, Deus permitiu, para convencê-la, que lhe fosse enviado um sono sonambólico. Então, desprendendo-se seu Espírito de seu corpo adormecido, projetou-se no espaço e foi admitido nas regiões etéreas; seu êxtase era produzido pela impressão da harmonia celeste; por isso ela gritou: Que música! Que música!, mas sentindo-se mais e mais arrebatada para as regiões elevadas do mundo espiritual, ela pediu para ser despertada, indicando-lhe o meio para isso, isto é, a água.

“Tudo se dá através da vontade de Deus. O espírito de sua filha não mais duvidará; conquanto ela não tenha, estando acordada, conservado a memória nítida do que se passou, seu Espírito sabe a que apegar-se.

“Agradeça a Deus as graças com que ele cumula aquela criança; agradeça-lhe por dignar-se, mais e mais, dar a conhecer a você sua onipotência e sua bondade. Que suas bênçãos se irradiem sobre você e sobre aquela médium, venturosa entre milhares!”

Observação. Talvez alguém pergunte que convicção pode redundar para a jovem do que ouviu, uma vez que não se lembra disso. Se, em vigília, os pormenores desapareceram de sua memória, o Espírito se recorda; resta-lhe uma intuição que modifica seus pensamentos; ao invés de se opor, ela aceitará sem dificuldade as explicações que lhe serão oferecidas, porque as compreenderá, e porque intuitivamente as achará de acordo com seu sentimento íntimo.

O que ocorreu aqui, em um fato isolado, em alguns minutos, durante a curta excursão que o Espírito da jovem realizou pelo mundo espiritual, é análogo ao que sucede de uma existência a outra, quando o Espírito que se encarna domina um assunto qualquer; ele se apropria, sem esforço, de todas as ideias que se correlacionam com aquele assunto, embora não se lembre, como homem, como as adquiriu. As ideias, ao contrário, para as quais não se acha amadurecido, penetram com dificuldade em seu cérebro.

Assim se explica a facilidade com que certas pessoas absorvem as ideias espíritas. Tais ideias outra coisa não fazem que despertar nelas as que já possuem; elas são espíritas ao nascer, como outras pessoas são poetas, músicos ou matemáticos. Elas compreendem desde a primeira palavra, sem precisarem de fatos materiais para se convencer. Eis incontestavelmente um sinal de adiantamento moral e do começo espiritual.

Na comunicação acima, se diz: “Agradeça a Deus as graças com que ele cumula aquela criança; que suas bênçãos se irradiem sobre você e sobre aquela médium, venturosa entre milhares!” Tais palavras pareceriam indicar uma graça, uma preferência, um privilégio, enquanto o espiritismo nos ensina que, sendo Deus supremamente justo, nenhuma de suas criaturas é privilegiada, e que ele não facilita mais a caminhada a uns que a outros. Sem dúvida alguma, a mesma estrada se acha aberta a todo o mundo, mas nem todos a percorrem com a mesma rapidez e com o mesmo resultado; nem todos aproveitarão igualmente as mensagens que recebem. O Espírito daquela criança, conquanto jovem como encarnado, viveu já muito sem dúvida, e com certeza progrediu.

Encontrando-a, assim, dócil a seus ensinamentos, os bons Espíritos se comprazem em instruí-la, como faz o professor em relação ao aluno em quem encontra felizes disposições; é a este título que se é um médium venturoso entre muitos outros que, em função de seu adiantamento moral, não alcançam nenhum resultado com sua mediunidade. Logo, não existe, neste caso, nem graça, nem privilégio, mas, de fato, uma recompensa; caso o Espírito deixasse de ser digno dela, cedo ele seria abandonado por seus bons guias, para ver acorrer em torno de si uma infinidade de maus Espíritos.

A MÚSICA ESPÍRITA

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o Presidente me deu a honra de solicitar minha opinião a respeito do estado atual da música e das modificações que lhe poderia causar a influência das crenças espíritas. Se eu não acedi de imediato a este benevolente e simpático apelo, podem crer, senhores, que apenas uma causa maior daria ensejo à minha abstenção.

Os músicos, ai de nós!, são homens como os outros, mais homens, talvez, e, a este título, são falíveis e sujeitos a pecar. Eu não fui isento de fraquezas e, se Deus me tornou a vida longa a fim de me proporcionar o tempo de me arrepender, a embriaguez do sucesso, a complacência dos amigos, as lisonjas dos bajuladores me furtaram muitas vezes tal remédio. Um maestro constitui um poder neste mundo em que o prazer representa um tão grande papel. Aquele cuja arte consiste em seduzir o ouvido, em enternecer o coração, vê que muitas ciladas surtem sob seus passos, e ali ele cai, o desgraçado! Ele se embriaga com a embriaguez dos outros; os aplausos lhe tapam os ouvidos, e ele caminha diretamente para o abismo, sem buscar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento.

Contudo, malgrado meus erros, eu tinha fé em Deus; eu acreditava na alma que vibrava em mim e, libertada de sua gaiola sonora, logo ela se reconheceu no meio das harmonias da criação e misturou sua prece com as que se elevam da natureza ao infinito da criação, ao Ser incriado!...

Eu estou feliz com o sentimento que provocou minha vinda para junto dos espíritas, pois foi a simpatia que a ditou, e, se a curiosidade me atraiu no começo, é a meu reconhecimento que vocês devem minha avaliação da questão que me foi proposta. Eu me achava lá, pronto para falar, crendo tudo saber, quando, ao cair, meu orgulho me desvendou minha ignorância. Eu quedei mudo e escutei: eu compareci, eu me instruí e, quando às palavras verdadeiras pronunciadas por seus instrutores se juntaram a reflexão e a meditação, eu disse para mim: O grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas segundo os homens, o que fez foi apenas, ai de mim!, debulhar umas pérolas menos perfeitas do escrínio musical criado pelo Mestre dos mestres. Rossini reuniu notas, compôs melodias, degustou no copo que contém todas as harmonias; ele roubou umas centelhas ao fogo sagrado, mas o fogo sagrado nem ele nem outros criaram! — Nós não inventamos: nós copiamos do grande livro da natureza e a multidão aplaude quando nós não deformamos demasiado a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste! Quem poderia encarregar-se disto? Que Espírito sobre-humano seria capaz de fazer vibrar a matéria em unísono com esta arte encantadora! Que cérebro humano, que Espírito encarnado seria capaz de captar-lhe as nuances variadas ao infinito?... Quem possui a tal ponto o sentimento da harmonia?... Não, o homem não foi feito para tais situações!... Mais tarde?... Bem mais tarde!...

Até lá, eu virei logo, talvez, satisfazer seu desejo e lhes oferecer minha avaliação a respeito do estado atual da música, e referir-lhes as transformações, os progressos que o espiritismo poderá introduzir nela. — Hoje é demasiado cedo ainda. O tema é vasto, eu já o estudei, porém, ele me supera ainda; quando eu o dominar, caso isso seja possível, ou melhor, quando eu o houver estudado tanto quanto o estado de meu Espírito permitir-me, eu os satisfarei; mas preciso ainda de um pouco de tempo. Se tão só um músico é capaz de falar da música do futuro, ele tem de fazê-lo como um mestre, e Rossini não deseja absolutamente discorrer como um estudante.

Rossini.
(Médium, Senhor Desliens).

O silêncio que eu mantive sobre a questão que o Mestre da doutrina espírita me endereçou já foi explicado. Convinha, antes de tratar deste difícil tema, recolher-me, repassar minhas lembranças e condensar os elementos que estavam a meu alcance. Eu não tinha em absoluto de estudar a música, tinha somente de organizar os argumentos com método, a fim de apresentar um resumo capaz de fornecer a ideia de minha concepção a respeito da harmonia. Este trabalho, que eu não realizei sem dificuldade, está encerrado e estou pronto a submetê-lo à avaliação dos espíritas.

É difícil de definir a harmonia; é frequente confundirem-na com a música, com os sons resultantes de um arranjo de notas e com as vibrações dos instrumentos que reproduzem tal arranjo. Mas a harmonia não é absolutamente isso, como a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases: ela é

tangível; a luz que ela projeta é um reflexo da combinação, e não a chama em si: ela não é tangível. Aqui, o efeito é superior à causa. Assim sucede com a harmonia; ela resulta de um arranjo musical; trata-se de um efeito igualmente superior a sua causa: A causa é bruta e tangível; o efeito é sutil e não é tangível.

É possível conceber a luz sem chama e compreende-se a harmonia sem música. A alma se acha apta a perceber a harmonia sem qualquer concurso de instrumentação, como se acha apta a ver a luz sem qualquer concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que possui a alma: mais tal sentido esteja desenvolvido, melhor ela percebe a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma: ela é percebida em função do desenvolvimento de tal sentido. Fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina; a gente as possui em função dos esforços que são feitos para adquiri-las. Se eu comparo a luz e a harmonia, é para melhor dar-me a compreender, e também porque estes dois sublimes prazeres da alma são filhos de Deus e, por conseguinte, são irmãos.

A harmonia do espaço é tão complexa, apresenta tantos níveis que eu conheço e muitos mais ainda que estão escondidos de mim no éter infinito, que quem se acha colocado a uma certa altura de percepções fica como que tomado de espanto ao contemplar as harmonias diversas, que constituiriam, se estivessem juntas, a mais insuportável cacofonia; enquanto que, ao contrário, percebidas separadamente, elas constituem a harmonia particular de cada nível. Tais harmonias são elementares e grosseiras nos níveis inferiores; porém, elas levam ao êxtase nos níveis superiores. A harmonia que choca um Espírito de sutis percepções enleva um Espírito de percepções grosseiras; e, quando é dado ao Espírito inferior deleitar-se nas delícias das harmonias superiores, o êxtase o arrebatava e a prece penetra nele; o enlevo o transporta às esferas elevadas do mundo moral; ele vive uma vida superior à sua e desejaria viver sempre assim. Mas, quando a harmonia deixa de penetrar nele, ele acorda, ou melhor, ele adormece; em todos os casos, ele retorna à realidade de sua condição e, nos queixumes que ele deixa escapar por haver descido, se exala uma prece ao Eterno, para solicitar a força para tornar a subir. Trata-se para ele de um grande fator de incentivo.

Eu não tentaria fornecer a explicação dos efeitos musicais que produz o Espírito ao atuar sobre o éter; o que é certo é que o Espírito produz os sons que deseja; é certo também que ele não pode desejar o que não sabe. Por isso, quem abrange muitas coisas, quem possui a harmonia em si, quem se acha saturado dela, quem usufrui, por si mesmo, seu sentido íntimo, aquele nada impalpável, aquela abstração que constitui a concepção da harmonia, atua, quando quer, sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que o Espírito concebe e deseja. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia que este último carrega consigo se concretiza, por assim dizer; ela exala doce e suave como o perfume da violeta, ou muge como a tempestade, ou brilha como o relâmpago, ou se queixa como a brisa; ela é rápida como o raio, ou lenta como a nuvem; ela é entrecortada como um soluço, ou unida como um relvado; ela é revolta como uma catarata, ou calma como um lago; ela murmura como um riacho ou estrondeia como uma torrente. Ora ela possui a aspereza agreste das montanhas, ora o frescor de um oásis; ela é alternadamente triste e melancólica como a noite, alegre e jovial como o dia; ela é caprichosa como a criança, consoladora como a mãe e protetora como o pai; ela é desordenada como a paixão, límpida como o amor e grandiosa como a natureza. Quando se acha neste último estágio, ela se confunde com a prece, ela glorifica a Deus e põe arrebatado quem a produz ou a concebe.

Ó comparação! Comparação! Por que é preciso ser obrigado a empregá-la?! Por que é preciso dobrar-se a suas necessidades degradantes e tomar emprestadas à natureza tangível imagens grosseiras para dar a conceber a sublime harmonia na qual o Espírito se deleita?! E ainda, malgrado as comparações, a gente não consegue dar a compreender esta abstração, que constitui um sentimento, quando ela é causa, e uma sensação, quando ela se torna efeito.

O Espírito que possui o sentimento da harmonia é como o Espírito que possui a habilidade intelectual; eles usufruem continuamente, um e outro, a propriedade inalienável que acumularam. O Espírito inteligente, que ensina seu conhecimento aos que ignoram, experimenta a felicidade de ensinar, porque ele faz felizes os que instrui; o Espírito que faz ressoar o éter com os acordes da harmonia de que se impregna, experimenta a felicidade de ver satisfeitos os que o escutam.

A harmonia, o conhecimento e a virtude são as três grandes concepções do Espírito; a primeira o arrebatava, a segunda o esclarece, a terceira o eleva. Possuídas em suas plenitudes, elas se fundem e constituem a pureza. Ó Espíritos puros que as detêm! Desçam às nossas trevas e iluminem a nossa caminhada; mostrem-nos o caminho que vocês tomaram, a fim de que sigamos suas pegadas.

E, quando eu penso que estes Espíritos, cuja existência eu posso compreender, são seres finitos, átomos, em face do Senhor universal e eterno, minha razão fica confusa ao pensar na grandiosidade de Deus e na felicidade infinita que ele prova em si mesmo, somente pelo fato de sua pureza infinita, já que tudo o que a criatura adquire não passa de uma parcela que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar através da vontade, a cativar e a arrebatá-lo através da suavidade, a resplender através da virtude, então, o que deve produzir a fonte eterna e infinita donde ela é extraída? Se o Espírito, ser criado, chega a sorver em sua pureza tanta felicidade, que ideia se deve ter da que o Criador haure em sua pureza absoluta? Eterno problema!

O compositor que concebe a harmonia a traduz para a grosseira linguagem denominada música; ele materializa sua ideia, escrevendo-a. O artista apreende a forma e pega o instrumento que deve permitir-lhe reproduzir a ideia. O ar vibrado pelo instrumento leva-a ao ouvido que a transmite à alma do ouvinte. Mas o compositor foi incapaz de reproduzir inteiramente a harmonia que ele concebia, por falta de uma linguagem adequada; o executante, por sua vez, não compreendeu toda a ideia escrita, e o instrumento indócil de que se serve não lhe permite traduzir tudo o que ele compreendeu. O ouvido é atingido pelo ar grosseiro que o envolve e a alma recebe, enfim, através de um órgão rebelde, a horrível tradução da ideia eclodida na alma do maestro. A ideia do maestro era o seu sentimento íntimo; conquanto aviltada pelos fatores de instrumentação e de percepção, ela produz, contudo, sensações nos que a querem traduzir; estas sensações constituem a harmonia. A música as produziu: elas são efeitos desta última. A música se coloca a serviço do sentimento para produzir a sensação. O sentimento, no compositor, é a harmonia; a sensação, no ouvinte, também é harmonia, com a diferença de que é concebida por um e recebida por outro. A música é o *médium* da harmonia: ela a recebe e ela a fornece, como o refletor é o *médium* da luz, como você é o *médium* dos Espíritos. A música torna a harmonia mais ou menos aviltada, conforme ela seja melhor ou pior executada, como o refletor remete melhor ou pior a luz, segundo seja mais ou menos brilhante e polido, como o médium expressa melhor ou pior os pensamentos do Espírito, segundo seja mais ou menos flexível.

E agora que a harmonia se acha bem compreendida em sua significação, que se sabe que ela é concebida pela alma e transmitida para a alma, compreender-se-á a diferença que existe entre a harmonia da Terra e a harmonia do espaço.

Junto a vocês, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção; junto a nós, tudo é sutil: vocês possuem o ar, nós possuímos o éter; vocês possuem o órgão que obstrui e veda; entre nós, a percepção é direta, e nada a impede. Entre vocês, o autor é traduzido; entre nós, ele fala sem intermediário, e na língua que exprime todas as concepções. E, no entanto, as harmonias têm a mesma fonte; como a luz da Lua tem a mesma fonte que a do Sol, a harmonia da Terra não é mais que o reflexo da harmonia do espaço.

A harmonia é tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: trata-se de um sentimento. A gente só a compreende quando a possui, e a gente só a possui quando a adquire. O homem alegre não consegue explicar sua alegria; o que é medroso não consegue explicar seu medo; eles podem relatar os fatos que provocam esses sentimentos, defini-los, descrevê-los, mas os sentimentos permanecem sem explicação. O fato que causa a alegria de um não produzirá nada em outro; o objeto que ocasiona o temor em um produzirá a coragem em outro. As mesmas causas são seguidas de efeitos contrários; em física, isso não existe; em metafísica, isso existe. E existe porque o sentimento é propriedade da alma e porque as almas diferem entre si em sensibilidade, em impressionabilidade, em liberdade. A música, que é a segunda causa da harmonia percebida, penetra e enleva um e deixa outro frio e indiferente. Sucede que o primeiro se acha em estado de receber a impressão que produz a harmonia, e o segundo se acha em um estado contrário; ele escuta o ar que vibra, mas não compreende a ideia que ele lhe transmite. Este se entedia e adormece, aquele se entusiasma e chora. Evidentemente, o homem que saboreia as delícias da harmonia é mais elevado, mais purificado que aquele que ela não consegue penetrar; sua alma se acha mais apta a sentir; ela se desprende mais facilmente e a harmonia a ajuda a desprender-se; a harmonia a enleva e lhe permite ver melhor o mundo moral. Donde é preciso concluir que a música é essencialmente moralizadora, porque leva a harmonia às almas e porque a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música na alma, em seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão desta influência é geralmente ignorada. Sua explicação se acha inteira no fato de que a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Este sentimento existe em um certo nível, mas ele se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Quem se acha privado deste

sentimento é levado a ele aos poucos; e termina ele também por se deixar penetrar e se deixar arrastar pelo mundo ideal onde esquece, por um instante, os grosseiros prazeres que prefere à divina harmonia.

E agora, caso se considere que a harmonia brota do concerto do Espírito, deduzir-se-á disso que, se a música exerce uma boa influência na alma, a alma, que a concebe, exerce também uma influência na música. A alma virtuosa, que possui a paixão do bem, do belo, do grande, e que adquiriu a harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as almas mais couraçadas e de emocioná-las. Caso o compositor seja terra-a-terra, como transformará a virtude que ele desdenha, o belo que ele ignora e o grande que ele não compreende? Suas composições serão o reflexo de seus gostos sensuais, de sua levandade, de sua apatia. Elas serão ora licenciosas ou obscenas, ora cômicas ou burlescas; elas comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirão e os perverterão em lugar de melhorá-los.

O espiritismo, ao moralizar os homens, exercerá, assim, uma grande influência na música. Ele produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes dando a ouvir suas composições.

A gente rirá menos e chorará mais; a hilaridade cederá o lugar à emoção, a feiura, à beleza e o cômico, à honorabilidade.

Por outro lado, os ouvintes que o espiritismo dispuser para receber facilmente a harmonia saborearão, ao ouvirem a música séria, um encanto real; eles desdenharão a música frívola e licenciosa que se apossa das massas. Quando o grotesco e o obsceno forem substituídos pelo belo e pelo bom, os compositores desse tipo desaparecerão; pois, sem ouvintes, eles não ganharão nada, e é para ganhar que eles se depravam.

Oh! sim, o espiritismo influirá na música! Como seria de outra forma? Seu advento mudará a arte ao purificá-la. Sua fonte é divina, sua força a conduzirá por toda a parte em que existam homens para amar, para se elevar e para compreender; ele se tornará no ideal e no objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas lhe pedirão suas inspirações, e ele lhas fornecerá, pois ele é rico, ele é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini, em uma nova vida, voltará para continuar a arte que ele considera como a primeira de todas; o espiritismo será seu símbolo e a inspiração de suas composições.

Rossini.

(Médium, Senhor Nivart.)

A ESTRADA DA VIDA

A questão da pluralidade das existências desde há muito vem preocupando os filósofos, e mais de um viu na anterioridade da alma a única solução possível para os problemas mais importantes da psicologia; sem este princípio, eles se acharam paralisados a cada passo e acudados em um impasse donde só puderam sair com a ajuda da pluralidade das existências.

A mais forte objeção que se pode fazer a esta teoria é a ausência da lembrança das existências anteriores. De fato, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras, ou seja, deixar um corpo para tomar de pronto um outro sem a memória do passado, equivaleria ao nada, pois isto constituiria o nada do pensamento; isto constituiria outro tanto de pontos de partida novos sem ligação com os precedentes; isto constituiria uma ruptura contínua de todas as afeições que fazem o *charme* da vida presente e a esperança mais doce e mais consoladora do futuro; isto constituiria, enfim, a negação de toda responsabilidade moral. Uma tal doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça de Deus, quanto a de uma existência única com a perspectiva de uma eternidade absoluta de castigos para algumas faltas passageiras. Compreende-se, portanto, que os que fazem uma tal ideia da reencarnação a rejeitem, mas não é dessa forma que no-la apresenta o espiritismo.

A existência espiritual da alma, afirma-nos ele, é sua existência normal, com lembrança retrospectiva indefinida; as existências corpóreas mais não são que intervalos, curtas interrupções da existência espiritual, cuja soma não passa de u'a mínima parte da existência normal, absolutamente como se, em uma viagem de diversos anos, a gente estacionasse, de tempos em tempos, durante algumas horas. Se, durante as existências corpóreas, parece aí existir solução de continuidade pela ausência da recordação, a ligação se estabelece durante a vida espiritual, que não apresenta interrupção; a solução de continuidade existe, na realidade, apenas quanto à vida corpórea exterior e de relação; e aqui a ausência da recordação comprova a sabedoria da Providência, que não desejou que o homem ficasse por demais perturbado na vida real, onde existem deveres a cumprir; mas, no estado de repouso do corpo, no sono, a alma retoma em parte sua liberdade, restabelecendo-se, assim, a corrente interrompida somente durante a vigília.

A isto, a gente pode ainda fazer uma objeção e perguntar que proveito se consegue tirar de suas existências anteriores para sua melhora, se não se recorda das faltas cometidas. O espiritismo responde primeiro que a recordação de existências infelizes, juntando-se às misérias da vida presente, tornaria esta ainda mais penosa; logo, trata-se de um acréscimo de sofrimentos que Deus desejou poupar-nos; sem isto, qual não seria muitas vezes nossa humilhação ao pensarmos no que fomos! Quanto à nossa melhora, tal recordação é inútil. Durante cada existência, nós caminhamos alguns passos à frente; nós adquirimos algumas qualidades e nós nos despojamos de algumas imperfeições; cada uma delas constitui, assim, um novo ponto de partida, em que nós somos aquilo em que nos transformamos, em que nós nos tomamos pelo que somos, sem termos de nos inquietar com o que tenhamos sido. Caso, em uma existência anterior, nós tenhamos sido antropófagos, o que isso nos interessa, se nós não somos mais? Caso tenhamos apresentado um defeito qualquer de que não restem mais vestígios, trata-se de uma conta liquidada, com que não temos em absoluto de nos preocupar. Suponhamos, ao contrário, um defeito que só foi corrigido pela metade; o resto se achará na vida seguinte e é em corrigi-lo que é preciso ater-se. Tomemos um exemplo: um homem foi homicida e ladrão; ele foi punido por isso, seja na vida corpórea, seja na vida espiritual; ele se arrepende e se corrige da primeira propensão, mas não da segunda; na existência seguinte, ele não passará de ladrão; talvez um grande ladrão, mas não mais homicida; mais um passo adiante e ele não passará de ladrãozinho; um pouco mais tarde, ele não roubará mais, mas poderá apresentar a veleidade de roubar, a qual sua consciência neutralizará; depois, um derradeiro esforço e, havendo desaparecido todo traço da doença moral, ele será um modelo de probidade. Que lhe interessa, então, o que tenha sido? A recordação de haver perecido no patíbulo não seria uma tortura, uma humilhação perpétuas? Apliquem este raciocínio a todos os vícios, a todos os caprichos, e vocês conseguirão ver como a alma se melhora ao passar e repassar pelas estamenhas da encarnação. Não é Deus, assim, mais justo por haver tornado o homem o árbitro de seu próprio destino através dos esforços que ele consegue realizar para se melhorar, do que seria se tivesse feito sua alma nascer ao mesmo tempo que seu corpo, para condená-la a tormentos perpétuos por causa de erros passageiros, sem lhe oferecer os meios de depurar-se de suas imperfeições? Através da pluralidade das existências, seu futuro está em suas mãos; se ele consome muito tempo para melhorar-se, ele sofre as consequências disso; trata-se da suprema justiça, mas a esperança não lhe é tolhida jamais.

A comparação seguinte pode ajudar a compreender as peripécias da vida da alma.

Suponhamos uma longa estrada em cujo percurso se encontram, de longe em longe, mas em intervalos desiguais, florestas que se precisa atravessar; à entrada de cada floresta, a estrada larga e bela é interrompida e só retorna na saída. Um viajante segue pela estrada e entra na primeira floresta; mas lá, nada de trilha aberta; um dédalo inextricável no meio do qual ele se perde; a claridade do sol desaparece sob a espessa ramagem das árvores; ele erra sem saber aonde vai; enfim, após fadigas inauditas, ele chega aos confins da floresta, mas prostrado pela fadiga,

ferido pelos espinhos, machucado pelos seixos. Ali ele reencontra a estrada e a luz, e prossegue seu caminho, procurando curar-se de suas chagas.

Mais adiante, ele encontra uma segunda floresta, onde o aguardam as mesmas dificuldades; ele, porém, já possui um pouco de experiência e sai dali menos contundido. Em uma, ele topa com um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir e o impede de perder-se. A cada nova travessia, sua habilidade aumenta, se bem que os obstáculos venham sendo mais e mais facilmente vencidos; certo de reencontrar a bela estrada na saída, esta confiança o anima; depois, ele sabe orientar-se para encontrá-la mais facilmente. A estrada acaba no cimo de u'a montanha altíssima, donde ele enxerga todo o percurso desde o ponto de partida; ele vê também as diversas florestas que atravessou e se recorda das vicissitudes que experimentou, mas tal lembrança não apresenta nada de penoso, porque ele chegou ao fim; ele se acha na situação do velho soldado que, na calma do lar, se recorda das batalhas a que assistiu. As florestas dispostas pela estrada constituem para ele pontos negros em uma decoração branca; ele diz consigo:

“Quando eu me achava naquelas florestas, nas primeiras sobretudo, como elas me pareciam compridas para atravessar! Parecia-me que eu não chegaria jamais ao fim; tudo me parecia gigantesco e intransponível em torno de mim. E quando penso que, sem aquele bravo lenhador que me reconduziu ao bom caminho, eu talvez estivesse ali ainda! Agora que observo aquelas mesmas florestas do ponto em que estou, como se me afiguram elas pequenas! Parece-me que, com só um passo, eu teria podido vencê-las; bem mais minha vista as penetra, mais nelas eu distingo os pequeninos detalhes; eu vejo até os passos em falso que dei.”

Então, um velho lhe diz:

— Meu filho, ei-lo aqui ao término da viagem, mas um repouso indefinido cedo lhe causaria mortal aborrecimento e você começaria a ter saudade das vicissitudes que experimentou e que propiciavam a atividade para seus membros e para seu Espírito. Daqui você vê um grande número de viajantes na estrada que você percorreu e que, como você, correm o risco de se perderem na caminhada; você possui a experiência, você não receia mais nada; vá ao encontro deles e cuide, através de seus conselhos, de guiá-los, a fim de que cheguem mais cedo.

— Eu vou para lá alegremente, responde nosso homem; mas, acrescenta: por que não existe uma estrada direta do ponto de partida até aqui? Isso pouparia aos viajantes passar por aquelas abomináveis florestas.

— Meu filho, retoma o velho, olhe bem e você verá ali que muitos evitam um bom número delas; são os que, tendo adquirido mais cedo a experiência necessária, sabem pegar um caminho mais direto e mais curto; mas tal experiência é fruto do trabalho que as primeiras travessias exigiram, de sorte que aqui só chegam em função de seu mérito. Que saberia você mesmo, caso não houvesse passado por ali? A atividade que você teve de desdobrar, os recursos de imaginação que lhe foram precisos para traçar um caminho para si aumentaram seus conhecimentos e desenvolveram sua inteligência; sem isso, você seria tão noviço quanto em sua partida. E depois, ao procurar safar-se dos embaraços, você mesmo contribuiu para a melhora das florestas que atravessou; o que você fez é bem pouca coisa, é imperceptível; mas pense nos milhares de viajantes que fazem outro tanto e que, trabalhando inteiramente para si, trabalham, sem perceber, para o bem comum. Não é justo que eles recebam o salário de seu esforço através do repouso que desfrutam aqui? Que direito teriam a este repouso, caso não houvessem feito nada?

— Meu pai, responde o viajante, em uma daquelas florestas, eu encontrei um homem que me disse: “Na fronteira, existe um imenso abismo que é preciso vencer de um pulo; mas, de cada mil, apenas um tem sucesso; todos os outros caem no fundo em uma fornalha ardente e se perdem inexoravelmente.” Tal abismo, eu não o vi em absoluto.

— Meu filho, é que ele não existe, caso contrário, constituiria uma cilada abominável preparada para todos os viajantes que estão vindo a mim. Eu bem sei que eles precisam superar as

dificuldades, mas eu sei também que, cedo ou tarde, eles as superarão; caso eu houvesse criado algo impossível para um só, sabendo que ele deveria sucumbir, isto constituiria uma crueldade, e, com maior razão, caso eu o houvesse feito para a maior parte. O abismo é uma alegoria cuja explicação você vai ver. Olhe para a estrada no intervalo das florestas; entre os viajantes, você vê os que caminham ali lentamente, com um ar alegre; você vê aqueles amigos que se perderam de vista nos labirintos da floresta, como ficam felizes por se reencontrarem na saída; mas, ao lado deles, existem outros que se arrastam penosamente; eles estão estropiados e imploram a piedade dos transeuntes, pois sofrem cruelmente com as feridas que, por sua culpa, lhe causaram os espinheiros; mas eles irão sarar, e isto constituirá para eles uma lição de que se aproveitarão na nova floresta que terão de atravessar, e donde sairão menos contundidos. O abismo é a figura dos males que eles suportam, e ao dizer que de mil um só o transpõe, aquele homem teve razão, pois o número dos imprudentes é bem grande; mas ele errou ao dizer que, uma vez caído lá dentro, de lá não se sai mais; existe sempre uma abertura para chegar até mim. Vá, meu filho, vá mostrar tal abertura aos que se acham no fundo do abismo; vá amparar os feridos na estrada, e mostre o caminho aos que estão atravessando as florestas.

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma, em cujo percurso a gente é mais ou menos feliz; as florestas são as existências corpóreas, quando a gente trabalha para seu adiantamento, ao mesmo tempo que para a obra geral; o viajante que chega ao fim e que volta para ajudar os que ficaram para trás é a imagem dos anjos guardiães, dos missionários de Deus, que encontram sua bem-aventurança em seu desígnio, mas também na atividade em que eles se desdobram, tendo em vista praticar o bem e obedecer ao supremo Senhor.

AS CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE

Poucos homens existem que vivem sem preocupação com o amanhã. Se a gente se inquieta pelo que será após um dia de vinte e quatro horas, com maior razão é natural preocupar-se com o que será de nós após o grande dia da vida, pois não se trata de alguns instantes mas da eternidade. Viveremos ou não viveremos? Não existe meio-termo; trata-se de uma questão de vida ou de morte; é a suprema alternativa!...

Caso a gente interroge o sentimento íntimo da quase universalidade dos homens, todos responderão: "Nós viveremos." Esta esperança é para eles uma consolação. No entanto, uma pequena minoria se esforça, desde algum tempo sobretudo, para comprovar-lhes que eles não viverão. Esta escola fez prosélitos, é preciso confessá-lo, e principalmente entre os que, receando a responsabilidade do futuro, julgam mais cômodo desfrutar o presente sem constrangimento, sem serem perturbados pela perspectiva das consequências. Mas esta é tão só a opinião da minoria.

Se nós vivermos, como viveremos? Em que condições? Aqui os sistemas variam com as crenças religiosas e filosóficas. No entanto, todas as opiniões sobre o futuro do homem podem reduzir-se a cinco alternativas principais, que nós iremos resumir sumariamente, a fim de que a comparação seja mais fácil e que cada um possa distinguir, com conhecimento de causa, a que lhe parece a mais racional e corresponder melhor a suas aspirações pessoais e às necessidades da sociedade. As cinco alternativas são as resultantes das doutrinas do *materialismo*, do *panteísmo*, do *deísmo*, do *dogmatismo* e do *espiritismo*.

I. Doutrina materialista

A inteligência humana constitui uma propriedade da matéria; ela nasce e morre com o organismo. O homem não é *nada antes, nada após* a vida corpórea.

Consequências. — Sendo o homem tão somente matéria, são reais e invejáveis apenas os prazeres materiais; as afeições morais são sem futuro; os vínculos morais são rompidos inexoravelmente com a morte; as misérias da vida não têm compensação; o suicídio se torna o fim racional e lógico da existência, quando os sofrimentos não apresentam esperança de melhoria; inútil impor-se uma coação para inibir suas más tendências; viver para si o melhor possível, enquanto se está aqui; estupidez tolher-se e sacrificar seu repouso, seu bem-estar por outrem, quer dizer, por seres que desaparecerão por seu turno e que a gente não tornará a ver jamais; deveres sociais sem base, o bem e o mal são meras convenções; o freio social é reduzido ao poder material da lei civil.

Observação. — Não há de ser, talvez, inútil recordar aqui a nossos leitores algumas passagens de um artigo que nós publicamos a respeito do materialismo, no número da *Revista Espírita* de agosto de 1868.

O materialismo, afirmávamos nós, ao se vangloriar, como nunca antes, postando-se como regulador supremo dos destinos morais da humanidade, acabou por assustar as massas através das consequências inevitáveis de suas doutrinas quanto à ordem social; *ipso facto*, gerou a favor das ideias espiritualistas uma enérgica reação que deve comprovar-lhe que se acha longe de obter simpatias tão gerais quanto imaginava, e que se ilude extremamente caso esteja esperando um dia impor suas leis ao mundo.

Com certeza, as antigas crenças espiritualistas não são suficientes para este século; elas não se acham no nível intelectual de nossa geração; elas estão, em muitos pontos, em contradição com os dados corretos da ciência; elas deixam na mente ideias incompatíveis com a necessidade do positivo que predomina na sociedade hodierna; elas apresentam, além de tudo, o erro imenso de se impor pela fé cega e de proscrever a liberdade de exame; daqui, sem nenhuma dúvida, o crescimento da incredulidade junto à maioria; fica bem evidente que, se os homens fossem alimentados, desde sua infância, apenas com ideias de natureza a serem mais tarde confirmadas pela razão, não existiriam incrédulos. Quanta gente trazida de volta à crença pelo espiritismo nos disse: “Se nos houvessem sempre apresentado Deus, a alma e a vida futura, de um modo racional, nós não teríamos jamais duvidado!”

Pelo fato de um princípio receber u’a má ou uma falsa aplicação, segue-se que se deva rejeitá-lo? Ocorre com as coisas espirituais, como com as da legislação e com as de todas as instituições sociais: é preciso adequá-las aos tempos, sob pena de sucumbirem. Mas, ao invés de apresentar algo melhor que o velho espiritismo, o materialismo preferiu suprimir tudo, o que o dispensava de procurar e parecia mais cômodo àqueles a quem a ideia de Deus e do futuro incomoda. Que se pensaria de um médico que, achando que o regime de um convalescente não é assaz substancial para sua saúde, lhe prescrevesse não comer absolutamente nada?

O que espanta encontrar na maioria dos materialistas da escola hodierna é a mentalidade de intolerância levada a seus derradeiros limites, justo eles que reivindicam sem parar o direito de liberdade de consciência!...

... Existe, neste momento, provindo de um certo partido, uma rebelião contra as ideias espiritualistas em geral, nas quais o espiritismo se acha naturalmente envolvido. O que aquele partido procura não é um Deus melhor e mais justo; é o Deus material, menos incômodo, porque não existe conta a prestar-lhe. Ninguém contesta a tal partido o direito de possuir sua opinião, de discutir as opiniões contrárias; mas o que não se poderia conceder-lhe é a pretensão, ao menos singular para homens que se postam como apóstolos da liberdade, de impedir os outros de crer à sua maneira e de discutir as doutrinas que não partilham. Intolerância por intolerância, uma não vale mais que a outra.

II. Doutrina panteísta

O princípio inteligente ou alma, independente da matéria, é sorvido, quando do nascimento, no todo universal; ele se individualiza em cada ser durante a vida, e reverte, quando da morte, à massa comum, como as gotas de chuva ao oceano.

Consequências. — Sem individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse; as consequências morais desta doutrina são exatamente as mesmas da doutrina materialista.

Observação. — Há alguns panteístas que admitem que a alma, sorvida, quando do nascimento, no todo universal, conserva sua individualidade durante um tempo indefinido e só reverte à massa após haver chegado aos derradeiros níveis da perfeição. As consequências desta variedade de crenças são absolutamente as mesmas que as da doutrina panteísta propriamente dita, pois é perfeitamente inútil dar-se ao trabalho para adquirir alguns conhecimentos cuja consciência se deve perder ao se aniquilar após um tempo relativamente curto; se a alma se recusa, geralmente, a admitir uma tal concepção, quanto mais penosamente deveria ser afetada ao pensar que o instante em que atingisse o conhecimento e a perfeição supremos seria aquele em que ela seria condenada a perder o fruto de todos os seus labores, por perder sua individualidade.

III. Doutrina deísta

O deísmo compreende duas categorias bem distintas de crentes: os *deístas independentes* e os *deístas providenciais*.

Os *deístas independentes* creem em Deus; eles admitem todos os seus atributos como criador. Deus, afirmam eles, estabeleceu as leis gerais que regem o universo, mas tais leis, uma vez criadas, funcionam de per si, e seu autor não mais se ocupa de nada. As criaturas realizam o que desejam ou o que podem, sem que ele se perturbe com isso. Não existe em absoluto providência; não se ocupando Deus conosco, não existe nem o que lhe agradecer, nem lhe pedir.

Os que negam toda intervenção da providência na vida do homem são como crianças que se julgam assaz inteligentes para se libertarem da tutela, dos conselhos e da proteção de seus pais, ou que pensam que seus pais não deveriam mais ocupar-se com elas desde quando foram postas no mundo.

Com o pretexto de glorificar a Deus, muito grande, dizem eles, para se rebaixar até suas criaturas, eles o transformam em um grande egoísta e o rebaixam ao nível dos animais que abandonam seus filhotes aos elementos.

Esta crença é um resultado do orgulho; é sempre o pensamento de se achar submetido a um poder superior que irrita o amor-próprio, poder de que procuram libertar-se. Enquanto uns rejeitam completamente tal poder, outros consentem em reconhecer-lhe a existência, mas o condenam à nulidade.

Existe uma diferença essencial entre o *deísta independente*, do qual acabamos de falar e o *deísta providencial*; este último, de fato, crê não somente na existência e no pujança criadora de Deus quando da origem das coisas; ele crê ainda em sua intervenção contínua na criação e roga por ela, mas não admite o culto exterior e o dogmatismo atual.

IV. Doutrina dogmática

A alma, independente da matéria, é criada ao nascimento de cada ser; ela sobrevive e conserva sua individualidade após a morte; sua sorte se acha, a partir deste momento, irrevogavelmente fixada; seus progressos ulteriores são nulos: ela permanece, por conseguinte, pela eternidade, intelectualmente e moralmente, o que ela era durante a vida. Estando os maus condenados a castigos perpétuos e irremissíveis no inferno, ressalta daí que lhes é completamente inútil o arrependimento; Deus parece, assim, recusar-se a deixar-lhes a possibilidade de reparar o mal que praticaram. Os bons são recompensados pela visão de Deus e pela contemplação perpétua no céu. Os casos que podem merecer eternamente o céu ou o inferno são largados à decisão e ao julgamento de homens falíveis, a quem é concedido absolver ou condenar.

Nota. — Caso alguém objetasse a esta derradeira proposição que Deus julga em última instância, a gente poderia perguntar qual é o valor da sentença pronunciada pelos homens, já que pode ser revogada.

Separação definitiva e absoluta dos condenados e dos eleitos. Inutilidade dos socorros morais e das consolações para os condenados. Criação de anjos ou de almas privilegiadas isentas de qualquer trabalho para chegar à perfeição etc. etc.

Consequências. — Esta doutrina deixa sem solução os importantes problemas seguintes:

1.º) Onde vêm as disposições inatas intelectuais e morais que fazem que os homens nasçam bons ou maus, inteligentes ou idiotas?

2.º) Qual é a explicação para as crianças que morrem com pouca idade?

Por que entram elas na vida de bem-aventurança, sem o trabalho a que se sujeitam as outras durante longos anos?

Por que são recompensadas sem terem podido praticar o bem, ou são privadas de uma ventura, sem terem praticado o mal?

3.º) Qual é a sorte dos cretinos e dos idiotas, que não possuem a consciência de seus atos?

4.º) Onde está a justiça das misérias e dos males de nascença, já que não resultam de nenhum ato da vida presente?

5.º) Qual é a sorte dos selvagens e de todos aqueles que morrem forçosamente no estado de inferioridade moral em que se acham colocados pela natureza mesma, caso não lhes seja concedido progredir ulteriormente?

6.º) Por que Deus cria almas mais favorecidas umas que as outras?

7.º) Por que chama a si, prematuramente, os que teriam podido melhorar-se, caso houvessem vivido um tempo maior, uma vez que não lhes é concedido avançar após a morte?

8.º) Por que Deus criou anjos já perfeitos, enquanto outras criaturas são submetidas às mais rudes provações, em que têm mais possibilidades de sucumbir que de sair vitoriosas?

Etc. etc.

V. Doutrina espírita

O princípio inteligente é independente da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. Mesmo ponto de partida para todas as almas, sem exceção; todas são criadas simples e ignorantes e são submetidas ao progresso infinito. Nada de criaturas privilegiadas e mais favorecidas umas que as outras; os anjos são seres chegados à perfeição, após haverem passado, como as outras criaturas, por todos os níveis da inferioridade. As almas ou Espíritos progridem mais

ou menos rapidamente, em virtude de seu livre-arbítrio, através de seu trabalho e de sua boa vontade. — A vida espiritual constitui a vida normal; a vida corpórea constitui uma fase temporária da vida do Espírito, durante a qual ele reveste, por determinado tempo, um invólucro material de que se desvencilha na morte.

O Espírito progride no estado corpóreo e no estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito até que ele alcance um certo nível de perfeição: ele se desenvolve aí através do trabalho a que se sujeita em vista de suas próprias necessidades, adquirindo conhecimentos práticos específicos. Sendo uma só existência corpórea insuficiente para que adquira todas as perfeições, ele retoma um corpo tantas vezes quantas forem necessárias e, a cada vez, volta com o progresso que obteve em suas existências anteriores e na vida espiritual. Quando houver adquirido no mundo tudo quanto se é capaz de adquirir aí, ele o deixa para ir a outros mundos mais adiantados intelectual e moralmente, cada vez menos materiais, e assim sucessivamente até a perfeição de que é suscetível a criatura.

O estado feliz ou infeliz dos Espíritos é inerente a seu adiantamento moral; sua punição constitui a consequência de seu enrijecimento no mal, de sorte que, ao perseverar no mal, eles se punem a si mesmos; mas a porta do arrependimento não lhes fica fechada jamais, e eles podem, quando o desejarem, retornar à senda do bem e chegar com o tempo a todos os progressos.

As crianças que morrem cedo podem ser mais ou menos adiantadas, pois viveram já em existências anteriores, em que puderam praticar o bem ou cometer más ações. A morte não as isenta das provações que têm de sofrer, e elas recomeçam, oportunamente, uma nova existência em mundos superiores, conforme seu nível de elevação.

A alma dos cretinos e dos idiotas é da mesma natureza que a de todo encarnado; sua inteligência é com frequência superior, e eles sofrem com a insuficiência dos meios que têm para se relacionarem com seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não conseguirem falar. Eles abusaram de sua inteligência em suas existências anteriores, e aceitaram espontaneamente ficar reduzidos à impotência, com o fito de expiar o mal que cometeram etc. etc.

A MORTE ESPIRITUAL

A questão da *morte espiritual* constitui um dos princípios novos que marcam os passos do progresso da ciência espírita. A forma pela qual foi apresentada em certa teoria individual fez, de início, que fosse rejeitada, porque parecia implicar, em determinado tempo, a perda do *eu* individual e confundir as transformações da alma às da matéria, cujos elementos se desagregam para formarem novos corpos. Os seres bem-aventurados e aperfeiçoados constituiriam, na realidade, novos seres, o que não é admissível. A equidade dos castigos e dos gozos futuros só fica clara com a perpetuidade dos mesmos seres ascendendo a escala do progresso e purificando-se através de seu trabalho e dos esforços de sua vontade.

Tais eram as consequências que a gente podia extrair *a priori* desta teoria. Contudo, nós temos de convir, ela não foi de modo algum apresentada com a fanfarronice de um orgulhoso vindo impor seu sistema; o autor afirmou modestamente que vinha lançar uma ideia no terreno da discussão e que poderia surtir daquela ideia uma nova verdade. Conforme o conselho de nossos eminentes guias espirituais, ele teria pecado menos pelo fundo que pela forma, a qual se prestou a uma falsa interpretação; eis por que ele nos obrigou a estudar seriamente a questão; é o que nós

iremos tentar fazer, baseando-nos na observação dos fatos que ressaltam da situação do Espírito nas duas épocas capitais do retorno à vida corpórea e do regresso à vida espiritual.

No momento da morte corpórea, nós percebemos que o Espírito entra em perturbação e perde a consciência de si mesmo, de modo que ele não testemunha jamais o último suspiro de seu corpo. A pouco e pouco, a perturbação se dissipa e o Espírito toma consciência de si, como o homem que sai de um sono profundo; sua primeira sensação é a de desembaraço de seu fardo carnal; depois vem o sobressalto da vista do novo ambiente em que se encontra. Ele se acha na situação de um homem sob a ação do clorofórmio para lhe ser realizada uma amputação, e que se transporta durante o sono para outro lugar. Ao acordar, ele se sente desembaraçado do membro que o fazia sofrer; muitas vezes, ele procura aquele membro que está surpreso de não mais sentir; igualmente, no primeiro instante, o Espírito procura seu corpo; ele o vê a seu lado; ele sabe que é seu corpo e se admira de estar separado dele; só a pouco e pouco é que se dá conta de sua nova situação.

Neste fenômeno, apenas se dá u'a mudança de condição material; mas, quanto ao moral, o Espírito é exatamente o que era algumas horas antes; ele não sofreu nenhuma modificação sensível; suas faculdades, suas ideias, seus gostos, seus pendores, seu caráter são os mesmos; as mudanças que eles são passíveis de sofrer só se efetuam gradualmente, através da influência daquilo que os envolve. Em suma, somente existiu morte para o corpo; para o Espírito, o que existiu foi apenas sono.

Na reencarnação, as coisas se passam de modo muito diferente.

No momento da concepção do corpo destinado ao Espírito, este é apanhado por uma corrente fluídica que, tal como um laço, o puxa, aproximando-o de sua nova morada. A partir daí, ele pertence ao corpo, como o corpo lhe pertence até a morte deste último; contudo, a união completa, a tomada de posse real só ocorre à época do nascimento.

Desde o instante da concepção, a perturbação se apossa do Espírito; suas ideias ficam confusas, suas faculdades se aniquilam, a perturbação vai crescendo à proporção que o laço vai apertando-se; ela se completa nos últimos tempos da gestação, de sorte que o Espírito não é testemunha jamais do nascimento de seu corpo, como também não foi de sua morte; ele não possui nenhuma consciência disso.

A partir do momento em que a criança respira, a perturbação se dissipa a pouco e pouco, as ideias voltam gradualmente, mas em condições outras que à morte do corpo.

No ato de reencarnação, as faculdades do Espírito não se acham simplesmente insensibilizadas por uma espécie de sono temporário, como no regresso à vida espiritual; todas, sem exceção, passam ao estado *latente*. A vida corpórea tem por finalidade desenvolvê-las através do exercício, mas nem todas conseguem sê-lo simultaneamente, porque o exercício de uma poderia ser nocivo ao desenvolvimento de outra, enquanto, através do desenvolvimento sucessivo, elas se amparam uma na outra. Logo, é bom que algumas permaneçam em repouso, enquanto outras aumentam; eis porque, em sua nova existência, o Espírito pode apresentar-se sob um aspecto totalmente diferente, caso, sobretudo, ele esteja mais adiantado que na existência precedente.

Num, a faculdade musical, por exemplo, poderá ser bastante ativa; ele conceberá, compreenderá e, por conseguinte, executará tudo o que for necessário ao desenvolvimento desta faculdade; em uma outra existência, chegará a vez da pintura, das ciências exatas, da poesia etc.; enquanto estas novas faculdades se exercem, a da música permanecerá latente, conservando totalmente o progresso alcançado. Resulta disso que quem foi artista em uma existência poderá ser um cientista, um político, um tático em uma outra, ao passo que será nulo quanto ao aspecto artístico, e reciprocamente.

O estado latente das faculdades na reencarnação explica o olvido das existências anteriores, enquanto, na morte do corpo, achando-se as faculdades tão só em estado de sono de pouca duração, a recordação da vida que se acaba de deixar é completa ao acordar.

As faculdades que se manifestam se acham em correspondência natural com a posição que o Espírito deve ocupar no mundo e com as provações que escolheu; entretanto, sucede muitas vezes que os preconceitos sociais o deslocam, o que faz que certas pessoas se achem intelectualmente e moralmente acima ou abaixo da posição que ocupam. Esta mudança de classe, através dos obstáculos que comporta, faz parte das provações; ela deve cessar com o progresso. Em uma ordem social adiantada, tudo se regula conforme a lógica das leis naturais, e quem está apto apenas a fazer sapatos não é chamado, através do direito de nascença, a governar os povos.

Voltemos à criança. Até o nascimento, estando todas as faculdades em estado latente, o Espírito não possui nenhuma consciência de si mesmo. No instante do nascimento, as que devem ser exercidas não adquirem em absoluto um impulso súbito; seu desenvolvimento acompanha o dos órgãos que devem servir à sua manifestação; através de sua atividade íntima, elas forçam o desenvolvimento do órgão correspondente, como o broto que nasce força a casca da árvore. Resulta disso que, na primeira infância, o Espírito não apresenta a posse da plenitude de nenhuma de suas faculdades, não somente como encarnado, mas até como Espírito; ele é realmente criança, como o corpo a que está ligado. Ele não se acha comprimido penosamente no corpo imperfeito, sem o que Deus teria feito da encarnação um suplício para todos os Espíritos, bons ou maus. É diferente com o idiota e o cretino; não se desenvolvendo os órgãos paralelamente às faculdades, o Espírito finda por se achar na posição de um homem preso por laços que lhe tiram a liberdade de seus movimentos. Tal é a razão pela qual se pode evocar o Espírito de um idiota e obter respostas sensatas, enquanto o de uma criança de tenríssima idade ou que ainda não viu a luz do dia é incapaz de responder.

Todas as faculdades, todas as aptidões, se acham em germe no Espírito, desde sua criação; elas aí se encontram em estado rudimentar, como todos os órgãos no primeiro filete do feto informe, como todas as partes da árvore na semente. O selvagem, que mais tarde se transformará em um homem civilizado, possui em si, portanto, os germes que um dia farão dele um cientista, um grande artista ou um grande filósofo.

À proporção que os germes vão chegando à maturidade, a Providência propicia ao Espírito, *para a vida terrena*, um corpo adequado a suas novas aptidões; eis porque o cérebro de um europeu é mais completamente organizado, provido de um maior número de retoques que o do selvagem. *Para a vida espiritual*, ela lhe fornece um corpo fluídico ou perispírito mais sutil, suscetível a novas sensações. À medida que o Espírito vai desenvolvendo-se, a natureza vai provendo-o dos instrumentos que lhe são necessários.

No sentido de desorganização, de desagregação das partes, de dispersão dos elementos, só existe morte para o invólucro material e o invólucro fluídico, mas a alma ou Espírito não pode morrer para progredir, caso contrário, perderia sua individualidade, o que equivaleria ao nada. No sentido de transformação, de regeneração, pode-se afirmar que o Espírito morre a cada encarnação para ressuscitar com novos atributos, sem deixar de ser ele mesmo. Tal um campônio, por exemplo, que se enriquece e se torna grande senhor; ele trocou o casebre por um palácio, a roupa por uma indumentária bordada; tudo mudou em seus hábitos, em seus gostos, em sua linguagem, em seu caráter mesmo; em suma, o campônio morreu, ele enterrou o traje de lã cardada para renascer cortesão, contudo, trata-se sempre do mesmo indivíduo, mas transformado.

Logo, cada existência corpórea constitui para o Espírito uma ocasião de progresso mais ou menos sensível. De volta ao mundo dos Espíritos, ele leva para lá novas ideias; seu horizonte moral se amplia; suas percepções são mais finas, mais delicadas; ele vê e compreende o que não via nem compreendia antes; sua vista que, no princípio, não ia para além de sua derradeira existência,

abrange progressivamente suas existências passadas, como o homem que se eleva e para que o nevoeiro diminua abrange progressivamente um mais vasto horizonte. A cada nova parada na erraticidade, desdobram-se a seus olhos novas maravilhas do mundo invisível, porque, para cada uma, se rasga um véu. Ao mesmo tempo, seu invólucro fluídico se purifica; ele se torna mais leve, mais brilhante; mais tarde, ficará resplandecente. Trata-se de um Espírito quase novo; é o campônio brunido e transformado; o velho Espírito morreu, no entanto, trata-se sempre do mesmo Espírito.

Eis como, cremos nós, convém entender a morte espiritual.

A VIDA FUTURA

A vida futura não é mais um problema; trata-se de um fato apreendido através da razão e da demonstração pela quase unanimidade dos homens, pois os que negam formam tão só uma insignificante minoria, malgrado o barulho que se esforçam por realizar. Logo, não se trata aqui de nos propormos a demonstrar sua realidade; isto seria repetir-se sem nada juntar à convicção geral. Estando aceito o princípio como prelúdio, nós nos propomos a examinar sua influência na ordem social e na moralização, conforme a maneira como é encarado.

As consequências do princípio contrário, quer dizer, do aniquilamento, são igualmente muitíssimo conhecidas e muitíssimo bem compreendidas para que seja necessário desenvolvê-las de novo. Nós diremos somente que, se estivesse demonstrado que a vida futura não existe, a vida presente ficaria sem outra finalidade a não ser a conservação de um corpo que, amanhã, em uma hora, poderia parar de existir e tudo, neste caso, estaria acabado inexoravelmente. A consequência lógica de uma tal condição da humanidade seria a concentração de todos os pensamentos no aumento dos prazeres materiais, sem preocupação com o prejuízo de outrem, pois, por que privar-se, impor-se sacrifícios? Qual a necessidade de constranger-se para melhorar-se, para corrigir-se de seus defeitos? Isto constituiria, ainda, a perfeita inutilidade do remorso, do arrependimento, já que não se teria nada que esperar; isto constituiria, enfim, a consagração do egoísmo e da máxima: *O mundo é dos mais fortes e dos mais ladinos*. Sem a vida futura, a moral mais não é que uma coação, um código de convenção imposto arbitrariamente, sem que tenha, porém, nenhuma raiz no coração. Uma sociedade fundamentada em uma tal crença não possuiria outro vínculo que não a força, e cedo seria dissolvida.

Que não se objete que, entre os que negam a vida futura, existem pessoas honestas, incapazes de causar conscientemente um prejuízo a outrem e suscetíveis das maiores dedicações! Digamos primeiro que, entre muitos incrédulos, a negação do futuro constitui uma fanfarronada, uma jactância, o orgulho de passar por espíritos fortes, e não o resultado de uma convicção integral. No foro íntimo de sua consciência, existe uma dúvida que os importuna; eis porque eles buscam atordoar-se; mas não é sem uma secreta desconfiança que eles pronunciam o terrível *nada* que os priva do fruto de todos os trabalhos da inteligência e rompe para sempre com as mais queridas afeições. Mais de um dos que gritam mais forte são os primeiros a tremer com a ideia do desconhecido; por isso, quando se aproxima o momento fatal de entrar naquele desconhecido, bem poucos dormem o derradeiro sono com a firme persuasão de que não despertarão em parte alguma, pois a natureza não renuncia jamais a seus direitos.

Digamos, assim, que, entre a maioria, a incredulidade é tão só relativa; quer dizer que, não se achando sua razão satisfeita nem com os dogmas, nem com as crenças religiosas, e não havendo encontrado em lugar algum com que preencher o vazio que se abriu neles, concluíram que não existia nada e montaram sistemas para justificar a negação; eles são incrédulos apenas por falta de coisa melhor. Os incrédulos integrais são raríssimos, caso existam.

Uma intuição latente e inconsciente do futuro é capaz, portanto, de deter, em um certo número, a vocação do mal, e se poderia citar uma infinidade de atos, até mesmo entre os mais enrijecidos, que dão testemunho daquele sentimento secreto que os domina contra sua vontade.

É preciso dizer também que, seja qual for o grau da incredulidade, as pessoas de uma certa condição social são contidas pelo respeito humano; sua posição as obriga a se manterem dentro de uma linha de conduta muito reservada; o que elas receiam acima de tudo é o descrédito e o menosprezo que, ao fazê-las perder a consideração do mundo através do descenso da classe que ocupam, as privariam dos prazeres que aí obtêm para si; se nem sempre possuem o fundo da virtude, possuem-lhe no mínimo o verniz. Mas, para os que não têm nenhuma razão para se ligar à opinião pública, que fazem pouco caso do que se dirá, e ninguém há de discordar de que estes não constituem a maioria, que freio pode ser imposto ao trasbordamento das paixões brutais e dos apetites grosseiros? Sobre que base apoiar a teoria do bem e do mal, a necessidade de reformar suas más tendências, o dever de respeitar o que os outros possuem, já que eles mesmos não possuem nada? Qual pode ser o estímulo do ponto de honra para as pessoas a quem se persuade de que mais não são que animais? A lei, dizem, aqui está para reprimi-los; mas a lei não é um código de moral que toca o coração; trata-se de uma força que suportam e de que escapam quando possível; caso caiam sob seus golpes, constitui para eles um azar ou uma infelicidade que se empenham em reparar na primeira oportunidade.

Os que pretendem que possuem mais mérito os incrédulos em praticar o bem sem a esperança de uma remuneração na vida futura, em que não creem, se baseiam em um sofisma igualmente mal fundamentado. Também os crentes dizem que o bem efetuado em vista de vantagens que se possam obter é menos meritório; eles vão mesmo mais longe, pois se acham persuadidos de que, conforme o móvel da ação, o mérito pode ser completamente anulado. A perspectiva da vida futura não exclui o desinteresse nas boas ações, porque a felicidade que ali se usufrui se acha, antes de tudo, subordinada ao nível de adiantamento moral; ora, os orgulhosos e os ambiciosos aí se acham entre os menos favorecidos. Mas são os incrédulos praticantes do bem tão desinteressados quanto pretendem? Se eles não esperam nada do outro mundo, não esperam nada deste? Não é o amor-próprio levado jamais em conta neste caso? São eles insensíveis aos beneplácitos dos homens? Tratar-se-ia aqui de um nível de perfeição rara, e nós não cremos que existam muitos que sejam levados a isto através somente do culto da matéria.

Eis uma objeção mais severa: Se a crença na vida futura é um elemento moralizador, por que os homens a quem ela é pregada desde que nascem na Terra são igualmente tão maus?

Primeiro, quem é que está dizendo que eles não seriam piores sem isso? Não se poderia duvidar disto, caso se considerem os resultados inevitáveis do niilismo popularizado. Não se percebe, ao contrário, ao se observarem as diferentes etapas da humanidade, desde a selvajaria até a civilização, que marcham à frente o progresso intelectual e moral, a suavização dos costumes e a ideia mais racional da vida futura? Mas esta ideia, ainda bastante imperfeita, não pôde exercer a influência que irá alcançando necessariamente à proporção que irá sendo mais bem compreendida, e que a gente irá adquirindo noções mais corretas a respeito do futuro que nos está reservado.

Por mais firme que seja a crença na imortalidade, o homem não se preocupa demasiado com sua alma, a não ser do ponto de vista místico. A vida futura, muito pouco claramente definida, só o impressiona vagamente; não passa de um fim que se perde na distância, e não de um meio, porque a sorte aí se acha irrevogavelmente fixada e porque em nenhum lugar foi apresentada a ele

como progressiva; daqui concluem que a gente será, pela eternidade, o que a gente é ao sair daqui. Aliás, o quadro que se pinta, as condições determinantes da felicidade ou da infelicidade que aí se experimentam permanecem longe, sobretudo em um século de exame como o nosso, de satisfazer completamente a razão. De resto, a razão não se atém assaz diretamente à vida terrestre; entre as duas, não existe nenhuma solidariedade, mas um abismo, de sorte que quem se preocupa principalmente com uma das duas, perde quase sempre a outra de vista.

Sob o império da fé cega, esta crença abstrata havia sido suficiente para as inspirações dos homens; então, eles se deixavam conduzir; hoje em dia, sob o reino do livre exame, eles desejam conduzir-se por si mesmos, ver através de seus próprios olhos e compreender; as vagas noções da vida futura não se acham à altura das ideias novas e não respondem mais às necessidades criadas pelo progresso. Com o desenvolvimento das ideias, tudo deve progredir em torno do homem, porque tudo se une, tudo é solidário na natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, meios de ação; o movimento adiante é irresistível, porque constitui a lei da existência dos seres; seja o que for que permaneça atrás, abaixo do nível social, é colocado de lado, como as roupas que não servem mais, e, finalmente, é arrebatado pela onda que cresce.

Assim aconteceu com as ideias pueris sobre a vida futura com que se contentavam nossos pais; continuar a impô-las hoje em dia seria estimular a incredulidade. Para ser aceita pela opinião pública e para exercer sua influência moralizadora, a vida futura tem de se apresentar sob o aspecto de uma coisa positiva, tangível de algum modo, capaz de suportar o exame; satisfatória para a razão, sem nada deixar na obscuridade. No momento em que a insuficiência das noções do futuro abria a porta à dúvida e à incredulidade é que novos meios de investigação foram proporcionados ao homem para penetrar aquele mistério e dar-lhe a compreender a vida futura em sua realidade, em seu positivismo, em suas relações íntimas com a vida corpórea.

Por que se tem, em geral, tão pouca preocupação com a vida futura? Constitui ela, no entanto, uma atualidade, já que a cada dia se veem milhares de homens partir para aquele destino desconhecido. Como cada um de nós tem fatalmente de partir por sua vez e como a hora da partida pode soar a qualquer minuto, parece natural inquietar-se com o que isso irá trazer. Por que a gente não se preocupa? Precisamente porque o destino é desconhecido e porque não existiu, até agora, nenhum meio de conhecê-lo. A ciência inexorável veio desalojar a vida futura dos lugares a que se achava circunscrita. Ela está perto? Ela está longe? Ela está perdida no infinito? As filosofias dos tempos passados não respondem, porque elas mesmas não sabem nada disso; então, a gente diz: "O que será, será"; daqui a indiferença.

Bem que nós somos instruídos de que ali se é feliz ou infeliz, conforme se tenha bem ou mal vivido; mas isso é tão vago! Em que consistem esta felicidade e esta infelicidade? O quadro que nos pintam se acha de tal forma em desacordo com a ideia que fazemos da justiça de Deus, se acha eivado de tantas contradições, de inconseqüências, de impossibilidades radicais, que, involuntariamente, a pessoa é arrebatada pela dúvida, caso não o seja pela incredulidade integral; além disso, afirma-se que os que se enganaram quanto aos lugares assinalados para as moradas futuras é possível que tenham sido, igualmente, induzidos em erro quanto às condições que assinalam para a felicidade e para o sofrimento. Aliás, como seremos nós naquele mundo? Seremos ali seres concretos ou abstratos? Teremos ali uma forma, uma aparência? Se nós não temos nada de material, como podemos ali padecer sofrimentos materiais? Se os felizes não têm nada para fazer, a ociosidade perpétua, ao invés de uma recompensa, transforma-se em um suplício, a menos que se admita o nirvana do budismo, o qual não é muito mais desejável.

O homem só se preocupará com a vida futura quando ali enxergar um fim nitidamente e claramente definido, uma situação lógica correspondendo a todas as suas aspirações, resolvendo todas as dificuldades do presente, e quando ali não encontrar nada que a razão não consiga admitir. Se ele se preocupa com o amanhã, é porque a vida do amanhã se liga intimamente à vida

da véspera: elas são solidárias, uma com a outra; ele sabe que a posição de amanhã depende do que se faz hoje, como do que fizer amanhã dependerá a posição do depois de amanhã, a assim por diante.

Tal deve ser para ele a vida futura, quando ela não se achar mais perdida nas nuvens da abstração, mas constituir uma atualidade palpável, complemento necessário da vida presente, *uma das fases* da vida geral, como os dias são fases da vida corpórea; quando ele vir o presente atuando no futuro, através da força da realidade, e sobretudo quando ele compreender *a reação do futuro sobre o presente*: quando, em suma, ele vir o passado, o presente e o futuro encadearem-se através de uma inexorável necessidade, como a véspera, o hoje e o amanhã na vida atual, oh!, então suas ideias mudarão totalmente, porque ele verá, na vida futura, não somente um fim, mas um meio; não um efeito distante, mas atual; será também então que esta crença irá exercer forçosamente e através de uma consequência naturalíssima uma ação preponderante sobre o estado social e a moralização.

Eis aí o ponto de vista sob o qual o espiritismo nos faz encarar a vida futura.

QUESTÕES E PROBLEMAS

AS EXPIAÇÕES COLETIVAS

Questão. — *O espiritismo explica-nos perfeitamente a causa dos sofrimentos individuais como efeitos imediatos de faltas cometidas na existência presente ou como expiação do passado; mas, já que cada um só deve ser responsável por suas próprias faltas, não ficam bem explicadas as desgraças coletivas que ferem os grupos de indivíduos, como, às vezes, toda uma família, toda uma cidade, toda uma nação ou toda uma raça, e que alcançam os bons como os maus, os inocentes como os culpados.*

Resposta. — Todas as leis que regem o universo, sejam físicas ou morais, sejam materiais ou intelectuais, foram descobertas, estudadas, compreendidas, a partir do estudo da individualidade e do estudo da família chegando ao de todo o conjunto, generalizando-se gradualmente e comprovando-se a universalidade dos resultados.

Acontece o mesmo hoje com as leis que o estudo do espiritismo lhe dá a conhecer; o senhor pode, sem receio de errar, aplicar as leis que regem o indivíduo à família, à nação, às raças, ao conjunto de habitantes dos mundos, que constituem individualidades coletivas. Existem as faltas do indivíduo, as da família, as da nação, e cada uma, seja qual for seu caráter, se expia tendo em vista a mesma lei. O verdugo expia em função de sua vítima, seja encontrando-se em sua presença no espaço, seja vivendo em contato com ela em uma ou diversas existências sucessivas, até à reparação de todo o mal cometido. Acontece o mesmo quando se trata de crimes cometidos solidariamente por um grupo; as expiações são solidárias, o que não anula a expiação simultânea das faltas individuais.

Em todo homem, existem três caracteres: o do indivíduo, do ser em si mesmo; o de membro da família; e, enfim, o de cidadão; sob cada uma destas três faces, ele pode ser criminoso ou virtuoso, ou seja, ele pode ser virtuoso como pai de família, ao mesmo tempo que é criminoso como cidadão, e reciprocamente; daqui as situações especiais que lhe são preparadas em suas existências sucessivas.

Salvo as exceções, pode-se, assim, aceitar como regra geral que todos os que uma tarefa comum reúne em uma existência já viveram juntos para trabalhar para o mesmo resultado, e estarão ainda reunidos no futuro até que hajam atingido o objetivo, isto é, hajam expiado o passado ou cumprido a missão combinada.

Graças ao espiritismo, o senhor compreende agora a justiça das provações que não ressaltam de atos da vida presente, porque o senhor assevera que se trata da quitação de dívidas do passado; por que não aconteceria o mesmo com as provações coletivas? O senhor diz que as desgraças gerais ferem o inocente como o culpado; mas não sabe o senhor que é possível que o inocente de hoje tenha sido o culpado de ontem? Tenha ele sido ferido individualmente ou coletivamente, é porque o mereceu. E, depois, como dissemos, existem culpas do indivíduo e do cidadão; a expiação de umas não libera da expiação das outras, pois é preciso que toda dívida seja paga até o derradeiro centil. As virtudes da vida privada não são as da vida pública; um tal que é excelente cidadão pode ser péssimo pai de família, e um outro que é bom pai de família, probo e honesto em seus negócios, pode ser um mau cidadão, pode ter soprado o fogo da discórdia, ter oprimido o fraco, ter participado de crimes contra a sociedade. São estas culpas coletivas que são expiadas coletivamente pelos indivíduos que concorreram para elas, os quais se reencontram para sofrer juntos a pena de talião, ou ter a ocasião de reparar o mal que praticaram, comprovando seu devotamento à coisa pública,

ao socorrerem e assistirem os que outrora maltrataram. O que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus sem a preexistência da alma, fica claro e lógico através do conhecimento desta lei.

A solidariedade, que constitui o verdadeiro vínculo social, não é, assim, apenas para o presente; ela compreende o passado e o futuro, já que as mesmas individualidades se encontraram, se reencontram e se reencontrarão para subirem juntas a escada do progresso, prestando-se um auxílio mútuo. Eis aqui o que o espiritismo permite compreender através da igualitária lei da reencarnação e da continuidade das relações entre os mesmos seres.

Clélia Duplantier.

Observação. — Se bem que esta comunicação penetre nos princípios conhecidos da responsabilidade do passado e da continuidade das relações entre os Espíritos, ela encerra uma ideia de certa forma nova e de grande importância. A distinção que ela estabelece entre a responsabilidade das culpas individuais ou coletivas, as da vida privada e da vida pública, fornece a razão de certos fatos ainda pouco compreendidos e demonstra de um modo mais preciso a solidariedade que une os seres uns aos outros e as gerações entre si.

Assim, muitas vezes, a gente renasce na mesma família ou, pelo menos, os membros de u'a mesma família renascem juntos para constituírem uma nova família em outra posição social, a fim de estreitarem seus laços de afeição ou repararem seus danos recíprocos. Por razões de ordem mais geral, a gente renasce amiúde no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, seja por simpatia, seja para continuar com os elementos já elaborados os estudos que se realizaram, para se aperfeiçoar, para prosseguir os trabalhos começados que a brevidade da vida ou as circunstâncias não permitiram acabar. A reencarnação no mesmo meio é a causa do caráter distintivo de povos e de raças; apesar de melhores em tudo, os indivíduos conservam a nuança primitiva até que o progresso os tenha completamente transformado.

Logo, os franceses de hoje são os do século passado, os da Idade Média, os dos tempos druídicos; trata-se dos coletores e dos vassallos dos feudos; dos que escravizaram os povos e dos que trabalharam pela emancipação deles, os quais se reencontram na França transformada, onde uns expiam pelo rebaixamento seu orgulho de raça e onde os outros usufruem o resultado de seus labores. Quando se pensa em todos os crimes daqueles tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias não valiam nada, em que o fanatismo levantava fogueiras em honra da divindade, em todos os abusos de poder, em todas as injustiças que se cometiam com menosprezo dos direitos mais sagrados, quem pode estar certo de não haver mais ou menos participado disso, e deve a gente espantar-se ao ver as grandes e terríveis expiações coletivas?

Contudo, das convulsões sociais advém sempre u'a melhoria; os Espíritos se esclarecem através da experiência; a desgraça é o estímulo que os incita a buscar um remédio para o mal; eles refletem na erraticidade, tomam novas resoluções e, quando voltam, agem melhor. Eis como se efetiva o progresso de geração em geração.

Não se tem como duvidar de que existam famílias, cidades, nações e raças culpadas, porque, dominadas por instintos de orgulho, de egoísmo, de ambição, de cupidez, elas avançam por um mau caminho e realizam coletivamente o que um indivíduo realiza sozinho; uma família se enriquece às custas de uma outra família; um povo subjuga um outro povo, trazendo-lhe a desolação e a ruína; uma raça deseja aniquilar uma outra raça. Eis aqui porque existem famílias, povos e raças sobre quem pesa a pena de talião.

“Quem matou pela espada morrerá pela espada”, disse o Cristo; tais palavras podem traduzir-se assim: Quem derramou sangue verá o seu derramado; quem conduziu o archote do incêndio até a casa de outrem verá o archote do incêndio ser conduzido até sua casa; quem saqueou será saqueado; quem escravizou e maltratou o fraco será enfraquecido, escravizado e maltratado, por seu turno, seja um indivíduo, uma nação ou uma raça, porque os membros de uma individualidade coletiva são solidários no bem como no mal que se praticam em comum.

Enquanto o espiritismo amplia o campo da solidariedade, o materialismo o reduz às mesquinhas proporções da existência efêmera do homem, tornando-a um dever social sem raízes, sem outra sanção que a boa vontade e o interesse pessoal do momento; trata-se de uma teoria, de u'a máxima filosófica, cuja prática não existe nada que imponha; para o espiritismo, a solidariedade é um fato que repousa em uma lei universal da natureza, que une todos os seres do passado, do presente e do futuro, e de cujas consequências ninguém consegue subtrair-se. Eis aqui o que qualquer homem tem como compreender, por pouco letrado que seja.

Quando todos os homens compreenderem o espiritismo, compreenderão a verdadeira solidariedade e, por conseguinte, a verdadeira fraternidade. A solidariedade e a fraternidade não constituirão mais deveres de circunstância que se prega muitíssimas vezes mais em seu próprio interesse que no de outrem. O reino da solidariedade e da fraternidade será forçosamente o da justiça para todos, e o reino da justiça será o da paz e da harmonia entre os indivíduos, as famílias os povos e as raças. Chegar-se-á aí? Duvidar disso seria negar o progresso. Caso se compare a sociedade atual das nações civilizadas ao que ela era na Idade Média, com certeza a diferença será grande; logo, se os homens avançaram até aqui, por que parariam? Vendo o caminho que percorreram em apenas um século, pode-se imaginar o caminho que percorrerão dentro de um século.

As convulsões sociais constituem as revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os constrange, o indício de suas aspirações quanto àquele mesmo reino da justiça de que têm sede, sem, contudo, perceberem muito nitidamente o que desejam e os meios de chegar a ele; eis porque eles se mobilizam, se agitam, desmantelam a torto e a direito, criam sistemas, propõem remédios mais ou menos utópicos, cometem mesmo mil injustiças, supondo ser por espírito de justiça, esperando que de tal movimentação saia talvez alguma coisa. Mais tarde, eles caracterizarão melhor suas aspirações e a estrada se iluminará.

Quem quer que vá ao fundo dos princípios do espiritismo filosófico e observe os horizontes que ele revela, as ideias a que dá origem e os sentimentos que desenvolve, não poderia duvidar da parte preponderante que ele deve representar para a regeneração, pois ele conduz precisamente, e através da força dos fatos, ao fim a que aspira a humanidade: o reino de justiça através da extinção dos abusos que lhe paralisaram os progressos e da moralização das massas. Se os que sonham com a manutenção do passado não o julgassem assim, não se encarnariam tanto contra ele; eles o deixariam morrer naturalmente, como sucedeu a tantas utopias. Só isto deveria dar o que pensar a certos zombeteiros que devem ver nele algo de mais sério do que admitem persuadir-se. Mas existem pessoas que riem de tudo, que ririam de Deus caso o vissem na Terra. E também existem os que têm medo de ver levantar-se diante deles a alma que teimam em negar.

Seja qual for a influência que deva exercer um dia o espiritismo no futuro das sociedades, não quer dizer que ele substituirá a autocracia delas por uma outra autocracia nem que imporá leis, primeiramente porque, proclamando o direito integral da liberdade de consciência e do livre exame em matéria de fé, ele deseja, como crença, ser livremente aceito, através de convicção e não de coação; pela própria natureza, ele não pode nem deve exercer nenhuma pressão; proscrevendo a fé cega, ele deseja ser compreendido; para ele, não existem em absoluto mistérios, mas uma fé racional, apoiada nos fatos e com a vocação da luz; ele não repudia nenhuma das descobertas da ciência, considerando que a ciência constitui a compilação das leis da natureza e que, sendo estas as leis de Deus, repudiar a ciência seria repudiar a obra de Deus.

Em segundo lugar, achando-se a ação do espiritismo em sua força moralizadora, não pode ele ostentar nenhuma forma autocrática, pois, assim, estaria fazendo o que vem condenando. Sua influência será preponderante através das modificações que produzirá nas ideias, nas opiniões, no caráter, nos hábitos dos homens e nas relações sociais; tal influência será tanto maior quanto não será imposta. O espiritismo, potente como filosofia, só poderia perder, neste século de

racionalismo, com se transformar em potência temporal. Portanto, não será ele que constituirá as instituições sociais do mundo regenerado; serão os homens que as constituirão sob o império das ideias de justiça, de caridade, de fraternidade e de solidariedade melhor compreendidas através do efeito do espiritismo.

O espiritismo, essencialmente positivo em suas crenças, rejeita qualquer misticismo, a não ser que se estenda este nome, como fazem os que não creem em nada, para toda ideia espiritualista, para a crença em Deus, na alma e na vida futura. Ele leva, com certeza, os homens a se ocuparem seriamente com a vida espiritual, porque constitui a vida normal e porque é lá que eles têm que completar seus propósitos, já que a vida terrestre é apenas transitória e passageira; através das comprovações que fornece da vida espiritual, o espiritismo lhes ensina a só atribuir às coisas deste mundo uma importância relativa, e, através disso, ele lhes proporciona a força e a coragem para suportarem pacientemente as vicissitudes da vida terrestre; mas, ao lhes ensinar que, ao morrerem, eles não deixam este mundo inexoravelmente; que podem voltar para cá para aperfeiçoar sua educação intelectual e moral, caso não sejam já assaz adiantados para merecerem ir a um mundo melhor; que os trabalhos e os progressos que aqui realizam, ou que aqui fazem que se realizem, serão de seu próprio proveito, por melhorarem sua posição futura, o espiritismo demonstra que é de todo interesse dos homens não negligenciar a vida espiritual; caso lhes repugne voltar para cá, uma vez que eles possuem seu livre-arbítrio, depende deles realizar o que for preciso para irem a outro lugar; mas que eles não se enganem quanto às condições que podem dar-lhes a merecer uma troca de residência! Não é com o auxílio de certas fórmulas traduzidas em palavras ou atos que a obterão, mas através de uma reforma séria e radical de suas imperfeições; é modificando-se, é despojando-se de suas más paixões, é adquirindo a cada dia novas qualidades, é ensinando a todos, pelo exemplo, a linha de conduta que deve levar solidariamente todos os homens à bem-aventurança, através da fraternidade, da tolerância e do amor.

A humanidade se compõe de personalidades que constituem as existências individuais e de gerações que constituem as existências coletivas. Uma e outras avançam progressivamente, através de fases variadas de provações, que são individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Assim como, para o encarnado, cada existência é um passo adiante, cada geração assinala uma etapa do progresso para o conjunto: este progresso do conjunto é que é irresistível e arrasta as massas ao mesmo tempo que modifica e transforma em instrumento de regeneração os erros e os preconceitos de um passado convidado a desaparecer. Ora, como as gerações são compostas de indivíduos que já viveram nas gerações anteriores, o progresso das gerações constitui, assim, a resultante do progresso dos indivíduos.

Mas quem me demonstrará, alguém talvez pergunte, a solidariedade que existe entre a geração atual e as gerações anteriores ou que a seguirão? Como se poderia comprovar-me que eu vivi na Idade Média, por exemplo, e que voltarei a tomar parte nos acontecimentos que se darão na sequência dos tempos?

O princípio da pluralidade das existências foi muitíssimas vezes demonstrado na *Revista Espírita* e nas obras fundamentais da doutrina, para que nós nos detenhamos aqui a respeito; a experiência e a observação dos fatos da vida diária formigam de provas físicas de uma demonstração quase matemática. Nós somente concitamos os pensadores a que se atenham às comprovações morais que resultam do raciocínio e da indução.

É absolutamente necessário ver uma coisa para crer nela? Ao ver os efeitos, não se pode ter a certeza material da causa?

Além da experimentação, a única via legítima que se abre a esta pesquisa consiste em remontar do efeito à causa. A justiça nos oferece um exemplo notabilíssimo deste princípio quando se dedica a descobrir os *indícios* dos meios que serviram à perpetração de um crime e *as intenções*

que aumentam a culpabilidade do malfeitor. Ele não foi preso em flagrante, não obstante, é condenado pelos indícios.

A ciência, que pretende avançar apenas através da experiência, consigna todos os dias princípios que não passam de induções das causas das quais ela observou tão só os efeitos.

Em geologia, determina-se a idade das montanhas; os geólogos assistiram a sua elevação, viram formar-se as camadas de sedimentos que determinam aquela idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos permitem avaliar o peso dos planetas, sua densidade, seu volume, a velocidade que os anima, a natureza dos elementos que os compõem; no entanto, os cientistas não puderam realizar uma experiência direta, e é à analogia e à indução que nós devemos tantas belas e preciosas descobertas.

Os primeiros homens, com base no testemunho de seus sentidos, afirmavam que é o Sol que gira em torno da Terra. Contudo, tal testemunho os enganava, prevalecendo o raciocínio.

Acontecerá o mesmo quanto aos princípios preconizados pelo espiritismo, desde que se deseje estudá-los sem opinião formada; só então a humanidade entrará realmente e rapidamente na era de progresso e de regeneração, porque, não se sentindo os indivíduos mais sozinhos entre dois abismos, o desconhecimento do passado e a incerteza do futuro, trabalharão com ardor para aperfeiçoar e para multiplicar os elementos de bem-aventurança que constituem sua obra; porque reconhecerão que não devem ao acaso a posição que ocupam no mundo, e que eles mesmos haverão de usufruir no futuro e em melhores condições os frutos de seus trabalhos e de suas vigílias. É que, finalmente, o espiritismo lhes ensinará que, se as faltas cometidas coletivamente são expiadas solidariamente, os progressos efetivados em conjunto também são solidários, e é em virtude deste princípio que desaparecerão as dissensões de raças, de famílias e de indivíduos, e que a humanidade, desvencilhada das fraldas infantis, avançará rapidamente e virilmente para a conquista de seu verdadeiro destino.

O EGOÍSMO E O ORGULHO

Suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los.

Admite-se como certo que a maior parte das misérias da vida se originam no egoísmo dos homens. Dado que cada um pensa em si antes de pensar nos outros e deseja sua própria satisfação acima de tudo, cada qual busca naturalmente dar-se tal satisfação, custe o que custar, sacrificando sem escrúpulo os interesses de outrem, desde as menores coisas até as maiores, tanto na ordem moral quanto na ordem material; daqui todos os antagonismos sociais, todas as lutas, todos os conflitos e todas as misérias, porque cada um deseja esbulhar seu vizinho.

O egoísmo origina-se no orgulho. A exaltação da personalidade faz que o homem se considere acima dos outros; acreditando-se com direitos superiores, ele se melindra com tudo que, segundo ele, constitua um atentado contra seus direitos. A importância que, por orgulho, ele atribui à sua pessoa, torna-o naturalmente egoísta.

O egoísmo e o orgulho originam-se em um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm sua razão de ser e sua utilidade, porque Deus não tem como realizar nada de

inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz através do abuso dos dons de Deus, por causa de seu livre-arbítrio. Tal sentimento, contido dentro de limites corretos, é, pois, bom em si mesmo; é o exagero que o faz mau e pernicioso; acontece o mesmo com todas as paixões que o homem amiúde afasta de seu fim providencial. Deus não criou o homem em absoluto egoísta e orgulhoso; ele o criou simples e ignorante; é o homem que se torna egoísta e orgulhoso ao exagerar o instinto que Deus lhe concedeu para sua conservação.

Os homens não podem ser felizes, caso não vivam em paz, ou seja, caso não sejam movidos por um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas, em suma, enquanto buscarem pisar uns nos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; elas, porém, pressupõem a abnegação; ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com tais vícios, nada de real fraternidade, portanto, nada de igualdade nem de liberdade, porque o egoísta e o orgulhoso desejam tudo para si. Sempre estarão aqui os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto eles dominarem, os sistemas sociais mais generosos, os mais sabiamente combinados, desmoronarão sob seus golpes. É lindo, sem dúvida, proclamar o reino da fraternidade, mas com que utilidade, se existe uma causa destrutiva? É edificar em um terreno movediço; seria o mesmo que decretar que haja saúde em um país insalubre. Em tal país, caso se deseje que os homens sejam saudáveis, não basta enviar-lhe médicos, pois eles morrerão como os outros; é preciso destruir as causas da insalubridade. Se vocês desejam que eles vivam como irmãos na Terra, não é suficiente ministrar-lhes lições de moral; é preciso destruir as causas do antagonismo; é preciso atacar o princípio do mal: o orgulho e o egoísmo. É esta a praga; nela deve concentrar-se toda a atenção dos que desejam seriamente o bem da humanidade. Enquanto tal obstáculo subsistir, eles verão seus esforços paralisados, não somente por uma resistência de inércia, mas por uma força ativa que trabalhará sem parar até destruir sua obra, porque toda ideia grande, generosa e emancipadora arrasa as pretensões pessoais.

Destruir o egoísmo e o orgulho é coisa impossível, alguém dirá, porque tais vícios são inerentes à espécie humana. Se fosse assim, seria preciso perder a esperança quanto a qualquer progresso moral; todavia, quando se considera o homem nas diferentes eras, não se pode ignorar um progresso evidente: logo, se ele progrediu, pode continuar progredindo. Por outro lado, não existe homem algum desprovido de orgulho e de egoísmo? Não se veem, ao contrário, aquelas naturezas generosas em quem o sentimento do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato? O número é menor que o dos egoístas, isto é correto, caso contrário estes últimos não seriam a regra; mas existem em número maior do que se pensa e, se parecem tão pouco numerosos, é porque o orgulho se põe em evidência, enquanto a virtude modesta fica na sombra. Logo, se o egoísmo e o orgulho se alinharem entre as condições necessárias à humanidade, como as de se alimentar para viver, não existiriam exceções; o ponto essencial é, portanto, transformar a exceção em regra; para isso, convém, antes de tudo, destruir as causas que produzem e mantêm o mal.

A principal de tais causas se prende, claramente, à falsa ideia que faz o homem de sua natureza, de seu passado e de seu futuro. Não sabendo donde vem, ele se julga mais do que é; não sabendo para onde vai, ele concentra todo o seu pensamento na vida terrestre; ele a deseja tão agradável quanto possível; ele deseja todas as satisfações, todos os prazeres: eis porque ele avança sem escrúpulo contra seu vizinho, caso este se constitua em um obstáculo para ele; mas, para isto, é preciso que predomine; a igualdade propiciaria a outros os direitos que ele deseja possuir sozinho; a fraternidade lhe imporia sacrifícios que redundariam em detrimento de seu bem-estar; a liberdade, ele a deseja para si e só a concede aos outros quando ela não oferece nenhum perigo às suas prerrogativas. Possuindo cada qual as mesmas pretensões, resultam daí conflitos perpétuos que fazem que paguem bem caro os ínfimos prazeres que alcançam propiciar-se.

Quando o homem se identifica com a vida futura, sua maneira de ver muda completamente, como a do indivíduo que tem de ficar apenas umas poucas horas em um alojamento ruim e que sabe que, à sua saída, terá um alojamento magnífico para o resto de seus dias.

A importância da vida presente, tão triste, tão curta, tão efêmera, desfaz-se perante o esplendor do futuro infinito que se abre diante dele. A consequência natural, lógica, desta certeza consiste em sacrificar um presente fugidivo a um futuro durável, enquanto que, antes, ele sacrificava tudo ao presente. Tornando-se a vida futura seu alvo, pouco lhe importa possuir um pouco mais ou um pouco menos nesta daqui; os interesses mundanos constituem o acessório, ao invés de ser o principal; ele trabalha no presente com vista a assegurar sua posição no futuro e, além do mais, ele sabe em que condições é capaz de ser feliz.

Quanto aos interesses mundanos, o homem tem como opor obstáculo ao egoísmo; é preciso que ele se afaste deles, e se torne egoísta pela força das coisas; caso eleve suas vistas mais para o alto, até uma bem-aventurança que nenhum homem consiga impedir, ele vai perder o interesse em prejudicar a quem quer que seja, e o egoísmo não vai ter mais razão de existir; porém, sempre lhe restará o estímulo do orgulho.

A causa do orgulho reside no fato de o homem crer em sua superioridade individual; e é aqui que se faz ainda sentir a influência da concentração do pensamento na vida terrena. No homem que não enxerga nada diante dele, nada depois dele, nada acima dele, o sentimento da personalidade o enleva e o orgulho não apresenta contrapeso algum.

A incredulidade não somente não possui nenhum meio de combater o orgulho, como ainda o estimula e lhe dá razão ao negar a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo crê apenas em si mesmo; é natural, portanto, que tenha orgulho; enquanto, nos golpes que o ferem, ele só enxerga o acaso e se emenda, quem tem fé, enxerga a mão de Deus e se inclina. Crer em Deus e na vida futura constitui, portanto, a primeira condição para amenizar o orgulho, mas isto não é suficiente; ao lado do futuro, é preciso enxergar o passado, para elaborar uma ideia correta do presente.

Para que o orgulhoso pare de crer em sua superioridade, é preciso comprovar-lhe que não é mais que os outros e que os outros são tanto quanto ele; que a igualdade é um fato e não simplesmente uma bela teoria filosófica; verdades que ressaem da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem é levado a julgar que Deus o favoreceu de um modo excepcional, quando crê em Deus; quando não crê, rende graças ao acaso e a seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência ensina-lhe a distinguir a vida espiritual infinita da vida corpórea temporária; ele sabe por tal meio que as almas saem iguais das mãos do Criador; que elas têm um mesmo ponto de partida e um mesmo fim, que todas devem atingir em mais ou menos tempo, conforme seus esforços; que ele mesmo só chegou ao que é após haver vegetado por um longo tempo e penosamente, como os outros, nos níveis inferiores; que existe entre os mais atrasados e os mais adiantados apenas uma questão de tempo; que os benefícios de nascença são meramente corpóreos e independentes do Espírito; que o simples proletário pode, em uma outra existência, nascer em um trono, e o mais poderoso, renascer proletário. Caso considere tão só a vida corpórea, ele enxerga as desigualdades sociais do momento, as quais o magoam; caso, porém, ele conduza seu olhar para o conjunto da vida do Espírito, para o passado e para o futuro, desde o ponto de partida até o ponto de chegada, as desigualdades se desfazem e ele reconhece que Deus não beneficiou a nenhum de seus filhos em prejuízo dos outros; que deu igualmente a cada um e não aplainou a estrada para uns mais que para outros; que quem é menos adiantado que ele na Terra pode chegar à perfeição antes, caso trabalhe mais que ele pelo próprio aperfeiçoamento; ele reconhece, enfim, que, chegando cada qual à perfeição tão somente através

de seus esforços pessoais, o princípio de *igualdade* constitui também um princípio de justiça e uma lei natural, perante os quais esboroa o orgulho do privilégio.

Ao comprovar que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, seja como expiação, seja como provação, a reencarnação ensina que naquele que é tratado com desdém se pode achar um homem que foi superior ou igual a nós em uma outra existência, um amigo ou um parente. Se o homem soubesse disso, iria tratá-lo com respeito, mas, aí, não teria mérito algum; se, ao contrário, soubesse que seu amigo atual foi seu inimigo, seu serviçal ou seu *escravo*, ele o rejeitaria; ora, Deus não desejou que fosse assim; eis porque jogou um véu sobre o passado; desta maneira, o homem é impelido a ver em todos, irmãos e iguais; daqui uma base natural para a *fraternidade*; sabendo que ele mesmo poderá ser tratado como tiver tratado os outros, a *caridade* se transforma em um dever e em uma necessidade com fundamento na própria natureza.

Jesus firmou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa da salvação; mas estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao espiritismo, através do conhecimento que propicia da vida espiritual, dos horizontes novos que desvenda e das leis que revela, sancionar aquele princípio, comprovando que não se trata somente de uma doutrina moral mas de uma lei natural, sendo do interesse do homem praticá-lo. Ora, ele o praticará quando, deixando de ver no presente o começo e o fim, compreender a solidariedade existente entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito que o espiritismo faz que ele entreveja, sua importância pessoal se anula; ele compreende que sozinho não é nem pode nada; que todos precisam uns dos outros: dupla derrota para seu orgulho e seu egoísmo.

Mas, para isso, ele precisa da fé, sem a qual ficará forçosamente no ramerrão do presente; não da fé cega que foge da luz, limita as ideias e, por isso mesmo, mantém o egoísmo, mas da fé inteligente, racional, que aspira pela claridade e não pelas trevas, que rasga ousadamente o véu dos mistérios e alarga o horizonte; eis a fé, primeiro elemento de qualquer progresso, que o espiritismo lhe oferece, fé robusta porque se fundamenta na experiência e nos fatos, porque lhe fornece comprovações palpáveis da imortalidade de sua alma, porque lhe ensina donde vem, para onde vai e por que se encontra na Terra; porque, enfim, ela corrige suas ideias inseguras sobre seu passado e sobre seu futuro.

Uma vez que tenha penetrado profundamente nesta estrada, não tendo mais as mesmas causas de superexcitação, o egoísmo e o orgulho se extinguirão, a pouco e pouco, por falta de objetivo e de alimento, e todas as relações sociais se modificarão sob o império da caridade e da fraternidade bem compreendidas.

Pode isto ocorrer através de uma brusca mudança? Não, é impossível: nada é brusco na natureza; jamais a saúde retorna de súbito a um doente; entre a doença e a saúde, existe sempre a convalescença. Logo, o homem não pode *ex-abrupto* mudar seu ponto de vista e erguer seu olhar da terra para o céu; o infinito o confunde e o ofusca; ele precisa de tempo para assimilar as ideias novas. O espiritismo é, sem controvérsia, o mais poderoso elemento moralizador, porque corrói o egoísmo e o orgulho pela base, ao proporcionar um ponto de apoio à moral: ele realizou milagres de conversão; isto não passa ainda, é verdade, de curas individuais e amiúde parciais; mas o que fez pelos indivíduos é a caução do que fará um dia pelas massas. Ele não tem como arrancar as ervas ruins de repente; ele oferece a fé; a fé é a boa semente, mas esta semente precisa de tempo para germinar e dar frutos; eis aqui porque ainda nem todos os espíritas são perfeitos. O espiritismo pegou o homem no meio da vida, no fogo das paixões, na força dos preconceitos, e se, em tais circunstâncias, efetuou prodígios, que acontecerá quando o pegar em seu nascimento, virgem de todas as impressões mórbidas; quando este sugar a caridade com o leite e for embalado pela fraternidade; quando, enfim, toda uma geração se elevar e se nutrir nos ideais que a razão crescente fortificar ao invés de desunir? Sob o império destes ideais convertidos para a fé de todos, não encontrando mais o progresso obstáculo no egoísmo nem no orgulho, as instituições se

reformularão por si mesmas e a humanidade avançará rapidamente na direção de seus prometidos destinos terrenos, enquanto aguarda os celestiais.

LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE

Liberdade, igualdade, fraternidade, estas três palavras constituem, por si sós, o programa de toda uma ordem social que realizaria o progresso mais integral da humanidade, caso os princípios que elas representam pudessem aplicar-se por inteiro. Vejamos os obstáculos que, no estágio atual da sociedade, se podem opor a isto e, paralelamente ao mal, busquemos o remédio.

A fraternidade, na rigorosa acepção da palavra, resume todos os deveres dos homens, uns para com os outros; ela significa: devotamento, abnegação, tolerância, benevolência, indulgência; constitui a caridade evangélica por excelência e a aplicação da máxima: “Proceder em relação aos outros como nós desejaríamos que os outros procedessem em relação a nós.” Do lado oposto está o *egoísmo*. A fraternidade consigna: “Cada um por todos e todos por um.” O egoísmo afirma: “Cada um por si.” Sendo estas duas qualidades a negação uma da outra, é impossível que um egoísta proceda fraternalmente em relação a seus semelhantes, tanto quanto um avaro ser generoso ou um homenzinho atingir a altura de um homenzarrão. Ora, sendo o egoísmo a praga que domina a sociedade, enquanto reinar como senhor, o reino da verdadeira fraternidade será impossível; cada um desejará a fraternidade para seu proveito, mas não desejará convertê-la em proveito dos outros; ou, se a converter, será após ter-se assegurado de que não perderá nada com isso.

Considerada do ponto de vista de sua importância para a realização da paz social, a fraternidade situa-se na primeira linha: constitui a base; sem ela, não poderiam existir nem igualdade nem liberdade real; a igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é a consequência das duas outras.

De fato, suponhamos uma sociedade de homens assaz desinteressados, bons e benevolentes para viverem entre si fraternalmente; não existirão entre eles nem privilégios nem direitos excepcionais, sem o que não existiria fraternidade. Tratar a qualquer um como irmão, é tratá-lo de igual para igual; é desejar para ele o que se desejaria para si mesmo; em um povo de irmãos, a igualdade será a consequência de seus sentimentos, de sua maneira de agir, e se estabelecerá pela força das coisas. Qual é o inimigo da igualdade? É o orgulho. O orgulho, que por toda a parte deseja prevalecer e dominar, que vive de privilégios e de exceções, é capaz de tolerar a igualdade social, mas não a instituirá jamais e a extinguirá na primeira ocasião. Ora, sendo o orgulho, ele também, uma das pragas da sociedade, enquanto não for exterminado, oporá uma barreira à verdadeira igualdade.

A liberdade, afirmamos nós, é filha da fraternidade e da igualdade; nós falamos da liberdade legal e não da liberdade natural, que é, de direito, imprescritível para toda criatura humana, desde o selvagem até o homem civilizado. Vivendo os homens como irmãos, com direitos iguais, animados por recíproco sentimento de benevolência, praticarão entre si a justiça, não buscarão absolutamente prejudicar-se e não terão, por conseguinte, nada a temer uns dos outros. A liberdade não representará perigo, porque ninguém pensará em abusar dela em prejuízo de seus semelhantes. Mas como o egoísmo, que deseja tudo para si, e o orgulho, que deseja incessantemente dominar, dariam as mãos à liberdade que os destronaria? Logo, os inimigos da

liberdade são, ao mesmo tempo, o egoísmo e o orgulho, como também o são da igualdade e da fraternidade.

A liberdade pressupõe mútua confiança; ora, não poderia existir confiança entre pessoas movidas pelo sentimento exclusivo da personalidade; não podendo satisfazer-se senão às custas de outrem, eles permanecem sempre em guarda uns contra os outros. Sempre com receio de perder o que chamam de seus direitos, a dominação é a própria condição de sua existência; eis porque erguerão sempre barricadas à liberdade e a sufocarão tanto quanto puderem.

Estes três princípios são, portanto, como nós dissemos, solidários entre si e se apoiam mutuamente; sem sua reunião, o edifício social não estaria completo. A fraternidade praticada em sua pureza não poderia estar sozinha, pois, sem a igualdade e a liberdade, não existe verdadeira fraternidade. A liberdade sem a fraternidade é como soltar a rédea de todas as más paixões, que ficam sem freio; com a fraternidade, o homem não faz mau uso algum de sua liberdade: é a ordem; sem a fraternidade, ele a utiliza para dar curso a todas as suas infâmias: é a anarquia, a licenciosidade. Eis porque as nações mais livres são forçadas a estabelecer restrições à liberdade. A igualdade sem a fraternidade conduz aos mesmos resultados, pois a igualdade requer a liberdade; sob pretexto de igualdade, o pequeno rebaixa o grande, para substituí-lo, tornando-se tirano por sua vez; trata-se apenas de uma troca de despotismo.

Segue-se que, enquanto os homens não se achem imbuídos do sentimento da verdadeira fraternidade, é preciso mantê-los na servidão? Segue-se que eles não são adequados às instituições fundamentadas nos princípios de igualdade e de liberdade? Tal opinião seria mais que um erro; seria absurda. Ninguém espera que uma criança complete todo o seu crescimento para fazê-la andar. Quem, de resto, mantém a humanidade o mais das vezes sob tutela? São homens de ideias grandes e generosas, guiados pelo amor ao progresso, aproveitando a submissão de seus inferiores para desenvolver neles o senso moral e elevá-los, a pouco e pouco, à condição de homens livres? Não; são, na maior parte das vezes, homens ciosos de seu poder, à ambição e à cupidez de quem outros homens servem de instrumentos mais inteligentes que os animais, e que, para este efeito, ao invés de emancipá-los, os mantêm o maior tempo possível submissos e na ignorância. Mas esta ordem de coisas vai mudando por si mesma, através da força irresistível do progresso. A reação é, às vezes, violenta e tanto mais terrível quanto o sentimento da fraternidade, imprudentemente sufocado, não vem de forma alguma interpor seu poder de moderação; a luta se dá entre os que desejam conseguir e os que desejam reter; daqui um conflito que amiúde se prolonga durante séculos. Um equilíbrio artificial se estabelece, enfim; as coisas melhoram; mas se sente que as bases sociais não estão sólidas; o solo treme a cada instante sob os passos, pois não se trata em absoluto ainda do reino da liberdade e da igualdade sob a égide da fraternidade, porque o orgulho e o egoísmo estão sempre aqui, os quais mantêm sem sucesso os esforços dos homens de bem.

Todos vocês que sonham com esta idade de ouro para a humanidade, trabalhem, antes de tudo, na base do edifício, antes de desejar cobrir o telhado; deem-lhe por assentamento a fraternidade em sua mais pura acepção; mas, para isso, não é suficiente decretá-la e inscrevê-la em uma bandeira; é preciso que ela se ache no coração, e não se muda o coração dos homens através de mandados. Assim como, para fazer frutificar um campo, é preciso extrair as pedras e os cardos, trabalhem sem trégua para extirpar o vírus do orgulho e do egoísmo, pois aqui se acha a fonte de todo o mal, o obstáculo real ao reino do bem; destruam, nas leis, nas instituições, nas religiões, na educação, até os derradeiros vestígios dos tempos de barbárie e de privilégios, e todas as causas que sustentam e desenvolvem estes eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, que se suga, por assim dizer, com o leite, e que se aspira por todos os poros dentro da atmosfera social; somente então os homens hão de compreender os deveres e os benefícios da fraternidade; somente então, também, se hão de estabelecer por si mesmos, sem choque nem perigo, os princípios complementares da igualdade e da liberdade.

É possível a destruição do egoísmo e do orgulho? Nós afirmamos alto e intrepidamente que SIM, caso contrário precisaria pôr um ponto final no progresso da humanidade. O homem cresce em inteligência: trata-se de um fato incontestável; chegou ele ao ponto culminante que não conseguiria ultrapassar? Quem ousaria sustentar esta tese absurda? Progrediu ele em moralidade? É suficiente para responder a esta questão comparar as épocas em um mesmo país. Por que teria atingido mais cedo o limite do progresso moral que o do progresso intelectual? Sua aspiração no sentido de uma ordem de coisas melhor constitui um indício da possibilidade de lá chegar. Aos homens dedicados ao progresso cabe ativar este movimento através do estudo e da colocação na prática dos meios mais eficazes.

AS ARISTOCRACIAS

Aristocracia provém do grego *áristos* [áa[ristoj], o melhor, e *krátos* [kráaá,toj], poder: a aristocracia, em sua acepção literal, significa, portanto: *poder dos melhores*. Convenhamos que o sentido primitivo foi, às vezes, singularmente modificado; mas vejamos que influência o espiritismo pode exercer em sua aplicação. Para isto, voltemos ao ponto de partida e sigamos através das eras para deduzir daí o que sucederá mais tarde.

Em nenhum tempo nem entre nenhum povo, os homens em sociedade puderam passar sem chefes; eles se encontram entre os mais selvagens. Isto se deve ao fato de que, em razão da diversidade das aptidões e dos caracteres inerentes à espécie humana, existem por toda a parte homens incapazes que precisam ser dirigidos, fracos que precisam ser protegidos, paixões que precisam ser reprimidas; daqui ser necessária uma autoridade. Sabe-se que nas sociedades primitivas tal autoridade foi conferida aos chefes de família, aos anciãos, aos velhos, em suma, aos patriarcas; esta foi a primeira de todas as aristocracias.

Tornando-se mais numerosas as sociedades, a autoridade patriarcal ficou sem poder em certas circunstâncias. As querelas entre tribos vizinhas provocaram combates; precisou-se para dirigi-las, não de velhos, mas de homens fortes, vigorosos e inteligentes; daqui os chefes militares. Uma vez vitoriosos estes chefes, lhes era conferida a autoridade, na esperança de se achar em seu valor uma garantia contra os ataques dos inimigos; muitos, abusando de sua posição, se apoderaram dela por si mesmos; depois, os vencedores se impuseram aos vencidos ou os reduziram à servidão; daqui a autoridade da força bruta, a qual constituiu a segunda aristocracia.

Os fortes, com seus bens, transmitiram mui naturalmente sua autoridade a seus filhos, e os fracos, reprimidos, não ousando dizer nada, habituaram-se, a pouco e pouco, a considerá-los como os herdeiros dos direitos conquistados por seus pais e como seus superiores; daqui a divisão da sociedade em duas classes: os superiores e os inferiores, os que mandam e os que obedecem; daqui, por conseguinte, a aristocracia de nascença, que se tornou tão poderosa e tão preponderante quanto a da força, uma vez que não possuía força própria, como nos primitivos tempos em que carecia impor-se pessoalmente, dispôs-se de uma força mercenária. Tendo todo o poder, ela se outorgou naturalmente privilégios.

Para a conservação dos privilégios, era preciso proporcionar-lhes o prestígio da legalidade, e a aristocracia elaborou as leis em seu proveito, o que era fácil para ela, já que só ela as elaborava. Nem sempre isto era suficiente; assim, ela lhes concedeu o prestígio do direito divino, para torná-las respeitáveis e invioláveis. Para assegurar aquele respeito da parte da classe submissa, que se

tornava mais e mais numerosa e mais difícil de conter, mesmo através da força, só existia um meio: impedi-la de ver claro, ou seja, mantê-la na ignorância.

Se a classe superior tivesse podido sustentar a classe inferior sem nada fazer, ela lhe teria saído barato por muito tempo ainda; mas, como a classe inferior era obrigada a trabalhar para viver, e a trabalhar tanto mais quanto mais fosse extorquida, resultou que a necessidade de encontrar continuamente novos recursos, de lutar contra uma concorrência de fora, de procurar novas perspectivas para os produtos, desenvolveu sua inteligência, como também que ela se esclareceu em virtude das mesmas causas de que se serviram para sujeitá-la. Não se percebe aqui o dedo da Providência?

A classe submissa, pois, viu claro; ela viu o pouco de consistência do prestígio que lhe era oposto e, sentindo-se forte pela quantidade, aboliu os privilégios e proclamou a igualdade perante a lei. Este princípio assinalou, entre certos povos, o fim do reino da aristocracia de nascença, que se tornou tão só nominal e honorífica, já que não mais confere direitos legais.

Então, elevou-se um novo poder, o do dinheiro, porque, com o dinheiro, dispõe-se de homens e de coisas. Era um sol nascente perante o qual a gente se inclinou como outrora se inclinava perante um brasão, e algo ainda inferior. O que não se outorgava mais ao título outorgava-se à fortuna, e a fortuna obteve seus privilégios legais. Mas, então, percebeu-se que, se, para fazer fortuna, se precisa de uma certa dose de inteligência, não se precisava de tanto para herdá-la, que os filhos amiúde são mais hábeis em comer que em ganhá-la, e que os meios mesmos de enriquecer nem sempre são irrepreensíveis; daqui resulta que o dinheiro vem perdendo, a pouco e pouco, seu prestígio moral, e que esse poder tende a ser substituído por um outro poder, uma outra aristocracia mais justa: a da inteligência, perante a qual cada um pode inclinar-se sem se aviltar, porque ela pertence tanto ao pobre quanto ao rico.

Será esta a derradeira? Constitui ela a mais alta expressão da humanidade civilizada? Não.

Nem sempre a inteligência constitui um penhor de moralidade, e o homem mais inteligente pode fazer um muito mau uso de suas faculdades. Por outro lado, a moralidade sozinha pode muitas vezes ser improfícua. A união destas duas faculdades, *inteligência e moralidade*, é, portanto, necessária para criar uma preponderância legítima e à qual a massa se submeterá cegamente, porquanto lhe inspirará toda a confiança através de suas luzes e de sua justiça. Esta será a derradeira aristocracia, a que constituirá a consequência, ou antes, o sinal do advento do reino do bem na Terra. Ela chegará de todo naturalmente através da força das coisas; quando os homens desta categoria forem assaz numerosos para formar u'a maioria imponente, a eles é que a massa confiará seus interesses.

Como nós vimos, todas as aristocracias apresentam sua razão de ser; elas nascem do estágio da humanidade; acontecerá o mesmo com a que vier a ser uma necessidade; todas tiveram ou terão seu tempo conforme as regiões, porque nenhuma se fundamentou no princípio moral; somente este princípio pode constituir uma supremacia durável, porque ela será animada por sentimentos de justiça e de caridade; supremacia que nós denominaremos de *aristocracia intelecto-moral*.

É possível um tal estado de coisas com o egoísmo, o orgulho, a cupidez que reinam soberanos na Terra? A isto nós responderemos francamente: sim, não somente é possível como sobrevirá, pois é inevitável.

Hoje em dia, a inteligência predomina; ela é soberana, ninguém poderia contestá-lo; e isto é tão real que vocês estão vendo o homem do povo chegando aos primeiros postos. Não é esta aristocracia mais justa, mais lógica, mais racional que a da força bruta da nascença ou do dinheiro? Por que, então, seria impossível de se acrescentar a moralidade a ela? — Porque, dizem os pessimistas, o mal predomina na Terra. — Acaso está escrito que o bem não o suplantarà jamais? Os costumes e, por conseguinte, as instituições sociais, não valem cem vezes mais hoje em dia que

na Idade Média? Não foi cada século assinalado por um progresso? Por que, então, a humanidade se refrearia quando tem ainda tanto que fazer? Os homens, por um instinto natural, buscam seu bem-estar; caso não o encontrem completo no domínio da inteligência, eles o procurarão em outro lugar; e onde poderão achá-lo se não no domínio da moralidade? Para isto, é preciso que a moralidade o suplante numericamente. Existe muito que fazer, é incontestável, mas, ainda uma vez, seria uma tola presunção afirmar que a humanidade atingiu seu apogeu, quando a gente observa que ela avança continuamente na estrada do progresso.

Digamos, de pronto, que os bons, na Terra, não são em absoluto tão raros quanto se crê; os maus são numerosos, o que é, infelizmente, verdadeiro; mas o que os faz parecer ainda mais numerosos é que eles são mais audaciosos e pressentem que tal audácia lhes é necessária para obterem sucesso; não obstante, eles tanto compreendem a preponderância do bem que, não conseguindo praticá-lo, fingem possuí-lo.

Os bons, ao contrário, não alardeiam suas boas qualidades; não se põem em evidência: eis aqui porque parecem tão pouco numerosos; mas sondem os atos íntimos efetivados sem ostentação e em todas as classes sociais vocês acharão ainda muitas naturezas boas e louváveis para lhes serenar o coração e não se desiludir da humanidade. Depois, é preciso dizê-lo também, entre os maus existem muitos que o são apenas por fascinação e que se tornariam bons se fossem submetidos a uma boa influência. Nós asseveramos que, em cada cem indivíduos, existem vinte e cinco bons e setenta e cinco maus; dentre estes últimos, existem cinquenta que o são por fraqueza e que seriam bons se tivessem bons exemplos à vista e se sobretudo houvessem tido uma boa orientação desde a infância; e asseguramos que, entre os vinte e cinco francamente maus, nem todos são incorrigíveis.

No situação atual, os maus se acham em maioria e elaboram a lei para os bons; imaginemos que uma circunstância realize a conversão dos cinquenta médios; os bons ficarão em maioria e elaborarão a lei por seu turno; entre os outros vinte e cinco francamente maus, diversos serão influenciados e só restarão alguns incorrigíveis sem preponderância.

Tomemos um exemplo para comparação: existem povos entre os quais o homicídio e o roubo constituem a normalidade; o bem é exceção. Entre os povos mais adiantados e melhor governados da Europa, o crime é exceção; encurralado pelas leis, ele não exerce influência sobre a sociedade. O que aqui predomina ainda são os vícios de caráter: o orgulho, o egoísmo, a cupidez e seu séquito.

Por que, então, progredindo estes povos, os vícios não se tornariam aqui a exceção, como são hoje os crimes, enquanto os povos inferiores atingiriam o nível destes? Negar a possibilidade desta marcha ascendente seria negar o progresso.

Seguramente, um tal estado de coisas não pode ser o trabalho de um dia mas, se existe uma causa que deve acelerar-lhe o advento é, sem nenhuma dúvida, o espiritismo. Agente por excelência da solidariedade humana, demonstrando as provações da vida atual como a consequência lógica e racional de atos efetivados nas existências anteriores, transformando cada homem no artífice espontâneo de sua própria bem-aventurança, de sua popularização universal resultará necessariamente uma elevação sensível do nível moral atual.

Os princípios gerais de nossa filosofia mal se acham elaborados e coordenados e já reuniram, em uma grandiosa comunhão de pensamentos, milhões de adeptos disseminados por toda a Terra. Os progressos efetuados sob sua influência e as transformações individuais e locais que promoveram em menos de quinze anos permitem-nos avaliar as imensas modificações fundamentais que são convocados a determinar no futuro.

Mas, se, graças ao desenvolvimento e à aceitação geral dos ensinamentos dos Espíritos, o nível moral da humanidade tende continuamente a elevar-se, muitíssimo se enganaria quem

supusesse que a moralidade se tornará preponderante em relação à inteligência. O espiritismo, de fato, não pede para ser aceito cegamente. Ele recorre à discussão e à luz.

Ao invés da fé cega, que aniquila a liberdade de pensar, ele afirma: *“Só é inabalável a fé que consegue defrontar a razão em todas as épocas da humanidade. A fé precisa de uma base e tal base é a percepção perfeita daquilo em que se tem de crer; para crer, não é suficiente ver; é preciso, sobretudo, compreender.”* (O Evangelho Segundo o Espiritismo.) Logo, é com justiça que nós podemos considerar o espiritismo como um dos mais poderosos precursores da aristocracia do futuro, ou seja, da *aristocracia intelecto-moral*.

OS DESERTORES

Se todas as grandes ideias possuem seus apóstolos ardentes e devotados, até as melhores possuem também seus desertores. O espiritismo não podia furtar-se às consequências da fraqueza humana; ele teve os seus, e a este respeito algumas observações não hão de ser inúteis.

No começo, muitos desprezaram a natureza e o fim do espiritismo e não lhe perceberam o alcance. Bem no início, ele excitou a curiosidade; muitos viram nas manifestações apenas um motivo de entretenimento; eles se divertiram com os Espíritos, enquanto estes aquiesceram na diversão; tratava-se de um passatempo, muitas vezes, um adorno da noite.

Esta maneira de apresentar a coisa no princípio era uma hábil tática da parte dos Espíritos; sob a forma de divertimento, a ideia penetrou por toda a parte e semeou seus germes, sem afugentar as consciências timoratas; a gente brincou com a criança, mas a criança devia crescer.

Quando aos Espíritos facetos sucederam os Espíritos sérios, moralizadores; quando o espiritismo se tornou ciência, filosofia, as pessoas superficiais não mais o acharam divertido; para os que se prendem, antes de tudo, à vida material, tratava-se de um censor importuno e molesto, a quem mais de um deixou de lado. Não há que lamentar tais desertores, pois as pessoas frívolas são por toda a parte pobres coadjuvantes. No entanto, a primeira fase não representou um tempo perdido, bem longe disso. Em virtude daquele disfarce, a ideia obteve cem vezes mais popularidade que obteria caso tivesse revestido, desde a origem, uma forma severa; mas daqueles ambientes levianos e descuidados saíram pensadores sérios.

Aqueles fenômenos, postos na moda através do atrativo da curiosidade, passando a ser uma paixão, tentaram a cupidez das pessoas ávidas pelo novo, na esperança de achar aí uma porta aberta. As manifestações pareciam u’ a matéria maravilhosamente explorável, e mais de um pensou em fazer dela um auxiliar para seu ofício; outros viram ali uma variante da arte da adivinhação, um meio talvez mais seguro que a cartomancia, a borra de café etc. etc., para conhecer o futuro e achar as coisas perdidas, pois, conforme a opinião da época, os Espíritos deviam saber tudo.

Desde que aquelas pessoas perceberam que a especulação escorregava de suas mãos e se transformava em mistificação, desde que os Espíritos não vinham ajudá-las a fazer fortuna, fornecer-lhes bons números para a loteria, dizer-lhes a sorte real, fazê-las descobrir tesouros ou receber heranças, proporcionar-lhes uma boa invenção qualquer, frutuosa e patenteável, suprir-lhes a ignorância e dispensá-las do trabalho intelectual e material, os Espíritos não serviam para nada e suas manifestações não passavam de ilusões. Tanto elas haviam elogiado o espiritismo, enquanto mantiveram a esperança de retirar dele um proveito qualquer, quanto o denegriram quando chegou o desapontamento. Mais de um crítico que o despreza o elevaria às nuvens, caso

ele lhe tivesse feito descobrir um tio na América ou ganhar na Bolsa de Valores. Esta constitui a mais numerosa categoria dos desertores, mas, convenhamos, não se pode conscientemente qualificá-los de espíritas.

Esta fase teve também sua utilidade; ao demonstrar o que não se devia esperar do concurso dos Espíritos, ela deu a conhecer a finalidade séria do espiritismo, ela depurou a doutrina. Os Espíritos sabem que as lições da experiência são as mais proveitosas; caso, desde o início, eles tivessem dito: Não perguntem tal ou qual coisa, porque vocês não conseguirão, talvez a gente não tivesse acreditado neles; eis porque eles deixaram rolar, a fim de que a verdade proviesse da observação. As decepções desencorajaram os que exploram e contribuíram para diminuir o número deles; eram parasitas os que elas arrebataram ao espiritismo, e não adeptos sinceros.

Certas pessoas mais perspicazes que as outras perceberam o homem na criança que acabava de nascer e tiveram medo dela, como Herodes teve medo do Menino Jesus. Não ousando atacar o espiritismo de frente, eles arranjaram agentes que o abraçaram para sufocá-lo; que fingem adotá-lo, a fim de se introduzirem por toda a parte, insuflar astutamente a inimizade nos centros, espalhar ali furtivamente o veneno da calúnia, lançar ali as setas da discórdia, incitar aos atos comprometedores, tentar fazer extraviar a doutrina para torná-la ridícula ou odiosa e simular, em seguida, defecções. Outros são ainda mais hábeis; embora pregando a união, eles semeiam a divisão; eles lançam astutamente na pauta questões excitantes e chocantes; eles excitam uma competição por preponderância entre os diferentes centros; eles ficariam maravilhados ao vê-los atirar pedras e erguer bandeira contra bandeira, por ocasião de algumas divergências de opiniões sobre certas questões de forma e de fundo, o mais das vezes provocadas. Todas as doutrinas tiveram seus judas; ao espiritismo não poderiam faltar os seus e eles não o decepcionaram.

São estes os espíritas de contrabando, os quais, contudo, tiveram também sua utilidade; eles ensinaram ao verdadeiro espírita a ser prudente, circunspecto, e a não se fiar nas aparências.

Em princípio, é preciso desconfiar dos ardores muito febris que não passam, quase sempre, de fogos de palha ou fingimentos, arroubos de momento que substituem os atos pela abundância de palavras. A verdadeira convicção é calma, refletida, motivada; ela se revela, como a verdadeira coragem, através dos fatos, ou seja, da firmeza, da perseverança e sobretudo da abnegação. O desinteresse moral e material é a verdadeira pedra de toque da sinceridade.

A sinceridade tem uma chancela *sui generis*; ela se reflete através de nuances muitas vezes mais fáceis de compreender que de definir; a gente a sente através daquele efeito da transmissão do pensamento cuja lei o espiritismo vem revelar-nos, e que a falsidade não alcança jamais fingir completamente, considerando que ela não pode alterar a natureza das correntes fluídicas que projeta. Ela acredita erroneamente ludibriar através de uma baixa e servil adulação, que só pode seduzir as almas orgulhosas, mas é através desta mesma adulação que ela se trai junto das almas elevadas.

Jamais o gelo teve o dom de imitar o calor.

Caso nós passemos à categoria de espíritas propriamente ditos, aqui ainda nós nos confrontaremos com certas fraquezas humanas, de que nem sempre a doutrina triunfa imediatamente. As mais difíceis de vencer são o egoísmo e o orgulho, estas duas paixões peculiares ao homem. Entre os adeptos convencidos, não existem deserções na acepção da palavra, pois quem desertasse por um motivo de interesse, ou qualquer outro, não teria sido jamais sinceramente espírita; mas podem acontecer desfalecimentos. A coragem e a perseverança podem curvar-se perante uma decepção, uma ambição frustrada, uma preeminência não alcançada, um amor-próprio magoado, uma provação difícil. A gente recua perante o sacrifício do bem-estar, o receio de comprometer seus interesses materiais, o medo do que se dirá a respeito; desmonta por causa uma mistificação; não renuncia, mas esfria; vive para si e não para os outros; bem que a gente deseja beneficiar-se com a crença, mas na condição de que não venha a custar nada. Com

certeza, os que agem assim podem ser crentes, mas seguramente são crentes egoístas, em quem a fé não meteu o fogo sagrado do devotamento e da abnegação; sua alma tem dó de se separar da matéria. Eles integram nominalmente o espiritismo, mas não se pode contar com eles.

Todos os outros são espíritas que verdadeiramente merecem este nome: aceitam de per si mesmos todas as consequências da doutrina, e a gente os reconhece pelos esforços que realizam para se melhorarem. Sem negligenciarem além do razoável os interesses materiais, constituem-lhes estes o secundário e não o primordial; a vida terrena não passa de uma travessia mais ou menos penosa; de seu uso útil ou inútil depende o futuro; suas alegrias são mesquinhas à vista do fim esplêndido que eles vislumbram do lado de lá; eles não refugam em absoluto os obstáculos que encontram na caminhada: as vicissitudes, as decepções constituem provações perante as quais não se desencorajam de modo algum, porque o repouso é o prêmio do trabalho; eis porque a gente não vê entre eles nem deserções, nem desfalecimentos.

Por isso os bons Espíritos visivelmente protegem os que lutam com coragem e perseverança, cujo devotamento é sincero e sem segunda intenção; eles os ajudam a vencer os obstáculos e abrandam as provações de que não conseguem poupar-lhes, enquanto que não menos visivelmente abandonam os que os abandonam e sacrificam a causa da verdade à sua ambição pessoal.

Devemos nós dispor entre os desertores do espiritismo os que se retiram porque nossa maneira de ver não os satisfaz; os que, achando nosso método demasiado lento ou demasiado rápido, pretendem alcançar mais cedo e em melhores condições a meta a que nos propusemos? Não, certamente, caso a sinceridade e o desejo de propagar a verdade sejam seus únicos guias. — Sim, caso seus esforços tendam unicamente a se colocarem em evidência e a captar a atenção pública para satisfazer seu amor-próprio e seu interesse pessoal!

Vocês têm uma forma de ver que não é a nossa; vocês não se simpatizam com os princípios que nós admitimos! Nada comprova que estão mais que nós com a verdade. A gente pode divergir de opinião em matéria de ciência; pesquisem de seu lado enquanto nós pesquisamos do nosso; o futuro mostrará qual de nós incide em erro ou está com a razão. Nós não pretendemos ser os únicos em condições de realizar estudos sérios e úteis; o que nós realizamos outros podem seguramente realizar. Que os homens inteligentes se reúnam conosco ou não, que importa?!... Que os centros de estudos se multipliquem, tanto melhor, pois isto assinalará um progresso incontestável, que nós aplaudiremos com todas as nossas forças.

Quanto às rivalidades, às tentativas de nos suplantar, nós temos um meio infalível de não receá-las. Trabalhem por compreender, por aumentar nossa inteligência e nosso coração; lutemos contra os outros, mas lutemos com caridade e com abnegação. Que o amor do próximo inscrito em nossa bandeira constitua nossa divisa; a busca da verdade, de onde venha, constitua nossa única meta! Com tais sentimentos, nós enfrentaremos o escárnio de nossos adversários e as arremetidas de nossos competidores. Caso nós nos enganemos, não teremos o tolo amor-próprio de nos fixarmos nas ideias erradas; mas existem princípios que se tem a certeza de jamais errar: trata-se do amor ao bem, da abnegação, da abjuração de todo sentimento de inveja e de ciúme. Estes princípios são os nossos; nós enxergamos neles o vínculo que deve unir todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões; tão somente o egoísmo e a má-fé colocam entre eles barreiras insuperáveis.

Mas, qual será a consequência deste estado de coisas? Sem controvérsia, as tramoias dos falsos irmãos poderão trazer, temporariamente, algumas perturbações parciais. Eis porque é preciso envidar todos os seus esforços para baldá-las tanto quanto possível; contudo, elas existirão necessariamente por pouco tempo e não teriam como ser prejudiciais no futuro: primeiro, porque constituem uma artimanha de oposição que ruirá pela força dos fatos; depois, qualquer coisa que se diga ou que se faça não possibilitaria à gente suprimir da doutrina seu caráter distintivo, sua

filosofia racional e lógica, sua moral consolativa e regeneradora. Hoje em dia, as bases do espiritismo se acham assentadas de um modo inabalável; os livros escritos sem falha e colocados ao alcance de todas as inteligências serão sempre a expressão clara e correta do ensinamento dos Espíritos, e o transmitirão intacto aos que vierem depois de nós.

É preciso não perder de vista que nós nos achamos em um momento de transição e que nenhuma transição se efetua sem conflito. É preciso, portanto, não se espantar ao ver agitarem-se certas paixões: as ambições comprometidas, os interesses magoados, as pretensões frustradas; mas, a pouco e pouco, tudo isto vai extinguindo-se, a febre vai acalmando-se, os homens vão passando e as ideias novas vão ficando. Espíritas, caso vocês desejem ser invencíveis, sejam benevolentes e caridosos; o bem é uma couraça contra a qual virão sempre esboroar-se as tramoias da malevolência!...

Portanto, não tenham medo: o futuro nos pertence; deixemos nossos adversários debater-se sob o guante da verdade que os ofusca; qualquer oposição é impotente contra a evidência, que triunfa inevitavelmente pela força mesma da realidade. A popularização universal do espiritismo é uma questão de tempo e, neste século, o tempo avança a passos de gigante sob a impulsão do progresso.

Allan Kardec.

Observação. — Nós publicamos como complemento deste artigo u'a mensagem sobre o mesmo tema dada por Allan Kardec, após sua entrada no mundo dos Espíritos. Pareceu-nos interessante que nossos leitores juntassem às páginas eloquentes e viris precedentes, a opinião atual do organizador por excelência de nossa filosofia.

(Paris, novembro de 1869.)

Quando eu me achava corporalmente entre vocês, amiúde dizia que se deveria escrever uma história do espiritismo, a que não faltaria interesse; esta é ainda minha opinião hoje em dia, e os elementos que eu reuni com este fim poderão servir um dia para realizar meu pensamento. É que, de fato, eu me achava situado melhor que qualquer outro para avaliar o curioso espetáculo provocado pela descoberta e a popularização de uma grande verdade. Outrora eu pressentia, hoje eu sei qual ordem maravilhosa, qual harmonia inconcebível presidem à concentração de todos os documentos destinados a engendrar a nova obra. A benevolência, a boa vontade, o devotamento absoluto de uns; a má-fé, a hipocrisia, as manobras malévolas de outros, tudo isto concorre para assegurar a estabilidade do edifício que se ergue. Entre as mãos das potências superiores que presidem a todos os progressos, as resistências inconscientes ou fingidas, os ataques com o fito de semear o descrédito e o ridículo tornam-se instrumentos de elaboração.

O que não se tem feito, que recursos não se têm posto em ação para asfixiar a criança no berço!

O charlatanismo e a superstição quiseram, cada um por sua vez, apropriar-se de nossos princípios para explorá-los em seu proveito; todos os raios da imprensa caíram sobre nós; puseram em ridículo as coisas mais respeitáveis; atribuíram ao espírito do mal os ensinamentos dos Espíritos mais dignos da admiração e da veneração universais; contudo, todos estes esforços juntos, esta coalizão de todos os interesses contrariados, alcançaram apenas proclamar a impotência de nossos adversários.

É no meio desta luta incessante contra os preconceitos estabelecidos, contra o que se reputou de errado, que se aprende a conhecer os homens. Eu sabia, ao consagrar-me à minha obra de predileção, que me expunha ao ódio, à inveja e ao ciúme dos outros. A estrada se achava semeada de dificuldades sempre renascentes. Não podendo nada contra a doutrina, atacavam o homem; mas, neste aspecto, eu era forte, pois tinha abnegado minha personalidade. Que me importavam as investidas da calúnia; minha consciência e a grandeza do objetivo faziam-me esquecer as urzes e os espinheiros do caminho. Os testemunhos de simpatia e de estima que recebi dos que me souberam avaliar foram a mais doce recompensa que jamais ambicionei; mas, ai de mim!, quantas vezes eu teria sucumbido ao peso de minha tarefa, caso a afeição e o reconhecimento da maior parte não me houvessem feito esquecer a ingratidão e a injustiça de alguns; pois, se os ataques direcionados contra mim sempre me encontraram impassível, devo dizer que eu era dolorosamente afetado todas as vezes que encontrava falsos amigos entre aqueles de quem eu esperava mais.

Se é justo desacreditar os que tentaram explorar o espiritismo ou deturpá-lo em seus escritos, sem terem efetuado um estudo prévio a respeito, quanto mais são culpados os que, após lhe haver assimilado todos os princípios, não contentes em se manterem à parte, concentraram seus esforços contra ele! É sobretudo para os desertores desta categoria que é preciso evocar a misericórdia divina, pois eles espontaneamente extinguiram a chama que os iluminava, com a ajuda da qual poderiam iluminar os outros. Não tardaram eles a perder a proteção dos bons Espíritos, e, pela triste investigação que realizamos, cedo se viram mergulhados, de queda em queda, nas situações mais críticas!

Após meu retorno ao mundo dos Espíritos, eu revi um certo número destes infelizes! Eles se arrependem agora; lamentam seu ócio e sua má vontade, mas não têm como reparar o tempo perdido!... Eles voltarão logo para a Terra com a firme resolução de concorrer ativamente para o progresso, e permanecerão ainda em luta contra suas antigas tendências, até que tenham definitivamente triunfado sobre elas.

A gente poderia crer que os espíritas de hoje em dia, iluminados por estes exemplos, evitarão cair nos mesmos erros. Não é assim. Por longo tempo ainda, existirão falsos correligionários e amigos ineptos; mas não mais que seus irmãos mais velhos; eles não terão êxito em desviar o espiritismo de sua rota. Se eles provocam algumas perturbações temporárias e meramente locais, a doutrina não periclitará por causa disso; logo, ao contrário, os espíritas desencaminhados reconhecerão seu erro; eles virão concorrer com um novo ardor para a obra por um instante desprezada, e, agindo em harmonia com os Espíritos superiores que presidem às transformações humanas, avançarão a passos rápidos para os tempos bem-aventurados prometidos à humanidade regenerada.

BREVE RESPOSTA AOS DETRATORES DO ESPIRITISMO

O direito de exame e de crítica é um direito imprescritível, a que o espiritismo não tem a pretensão de se eximir, do mesmo jeito que não tem a pretensão de satisfazer a todo o mundo. Logo, cada qual fica livre para aceitá-lo ou para rejeitá-lo; mas, de qualquer modo, seria preciso discuti-lo com conhecimento de causa; ora, a crítica muitíssimas vezes vem comprovando apenas sua ignorância a respeito de seus princípios mais elementares, ao fazê-lo dizer precisamente o contrário do que diz, ao atribuir-lhe o que ele desaprova, ao confundi-lo com as imitações grosseiras e burlescas do charlatanismo, ao conferir-lhe, enfim, como regra para todos, as excentricidades de alguns indivíduos. Muitíssimas vezes também, a maleficência pretendeu torná-lo responsável por atos repreensíveis ou ridículos aos quais seu nome foi implicado ocasionalmente, fazendo disso uma arma contra ele.

Antes de imputar a uma doutrina o incentivo a um ato repreensível qualquer, a razão e a equidade requerem que se examine se tal doutrina contém as máximas próprias para justificar tal ato.

Para conhecer a parte de responsabilidade que incumbe ao espiritismo em uma determinada circunstância, existe um meio bem simples, qual seja, o de averiguar *de boa-fé*, não junto aos adversários, mas na fonte mesma, o que ele aceita e o que ele condena. A coisa fica tanto mais fácil quanto ele não tem nada de secreto; seus ensinamentos se dão à luz do dia, e cada qual pode comprová-los.

Logo, se os livros da doutrina espírita condenam de um modo explícito e formal um ato corretamente reprovado; se eles só encerram, ao contrário, mensagens de natureza a conduzir ao

bem, é que o indivíduo culpado do malfeito não sorveu nele suas inspirações, ainda que tivesse tais livros em seu poder.

O espiritismo não é solidário com os que se comprazem em dizer-se espíritas, não mais que a medicina com os charlatães que a exploram, nem a religião sadia com os abusos ou mesmo os crimes cometidos em seu nome. Ele só reconhece como seus adeptos os que põem em prática seus ensinamentos, ou seja, os que trabalham para sua própria melhoria moral, esforçando-se por vencer suas más inclinações, por ser menos egoístas e menos orgulhosos, mais dóceis, mais humildes, mais pacientes, mais benevolentes, mais caridosos para com o próximo, mais moderados em todas as coisas, porque estas são as marcas características do verdadeiro espírita.

O objeto deste breve comentário não é refutar todas as falsas alegações dirigidas contra o espiritismo, nem desenvolver ou comprovar-lhe todos os princípios, e ainda menos buscar converter a suas ideias os que professam opiniões contrárias, mas dizer, em algumas palavras, o que ele é e o que não é, o que ele admite e o que desaprova.

Suas crenças, suas tendências e seu alvo resumem-se nas proposições seguintes:

1.^a) *O elemento espiritual e o elemento material* constituem os dois princípios, as duas forças vivas da natureza, as quais se completam uma pela outra e reagem continuamente uma sobre a outra, indispensáveis ambas ao funcionamento do mecanismo do universo.

Da ação recíproca destes dois princípios nascem fenômenos que cada princípio de per si não é capaz de explicar.

A ciência propriamente dita tem por missão específica o estudo das leis da matéria.

O espiritismo tem por objeto o estudo do *elemento espiritual* em suas relações com o elemento material, e encontra na união destes dois princípios a causa de uma infinidade de fatos até então sem explicação.

O espiritismo avança em harmonia com a ciência no terreno da matéria: ele admite todas as verdades que ela comprova; mas, onde param as investigações desta, prossegue ele as suas no terreno da espiritualidade.

2.^a) Constituindo o elemento espiritual um estado ativo da natureza, os fenômenos que se vinculam a ele se acham submetidos a leis, e são, por isso mesmo, tão naturais quanto os que têm sua origem na matéria neutra.

Certos fenômenos só foram reputados como *sobrenaturais* por causa da ignorância das leis que os regem. Em consequência daquele princípio, o espiritismo não admite o caráter maravilhoso atribuído a certos fatos, comprovando-lhes sempre a realidade ou a possibilidade. Para ele não existem *milagres*, enquanto derrogações das leis naturais; donde se segue que os espíritas não realizam absolutamente milagres, e que a qualificação de *taumaturgos*, que alguns lhes dão, é imprópria.

O conhecimento das leis que regem o princípio espiritual se prende, de um modo direto, à questão do passado e do futuro do homem. É sua vida limitada à existência atual? Ao entrar neste mundo, saiu ele do nada e para lá voltará ao deixá-lo? Ele já viveu e viverá ainda? *Como viverá ele e em quais condições?* Em suma, donde vem e para onde vai? Por que ele está na Terra e por que sofre aí? Tais são as questões que cada qual se põe, porque elas são para todo o mundo de um interesse capital e porque nenhuma doutrina lhes forneceu uma solução racional ainda. A solução que lhes oferece o espiritismo, apoiada em fatos, satisfazendo às exigências da lógica e da justiça mais rigorosa, é uma das principais causas da rapidez de sua propagação.

O espiritismo não é nem uma concepção pessoal, nem o resultado de um sistema preconcebido. É a resultante de milhares de observações levadas a efeito em todos os pontos do globo, as quais convergiram para o centro que as coligiu e coordenou. Todos os seus princípios constituintes, sem exceção, se deduziram da experiência. A experiência sempre precedeu a teoria.

O espiritismo achou-se, assim, desde o início, com raízes por toda a parte; a história não oferece nenhum exemplo de doutrina filosófica ou religiosa que tenha, em dez anos, reunido tão grande número de adeptos; todavia, ele não utilizou, para fazer-se conhecido, nenhum dos meios vulgarmente em uso; ele se propagou por si mesmo, através das simpatias que encontrou.

Um fato não menos constante é que a doutrina não nasceu, em nenhum país, na camada mais baixa da sociedade; por toda a parte, ela se propagou do alto para baixo da escala social; é nas classes esclarecidas que ela se acha ainda quase exclusivamente espalhada, e as pessoas iletradas constituem ínfima minoria para ela.

Averiguou-se ainda que a propagação do espiritismo seguiu, desde a origem, uma caminhada continuamente ascendente, malgrado tudo quanto fizeram para entravá-la e deturpar-lhe o caráter, na intenção de desacreditá-lo na opinião pública. Deve-se mesmo observar que tudo quanto fizeram com este fito lhe favoreceu a difusão; o barulho que fizeram em cada oportunidade levou-o ao conhecimento de pessoas que não ouviram jamais falar a respeito; mais o difamaram ou ridicularizaram, mais as injúrias foram violentas, mais a curiosidade foi espicaçada; e como ele só pode ganhar com o exame, resultou daí que seus adversários constituíram-se, sem querer, em seus ardentes propagadores; se as diatribes não lhe trouxeram nenhum prejuízo, é que, ao estudarem-no, em sua fonte genuína, o acharam de todo diferente do que tinha sido pintado.

Nas lutas que ele precisou sustentar, as pessoas imparciais deram-se conta de sua moderação; ele não utilizou jamais de represálias para com seus adversários, nem devolveu injúria por injúria.

O espiritismo é uma doutrina filosófica que apresenta consequências religiosas como toda filosofia espiritualista; por isto mesmo, ele tem contato forçado com as bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura; mas não se trata de uma religião constituída, considerando que não possui nem culto, nem rito, nem templo, e que, entre seus adeptos, nenhum assumiu ou recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote. Estas qualificações não passam de mera invenção da crítica.

Quem é espírita o é tão só porque se simpatiza com os princípios da doutrina e porque regula sua conduta por eles. É uma opinião como outra qualquer, a qual cada um deve ter o direito de professar, como se tem o direito de se ser judeu, católico, protestante, fourierista, sansimonista, voltairiano, cartesiano, deísta e mesmo materialista.

O espiritismo proclama a liberdade de consciência como um direito natural: ele a reclama para os seus, como para todo o mundo. Ele respeita todas as convicções sinceras e pede reciprocidade para si.

Da liberdade de consciência decorre o direito ao *livre exame* em matéria de fé. O espiritismo combate o princípio da fé cega, uma vez que impõe ao homem a abdicação de seu próprio julgamento; ele afirma que toda fé imposta não possui raiz. Eis porque ele inscreveu entre as suas máximas: *Só é inabalável a fé que consegue defrontar a razão em todas as épocas da humanidade.*

Consequente com os seus princípios, o espiritismo não se impõe a ninguém; ele deseja ser aceito livremente e por convicção. Ele expõe suas teses e recebe os que vêm a ele espontaneamente.

Ele não busca dissuadir ninguém de suas convicções religiosas; ele não se endereça aos que possuem uma fé e a quem esta fé é suficiente, mas aos que, não estando satisfeitos com o que lhes ofereceram, procuram algo melhor.

SEGUNDA PARTE

FRAGMENTOS *IN EXTENSO* DO LIVRO

DAS

PREVISÕES CONCERNENTES AO ESPIRITISMO

Manuscrito preparado com especial cuidado

por

ALLAN KARDEC

e do qual nenhum capítulo se publicou até agora.

MINHA PRIMEIRA INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO

Em 1854, eu ouvi falar pela primeira vez a respeito das mesas girantes. Um dia, encontrei o Senhor Fortier, o magnetizador, que eu conhecia há muito tempo; ele me perguntou: “Conhece o senhor a singular propriedade que se acaba de descobrir no magnetismo? Parece que não são apenas os indivíduos que se magnetizam, mas as mesas, que giram e andam à vontade.” — “É singularíssimo, de fato, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é um tipo de eletricidade, pode muito bem atuar nos corpos inertes e fazê-los mover.” Os relatos publicados nos jornais de experiências realizadas em Nantes, em Marselha e em algumas outras cidades, não podiam deixar dúvida quanto à realidade do fenômeno.

Depois de algum tempo, eu revi o Senhor Fortier, e ele me disse: “Eis aqui o que é bem mais extraordinário: não só a gente faz a mesa girar ao magnetizá-la, como também faz que fale; a gente a interroga e ela responde.” — “Isto, repliquei, é uma outra questão; eu irei crer nisso quando o vir, e quando alguém me houver comprovado que u’a mesa possui um cérebro para pensar, nervos para sentir, e que possa tornar-se sonâmbula; até lá, permita-me ver nisso apenas uma história para boi dormir.”

Tal raciocínio era lógico; eu concebia a possibilidade do movimento através de uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, parecia-me absurdo conferir inteligência a uma coisa meramente material. Eu me achava na posição dos incrédulos de nossos dias que negam porque só enxergam um fato que não compreendem. Há cinquenta anos, se tivessem dito pura e simplesmente a qualquer um que se podia transmitir um despacho a quinhentas léguas e receber a resposta em uma hora, ele riria na sua cara, e não teriam faltado excelentes razões científicas para comprovar que a coisa era materialmente impossível. Hoje, quando se conhece a lei da eletricidade, isto não assusta a ninguém, nem mesmo um camponês. Acontece o mesmo com todos os fenômenos espíritas; para quem não conhece a lei que os rege, eles parecem sobrenaturais, maravilhosos e, por conseguinte, impossíveis e ridículos; uma vez conhecida a lei, o maravilhoso desaparece; a coisa não apresenta mais nada que repugne à razão, porque a gente compreende a possibilidade dela.

Eu me achava, portanto, no auge de um fato sem explicação, aparentemente contrário às leis da natureza, e que minha razão rejeitava. Eu não havia ainda visto nada nem nada observado; as experiências, realizadas na presença de pessoas honoráveis e dignas de fé, corroboravam-me a possibilidade do efeito meramente material, mas a ideia de u'a mesa *falante* não entrava ainda em meu cérebro.

No ano seguinte, no começo de 1855, eu encontrei o Senhor Carlotti, um amigo de vinte e cinco anos, que conversou comigo a respeito destes fenômenos durante quase uma hora com o entusiasmo que ele dispensava a todas as ideias novas. O Senhor Carlotti era corso, de um temperamento ardente e enérgico; eu sempre estimara nele as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, mas desconfiava de sua exaltação. Ele foi o primeiro que me falou da intervenção dos Espíritos, e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentou minhas dúvidas: "Você, disse-me ele, há de ser um dia dos nossos." "Não digo que não, respondi-lhe eu; nós veremos isto mais tarde."

Algum tempo depois, lá pelo mês de maio de 1855, eu me encontrei na casa da Senhora Roger, sonâmbula, com o Senhor Fortier, seu magnetizador; lá estavam o Senhor Pâtier e a Senhora Plainemaison, que me falaram dos fenômenos no mesmo sentido do Senhor Carlotti, mas com um outro tom. O Senhor Pâtier era um funcionário público, de uma certa idade, homem bastante instruído, de um temperamento austero, frio e calmo; sua linguagem pausada, isenta de qualquer entusiasmo, causou-me uma viva impressão, e, quando ele me convidou para assistir às experiências que se davam na casa da Senhora Plainemaison, à Rua Grange Batelière, n.º 18, aceitei de boa vontade. O encontro foi marcado para a terça-feira seguinte, ainda em maio, às oito horas da noite.

Foi lá que, pela primeira vez, eu testemunhei o fenômeno das mesas que giram, saltam e correm, e isto em condições tais que não era possível duvidar. Eu também vi ali alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúnica em uma lousa, com a ajuda de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de ser estancadas, mas existia ali um fato que devia ter uma causa. Eu divisei sob as aparentes futilidades e a espécie de brincadeira que faziam com os fenômenos, algo sério, algo como a revelação de uma nova lei, o que prometi a mim mesmo aprofundar.

Cedo se ofereceu a ocasião de efetuar observações mais atentas do que me fora possível até então. Em uma das noitadas da Senhora Plainemaison, travei conhecimento com a família Baudin, que residia na época à Rua Rochechouart. O Senhor Baudin convidou-me para assistir às sessões semanais em sua casa, nas quais, desde aquele momento, fiquei muito assíduo.

Aquelas reuniões eram assaz frequentadas; além das pessoas habituais, admitiam, sem problema, a qualquer um que o solicitasse. As duas médiuns eram as Senhoritas Baudin, que escreviam em uma lousa com a ajuda de uma cesta, chamada de *pião*, descrita em *O Livro dos Médiuns* (item 153). Este método, que exige a cooperação de duas pessoas, exclui qualquer

possibilidade de participação das ideias do médium. Ali, eu vi comunicações seguidas e respostas fornecidas às questões levantadas, às vezes mesmo a questões mentais, que acusavam de modo claro a intervenção de uma inteligência alheia.

Os temas tratados eram geralmente frívolos; ocupava-se ali sobretudo de todas as coisas que se atêm à vida material, ao futuro, em suma, a nada de verdadeiramente sério; a curiosidade e a diversão constituíam os principais móveis dos presentes. O Espírito que se manifestava habitualmente tomava o nome de *Zéfiro*, nome perfeitamente adequado a seu caráter e ao do grupo; não obstante, ele era muito bom e se havia declarado o protetor da família; se amiúde possuía a palavra para fazer rir, ele sabia, quando preciso, ministrar sábios conselhos e manejar, no momento certo, o epigrama mordaz e espirituoso. Cedo nós travamos conhecimento e ele me forneceu continuamente provas de uma grande simpatia. Não se tratava de um Espírito muito avançado, mas, mais tarde, assistido pelos Espíritos superiores, ele me ajudou em meus primeiros trabalhos. Afirmou depois que devia reencarnar-se e eu não ouvi mais falar dele.

Foi ali que eu realizei meus primeiros estudos sérios sobre espiritismo, menos, na época, pelas revelações que pelas observações. Eu apliquei a esta nova ciência, como o havia feito até então, o método da experimentação; eu não elaborei jamais teorias preconcebidas: eu observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; a partir dos efeitos, eu buscava remontar às causas, através da dedução e do encadeamento lógico dos fatos, só admitindo uma explicação como válida quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que eu sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze para dezesseis anos¹⁷. Eu compreendi desde logo a gravidade da exploração que iria empreender; eu percebi naqueles fenômenos a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução do que havia procurado toda a minha vida; tratava-se, em suma, de toda uma revolução nas ideias e nas crenças; logo, era preciso agir com circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar cair nas ilusões.

Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os Espíritos, sendo tão somente as almas dos homens, não possuíam nem a suprema sabedoria, nem o supremo conhecimento; que seu saber se achava limitado ao nível de seu adiantamento e que sua opinião tinha apenas o valor de uma opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o princípio, preservou-me do grave erro de acreditar em sua infalibilidade e impediu-me de formular teorias prematuras com a informação de um só ou de uns poucos.

O só fato da comunicação com os Espíritos, fosse o que fosse o que eles pudessem dizer, comprovava a existência do mundo invisível envolvente; tratava-se já de um ponto capital, de um campo imenso aberto a nossas explorações, da chave de uma infinidade de fenômenos sem explicação; o segundo ponto, não menos importante, era o de conhecer o estado daquele mundo, seus costumes, caso se possa exprimir-se assim; eu vi desde logo que cada Espírito, em função de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, me revelava uma parte dele, exatamente como acontece ao se conhecer o estado de um país, interrogando os habitantes de todas as classes e de todas as condições, cada qual capaz de nos ensinar alguma coisa e nenhum, individualmente, capaz de nos ensinar tudo; compete ao observador formar o conjunto com a ajuda de documentos recolhidos em diferentes lugares, coligidos, coordenados e controlados uns pelos outros. Eu agi, portanto, com os Espíritos como o teria feito com os homens; eles constituíram para mim, desde o menor até o maior, os meios de me informar e não os *reveladores predestinados*.

Tais foram as disposições com que eu empreendi e sempre persegui meus estudos espíritas; observar, comparar e julgar, tal foi a regra invariável que eu segui.

¹⁷ Na edição das *Obras Póstumas* preparada por André Dumas, consta a expressão *25 para 26 anos*, contrariando outras edições francesas e todas as traduções brasileiras. (Nota do tradutor.)

Até então as sessões na casa do Senhor Baudin não haviam tido nenhum alvo determinado; comecei a propor ali a resolução dos problemas que me interessavam do ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível; eu ia a cada sessão com uma série de questões preparadas e metodicamente organizadas; sempre as respostas se davam com precisão, profundidade e de um modo lógico. Desde aquele momento, as reuniões passaram a ter um outro caráter; entre os presentes, encontravam-se pessoas sérias, que adquiriram um vivo interesse naquilo e, caso me sucedesse faltar, ficavam ali como que desempregados; as questões fúteis perderam seu atrativo para a maior parte deles. Eu objetivava, no começo apenas minha própria instrução; mais tarde, quando percebi que aquilo constituía um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, tive a ideia de publicar as questões para a instrução de todo o mundo. Foram aquelas as mesmas questões que, continuamente desenvolvidas e completadas, constituíram a base de *O Livro dos Espíritos*.

No ano seguinte, em 1856, eu frequentei, ao mesmo tempo, as reuniões espíritas que se realizavam na casa do Senhor Roustan e da Senhorita Japhet, sonâmbula, na Rua Tiquetone. Aquelas reuniões eram sérias e organizadas. As comunicações se davam por intermédio da Senhorita Japhet, médium, com a ajuda de uma cesta de bico.

Meu trabalho se achava em grande parte terminado e assumia as proporções de um livro, mas eu queria que outros Espíritos, com a ajuda de diferentes médiuns, exercessem controle sobre ele. Eu pensei em organizar um roteiro de estudos para as reuniões do Senhor Roustan; após algumas sessões, os Espíritos disseram preferir revê-lo na intimidade, e me reservaram certos dias para trabalhar, em particular, com a Senhorita Japhet, a fim de fazê-lo com mais calma e também para evitar as indiscrições e os comentários prematuros do público.

Eu não me satisfiz com aquela verificação; os Espíritos é que me aconselharam. Uma vez que as circunstâncias me puseram em relação com outros médiuns, cada vez que a ocasião se apresentava, eu tirava proveito dela para propor algumas das questões que me pareciam as mais espinhosas. Eis como mais de dez médiuns prestaram sua assistência para aquele trabalho. Da comparação e da fusão de todas aquelas respostas, coordenadas, classificadas e inúmeras vezes corrigidas no silêncio da meditação, é que eu compus a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que veio a lume em 18 de abril de 1857.

Até o fim daquele mesmo ano, as duas senhoritas Baudin se casaram; as reuniões não mais aconteceram e a família se dispersou. Mas então minhas relações começavam a se estender, e os Espíritos multiplicaram para mim os meios de me instruir quanto a meus trabalhos ulteriores.

11 de dezembro de 1855

(Na casa do Senhor Baudin; médium: Senhorita Baudin.)

Meu Espírito protetor.

Pergunta ao Espírito Z. No mundo dos Espíritos, existe algum que seja para mim um bom gênio? — *Resposta.* Sim. — *Perg.* Trata-se do Espírito de um parente ou de um amigo? — *Resp.* Nem um nem outro. — *Perg.* Quem foi ele na Terra? — *Resp.* Um homem justo e sábio. — *Perg.* Que devo fazer para captar sua benevolência? — *Resp.* O maior bem possível. — *Perg.* Através de que sinais poderei eu reconhecer sua intervenção? — *Resp.* Através da satisfação que você

experimentará. — *Perg.* Existe algum meio de evocá-lo? Qual? — *Resp.* Ter uma fé viva e insistir em chamar por ele. — *Perg.* Após minha morte, eu o reconhecerei no mundo dos Espíritos? — *Resp.* Sem nenhuma dúvida; ele é que virá felicitá-lo, se você bem cumprir sua tarefa.

Observação. — Vê-se por estas questões que eu era ainda bem novato nas coisas do mundo espiritual.

Perg. — Vem o Espírito de minha mãe visitar-me às vezes? — *Resp.* Sim, e ela o protege tanto quanto possível. — *Perg.* Amiúde eu a vejo em sonho; trata-se de uma lembrança e um efeito de minha imaginação? — *Resp.* Não; é ela que lhe aparece; você deve compreendê-lo pela emoção que você sente.

Observação. — Isto está perfeitamente correto; quando minha mãe me aparecia em sonho, eu sentia uma emoção indescritível, o que o médium não tinha como saber.

Perg. Quando, há algum tempo, nós evocamos S. e lhe perguntamos se ele poderia ser o gênio protetor de um de nós, ele respondeu: “Que um de vocês se mostre digno e eu estarei com ele: Z. lhes dirá”; o senhor me julga digno deste favor? — *Resp.* Caso você o queira. — *Perg.* Que é preciso fazer para isto? — *Resp.* Praticar todo o bem que você encontrar para praticar e suportar as penas da vida com coragem. — *Perg.* Acho-me apto, pela natureza de minha inteligência, a penetrar, tanto quanto seja permitido ao homem fazê-lo, nas grandes verdades de nosso destino futuro? — *Resp.* Sim, você possui a aptidão necessária, mas o resultado dependerá de sua perseverança no trabalho. — *Perg.* Posso concorrer para a propagação destas verdades? — *Resp.* Sem dúvida. — *Perg.* Através de que meios? — *Resp.* Você saberá mais tarde; enquanto aguarda, trabalhe.

25 de março de 1856

(Na casa do Senhor Baudin; médium: Senhorita Baudin.)

Meu guia espiritual.

Eu residia, naquela época, à Rua dos Mártires, n.º 8, no segundo andar, no fundo do corredor. Uma noite, achando-me em meu escritório trabalhando, estalidos reiterados fizeram-se ouvir contra a divisória que me separava do compartimento vizinho. Eu não lhe prestei, de início, nenhuma atenção; mas, como tais batidas continuavam com mais força, mudando de lugar, procedi a uma exploração minuciosa dos dois lados da divisória, escutei se provinham de um outro andar e não descobri nada. O que havia de particular é que, toda vez que eu investigava, o barulho cessava e recomeçava tão logo eu me punha a trabalhar. Minha esposa chegou pelas dez horas; ela veio a meu escritório e, ouvindo aqueles estados, perguntou-me o que era aquilo. “Eu não sei nada a respeito, respondi-lhe; faz uma hora que isto está durando.” Nós procuramos juntos sem maior sucesso, e o barulho continuou até à meia-noite, hora em que eu fui deitar.

Sendo o dia seguinte um dia de sessão na casa do Senhor Baudin, eu contei o fato e pedi a explicação dele aos Espíritos.

Perg. O senhor, sem dúvida, ouviu o caso que eu acabo de contar; poderia dizer-me a causa daquelas batidas, que se fizeram ouvir com tanta persistência? — *Resp.* Era seu Espírito familiar. —

Perg. Com que finalidade vinha ele bater assim? — *Resp.* Desejava comunicar-se consigo. — *Perg.* Poderia o senhor dizer-me o que ele desejava comigo? — *Resp.* Você pode perguntar a ele mesmo, pois ele se acha aqui.

Observação. Naquela época, não se faziam distinções entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos; confundiam-se eles sob a denominação geral de Espíritos familiares.

Perg. Meu Espírito familiar, quem quer que seja, eu lhe agradeço por ter vindo visitar-me; gostaria de me dizer quem é o senhor? — *Resp.* Para você, eu me denominarei de *A Verdade*, e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, eu ficarei à sua disposição.

Perg. Ontem, quando o senhor bateu, enquanto eu trabalhava, tinha algo em particular a me dizer? — *Resp.* O que eu tinha a dizer-lhe era a respeito do trabalho que você elaborava; o que você escrevia desagradava-me, e eu desejava fazer que parasse.

Observação. O que eu estava escrevendo relacionava-se precisamente com os estudos que realizava a respeito dos Espíritos e suas manifestações.

Perg. Referia-se sua desaprovação ao capítulo que eu escrevia, ou ao conjunto do trabalho? — *Resp.* Ao capítulo de ontem; eu quero que você seja o juiz; leia-o de novo esta noite; você reconhecerá seus erros e os corrigirá. — *Perg.* Eu mesmo não me achava muito satisfeito com aquele capítulo e o refiz hoje; agora está melhor? — *Resp.* Está melhor, mas não o bastante. Leia da terceira à trigésima linha e você reconhecerá um grave erro. — *Perg.* Eu rasguei o que havia feito ontem. — *Resp.* Não importa! O ato de rasgar não impede o erro de subsistir; releia e verá.

Perg. O nome *Verdade* que o senhor tomou é uma alusão à verdade que eu procuro? — *Resp.* Talvez; ou, ao menos, é um guia que o protegerá e o ajudará. — *Perg.* Posso evocá-lo em minha casa? — *Resp.* Sim, para assisti-lo através do pensamento; mas, para respostas escritas em sua casa, haverá de demorar muito tempo até que você consiga obtê-las.

Observação. De fato, durante um ano mais ou menos, não pude obter em minha casa nenhuma comunicação escrita e, toda vez que ali se achava um médium de quem eu esperava obter algo, uma circunstância imprevista vinha opor-se a isso. Eu só obtinha comunicações fora de minha casa.

Perg. Poderia o senhor vir mais frequentemente que todos os meses? — *Resp.* Sim, mas eu prometo apenas uma vez por mês, até segunda ordem. — *Perg.* Animou o senhor alguma personagem conhecida na Terra? — *Resp.* Eu lhe disse que, *para você*, eu era a *Verdade*; este *para você* significa discricção: você não saberá mais que isto.

Observação. À noite, voltando para casa, eu me apressei em reler o que havia escrito e, seja na cópia jogada no cesto, seja na nova, na trigésima linha, eu reconheci um erro grave que fiquei espantado de haver cometido. Depois daquilo, nenhuma outra manifestação do mesmo gênero aconteceu; estabelecidas as relações com meu Espírito protetor, tais manifestações não eram mais necessárias; eis porque cessaram. O prazo de um mês que ele havia assinalado para suas comunicações, no princípio, só foi raramente observado; mais tarde, ele deixou de ser observado totalmente; tratava-se, sem dúvida, de um aviso para trabalhar por mim mesmo, e para não recorrer continuamente a ele à menor dificuldade.

9 de abril de 1856

(Na casa do Senhor Baudin; médium: Senhorita Baudin.)

Perg. (à Verdade.) O senhor criticou o trabalho que eu realizava outro dia; e teve razão. Eu o reli e reconheci, na trigésima linha, um erro contra o qual suas batidas constituíam um protesto. Isto me levou a reconhecer outros defeitos e a refazer o trabalho. Está o senhor mais satisfeito agora?

Resp. Acho que está melhor, mas lhe peço para aguardar um mês antes de dá-lo a lume. —

Perg. Que entende você por dá-lo a lume? Eu ainda não estou certamente com a intenção de publicá-lo, se é que deva fazê-lo um dia. — *Resp.* Eu entendo: mostrá-lo a estranhos. Encontre um pretexto para recusá-lo aos que lhe pedirem; entretentes, você melhorará o trabalho. Eu lhe faço esta recomendação para evitar a crítica; é por seu amor-próprio que eu velo.

Perg. O senhor me afirmou que seria para mim um guia que me ajudará e me protegerá; eu entendo tal proteção e sua finalidade dentro de uma certa ordem de coisas, mas lhe aprazeria dizer-me se a proteção se estende também às coisas materiais da vida? — *Resp.* Neste mundo, a vida material é muito importante; não ajudá-lo a viver, seria não amá-lo.

Observação. A proteção deste Espírito, cuja superioridade eu me achava longe de suspeitar, não me faltou, de fato, jamais. Sua solicitude, e a dos bons Espíritos sob suas ordens, se estendeu sobre todas as circunstâncias de minha vida, seja para aplinar-me as dificuldades materiais, seja para facilitar-me a realização de meus trabalhos, seja, enfim, para me preservar dos efeitos da malquerença de meus antagonistas, sempre reduzidos à impotência. Se as tribulações inerentes à missão que eu tinha de cumprir não me puderam ser poupadas, elas foram sempre suavizadas e largamente compensadas através de bem doces satisfações morais.

30 de abril de 1856

(Na casa do Senhor Roustan; médium: Senhorita Japhet.)

Primeira revelação de minha missão.

Eu frequentava desde algum tempo as sessões na casa do Senhor Roustan, e ali eu havia começado a revisão de meu trabalho que deveria mais tarde formar *O Livro dos Espíritos*. Em uma sessão íntima, a que assistiam apenas sete ou oito pessoas, a gente conversava a respeito de diferentes coisas relativas aos acontecimentos que poderiam causar uma transformação social, quando o médium, apanhando a cesta, escreveu espontaneamente o seguinte:

“Quando o bordão ressoar, vocês deixarão que o faça; somente vocês aliviarão seu semelhante; individualmente, vocês o magnetizarão com o fito de curá-lo. Depois, cada um no seu posto fique preparado, pois será preciso de tudo, já que tudo será destruído, ao menos por uns tempos. Não existirá mais religião, e será preciso que exista uma, mas verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os seus primeiros fundamentos já se acham dispostos... Você, Rivail, sua missão é esta. (Livre, a cesta voltou-se vivamente para meu lado, como teria feito uma pessoa que me apontasse com o dedo.) A você, M., a espada que não fere, mas que mata; contra tudo o que

acontece, você é que virá primeiro. Ele, Rivail, virá em segundo: trata-se do operário que reconstrói o que foi demolido.”

Nota. Esta foi a primeira revelação positiva a respeito de minha missão, e eu confesso que, quando vi a cesta dirigir-se bruscamente na minha direção e me designar nominalmente, não pude evitar uma certa emoção.

O Senhor M., que assistia àquela reunião, era um jovem, de opiniões as mais radicais, comprometido com os negócios da política, e que se achava constrangido a não se pôr demasiado em evidência. Crendo em uma revolução próxima, ele se aprestava para participar dela, e ajustava seus planos de reforma; tratava-se, de resto, de um homem agradável e inofensivo.

7 de maio de 1856

(*Na casa do Senhor Roustan; médium: Senhorita Japhet.*)

Minha missão.

Perg. (a Hahnemann.) — Outro dia, os Espíritos me afirmaram que eu tinha uma missão importante a cumprir, e me indicaram seu objetivo; eu gostaria de saber se o senhor a confirma.

Resp. — Sim, e se você interrogar suas aspirações, suas tendências e o objeto quase permanente de suas meditações, isto não deve surpreendê-lo. Você deve cumprir o que vem sonhando há longo tempo; é preciso que você trabalhe ativamente para estar pronto, pois o dia está mais próximo do que você pensa.

Perg. — Para cumprir esta missão, tal como a imagino, são precisos meios de execução que se acham ainda longe de mim.

Resp. — Deixe a Providência realizar sua obra, e você ficará satisfeito.

Acontecimentos.

Perg. — A comunicação oferecida outro dia parece dar a presumir acontecimentos gravíssimos: poderia o senhor fornecer-nos algumas explicações a respeito?

Resp. — Nós não podemos precisar os fatos; o que nós podemos dizer é que haverá muitas ruínas e desolações, pois os tempos preditos para uma renovação da humanidade chegaram.

Perg. — O que causará tais ruínas? Tratar-se-á de um cataclismo?

Resp. — Não haverá em absoluto cataclismo material, como vocês o entendem, mas flagelos de todas as espécies desolarão as nações; a guerra dizimará os povos; as instituições arcaicas serão engolfadas em ondas de sangue. É preciso que o velho mundo desabe para abrir uma era nova para o progresso.

Perg. — A guerra não estaria, assim, circunscrita a uma região?

Resp. — Não, ela abarcará a Terra.

Perg. — Nada, todavia, neste momento, parece pressagiar uma tempestade próxima.

Resp. — As coisas estão presas por um fio de aranha rompido pela metade.

Perg. — Pode-se, sem indiscrição, perguntar donde partirá a primeira faísca?

Resp. — Da Itália.

12 de maio de 1856

(Sessão particular na casa do Senhor Baudin.)

Acontecimentos.

Perg. (à Verdade.) — Que pensa o senhor do Senhor M.? Trata-se de um homem que influirá nos acontecimentos?

Resp. — É muito para ele. Ele possui boas ideias; trata-se de um homem de ação, mas não é um líder.

Perg. — É preciso tomar à letra o que foi dito, ou seja, que lhe pertencia o papel de destruir o que existe?

Resp. — Não, o que se desejou foi personificar nele o partido cujas ideias ele representa.

Perg. — Posso conservar relações de intimidade com ele?

Resp. — Não no momento; você correria riscos inúteis.

Perg. — O Senhor M., que possui um médium, disse que lhe precisaram a marcha dos acontecimentos, por assim dizer, em dia fixado; isto é verdade?

Resp. — Sim, fixaram-lhe as épocas, mas tratava-se de Espíritos levianos que não sabem mais que ele, e que exploram sua exaltação. Você sabe que nós não devemos de forma alguma precisar as coisas futuras. Os acontecimentos pressentidos, com certeza, acontecerão proximamente, mas não podem ser precisados.

Perg. — Afirmaram os Espíritos que chegaram os tempos em que aquelas coisas devem suceder; como se devem entender tais palavras?

Resp. — Para coisas desta gravidade, que são alguns anos a mais ou a menos? Elas não ocorrem jamais bruscamente e como a queda de um raio, mas vêm sendo de longa data preparadas através de acontecimentos parciais, que são como os precursores delas, assim como os ruídos surdos que precedem a erupção de um vulcão. Logo, a gente pode dizer-lhes que os tempos chegaram, sem que isto signifique que as coisas vão suceder amanhã. Isto significa que vocês se acham dentro do período em que elas acontecerão.

Perg. — Confirma o senhor o que foi dito, isto é, que não haverá cataclismo?

Resp. — Com certeza vocês não têm que temer nem dilúvio, nem abrasamento de seu planeta, nem outras coisas deste gênero, pois não se pode dar o nome de cataclismo a perturbações locais que se deram em todas as épocas. Haverá apenas um cataclismo moral, cujos instrumentos serão os homens.

10 de junho de 1856

(Na casa do Senhor Roustan; médium: Senhorita Japhet.)

O Livro dos Espíritos.

Perg. (a Hahnemann.) — Eu pensei que, já que terminaremos logo a primeira parte do livro, para ir mais depressa, eu poderia pedir a B. para me ajudar como médium; que pensa o senhor a respeito?

Resp. — Eu penso que seria preferível você não se servir dele. — Por quê? — Porque a verdade não pode ser interpretada pela mentira.

Perg. — Se o Espírito familiar de B. constitui a mentira, isto não impediria que um bom Espírito se comunicasse através do médium, desde que não se evocasse o outro Espírito.

Resp. — Sim, mas aqui o médium ajuda o Espírito, e, quando o Espírito é ladino, aquele se presta a isto. Aristo, seu intérprete, e B. vão acabar mal.

Nota. — B. era um jovem médium escrevente muito versátil, mas era assistido por um Espírito orgulhoso, déspota e arrogante, que tomava o nome de Aristo; este gabava naquele um pendor natural ao amor-próprio. As previsões de Hahnemann se realizaram. Aquele jovem, tendo acreditado encontrar em sua faculdade uma fonte de fortuna, seja através de consultas médicas, seja de invenções e de descobertas frutuosas, somente colheu decepções e mistificações. Algum tempo depois, não se ouviu mais falar nele.

12 de junho de 1856

(*Na casa do Senhor C.; médium: Senhorita Aline C.*)

Minha missão.

Perg. (à Verdade.) — Bom Espírito, eu desejaria saber o que o senhor pensa da missão que me foi assinalada por alguns Espíritos: queira dizer-me, por favor, se se trata de uma provação para o meu amor-próprio. Eu tenho, sem dúvida, o senhor bem sabe, o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador para o de missionário em chefe, a distância é grande, e eu não compreenderia o que poderia justificar em mim um tal favor, de preferência a tantos outros que possuem talentos e qualidades que eu não tenho.

Resp. — Eu confirmo o que lhe foi dito, mas eu lhe peço muita discricção, se desejar obter sucesso. Você saberá mais tarde as coisas que lhe explicarão o que o surpreende hoje. Não se esqueça de que você pode triunfar, como pode falhar; neste caso, um outro o substituiria, pois os desígnios de Deus não se assentam na mente de um homem. Assim, não fale jamais de sua missão: este seria o meio de fazê-la malograr. Ela só pode justificar-se através da obra acabada, e você ainda não fez nada. Caso você a cumpra, os próprios homens saberão reconhecê-la, cedo ou tarde, pois é pelos frutos que se conhece a qualidade da árvore.

Perg. — Com certeza, não anseio vangloriar-me de u'a missão em que eu mesmo tenho dificuldade em crer. Caso esteja destinado a servir de instrumento aos desígnios da Providência, que ela disponha de mim; mas, neste caso, eu reclamo sua assistência e a dos bons Espíritos para me ajudarem e me sustentarem em minha tarefa.

Resp. — Nossa assistência não lhe há de faltar, mas será inútil, caso, de seu lado, você não fizer o que é preciso. Você possui seu livre-arbítrio; compete-lhe utilizar-se dele como entenda; nenhum homem é fatalmente forçado a fazer qualquer coisa.

Perg. — Quais são as causas que poderiam levar-me ao fracasso? Seria a insuficiência de minhas habilidades?

Resp. — Não; mas a missão dos reformadores é plena de obstáculos e de perigos; a sua é rude, eu o previno, pois se trata de abalar e de transformar o mundo inteiro. Não creia que lhe seja suficiente publicar um livro, dois livros, dez livros, e ficar tranquilo em sua casa; não, será preciso que você se arrisque; você levantará contra si rancores terríveis; inimigos encarniçados conjurarão sua perda; você estará exposto à malevolência, à calúnia, à traição mesmo dos que lhe parecerem os mais devotados; suas melhores mensagens serão ignoradas e deturpadas; mais de uma vez você sucumbirá ao peso da fadiga; em suma, é uma luta quase contínua que você terá de sustentar, com o sacrifício de seu repouso, de sua tranquilidade, de sua saúde e mesmo de sua vida, pois sem isto você viveria muito mais tempo. Muito bem! Não são poucos os que recuam, quando, ao invés de uma estrada florida, só encontram, em sua caminhada, urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não é suficiente inteligência. É necessário, primeiro, para aprazer a Deus, apresentar humildade, modéstia e desinteresse, pois ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, é preciso ter coragem, perseverança e inabalável firmeza; é preciso também possuir prudência e tato para conduzir as coisas adequadamente e para não comprometer o sucesso através de medidas ou de palavras intempestivas; é necessário, enfim, possuir devotamento, abnegação e estar preparado para todos os sacrifícios.

Você vê que sua missão se acha subordinada a condições que dependem de você.

ESPÍRITO VERDADE.

Eu. — Espírito Verdade, eu lhe agradeço por seus sábios conselhos. Tudo aceito sem restrição e sem segunda intenção.

Senhor! Se o Senhor se dignou lançar os olhos sobre mim para o cumprimento de seus desígnios, que sua vontade seja feita! Minha vida se acha em suas mãos, disponha de seu servo. Diante de tão grande tarefa, eu reconheço minha fraqueza; minha boa vontade não falhará, mas talvez minhas forças me traiam. Proveja minha insuficiência; propicie-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Ampare-me nos momentos difíceis e, com sua ajuda e a de seus celestes mensageiros, eu me esforçarei para corresponder a seus desígnios.

Observação. — Estou escrevendo esta nota em 1.º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que a comunicação me foi dada, e constato que se realizou em todos os pontos, pois experimentei todas as vicissitudes anunciadas. Eu fui exposto ao ódio de inimigos encarniçados, à injúria, à calúnia, à inveja e ao ciúme; libelos infames foram publicados contra mim; minhas melhores mensagens foram deturpadas; eu fui traído por aqueles em quem eu havia posto minha confiança; eu fui pago com a ingratidão por aqueles a quem prestei serviço. A Sociedade de Paris foi um foco contínuo de intrigas urdidas por aqueles mesmos que diziam apoiar-me, e que, demonstrando simpatia pela frente, me atacavam por detrás. Eles afirmaram que os que tomavam meu partido eram subornados por mim com o dinheiro que eu recolhia do espiritismo. Eu não tive mais sossego; mais de uma vez sucumbi ao excesso de trabalho, minha saúde se alterou e minha vida ficou comprometida.

Contudo, graças à proteção e à assistência dos bons Espíritos que sem cessar me forneceram provas manifestas de sua solicitude, eu fico feliz em reconhecer que não experimentei um só instante de desfalecimento nem de desânimo, e que continuamente persegui minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a malevolência de que era alvo. De acordo com a comunicação do Espírito Verdade, eu devia prevenir-me de tudo aquilo, e tudo se verificou.

Mas também, ao lado das vicissitudes, que satisfação não experimentei ao ver a obra crescer de forma tão prodigiosa! Com quantas doces consolações minhas atribulações não foram pagas! Quantas bênçãos, quantos testemunhos de real simpatia não recebi da parte dos numerosos aflitos que a doutrina consolou! Tal resultado não me havia sido anunciado pelo Espírito Verdade, que, sem dúvida de propósito, só me havia mostrado as dificuldades da rota. Qual não seria, portanto, minha ingratidão, caso eu me queixasse! Caso eu dissesse que existiu um equilíbrio entre o bem e o mal, não estaria dizendo a verdade, pois o bem, e eu abranjo aqui as satisfações morais, superaram de muito o mal. Quando me acontecia uma decepção, uma contrariedade qualquer, eu me elevava através do pensamento acima da humanidade; eu me situava antecipadamente na região dos Espíritos e daquele ponto culminante, donde eu descortinava meu ponto de chegada, as misérias da vida deslizavam sobre mim sem me atingir. Eu me acostumei tanto a isto que os gritos dos maus não me perturbaram jamais.

17 de junho de 1856

(Na casa do Senhor Baudin; médium: Senhorita Baudin.)

O Livro dos Espíritos.

Perg. (à Verdade.) — Uma parte da obra foi revista; por gentileza, poderia dizer-me o que pensa a respeito?

Resp. — O que foi revisto está bem; mas, quando tudo estiver acabado, será preciso que você a reveja ainda, a fim de ampliá-la em certos pontos e reduzi-la em outros.

Perg. — Acha o senhor que ela deva ser publicada antes que os acontecimentos anunciados se cumpram?

Resp. — Uma parte, sim; mas tudo, não; pois eu lhe asseguro que nós enfrentaremos capítulos muito espinhosos. Por mais importante que seja este primeiro trabalho, *não passa, de qualquer forma, de uma introdução*; ele assumirá proporções que você está longe de suspeitar agora, e você mesmo compreenderá que certas partes só poderão ser dadas a lume muito mais tarde e gradualmente, à medida que as ideias novas forem sendo desenvolvidas e forem criando raiz. Oferecer tudo de uma vez seria uma imprudência; é preciso dar tempo à opinião para formar-se. Você encontrará os que, impacientes, o incitarão para adiante: não vá escutá-los; olhe, observe, sonde o terreno, saiba esperar e faça como o general prudente que só ataca quando chega o momento favorável.

Observação (escrita em janeiro de 1867.) — À época em que foi oferecida esta comunicação, eu só tinha em vista *O Livro dos Espíritos*, e estava longe, como afirmou o Espírito, de imaginar as proporções que tomaria o conjunto do trabalho. Os acontecimentos anunciados não deviam cumprir-se antes de muitos anos, já que não o foram ainda neste momento. As obras surgidas até aqui foram publicadas em sucessão e eu me achei levado a realizá-las, à *medida que as ideias novas iam desenvolvendo-se*. Das que faltam fazer, a mais importante, a que pode ser considerada como o coroamento do edifício e que contém, de fato, os capítulos *mais espinhosos*, não poderia ser dada a lume sem prejuízo antes do período de desastres. Eu só via naquela hora um

livro e não compreendia que ele pudesse ser cindido, enquanto o Espírito aludia aos que deveriam seguir e para os quais teria havido inconvenientes se publicados prematuramente.

“Saiba esperar, disse o Espírito; não escute os impacientes que o incitarão para adiante.” Não faltaram os impacientes e, caso eu os tivesse escutado, conduziria o navio em cheio contra os recifes. Coisa bizarra, enquanto uns me gritavam para ir mais depressa, outros me acusavam de não seguir suavemente. Eu não escutei nem uns nem outros; o tempo todo tive por bússola a marcha das ideias.

De quanta confiança no futuro não devia eu estar animado, à proporção que ia vendo acontecer as coisas previstas, e que ia reconhecendo a profundidade e a sabedoria das mensagens de meus protetores invisíveis.

11 de setembro de 1856

(Na casa do Senhor Baudin; médium: Senhorita Baudin.)

O Livro dos Espíritos.

Após ter efetuado a leitura de alguns capítulos de *O Livro dos Espíritos* concernentes às leis morais, a médium escreveu espontaneamente:

“Você bem compreendeu a finalidade de seu trabalho; o plano está bem concebido; nós estamos contentes consigo. Continue; mas sobretudo, quando a obra estiver terminada, lembre-se de que nós lhe recomendamos dá-la a imprimir e divulgar: trata-se de uma utilidade geral. Nós estamos satisfeitos e não o deixaremos jamais. Creia em Deus e avance.”

MUITOS ESPÍRITOS.

17 de janeiro de 1857¹⁸

(Na casa do Senhor Baudin; médium: Senhorita Baudin.)

Primeiro anúncio de uma nova encarnação.

O Espírito me havia prometido escrever uma carta por ocasião do ano novo; ele tinha algo de particular a me dizer. Havendo-lhe pedido a mensagem em uma das reuniões ordinárias, ele disse que a forneceria na intimidade à médium, a qual ma transmitiria. Eis aqui a carta:

Caro amigo, eu não quis escrever-lhe terça-feira última, perante todo o mundo, porque existem certas coisas que só se podem dizer entre nós.

¹⁸ Para restabelecer a ordem cronológica, deslocamos este tópico, que se encontrava após o de 6 de maio de 1857. (Nota do tradutor.)

Eu desejava, primeiro, falar-lhe a respeito de sua obra, a que você está imprimindo. (*O Livro dos Espíritos* acabava de ir para o prelo.) Não se esforce tanto dia e noite; você se sentirá melhor, e a obra não perderá por esperar.

Conforme percebo, você é bastante capaz para levar sua empresa ao sucesso, e você está sendo chamado para realizar grandes coisas; mas não exagere em nada: veja e avalie tudo sensatamente e friamente; mas não se deixe envolver pelos entusiastas e pelos apressados demais; calcule todos os seus passos e todos os procedimentos a fim de concluir com segurança. Creia apenas no que vê: não vire as costas para o que lhe pareça incompreensível; você saberá a respeito mais que os outros, porque lhe serão colocados os temas de estudo sob os olhos.

Mas, que pena!, a verdade não será de pronto conhecida, nem terá o crédito de todos antes que passe muito tempo! Você verá nesta existência apenas a aurora do sucesso de sua obra; é preciso que você volte, *reencarnado em um outro corpo*, para completar o que houver começado e, então, terá a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houver espalhado na Terra.

Existirão invejosos e ciumentos que buscarão denegri-lo e confrontá-lo; não se desencoraje; não se inquiete com o que se dirá ou se fará contra você; prossiga sua obra; trabalhe sempre pelo progresso da humanidade e você será amparado pelos bons Espíritos enquanto perseverar no bom caminho.

Lembra-se você de que há um ano eu prometi minha amizade aos que, durante o ano, fossem decentes em toda a sua conduta? Muito bem! Eu lhe anuncio que você é um dos que escolhi entre todos.

Seu amigo que o ama e o protege, Z.

Observação. — Eu disse que Z. não era um Espírito superior, mas que era muito bom e muito benevolente. Talvez ele fosse mais avançado do que poderia fazer supor o nome que havia adotado; pode-se supor que o fosse a julgar pelo caráter sério e pela sabedoria de suas comunicações, conforme as circunstâncias. Com a ajuda daquele nome, ele podia permitir-se uma linguagem familiar, adequada ao ambiente em que se manifestava, e dizer, o que lhe ocorria com frequência, duras verdades sob a forma ligeira do epigrama. Como quer que seja, eu sempre conservei dele uma boa lembrança e o reconhecimento pelos bons conselhos que me proporcionou e pelo afeto de que me deu testemunho. Ele desapareceu com a dispersão da família Baudin, tendo dito que devia logo reencarnar-se.

6 de maio de 1857

(*Na casa da Senhora de Cardone.*)

A tiara espiritual.

Eu tive a oportunidade de ver, nas sessões do Senhor Roustan, a Senhora de Cardone. Alguém me disse, eu creio que tenha sido o Senhor Carlotti, que ela possuía um talento notável para ler a mão. Eu não acreditei jamais na significação das linhas da mão, mas sempre pensei que isto poderia constituir, para certas pessoas dotadas de uma espécie de segunda vista, um meio de estabelecer uma relação que lhe permitisse, como aos sonâmbulos, dizer às vezes coisas verdadeiras. As linhas da mão constituem apenas um pretexto, um meio de fixar a atenção, de desenvolver a lucidez, como as cartas, a borra de café, os espelhos ditos mágicos, para os indivíduos que desfrutam daquela faculdade. A experiência, mais de uma vez, confirmou-me a verdade desta opinião. O que quer que seja, havendo-me aquela senhora convidado para ir consultá-la, acedi a seu convite, e eis aqui um resumo do que ela me afirmou:

“O senhor nasceu com uma grande abundância de recursos e de meios intelectuais... força extraordinária de julgamento... Sua vocação está formada; governado pelo intelecto, o senhor reprime a inspiração através do raciocínio; o senhor sujeita o instinto, a paixão e a intuição ao método, à teoria. O senhor sempre teve a vocação das ciências morais... Amor à verdade absoluta... Amor à arte definida.

“Seu estilo possui ritmo, medida, cadência; mas, às vezes, o senhor trocaria um pouco de sua precisão por um pouco de poesia.

“Como filósofo idealista, o senhor se sujeitou às opiniões de outrem; como filósofo crente, o senhor experimenta agora a necessidade de constituir uma seita.

“Benevolência judiciosa; necessidade imperiosa de amparar, de socorrer, de consolar; necessidade de independência.

“O senhor se recompõe bem devagar da rapidez do arrebatamento de seu humor.

“O senhor é particularmente capacitado para a missão que lhe foi confiada, pois o senhor se acha mais preparado para se tornar o centro de imensos desenvolvimentos, enquanto é menos capacitado para trabalhos isolados... seus olhos possuem o olhar do pensamento.

“Eu vejo aqui a linha da *tiara espiritual*... ele é muito pronunciada, veja...” (Eu olhei e não vi nada de particular.)

Que entende a senhora, perguntei-lhe eu, por *tiara espiritual*? Está dizendo-me que serei papa? Se isto tivesse de acontecer, não aconteceria com certeza nesta existência.

Resp. — “Observe que eu disse *tiara espiritual*, o que quer dizer *autoridade moral e religiosa*, e não poder supremo efetivo.”

Eu relatei pura e simplesmente as palavras daquela senhora, as quais ela mesma me transcreveu; não compete a mim julgar se estão corretas em todos os pontos; algumas eu reconheço como verdadeiras, porque conferem com meu caráter e com as disposições de minha mente; mas existe uma passagem claramente errônea, aquela em que ela diz, a propósito de meu estilo, que eu trocaria às vezes um pouco da minha precisão por um pouco de poesia. Eu não possuo nenhum instinto poético; o que eu procuro, acima de tudo, o que me agrada, o que estimo, nos outros, é a clareza, a nitidez, a precisão e, longe de sacrificar esta à poesia, poderiam criticarme de preferência por sacrificar o sentimento poético à austeridade da forma positiva. Eu sempre preferi aquilo que fala à inteligência àquilo que fala apenas à imaginação.

Quanto à *tiara espiritual*, *O Livro dos Espíritos* acabava de aparecer: a doutrina achava-se em seu princípio e não se poderia ainda prejudicar seus resultados ulteriores; eu dava bem pouca importância àquela revelação e limitei-me a tomar nota a título de informação.

Aquela senhora deixou Paris no ano seguinte, e eu só voltei a vê-la oito anos mais tarde, em 1866; as coisas haviam percorrido um bom caminho naquele intervalo. Ela disse-me: O senhor se lembra de minha predição da *tiara espiritual*? Ei-la realizada. — Como realizada? Eu não estou, não que eu saiba, no trono de São Pedro. — Não, também não foi isso o que eu lhe anunciei. Mas, não é o senhor, de fato, o chefe da doutrina, reconhecido pelos espíritas do mundo inteiro? Não são seus escritos que estabelecem a lei? Não se contam seus adeptos aos milhões? Existe algum homem cujo nome tenha mais autoridade que o seu dentro do espiritismo? Não lhe são os títulos de sumo-sacerdote, de pontífice, de papa mesmo espontaneamente atribuídos? Isto se dá, sobretudo, em relação a seus adversários e por ironia, eu sei, mas nem por isso deixam de ser o indício do tipo de influência que eles lhe reconhecem: eles pressentem seu papel e tais títulos hão de lhe permanecer.

Em suma, o senhor conquistou, sem buscá-la, uma posição moral que ninguém lhe pode retirar, pois, quaisquer trabalhos que se possam realizar após o senhor, ou concomitantemente consigo, nem por isso o senhor deixará de ser o fundador reconhecido da doutrina. Sendo assim, o

senhor possui, portanto, em realidade, a *tiara espiritual*, quer dizer, a supremacia moral. O senhor está vendo, portanto, que eu tenho razão.

Crê o senhor agora um pouco mais nas linhas da mão? — Menos que nunca, e eu estou convencido de que, se a senhora viu algo, não foi na mão mas em seu próprio espírito, e eu vou comprová-lo.

Eu admito que existam na mão, como no pé, nos braços e nas outras partes do corpo, certas linhas fisiognômicas; mas cada órgão apresenta linhas especiais conforme o uso que lhe é próprio e em suas relações com o pensamento; as linhas da mão não têm como ser as mesmas que as dos pés, dos braços, da boca, dos olhos etc.

Quanto às pregas interiores da mão, seu maior ou menor relevo se até à natureza da pele e à maior ou menor abundância do tecido celular e, como tais partes não apresentam nenhuma correlação fisiológica com os órgãos das faculdades intelectuais e morais, não podem constituir-se na expressão deles. Com admitir-se mesmo tal correlação, elas teriam como fornecer indícios do estado atual do indivíduo, mas não poderiam constituir-se em sinais de presságios de coisas futuras, nem de acontecimentos passados, independentes de sua vontade. Na primeira hipótese, eu compreenderia rigorosamente que, com a ajuda dessas linhas, se pudesse dizer que uma pessoa possui tal ou qual aptidão, tal ou tal pendor, mas o mais comum bom senso rejeita a ideia de que se possa ver ali se a pessoa se casou ou não, quantas vezes e quantos filhos teve, se é viúva ou não, e outras coisas parecidas, como pretende a maioria dos quiromantes.

Entre as pregas da mão, existe uma bem conhecida de todo o mundo, e que configura assaz bem um M: caso ele se ache fortemente marcado, trata-se, dizem, do presságio de uma vida infeliz; mas a palavra *malheur* [*infelicidade, desgraça*] é francesa, e a gente se esquece de que o termo equivalente não começa, em todas as línguas, pela mesma letra: donde se segue que aquela prega deveria assumir uma forma diferente conforme a língua dos povos.

Quanto à *tiara espiritual*, trata-se claramente de uma coisa específica, excepcional e, de alguma forma, individual, e eu estou convencido de que a senhora não encontrou tal expressão em nenhum tratado de quiromancia. Logo, como lhe veio ela ao pensamento? Por intuição, por inspiração, por aquela espécie de presciência inerente à dupla vista, que muitas pessoas possuem sem desconfiar disso. Sua atenção estava concentrada nas linhas da mão; a senhora conferiu a ideia a uma linha na qual uma outra pessoa teria visto uma outra coisa, ou à qual a senhora teria atribuído uma significação diferente em relação a um outro indivíduo.

15 de novembro de 1857

(*Na casa do Senhor Dufaux; médium: Senhora Dufaux.*)

A Revista Espírita.

Perg. — Eu tenho a intenção de publicar um jornal espírita; acha o senhor que eu conseguirei realizá-lo, e que me aconselha? A pessoa a quem eu me dirigi, o Senhor Tiedeman, parece-me decidido a oferecer seu concurso pecuniário.

Resp. — Sim, você o conseguirá com perseverança. A ideia boa; é preciso amadurecê-la mais.

Perg. — Eu temo que outros se antecipem a mim.

Resp. — É preciso aviar-se.

Perg. — Eu não peço outra coisa, mas está faltando tempo. Eu tenho dois empregos que me são necessários, o senhor bem sabe; eu desejaria poder renunciar a eles, a fim de consagrar-me inteiramente à coisa, sem outra preocupação.

Resp. — Não é preciso abandonar nada no momento; a gente acha sempre tempo para tudo; mexa-se e você conseguirá.

Perg. — Devo eu agir sem o concurso do Senhor Tiedeman?

Resp. — Aja com ou sem seu concurso; não se inquiete com ele: você pode abster-se dele.

Perg. — Eu tinha a intenção de elaborar um primeiro número como ensaio, a fim de apresentar o jornal e marcar uma data, sem prejuízo de continuar mais tarde, se for o caso; que acha o senhor?

Resp. — A ideia é boa, mas um primeiro número não será suficiente; entretanto, ele é útil e mesmo necessário pelo fato de que abrirá o caminho para o mais. É preciso ter muito cuidado, de forma a sedimentar as bases de um sucesso durável; caso apresente defeito, melhor seria nada fazer, pois a primeira impressão pode decidir seu futuro. É preciso preocupar-se, no início sobretudo, em satisfazer à curiosidade; ele deve juntar o sério e o agradável; o sério prenderá os cientistas e o agradável contentará o povo; esta parte é essencial, mas a outra é a mais importante, pois sem ela o jornal não apresentaria um sólido fundamento. Em suma, é preciso evitar a monotonia através da variedade, reunir a instrução sólida ao interesse, o que será para seus trabalhos ulteriores um poderoso auxiliar.

Observação. — Eu me apressei a redigir o primeiro número e o fiz aparecer em 1.º de janeiro de 1858, sem haver dito nada a ninguém. Eu não tinha um só assinante e nenhum agente de capital. Eu o fiz, assim, inteiramente por minha conta e risco, e não aconteceu de me arrependeu, pois o sucesso ultrapassou minha previsão. A partir de 1.º de janeiro, os números se sucederam sem interrupção e, como havia previsto o Espírito, o jornal se transformou para mim em um poderoso auxiliar. Eu reconheci mais tarde que foi bom que eu não tenha tido um agente de capital, pois fiquei mais livre, enquanto um estranho poderia desejar impor-me suas ideias e sua vontade e entravar meu progresso; sozinho, eu não tinha de prestar contas a ninguém, por mais pesado que ficasse meu trabalho.

1.º de abril de 1858

Fundação da Sociedade Espírita de Paris.

Posto que não exista aqui nenhuma previsão, eu menciono, a título de informação, a fundação da Sociedade, por causa do papel que ela desempenhou no progresso do espiritismo e pelas comunicações ulteriores que ali se deram.

Fazia uns seis meses que eu reunia alguns adeptos em minha casa, à Rua dos Mártires, todas as terças-feiras. A principal médium era a Senhorita E. Dufaux. Ainda que o local só pudesse conter quinze a vinte pessoas, encontravam-se ali às vezes até trinta. Aquelas reuniões ofereciam um grande interesse por seu caráter sério, e o elevado alcance das questões tratadas; viam-se com frequência ali príncipes estrangeiros e outras distintas personagens.

O local, já pouco próprio por sua disposição, tornou-se, evidentemente, demasiado exíguo. Alguns dos assíduos propuseram cotizar-se para alugar um lugar mais conveniente. Mas aí se tornava necessário obter uma autorização legal, para evitar-se de ser molestado pela autoridade. O Senhor Dufaux, que conhecia pessoalmente o Chefe de Polícia, se encarregou do pedido. A autorização dependia também do Ministro do Interior, então, o general X., que era, sem que a gente soubesse, simpático às nossas ideias, sem conhecê-las completamente, e sob cuja influência a autorização, que normalmente teria demorado três meses, se obteve em quinze dias.

A Sociedade foi, assim, regularmente constituída e se reuniu às terças-feiras, no local que ela havia alugado no Palácio Real, Galeria de Valois. Ela ali ficou um ano, de 1.º de abril de 1853 a 1.º de abril de 1859. Não podendo ficar ali por mais tempo, ela passou a reunir-se, às sextas-feiras, em um dos salões do restaurante Douix, no Palácio Real, Galeria Montpensier, de 1.º de abril de 1859 a 1.º de abril de 1860, quando ela se instalou em um próprio seu, à Rua e Passagem de Santa Ana, número 59.

A Sociedade, formada no princípio de elementos pouco homogêneos e de pessoas de boa vontade que se aceitavam um pouco facilmente demais, se viu às voltas com numerosíssimas vicissitudes, que estavam longe de ser as menos penosas dificuldades de minha tarefa.

24 de janeiro de 1860

(Na casa do Senhor Forbes; médium: Senhora Forbes.)

Duração de meus trabalhos.

Segundo minha avaliação, eu estimava que precisaria ainda de cerca de dez anos para terminar meus trabalhos, mas eu não havia participado esta ideia a ninguém. Fiquei, assim, muito surpreso ao receber de um de meus correspondentes de Limoges uma comunicação obtida espontaneamente, na qual o Espírito, referindo-se a meus trabalhos, dizia que eu teria ainda bem dez anos antes de terminá-los.

Perg. (à Verdade.) — Como se dá que um Espírito, comunicando-se em Limoges, aonde eu não fui jamais, tenha dito precisamente o que eu pensava a respeito da duração de meus trabalhos?

Resp. — Nós sabemos o que lhe falta realizar e, por conseguinte, o tempo aproximado que lhe será preciso para terminá-lo. Logo, é de todo natural que os Espíritos tenham dito em Limoges e em outros lugares, para dar uma ideia do alcance da coisa através do trabalho que ela exige.

Todavia, o prazo de dez anos não é absoluto; ele pode ser prolongado em alguns anos por circunstâncias imprevistas e independentes de sua vontade.

Observação (escrita em dezembro de 1866). — Eu publiquei quatro volumes fundamentais sem falar das coisas secundárias. Os Espíritos me apressam para publicar a Gênese em 1867, antes das perturbações. Durante o período da grande perturbação, eu deverei trabalhar nos livros complementares da doutrina, os quais só poderão aparecer após a grande tormenta, e para os quais eu bem preciso de três a quatro anos. Isto nos conduz ao menos a 1870, ou seja, dentro do prazo de dez anos, conforme a previsão.

28 de janeiro de 1860

(Na casa do Senhor Solichon; médium: Senhorita Solichon.)

Acontecimentos. Papado.

Perg. (ao Espírito Ch.) — O senhor serviu como embaixador em Roma e, naquele tempo, o senhor predisse a queda do governo papal; que pensa hoje a respeito?

Resp. — Eu creio que se aproxima o tempo em que minha profecia vai cumprir-se: mas isto não ocorrerá sem aflição. Tudo se complica; as paixões fervem e uma coisa que poderia realizar-se sem comoção, é conduzida de tal forma que toda a cristandade ficará abalada.

Perg. — Diria o senhor, por obséquio, sua opinião a respeito do poder temporal do Papa?

Resp. — Eu penso que o Papa não precisa do poder temporal para sua grandeza nem para seu poder moral; ao contrário, menos vassalos tiver, mais será venerado. Quem é o representante de Deus na Terra se acha situado muito alto para não precisar do relevo do poder terrestre. É espiritualmente que ele deve dirigir a Terra; eis a missão do pai dos cristãos.

Perg. — Não acha o senhor que o Papa e o Sacro Colégio, mais bem esclarecidos, fariam o necessário para evitar o cisma e a guerra intestina, fosse seu poder tão só moral?

Resp. — Não creio; todos aqueles homens são obstinados, ignorantes, habituados a todos os prazeres profanos; eles precisam de dinheiro para satisfazerem-se e temem que a nova ordem das coisas não lhes deixe o suficiente. Por isso eles instigam tudo ao máximo, preocupando-se pouco com o que ocorrerá, sendo demasiado cegos para compreender a consequência de sua maneira de agir.

Perg. — Neste conflito não se tem de recear que a infeliz Itália sucumba e seja recolocada sob o cetro da Áustria?

Resp. — Não, é impossível; a Itália sairá vitoriosa da luta, e a liberdade raiará naquela terra gloriosa. A Itália salvou-nos da barbárie e foi nossa mestra em tudo o que a inteligência possui de mais nobre e de mais elevado. Ela não voltará a cair em absoluto sob o jugo dos que a humilharam.

12 de abril de 1860

(Na casa do Senhor Dehau; médium: Senhor Crozet.)

Comunicação espontânea obtida em minha ausência.

Minha missão.

Por sua firmeza e sua perseverança, seu Presidente desfez os projetos dos que buscavam destruir seu crédito e arruinar a Sociedade, na esperança de aplicar um golpe fatal na doutrina. Honrado seja! Que ele se compenetre de que estamos com ele e de que os Espíritos sábios ficarão

felizes de poder assisti-lo em sua missão. Quantos existem que desejariam permanecer à sombra dessa missão, pois ficariam sob o amparo dos benefícios que ela promove!

Mas tal missão é perigosa e, para realizá-la, precisa-se de uma fé e de uma vontade inabaláveis: precisa-se também de abnegação e de coragem para arrostar as injúrias, os sarcasmos, as decepções, e não se comover com a lama arremessada pela inveja e pela calúnia. Nesta posição, o menos que pode suceder é ser tratado de louco e de charlatão. Deixe dizer, deixe pensar à vontade: tudo passa, salvo a felicidade eterna. Tudo lhe será contado, e compenetre-se de que é preciso, para ser feliz, haver contribuído para a felicidade dos pobres seres com quem Deus povoou sua Terra. Que sua consciência permaneça, assim, repousada e serena: eis o prenúncio da felicidade celeste.

15 de abril de 1860

(Marselha; médium: Senhor Jorge Genouillat.)

Comunicação, transmitida pelo Senhor Brion Dorgeval.

Futuro do espiritismo.

O espiritismo está sendo convocado para representar um papel imenso na Terra; ele é que reformará a legislação tão frequentemente contrária às leis divinas; ele é que retificará os erros da história; ele é que restabelecerá a religião do Cristo transformada, nas mãos dos padres, em um comércio e em um tráfico vil; ele instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem estacionar junto às franjas de uma sotaina ou do degrau de um altar. Ele extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, a que certos homens foram compelidos pelos abusos incessantes dos que se dizem ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada em cada mão e sacrificam à sua ambição e ao espírito de dominação os direitos mais sagrados da humanidade.

UM ESPÍRITO.

10 de junho de 1860

(Na minha casa; médium: Senhorita Schmidt.)

Meu retorno.

Perg. (à Verdade.) — Eu acabo de receber uma carta de Marselha, na qual me referem que, em um seminário da cidade, se dedicam seriamente ao estudo do espiritismo e de *O Livro dos Espíritos*. O que se deve pressagiar daí? Será que o clero assumiu a coisa decididamente?

Resp. — Você não pode duvidar disso: ele assume a coisa bastante decidido, pois prevê as consequências para si e suas apreensões são grandes. O clero, sobretudo a parte esclarecida do clero, estuda o espiritismo mais do que você imagina; mas não pense que seja por simpatia; ele busca, ao contrário, os meios para combatê-lo, e eu lhe asseguro que promoverá uma rude guerra contra ele. Não se preocupe com isto; continue a agir com prudência e circunspecção; mantenha-se em guarda contra as ciladas que lhe serão armadas; evite cuidadosamente, em suas palestras e em seus escritos, tudo quanto poderia fornecer armas contra você.

Prossiga em sua rota intemorato e, caso se ache semeada de espinhos, eu lhe asseguro que você terá grandes satisfações antes de retornar “um pouco” entre nós.

Perg. — Que entende o senhor pela expressão “um pouco”?

Resp. — Você não ficará muito tempo conosco; é bem preciso que retorne para terminar sua missão, que não tem como encerrar-se nesta existência. Caso fosse possível, você não sairia daí de forma alguma, mas é preciso submeter-se à lei da natureza. Você ficará ausente durante alguns anos e, quando voltar, será em condições que lhe permitirão trabalhar desde cedo. Contudo, existem trabalhos que é bom terminar antes de partir; eis porque nós lhe reservaremos o tempo necessário para acabá-los.

Observação. — Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que me faltam fazer e tendo em conta o tempo de minha ausência e os anos da infância e da juventude, até a idade em que um homem é capaz de representar um papel no mundo, isto nos conduz forçosamente ao final deste século ou ao começo do outro.

21 de setembro de 1861

(Na minha casa; médium: Senhor d’A.)

Auto-de-fé de Barcelona. Apreensão dos livros.

A pedido do Senhor Lachâtre, então estabelecido em Barcelona, eu lhe expedi um tanto de *O Livro dos Espíritos*, de *O Livro dos Médiuns*, de coleções da *Revista Espírita* e de diversas obras e brochuras espíritas, totalizando trezentos volumes, mais ou menos. A expedição foi efetuada regularmente através de seu correspondente em Paris, em uma caixa que continha outras mercadorias, e sem a menor infração à lei. À chegada dos livros, o destinatário pagou os direitos de entrada, porém, antes de liberá-los, foi preciso certificar ao Bispo, a autoridade eclesiástica a quem se atribui, naquele país, a fiscalização dos livros. Este se achava então em Madri; quando regressou, com base no relatório que lhe foi feito, determinou que as referidas obras fossem apreendidas e queimadas em praça pública pela mão do carrasco. A execução da sentença foi fixada para o dia 9 de outubro de 1861.

Se a gente houvesse procurado introduzir tais obras como contrabando, a autoridade espanhola se acharia em seu direito de dispor delas a seu bel-prazer; mas, como não existisse em absoluto fraude nem má-fé, o que comprovam os direitos espontaneamente quitados, constituía rigorosa justiça que ela ordenasse a reexportação, caso não lhe conviesse admiti-las. As reclamações efetivadas junto ao cônsul francês em Barcelona não resultaram em nada. O Senhor Lachâtre perguntou-me se era preciso certificar a autoridade superior; meu parecer era de deixar

consumar-se aquele ato arbitrário; não obstante, julguei que devia ouvir o parecer de meu guia espiritual.

Perg. (à Verdade.) — O senhor não ignora, sem dúvida, o que acaba de se passar em Barcelona, no que concerne às obras espíritas; teria o senhor a bondade de me dizer se convém insistir em sua restituição?

Resp. — Por direito, você pode reclamar aquelas obras e você obterá, com certeza, a restituição delas dirigindo-se ao Ministro dos Assuntos Estrangeiros da França. Mas minha ideia é que resultará desse auto-de-fé um bem maior que o produzido pela leitura de alguns volumes. A perda material não é nada perto da repercussão que tal fato propiciará à doutrina. Você compreende quanto uma perseguição tão ridícula e tão atrasada poderá fazer progredir o espiritismo na Espanha. As ideias se espalharão muito mais rapidamente e as obras serão procuradas muito mais empenhadamente, após terem sido incineradas. Tudo está bem como está.

Perg. — Convém redigir a este respeito um artigo para o próximo número da *Revista Espírita*?

Resp. — Aguarde o auto-de-fé.

9 de outubro de 1861

Auto-de-fé de Barcelona.

Esta data ficará marcada nos anais do espiritismo pelo auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona. Eis aqui o extrato da ata da execução:

“Neste dia, nove de outubro de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, sobre a esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados à pena máxima, por ordem do Bispo desta cidade, foram incinerados trezentos volumes e brochuras sobre o espiritismo, a saber: *O Livro dos Espíritos*, por Allan Kardec etc.”

Os principais jornais da Espanha relataram minuciosamente o fato, que os órgãos da imprensa liberal daquele país justamente condenaram. Deve-se registrar que, na França, os jornais liberais se limitaram a mencioná-lo sem comentários. O *Século* mesmo, tão ardente em estigmatizar os abusos de poder e os menores atos de intolerância, não encontrou uma palavra de reprovação para aquele ato digno da Idade Média. Alguns jornais da pequena imprensa encontraram mesmo nisto um mote para rir. Crenças à parte, existia ali uma questão de princípio, de direito internacional de interesse de todo o mundo, pela qual eles não teriam passado tão levemente, caso se tratasse de outras obras. Eles não param de clamar quando se trata de uma simples recusa de estampilha para a venda a varejo de um livro materialista; ora, a inquisição, levantando suas fogueiras com a antiga solenidade, à porta da França, tinha uma importância bem maior. Por que, então, tal indiferença? É que se tratava de uma doutrina cujos progressos a incredulidade via com horror; reivindicar a justiça em seu favor seria consagrar seu direito à proteção da autoridade e aumentar seu crédito. Como quer que seja, o auto-de-fé de Barcelona não deixou de produzir o efeito esperado, através da repercussão que teve na Espanha, onde contribuiu poderosamente para propagar as ideias espíritas. (Ver a *Revista Espírita* de novembro de 1861.)

Este acontecimento originou numerosas comunicações da parte dos Espíritos. A que segue foi obtida espontaneamente na Sociedade de Paris, em 19 de outubro, ao meu regresso de Bordéus.

“Faltava algo que chocasse violentamente certos Espíritos encarnados, para que se decidissem a ocupar-se desta grande doutrina que deve regenerar o mundo. Nada se faz inutilmente em sua Terra quanto a isto, e nós, que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, nós bem sabíamos que, ao agir assim, promoveríamos um passo imenso adiante. Este fato brutal, inaudito nos tempos atuais, foi consumado com o fito de atrair a atenção dos jornalistas que permaneciam indiferentes perante a agitação profunda que mobilizava as cidades e os centros espíritas; eles deixavam falar e deixavam fazer; mas eles se obstinavam em continuar surdos, respondendo através do silêncio ao desejo de propaganda dos adeptos do espiritismo. De bom grado, de mau grado, é preciso que eles falem disto hoje; uns, ao confirmarem o histórico fato de Barcelona, outros, ao desmentirem-no, ocasionaram uma polêmica que dará a volta ao mundo e da qual só o espiritismo tirará proveito. Eis aqui porque hoje a retaguarda da inquisição executou seu último auto-de-fé, conforme nós o programamos.”

UM ESPÍRITO.

Observação. — Foi-me enviada de Barcelona uma aquarela dos lugares pintada por um distinto artista, representando a cena do auto-de-fé. Eu mandei fazer dela uma fotografia reduzida. Eu possuo, igualmente, cinzas recolhidas da fogueira, entre as quais se encontram fragmentos ainda legíveis de folhas queimadas. Eu as estou conservando em uma urna de cristal¹⁹.

22 de dezembro de 1861

(*Na minha casa; comunicação particular; médium: Senhor d’A.*)

Meu sucessor.

Tendo sido levados, em uma conversação com os Espíritos, a falar de meu sucessor na direção do espiritismo, eu coloquei a seguinte questão:

Perg. — Entre os adeptos, muitos se preocupam com o que será feito do espiritismo depois de mim, e se perguntam quem me substituirá quando eu partir, considerando que não veem ninguém destacar-se notoriamente para lhe pegar as rédeas.

Eu respondo que não tenho a pretensão de ser indispensável e único; que Deus é demasiado sábio para fazer basear o futuro de uma doutrina que deve regenerar o mundo na vida de um homem; que, aliás, sempre me foi asseverado que minha tarefa consiste em constituir a doutrina e que me será fornecido o tempo necessário. A tarefa de meu sucessor será, portanto, mais fácil, já que a rota estará totalmente traçada, sendo-lhe suficiente segui-la. Não obstante, caso os Espíritos julguem conveniente dizer-me algo mais positivo a este respeito, eu lhes ficarei grato por isso.

Resp. — Tudo isso é rigorosamente verdadeiro; eis aqui o que nos é permitido acrescentar.

Você tem razão em dizer que não é indispensável: você o é aos olhos dos homens, porque era preciso que o trabalho de organização ficasse concentrado nas mãos de um só, para que existisse aí unidade; mas você não o é aos olhos de Deus. Você foi escolhido; eis aqui porque você está só; mas você não é, como você bem sabe de resto, o único ser capaz de preencher essa

¹⁹ A Livraria Espírita ainda as conserva. (Nota, à primeira edição, do organizador das *Obras Póstumas*, Pedro Caetano Leymarie.)

missão; caso ela fosse interrompida por uma causa qualquer, a Deus não faltariam criaturas para substituí-lo. Assim, aconteça o que acontecer, o espiritismo não tem como periclitar.

Até que o trabalho de elaboração se ache encerrado, é, portanto, necessário que só você fique em evidência, isto porque era preciso existir uma bandeira em torno da qual a gente pudesse reunir-se; era preciso que você fosse considerado indispensável, para que a obra saída de suas mãos tivesse mais prestígio no presente e no futuro; era preciso mesmo que a gente se assustasse quanto às consequências de sua partida.

Se quem deve substituí-lo fosse designado antecipadamente, a obra inacabada poderia ser obstruída; iriam formar-se contra ele oposições suscitadas pelo ciúme; iriam discutir antes que ele houvesse produzido suas provas; os inimigos da doutrina procurariam barrar-lhe o caminho, e resultariam daí cismas e divisões. Ele se revelará, portanto, quando chegar o momento.

A tarefa dele ficará mais fácil, porque, como você diz, a rota estará totalmente traçada; caso se desviasse dela, ele mesmo se perderia, como já se perderam os que pretenderam colocar obstáculos; porém, ela será mais penosa em um outro sentido, pois ocorrerão lutas mais rudes para suportar. A você incumbe o encargo da concepção, a ele o da execução; eis porque deverá ser um homem de energia e de ação. Admire aqui a sabedoria de Deus na escolha de seus mandatários: você possui as qualidades necessárias para o trabalho que deve efetivar, mas não possui as necessárias a seu sucessor; você precisa da calma, da tranquilidade do escritor que amadurece as ideias no silêncio da meditação; ele precisa da força do capitão que comanda um navio de acordo com as regras traçadas pelo conhecimento. Aliviado do trabalho da criação da obra, sob o peso do qual seu corpo sucumbirá, ele ficará mais livre para aplicar todas as suas faculdades no desenvolvimento e na consolidação do edifício.

Perg. — Poderia o senhor dizer-me se a escolha de meu sucessor se acha ajustada desde já?

Resp. — Sim e não, considerando que, possuindo o homem seu livre-arbítrio, pode recuar no derradeiro instante perante a tarefa que ele mesmo escolheu. É preciso também que comprove sua capacidade, seu devotamento, seu desinteresse e sua abnegação. Caso ele fosse levado apenas pela ambição e pelo desejo de predominar, com certeza seria posto de lado.

Perg. — Sempre se disse que muitos Espíritos superiores deviam encarnar-se para ajudar o movimento.

Resp. — Sem dúvida, muitos Espíritos terão essa missão, mas cada um com sua especialidade, agindo, por meio de sua posição, sobre tal ou qual camada da sociedade. Todos se revelarão por suas obras, e nenhum por uma pretensão qualquer à supremacia.

Imitação do Evangelho.

(Séjour, 9 de agosto de 1863; médium: Senhor d'A.)

Nota. — Eu não havia comunicado a ninguém o tema do livro em que trabalhava; eu lhe mantive o título tão secreto que o editor, Senhor Didier, só o conheceu quando da impressão. O título para a primeira edição foi *Imitação do Evangelho*. Mais tarde, dadas reiteradas observações do Senhor Didier e de algumas outras pessoas, foi mudado para *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. As reflexões contidas nas comunicações seguintes não tinham, portanto, como constituir o resultado de ideias preconcebidas do médium.

Perg. — Que pensa o senhor a respeito da nova obra em que trabalho atualmente?

Resp. — Esse livro de ensinamentos religiosos influirá consideravelmente; você versa aí sobre questões capitais, e não somente o mundo religioso encontrará as máximas que lhe são necessárias, mas a vida prática das nações haurirá nele excelentes instruções. Você fez bem em tratar as questões de alta moralidade prática do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida deve ser destruída; a Terra e suas populações civilizadas estão prontas; faz já muito tempo que seus amigos de além-túmulo elucidaram tal dúvida; lance, portanto, a semente que nós lhe confiamos, porque está na hora de a Terra gravitar na ordem irradiante das esferas e de sair, enfim, da penumbra e das brumas intelectuais. Encerre sua obra e conte com a proteção de seu guia, guia de todos nós, e com o auxílio devotado de seus mais fiéis Espíritos, em cujo número estime sempre contar comigo.

Perg. — Que dirá a respeito do clero?

Resp. — O clero clamará contra a heresia, porque verá que você ataca aí ferreamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia sua influência e seu crédito. Ele clamará tanto mais quanto se sentirá muito mais chocado do que pela publicação de *O Livro dos Espíritos*, cujos elementos principais, a rigor, ele podia aceitar; mas agora você vai entrar em uma nova rota onde não terá o clero como segui-lo. O anátema secreto irá tornar-se oficial e os espíritas serão expulsos conjuntamente com os judeus e os pagãos pela Igreja de Roma. Por outro lado, os espíritas verão seu número aumentar em função desta forma de perseguição, sobretudo ao verem os padres acusar de obra totalmente demoníaca uma doutrina cuja moralidade cintilará, como um raio de sol, através da própria publicação de seu novo livro, e dos que seguirão.

Eis que se aproxima a hora em que você precisará abertamente declarar o espiritismo exatamente como ele é, e demonstrar a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo; aproxima-se a hora em que, perante o céu e a terra, você deverá proclamar o espiritismo como a única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana. Ao escolhê-lo, os Espíritos conheciam a solidez de suas convicções e que sua fé, como um anteparo de bronze, resistiria a todos os ataques.

Não obstante, amigo, caso sua coragem não tenha ainda falido com a tarefa tão pesada que aceitou, compenetre-se de que você foi o primeiro que comeu do pão branco e de que chegou a hora das dificuldades. Sim, caro Mestre, prepara-se a grande batalha; o fanatismo e a intolerância subvertidos pelo sucesso de sua propaganda vão atirar contra você e os seus com armas envenenadas. Prepare-se para a luta. Mas eu confio em você, como você confia em nós, porque sua fé é das que transportam montanhas e fazem andar sobre as águas. Coragem, portanto, e que sua obra se efetive. Conte conosco e conte, sobretudo, com a grande alma do Mestre de todos nós, que o protege de uma forma muitíssimo particular.

(Paris, 14 de setembro de 1863.)

Nota. — Eu havia solicitado para mim uma comunicação sobre um tema qualquer, e pedi que me fosse enviada a meu retiro de Sainte-Adresse.

“Eu aceito falar-lhe de Paris, conquanto não ache que esteja demonstrada a utilidade disto, considerando que as minhas vozes íntimas se fazem ouvir à sua volta e que seu cérebro percebe nossas inspirações com uma facilidade de que você mesmo não suspeita. Nossa ação, sobretudo a do *Espírito de Verdade*, é contínua à sua volta, a tal ponto que você não tem como recusá-la. Eis

porque eu não entrarei em minúcias despidiendas no que tange ao plano de sua obra, que você tem, seguindo meus conselhos ocultos, tão extensa e tão completamente modificado. Você compreende agora por que nós tínhamos necessidade de tê-lo à mão, desligado de qualquer preocupação a não ser a da doutrina. Uma obra como a que nós elaboramos em harmonia carece de recolhimento e de sagrado isolamento. Eu acompanho com vivo interesse os progressos de seu trabalho, que constituem um passo considerável adiante e abrem enfim para o espiritismo a extensa estrada das úteis aplicações para o bem da sociedade. Com esta obra, o edifício começa a se erguer sobre seus alicerces, e já se pode divisar sua cúpula desenhando-se no horizonte. Continue, portanto, sem impaciência e sem lassidão; o monumento estará terminado na hora predita.

“Nós já o abastecemos com questões supervenientes do momento, quer dizer, com questões religiosas. O Espírito de Verdade lhe falou dos protestos que estão acontecendo; tais hostilidades previstas são necessárias para manter acordada a atenção dos homens, tão fáceis de se deixarem apartar de um tema sério. Aos soldados que combatem pela causa vão juntar-se sucessivamente novos combatentes cujas palavras e cujos escritos farão sensação e trarão a perturbação e a confusão às linhas adversárias.

“Adeus, caro companheiro de antigamente, discípulo fiel da verdade, que continua através da vida a obra à qual nós juramos outrora, aos pés do grande Espírito, que o ama e a quem eu venero, consagrar nossas forças e nossas existências até que a vida chegue ao fim. Saudações.”

Observação. — O plano da obra havia sido, de fato, completamente modificado, o que, com certeza, o médium não tinha como saber, já que se achava em Paris e eu, em Sainte-Adresse; ele não tinha como saber também que o Espírito de Verdade me havia falado a respeito dos protestos do Bispo da Argélia e outros. Todas estas circunstâncias se dispunham de molde a me confirmar o quanto os Espíritos participavam de meus trabalhos.

Paris, 30 de setembro de 1863

(*Médium: Senhor d’A.*)

A Igreja.

Ei-lo de regresso, meu amigo, e você não perdeu seu tempo; à obra, de novo, pois é preciso não deixar sua bigorna criar musgo. Vá forjando, vá forjando armas bem temperadas; repouse carregando pedras; todos os elementos lhe serão depositados nas mãos conforme a necessidade.

Chegou a hora em que a Igreja deve prestar conta do depósito que lhe foi confiado, do modo pelo qual praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade a que ela conduziu os espíritos; chegou a hora em que ela deve dar a César o que é de César e enfrentar a responsabilidade de todos os seus atos. Deus a julgou e a reconheceu incapaz, doravante, para a missão de zelar pelo progresso que incumbe a toda autoridade espiritual. Seria tão somente através de uma transformação integral que ela poderia subsistir; mas a tal transformação irá ela resignar-se? Não, pois assim ela não seria mais a Igreja; para assimilar as verdades e as descobertas da ciência, precisaria renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamentos; para volver à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, precisaria

renunciar ao poder, à dominação, trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e a humildade apostólicas. Ela se acha na seguinte alternativa: caso se transforme, ela se suicida; caso permaneça estacionária, ela sucumbe sob as pressões do progresso.

Roma, aliás, já se acha ansiosa e a gente sabe, na vida eterna, através de revelações irrecusáveis, que a doutrina espírita está sendo chamada para causar uma intensa dor ao papado, porque se prepara vigorosamente o cisma na Itália. Logo, não se deve ficar espantado com o encarniçamento com que o clero se põe a combater o espiritismo, levado pelo instinto de conservação; mas ele já viu que suas armas perdem o fio contra este poder nascente; não podendo seus argumentos deter a lógica inflexível, só lhe resta o demônio; eis um pobre coadjuvante no século dezenove.

De resto, a luta está aberta entre a Igreja e o progresso, mais que entre ela e o espiritismo; é o progresso geral das ideias que a derrui de todos os lados e sob o qual ela sucumbirá, como tudo o que não se nivela por ele. A marcha rápida das coisas deve levá-los a pressentir que o desfecho não se fará esperar por muito mais tempo; a Igreja mesma parece estimulada fatalmente a precipitá-lo.

ESPÍRITO D'E.

Paris, 14 de outubro de 1863. — Médiun: Senhor d'A..

(Sobre o futuro das diferentes publicações.)

A Vida de Jesus, de Renan.

Perg. (a Erasto.) — Que efeito produzirá A Vida de Jesus, de Renan?

Resp. — O efeito será imenso; o burburinho será grande no clero, porque esse livro subverte os fundamentos mesmos do edifício no qual ele se protege há dezoito séculos. Esse livro não é inatacável, longe disso, porque ele constitui o reflexo de uma opinião exclusiva que circunscreve sua ótica ao círculo estreito da vida material. O Senhor Renan, porém, não é materialista, mas pertence à escola que, se não nega o princípio espiritual, também não lhe atribui nenhum papel efetivo direto na condução das coisas do mundo. Ele é um desses cegos inteligentes que explicam a seu modo o que não conseguem ver; que, não compreendendo o mecanismo da vista a distância, imaginam que não se tem como conhecer uma coisa sem tocá-la. Por isso ele reduziu o Cristo às proporções do homem mais comum, negando-lhe todas as faculdades que constituem o atributo do Espírito livre e independente da matéria.

Todavia, ao lado de erros capitais, sobretudo no que toca à espiritualidade, esse livro contém observações justíssimas, que haviam até agora escapado aos comentaristas e que lhe conferem um alto alcance segundo certo ponto de vista. O seu autor pertence à legião dos Espíritos encarnados que podemos chamar de demolidores do velho mundo; eles têm por missão nivelar o terreno sobre o qual se edificará um mundo novo mais racional. Quis Deus que um escritor, com justiça aclamado pelos os homens por seu talento, viesse lançar a luz sobre certas questões obscuras e enodadas por seculares preconceitos, a fim de predispor as mentes às crenças novas. Sem se aperceber disso, o Senhor Renan aplainou a estrada para o espiritismo.

30 de janeiro de 1866

(Paris. Grupo do Senhor Golovine; médium: Senhor L.)

Precursos da tempestade.

Permitam a um antigo dignitário de Táurica²⁰ bendizer seus dois filhos; possam eles, sob a égide de suas duas mães, tornar-se inteligentes em tudo e ser para os senhores fonte de reais satisfações! Desejo-lhes que sejam espíritas convictos, quer dizer, que estejam tão saturados da ideia de outras vidas, dos princípios de fraternidade, de caridade e de solidariedade, que os acontecimentos que vão precipitar-se, quando tiverem a idade da consciência e da razão, não consigam assustá-los nem enfraquecer sua confiança na justiça divina, no meio das provações que deve sofrer a humanidade.

Os senhores se espantam às vezes com a violência com que seus adversários os atacam; segundo eles, os senhores são loucos, fanáticos; os senhores tomam a ficção pela verdade; os senhores ressuscitam o diabo e todos os erros da Idade Média.

A todos os ataques, os senhores sabem que responder seria começar uma polêmica inconsequente. Seu silêncio comprova sua força e, ao não lhes oferecer oportunidade de retrucar, eles acabarão calando-se.

O que mais se deve recear é o imprevisto. Caso uma troca de governo acontecesse no sentido ultramontano mais intolerante, com certeza, os senhores seriam encurralados, conspurcados, combatidos, condenados, expatriados. Mas os acontecimentos, mais prementes que as esconsas manobras, fomentam no horizonte político uma tempestade bem negra, e, quando o temporal irromper, cuidem de ficar bem resguardados, bem fortes, bem desinteressados. Haverá ruínas, invasões, delimitações de fronteiras e, deste naufrágio imenso que nos virá da Europa, da Ásia, da América, sobrenadarão, compenetrarem-se disto, as almas bem preparadas, os espíritos esclarecidos, tudo o que constitua justiça, lealdade, honra, solidariedade.

São perfeitas suas sociedades, tais quais se acham organizadas? Mas os senhores possuem seus párias aos milhões; a miséria abarrota de contínuo suas prisões, seus lupanares e provê o patíbulo. A Alemanha vê, como em todos os tempos, emigrar seus habitantes às centenas de milhares, o que não serve para honrar os governantes; o Papa, príncipe temporal, espalha o erro no mundo, ao invés do *Espírito de Verdade*, de quem constitui o símbolo artificial. Por toda a parte, a inveja; eu vejo interesses que se digladiam e não esforços para erguer o ignorante. Os governos, sabotados por príncipes egoístas, julgam sustentar-se contra a onda que levanta, e esta onda é a consciência humana, que se insurge, enfim, após séculos de espera, contra a minoria que explora as forças vivas das nacionalidades.

Nacionalidades! Possa a Rússia não ter achado um recife terrível, um Cabo das Tormentas, nesta palavra! País bem-amado, possam seus homens de Estado não olvidar que a grandeza de um país não consiste em ter fronteiras indefinidas, muitas províncias e não povoadas, algumas cidades grandes em um oceano de ignorância, planícies imensas, desertas, estéreis, inclementes como a inveja, como tudo o que é falso e rebate falso. Será inútil que o sol não se ponha para suas conquistas, não deixarão de existir deserdados, ranger de dentes, todo um inferno ameaçador e aberto de par em par como a imensidade.

²⁰ Táurica ou Táurida, antiga província da Rússia que compreendia a Crimeia e alguns países vizinhos. (Nota do tradutor.)

Todavia, as nações, como os governos, possuem seu livre-arbítrio; como os simples indivíduos, elas podem dirigir-se através do amor, da união, da concórdia; elas oporão à tempestade anunciada elementos elétricos adequados para melhor destruí-la e desagregá-la.

INOCENTE.

Em vida, arcebispo de Táurica.

30 de janeiro de 1866

(Lião. Grupo Villon; médium: Senhor G.)

A nova geração.

A Terra freme de alegria; o dia do Senhor se aproxima; todos os principais dentre os Espíritos se empenham sem trégua para entrar na liça. Os Espíritos de algumas vigorosas almas encarnadas agitam já seus corpos para destruí-los; a carne perplexa não sabe o que pensar, um fogo ignoto a devora; as almas serão libertadas, pois chegaram os tempos: uma eternidade se acha a ponto de expirar, uma eternidade gloriosa vai logo raiar, e Deus espera por seus filhos.

O reino do ouro cederá lugar a um reino mais puro; o pensamento logo será soberano e os Espíritos de eleição que vieram desde as priscas épocas iluminar seu século e servir de marcos para os séculos futuros vão encarnar entre vocês. Que estou eu dizendo? Muitos se encontram encarnados. Sua sábia palavra vai trazer uma chama destrutiva que causará razias irreparáveis no seio dos velhos abusos. Quantos preconceitos antigos vão desmoronar em conjunto, quando o Espírito, como um machado de dois gumes, vier fendê-los até seus fundamentos.

Sim, os pais do progresso do espírito humano abandonaram, uns as moradas riosas, outros os grandes trabalhos em que a felicidade se acresce ao prazer de instruir-se, para virem retomar o bastão de peregrino que eles só haviam descansado na soleira do templo do conhecimento, e dos quatro cantos do globo logo os cientistas oficiais vão ouvir apavorados jovens imberbes que virão, com uma linguagem profunda, retorquir seus argumentos, os quais eles julgavam irrefutáveis. O sorriso zombeteiro não mais poderá constituir um escudo seguro e, sob pena de descrédito, eles precisarão responder. É então que o círculo vicioso em que se encerram os mestres da vã filosofia será posto a descoberto, pois os novos paladinos trazem consigo, não somente uma flama, a inteligência livre de seus grosseiros véus, mas ainda muitos dentre eles desfrutarão daquela condição peculiar, privilégio das grandes almas, como Jesus, a qual propicia o poder de curar e de realizar as maravilhas que se reputam como milagres. Perante os fatos materiais em que o espírito se mostra tão superior à matéria, como negar os Espíritos? O materialista será obstruído em seus discursos através da palavra eloquente, ainda mais que a sua, e através do fato patente, positivo e asseverado por todos, pois, grandes e pequenos, quais novos São Tomé, poderão tocar com o dedo.

Sim, o velho mundo corroído racha por toda a parte; o velho mundo finda e com ele todos os seus velhos dogmas, que só reluzem ainda por causa da camada dourada de que se acham cobertos. Espíritos intrépidos, a vocês a tarefa de raspar esse ouro falso; para trás, vocês que desejam em vão sustentar esse ídolo; atingido por todo lado, ele vai ruir e os arrastará em sua queda.

Para trás, vocês todos que negam o progresso; para trás, com suas crenças de um outro tempo. Por que negam vocês o progresso, desejando contê-lo? É que, querendo prevalecer, prevalecer ainda e sempre, vocês condensaram seu pensamento em artigos de fé, afirmando à humanidade: “Você será sempre uma criança, e nós, que temos a luz do alto, nós estamos fadados a conduzi-la.”

Mas vocês viram que as andadeiras da criança lhes ficou nas mãos; e a criança salta à sua frente, e vocês negam ainda que ela consiga andar sozinha! Será que é batendo-lhe com as andadeiras que deviam sustentá-la que vocês lhe comprovarão a autoridade de seus argumentos? Não; e vocês bem sabem disso; mas é tão bom crer, quando a gente se diz infalível, em que os outros ainda depositam fé nessa infalibilidade na qual nem mesmo vocês creem mais.

Ah! quantos gemidos não são soltos no santuário! É aqui que, ao se prestar atenção, se ouvem dolorosos murmúrios. Que dizem vocês, assim, pobres obstinados? Que a mão de Deus pesa sobre sua Igreja? Que, por toda a parte, a imprensa livre os ataca e derrota seus argumentos? Onde estará o novo Crisóstomo cuja palavra poderosa reduzirá a nada este dilúvio de racionalistas? Em vão vocês esperam por ele; seus escritores mais vigorosos e mais credenciados não conseguem mais nada; eles se obstinam em se apegar ao passado que se vai, enquanto a nova geração, em sua revoada irresistível que a incita para a frente, clama: Não, nada de passado; a nós o futuro; uma nova aurora se ergue; eis aqui para onde se dirigem nossas aspirações!

Em frente!, diz ela; alarguem a estrada, nossos irmãos nos seguem; acompanhem a onda que nos arrasta; nós temos necessidade do movimento que é a vida, enquanto vocês nos apresentam a imobilidade que é a morte.

Abram suas tumbas, suas catacumbas; saciem sua vista com os velhos despojos de um passado que não existe mais. Seus santos mártires não morreram de forma alguma para imobilizar o presente. Eles divisaram nossa época e se precipitaram na morte como sendo a rota que devia conduzir a ela. A cada época seu caráter; nós desejamos precipitar-nos na vida, pois os séculos futuros parecem-nos que têm horror à morte.

Eis aqui, meus amigos, o que os intrépidos Espíritos que se encarnam presentemente vão dar a compreender. Este século não se encerrará sem que muitos despojos junquem o chão. A guerra assassina e fratricida cedo desaparecerá perante a discussão; o espírito substituirá a força bruta. E, depois que todas estas almas generosas houverem combatido, reentrarão em nosso mundo espiritual para receber a coroa do vitorioso.

Eis aqui a meta, meus amigos; os paladinos são por demais aguerridos para que se duvide do sucesso. Deus escolheu a nata de seus combatentes, e a vitória pertence à humanidade.

Regozijem-se, portanto, todos vocês que aspiram à felicidade e que desejam que seus irmãos participem dela tanto quanto vocês; chegou a hora! A Terra vibra de alegria, pois vai ver começar o reino de paz prometido pelo Cristo, o divino messias, reino cujos fundamentos ele veio assentar.

UM ESPÍRITO.

23 de abril de 1866

(Paris. Comunicação particular; médium: Senhor D.)

Mensagem quanto à saúde do Senhor Allan Kardec.²¹

Debilitando-se a saúde do Senhor Allan Kardec dia a dia, como resultado de excessivos trabalhos aos quais ele não consegue satisfazer, eu me vejo na necessidade de lhe repetir de novo o que já lhe disse muitas vezes: O senhor precisa de repouso; as forças humanas possuem limites que seu desejo de ver progredir o ensinamento amiúde o leva a infringir; o senhor está errado, pois, ao agir assim, não acelerará o avanço da doutrina, mas arruinará sua saúde e se porá na impossibilidade material de terminar a tarefa que veio realizar neste mundo. Sua moléstia atual constitui apenas o resultado de um dispêndio contínuo de forças vitais que não dá tempo para sua efetiva reparação, e de um aquecimento do sangue produzido pela falta total de descanso. Nós o amparamos, sem dúvida, mas com a condição de que o senhor não desfaça o que nós fazemos. De que serve correr? Não lhe foi dito tantas vezes que cada coisa viria a seu tempo e que os Espíritos incumbidos do movimento de ideias poderiam fazer surgir circunstâncias favoráveis quando o momento de agir chegasse?

Quando cada espírita junta suas forças para a luta, pensa o senhor que seja de seu dever esgotar as suas? Não, em tudo o senhor tem que dar o exemplo e seu lugar será na frente de batalha no momento do perigo. Que faria ali o senhor, caso seu corpo debilitado não permitisse mais à sua mente servir-se das armas que a experiência e a revelação lhe puseram nas mãos? — Cria-me, deixe para mais tarde as grandes obras destinadas a completar o trabalho delineado em suas primeiras publicações; seus trabalhos correntes e algumas pequenas brochuras urgentes têm como absorver seu tempo e devem ser os únicos objetos de suas preocupações atuais.

Eu não lhe falo somente em meu nome; eu sou o emissário de todos os Espíritos que contribuíram tão intensamente para a propagação do ensino através de suas sábias mensagens. Eles lhe dizem, por meu intermédio, que o retardo, que o senhor acredita prejudicial ao futuro da doutrina, é uma providência necessária por mais de uma razão, seja porque certas questões não se acham ainda completamente elucidadas, seja para preparar as mentes para melhor assimilá-las. É preciso que outros tenham desbravado o terreno, que certas teorias tenham comprovado sua insuficiência e aberto um vazio ainda maior. Em suma, o momento não é oportuno; cuide-se, portanto, pois, quando chegar a hora, todo o seu vigor de corpo e de espírito lhe será necessário. Tem sido o espiritismo até agora o objeto de várias diatribes? Gerou ele muitas tempestades? Crê o senhor que todo o movimento esteja apaziguado, que todos os ódios se achem acalmados e reduzidos à impotência? Desiluda-se: o cadinho purificador ainda não eliminou todas as impurezas; o futuro lhe reserva outras provações e as derradeiras crises não hão de ser as menos penosas de suportar.

Eu sei que sua posição particular lhe suscita uma infinidade de trabalhos secundários que consomem a melhor parte de seu tempo. Os pedidos de todos os tipos o afligem e o senhor entende como um dever atendê-los tanto quanto possível. Eu farei aqui o que, sem dúvida, o senhor não ousaria por si mesmo, e, falando a todos os espíritos, eu lhes rogarei, no interesse do espiritismo mesmo, que o poupem de toda sobrecarga de trabalho capaz de absorver os instantes

²¹ A mensagem e os comentários foram originalmente publicados na *Revista Espírita* de maio de 1866, constando como médium o Senhor Desliens. (Nota do tradutor.)

que o senhor deve consagrar quase exclusivamente à conclusão da obra. Se sua correspondência perder um pouco com isso, o ensino ganhará.

É preciso, às vezes, sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. Trata-se de uma providência urgente que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebe é para o senhor uma fonte preciosa de documentos e de informações; ela o esclarece a respeito da marcha verdadeira e dos progressos reais da doutrina; constitui um termômetro imparcial; o senhor haure nela, além de tudo, satisfações morais que ampararam mais de uma vez sua coragem, ao ver a adesão que encontram suas ideias em todos os pontos do globo; sob este aspecto, a superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de auxiliar seus trabalhos e não de atravancá-los, criando-lhe um acúmulo de ocupações.

Doutor DEMEURE.

Bom Senhor Demeure, eu lhe agradeço por seus sábios conselhos. Graças à resolução que tomei de arrumar um substituto, exceto quanto aos casos excepcionais, a correspondência atual transtorna um pouco agora e não transtornará mais no futuro; mas que fazer com este atraso de mais de quinhentas cartas que, malgrado toda a minha boa vontade, não fui capaz de colocar em dia?

Resp. — É preciso, como se diz em termos do comércio, repassá-las em bloco por conta dos lucros e perdas. Ao anunciar tal providência na *Revista Espírita*, seus correspondentes saberão a que se prender; eles compreenderão a necessidade e, sobretudo, acharão justificada a medida pelos conselhos acima. Eu repito: seria impossível que as coisas avançassem por muito mais tempo como estão; tudo se transtornaria com isso, não só sua saúde e como também a doutrina. Precisa-se, em caso de necessidade, saber efetuar os sacrifícios inevitáveis. Tranquilo, doravante, a respeito deste ponto, o senhor poderá dedicar-se mais livremente a seus trabalhos obrigatórios. Eis aqui o que lhe aconselha quem será sempre seu amigo devotado.

DEMEURE.

Acatando este sábio conselho, nós pedimos a nossos correspondentes com quem nos achávamos há muito tempo em atraso que se conformassem com nossas escusas e nosso pesar por não ter sido possível responder com pormenores e como teríamos desejado a suas cartas benevolentes, e que se dignassem aceitar coletivamente a expressão de nossos sentimentos fraternos.

25 de abril de 1866

(Paris. Resumo das comunicações fornecidas através dos Senhores M. e T., em sonambulismo.)

Regeneração da humanidade.²²

Os acontecimentos precipitam-se com rapidez; por isto nós não lhes dizemos mais, como outrora: “Os tempos estão próximos”; nós lhes dizemos agora: “Os tempos chegaram.”

²² Esta mensagem encontra-se na *Revista Espírita* de outubro de 1866. Existem ali duas observações de Allan Kardec, ao final do trecho aqui transcrito e uma sequência final não reproduzida nas *Obras Póstumas*. (Nota do tradutor.)

Não entendam por estas palavras um novo dilúvio, nem um cataclismo, nem uma subversão geral. Convulsões parciais do globo aconteceram em todas as épocas e se produzem ainda, porque elas se vinculam a sua constituição, mas não estão aqui os sinais dos tempos.

Entretanto, tudo o que se predisse no Evangelho deve cumprir-se e cumprir-se neste momento, como vocês o saberão mais tarde; mas tomem os sinais anunciados somente como figuras cujo espírito é preciso apreender, e não a letra. Todas as *Escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria, e é porque os comentaristas se apegaram à letra que se perderam. Faltou-lhes a chave para compreenderem seu significado verdadeiro. Tal chave se encontra nas descobertas da ciência e nas leis do mundo invisível que nos vem revelar o espiritismo. Daqui por diante, com a ajuda destes novos conhecimentos, o que era obscuro vai ficando claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas, e as leis imutáveis de Deus não serão absolutamente alteradas. Vocês não verão, portanto, nem milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural no sentido popular destas palavras.

Não olhem para o céu para procurar ali os sinais precursores, pois não os verão ali em absoluto, e os que os anunciaram a vocês os ludibriaram; mas olhem em torno de vocês, entre os homens; eis onde os encontrarão.

Não sentem vocês como um vento que sopra na Terra e agita todos os Espíritos? O mundo se acha em compasso de espera e como que tomado de um vago pressentimento pela aproximação da tempestade.

Não creiam, contudo, no fim do mundo material; a Terra progrediu desde sua transformação; ela deve progredir ainda, e não ser de forma alguma destruída. Mas a humanidade chegou a um de seus períodos de transformação, e a Terra vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

Não é, portanto, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral: é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que desmorona; cada dia retira dele alguns fragmentos. Tudo findará para ele com a geração que está partindo, e a nova geração erguerá o novo edifício, que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está sendo chamada a tornar-se, um dia, um mundo feliz, e habitar nela constituirá uma recompensa, ao invés de ser uma punição. O reino do bem deve suceder ao reino do mal.

Para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que ela seja povoada apenas por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que só desejarão o bem. Tendo chegado tal tempo, uma grande emigração ocorrerá naquele momento entre os que a habitam; os que praticam o mal pelo mal, *sem que os toque* o sentimento do bem, não sendo mais dignos da Terra transformada, serão excluídos daí, porque trariam de novo a perturbação e a confusão e se constituiriam em um obstáculo ao progresso. Eles irão expiar seu enrijecimento em mundos inferiores, para onde levarão os conhecimentos adquiridos e onde terão a missão de fazê-los progredir. Eles serão substituídos na Terra por Espíritos melhores, que farão reinar entre si a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, nós o dissemos, não deve de jeito algum ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova lhe sucederá da mesma forma, sem que nada fique mudado na ordem natural das coisas. Logo, tudo acontecerá exteriormente como de hábito, com a única diferença, diferença esta capital, de que uma parte dos Espíritos que nela se encarnavam não se encarnará mais aí. Na criança que nascer, ao invés de um Espírito atrasado e dado ao mal que se encarnaria nela, será um Espírito mais avançado e *dado ao bem*. Trata-se, portanto, bem menos de uma nova geração corpórea que de uma nova geração de Espíritos. Assim, os que esperam ver a transformação efetuar-se através de efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão frustrados.

A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se fundem. Situados no ponto intermediário, vocês assistem à partida de uma e à chegada da outra, e cada qual se especifica já no mundo através das características que lhes são próprias.

As duas gerações que sucedem uma à outra possuem ideias e metas de todo opostas. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo das disposições *intuitivas* e *inatas*, é fácil de distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Devendo a nova geração fundar a era do progresso moral, distingue-se através de uma inteligência e de um raciocínio geralmente precoces, unidos ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que constitui a marca indubitável de um certo nível de adiantamento anterior. Ela não será em absoluto composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, havendo já progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a auxiliar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus através da negação da Providência e de qualquer poder superior à humanidade; depois, a propensão *instintiva* pelas paixões degradantes, pelos sentimentos antifraternos do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância do apego a tudo quanto seja material.

Tais são os vícios de que a Terra tem que ser purgada, através do afastamento dos que se recusam a emendar-se, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade e porque os homens de bem sempre sofrerão com seu contato. A Terra ficará livre deles, e os homens avançarão sem entraves no sentido de um futuro melhor, que lhes está reservado neste mundo, como recompensa por seus esforços e por sua perseverança, enquanto aguardam que uma purificação ainda mais completa lhes abra a porta dos mundos superiores.

Por esta emigração de Espíritos não se deve entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos cederam ao fascínio das circunstâncias e do exemplo; a casca era neles mais ruim que o cerne. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corpóreo, a maioria verá as coisas de um modo bem diferente que em vida, como vocês têm disto numerosos exemplos. Para isto, eles recebem ajuda dos Espíritos benevolentes que se interessam por eles e que se apressam em esclarecê-los e em lhes demonstrar a falsidade da rota que seguiram. Através de suas preces e de suas exortações, vocês mesmos têm como contribuir para sua melhora, porque existe perpétua solidariedade entre os mortos e os vivos.

Eles poderão, portanto, regressar e ficarão felizes aqui, pois isto constituirá uma recompensa. Que importa o que eles foram e o que fizeram, se estão animados de sentimentos melhores! Longe de serem hostis à sociedade e ao progresso, serão bons coadjuvantes, pois pertencerão à nova geração.

Logo, só haverá exclusão definitiva para os Espíritos profundamente rebeldes, os que o orgulho e o egoísmo, mais que a ignorância, tornam surdos à voz do bem e da razão. Mas estes mesmos não estão condenados a uma inferioridade perpétua, e virá um dia quando repudiarão seu passado e abrirão os olhos à luz.

Roguem, portanto, por esses empedernidos, a fim de que eles se emendem enquanto há tempo ainda, pois o dia da expiação se aproxima.

Infelizmente, desconhecendo a maioria deles a voz de Deus, muitos persistirão em sua cegueira, e sua resistência marcará o fim de seu reino através de lutas terríveis. Em seu extravio, eles mesmos concorrerão para sua perda; eles incitarão a destruição que engendrará u'a multidão de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem querer, eles apressarão o advento da era da renovação.

E, como se a destruição não avançasse rápida o bastante, a gente verá os suicídios multiplicarem-se em uma proporção inaudita, até entre as crianças. A loucura não terá jamais

ferido um tão grande número de homens que serão, antes da morte, riscados do número dos vivos. Estes são os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo isso se cumprirá através do encadeamento das circunstâncias, como nós o dissemos, sem que em coisa alguma fiquem derrogadas as leis da natureza.

Entretanto, através da nuvem sombria que os envolve, e no seio da qual estronda a tempestade, vocês já veem romper os primeiros raios da nova era! A fraternidade assenta seus fundamentos em todos os pontos do globo e os povos se estendem as mãos; a barbárie se acomoda ao contato da civilização; os preconceitos de raças e de seitas, que causaram derramamento de ondas de sangue, estão extinguindo-se; o fanatismo, a intolerância perdem terreno, enquanto a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. Por toda a parte as ideias fermentam; vê-se o mal e se experimentam remédios, mas muitos avançam sem bússola e se perdem nas utopias. O mundo se acha em um imenso trabalho de parto, que irá durar um século; neste trabalho, ainda confuso, vê-se, no entanto, predominar uma tendência para um alvo: o da unidade e da uniformidade que predis põem para a fraternidade.

Estes também são sinais dos tempos; mas, enquanto os outros constituem os da agonia do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que verá elevar-se o século próximo, pois então a nova geração estará com toda a sua força. Quanto a fisionomia do século XIX difere da do século XVIII em certos aspectos, tanto a do século XX será diferente da do século XIX em outros aspectos.

Um dos caracteres distintivos da nova geração será o da fé *inata*; não a fé exclusiva e cega que separa os homens, mas a fé raciocinada que aclara e fortifica, que os une e os funde em um sentimento comum de amor de Deus e do próximo. Com a geração que se extingue, desaparecerão os derradeiros vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O espiritismo é a via que conduz à renovação, porque ele arruína os dois maiores obstáculos que se opõem a ela: a incredulidade e o fanatismo. Ele propicia uma fé sólida e esclarecida; ele desenvolve todos os sentimentos e todas as ideias que correspondem aos desígnios da nova geração; eis porque ele é como que inato e intuitivo no coração de seus representantes. A nova era o verá, assim, crescer e prosperar pela força mesma dos fatos. Ele se tornará a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Mas daqui até lá, quantas lutas ele haverá ainda de sustentar contra seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo, que, coisa bizarra, se dão a mão para abatê-lo! Eles pressentem seu futuro e sua ruína: eis porque o temem, pois o veem já fixar, sobre as ruínas do velho mundo egoísta, o estandarte que deve reunir todos os povos. Na divina máxima: *Fora da caridade não existe salvação*, eles leem sua própria condenação, pois se trata do símbolo da nova aliança fraterna proclamada pelo Cristo. Ela se mostra a eles como as palavras fatais do festim de Baltazar. Contudo, esta máxima, eles deveriam bendizê-la, pois ela os preserva de todas as represálias da parte dos que eles perseguem. Mas não, uma força cega os incita a rejeitar exatamente o que poderia salvá-los!

Que poderão eles contra o predomínio da opinião que os repudia? O espiritismo sairá triunfante da luta, não duvidem disto, pois ele se encontra nas leis da natureza, e é, por isto mesmo, imperecível. Vejam através de que infinidade de meios a ideia se espalha e penetra por toda a parte; compenetrem-se de que tais meios não são fortuitos, mas providenciais; o que, à primeira vista, pareceria dever ser-lhe prejudicial é precisamente o que ajuda em sua propagação.

Cedo ele verá surgir paladinos altamente devotados entre os mais importantes e os mais afamados, que o apoiarão com a autoridade de seu nome e de seu exemplo, e imporão silêncio a seus detratores, pois ninguém terá a ousadia de tratá-los como loucos. Estes homens o estudam no

silêncio e se mostrarão quando chegar o momento propício. Até lá, é bom que permaneçam à parte.

Cedo também, vocês verão as artes haurir nele como em uma fonte fecunda, e traduzir seus pensamentos e os horizontes que ele revela através da pintura, da música, da poesia e da literatura. Disseram-lhes que iria existir um dia a arte espírita, como existiu a arte pagã e a arte cristã, e isto é uma grande verdade, pois os maiores gênios se inspirarão nele. Cedo vocês verão seus primeiros esboços e, mais tarde, ele assumirá o posto que lhe é devido.

Espíritas, o futuro lhes pertence e a todos os homens sensíveis e devotados. Não se assustem com os obstáculos, pois não existe um só que possa obstruir os desígnios da Providência. Trabalhem sem relaxar, e agradeçam a Deus por havê-los colocado na vanguarda da nova falange. Trata-se de um posto de honra que vocês mesmos solicitaram, e do qual vocês precisam tornar-se dignos por sua coragem, sua perseverança e seu devotamento. Felizes os que sucumbirem nesta luta contra a força; mas a desonra ocorrerá, no mundo dos Espíritos, para os que sucumbirem por fraqueza ou pusilanimidade. As lutas, aliás, são necessárias para fortificar a alma; o contato do mal faz melhor avaliar as vantagens do bem. Sem as lutas que estimulam as faculdades, o Espírito se deixaria levar por uma despreocupação funesta para seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

27 de abril de 1866

(Paris. Na casa do Senhor Leymarie; médium: Senhor L.)

Avanço gradual do espiritismo.

Dissidências e entraves

Caros condiscípulos, a verdade sempre prevalece; nada é capaz de opor-se à irradiação de uma verdade; às vezes, a gente pode escondê-la, torcer-lhe o sentido, fazer com ela o que fazem os teredos²³ nos diques holandeses; mas uma verdade não é construída sobre estacas: ela corta o espaço; ela se acha no ar e, caso tenha sido possível cegar uma geração, existem sempre encarnações novas, contingentes da erraticidade que vêm trazer sementes fecundas, outros elementos, e que podem avocar para si todas as grandes coisas desconhecidas.

Não se apressem demais, amigos; muitos dentre vocês gostariam de viajar a vapor e, neste tempo de eletricidade, correr tanto quanto ela. Esquecidos das leis da natureza, vocês gostariam de andar mais depressa que o tempo. Reflitam, todavia, em quanto Deus é sábio em tudo. Os elementos que constituem seu planeta sofreram um longo e laborioso parto; antes que vocês pudessem existir, foi preciso que tudo se constituísse conforme a aptidão de seus órgãos. A matéria, os minerais, fundidos e refundidos, os gases, os vegetais, a pouco e pouco se harmonizaram e se condensaram, a fim de permitir sua eclosão na Terra. É a eterna lei do trabalho que não cessou de reger os seres inorgânicos tanto quanto os seres inteligentes.

²³ Tereado (*taret*, em francês) é um molusco bivalve, com aspecto vermiforme. Em suas duas valvas existem sulcos providos de dentes. Os teredos cavam galerias em madeira submersa, embarcações, embarcadouros e cais, com a qual se alimenta. (Nota do tradutor.)

O espiritismo não pode furtar-se a esta lei, à lei do parto. Implantado em um solo ingrato, é preciso que ele apresente suas ervas ruins, seus frutos ruins. Mas também, todo dia a gente capina, arranca, corta os galhos ruins; o terreno se afofa sem que se perceba e, quando o viajante, fatigado com as lutas da vida, vir a abundância e a paz à sombra de um refrescante oásis, virá estancar sua sede, secar seus suores, naquele reino devagar e sabiamente preparado; lá o rei é Deus, este doador generoso, este igualitário judicioso, que bem sabe que o trajeto a seguir é doloroso, mas fecundo; penoso, mas necessário; o Espírito formado na escola do trabalho sai mais forte e mais apto para as grandes coisas. Aos que falham ele diz: coragem; e como esperança suprema, ele deixa entrever, mesmo aos mais ingratos, um ponto de chegada, ponto salutar, caminho pontilhado pelas reencarnações.

Sorriam das vãs declamações: deixem falar os dissidentes, vociferar os que não conseguem consolar-se por não serem os primeiros; todo este pequeno barulho não impedirá o espiritismo de percorrer com firmeza seu caminho; eis uma verdade e, como um rio, toda verdade deve seguir seu curso.

16 de agosto de 1867

(Sociedade de Paris; médium: Senhor Morin, em sonambulismo.)

Publicações espíritas.

Nota. — O Senhor L. acabava de anunciar que se propunha a mandar confeccionar obras espíritas para vender a preços fabulosamente reduzidos. A este respeito é que o Senhor Morin disse o que se segue, durante seu sono.

Os espíritas são numerosos hoje em dia, mas muitos não compreendem ainda o alcance eminentemente moralizador e emancipador do espiritismo. O núcleo que sempre seguiu a boa rota continua sua marcha lenta mas segura; ele se aparta de todos os preconceitos e se preocupa com os que larga no caminho.

Infelizmente, mesmo entre os membros que formam o núcleo fiel, existem os que acham tudo maravilhoso, tanto nos outros como neles mesmos, e, facilmente, benevolentemente, se deixam fascinar pelas aparências e vão tolamente grudar-se no visgo de seus inimigos, com uma personalidade que diz despojar-se, oferecer seu sangue, seus haveres, sua inteligência para o triunfo do ideal. Muito bem! Releiam a comunicação (comunicação que ele acabara de escrever) e vocês verão que, junto a certos indivíduos, tais sacrifícios não podem ser feitos sem segunda intenção.

É preciso desconfiar das abnegações e das generosidades ostensivas, como da veracidade das pessoas que dizem que não mentem nunca.

Pretender ofertar uma coisa a preços impossíveis, sem perder com isso, é uma artimanha de ofício; fazer mais ainda: ofertar de graça, afirmando ser por excesso de zelo, a título de presente, todos os elementos de uma doutrina sublime, é o máximo da hipocrisia. Espíritas, resguardem-se!

17 de agosto de 1867

(Sociedade de Paris; médium: Senhor D.)

Acontecimentos.

A sociedade em geral, ou, falando corretamente, o grupo de seres tanto encarnados quanto desencarnados que compõem a população flutuante de um mundo, em suma, uma humanidade, mais não é que uma grande criança coletiva que, como todo ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem para cada um, desde o nascimento até a idade mais avançada; e, do mesmo jeito que o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado de certas perturbações físicas e intelectuais que incidem mais particularmente em certos períodos da vida, a humanidade possui suas moléstias de crescimento, suas perturbações morais e intelectuais. É a uma destas grandes épocas que encerram um período e que começam outro que lhes está sendo dado assistir. Participando, a uma só vez, das coisas do passado e das coisas do futuro, dos sistemas que se abatem e das verdades que se inauguram, tenham cuidado, meus amigos, em se colocar do lado da solidez, do progresso e da lógica, se não desejarem ser arrastados à deriva; e busquem abandonar suntuosos palácios na aparência, mas derruídos na base, que soterrarão logo sob suas ruínas os infelizes assaz insensatos para não desejarem sair dali, malgrado as advertências de todo tipo que lhes são prodigalizadas.

Todos os cumes escurecem, e a calma aparente que vocês desfrutam serve apenas para acumular um maior número de elementos destruidores.

Às vezes, a tempestade que destrói o fruto dos suores de um ano é precedida de fatos precursores que permitem empreender as precauções necessárias para evitar, tanto quanto possível, a devastação. Desta vez não será assim. O céu umbroso parecerá iluminar-se; as nuvens fugirão; depois, subitamente, todos os furores por tanto tempo reprimidos irromperão com uma violência inaudita.

Infelizes os que não prepararam um abrigo para si! Infelizes os fanfarrões que avançarem para o perigo, o braço desarmado e o peito desnudo! Infelizes os que afrontarem o perigo com a taça na mão! Que decepção terrível aguarda por eles! A taça em sua mão não irá atingir seus lábios, e eles já estarão feridos!

À obra, pois, espíritas, e não olvidem que vocês devem manter toda prudência e toda previdência. Vocês possuem um escudo: saibam servir-se dele; uma âncora de salvação: não se esqueçam dela.

9 de setembro de 1867

(Séjour. Sessão íntima; médium: Senhor D.)

Minha nova obra a respeito da gênese.

(Comunicação espontânea.)

Duas palavras primeiro quanto à obra que começa a ser elaborada. Como nós já dissemos muitas vezes, é urgente executá-la logo e apressar o mais possível sua publicação. É preciso que a primeira impressão tenha sido causada nas mentes quando o conflito europeu explodir; caso ela venha a tardar, os acontecimentos brutais poderiam desviar a atenção das obras puramente filosóficas; e como esta obra está sendo chamada a desempenhar seu papel na transformação que se prepara, não se deve deixar de apresentá-la em tempo oportuno. Todavia, não há necessidade para isto de lhe restringir os desenvolvimentos. Consigne toda a amplitude desejável; cada pequeno trecho detém seu peso na balança da ação; em uma época tão decisiva quanto esta, não se deve negligenciar nada, nem na ordem material, nem na ordem moral.

Eu estou satisfeito pessoalmente com o trabalho, mas minha opinião é insignificante perto da satisfação dos que estão sendo chamados por ele a se transformar. O que me alegra, sobretudo, são suas consequências sobre as populações, tanto do espaço quanto da Terra.

Perg. — Caso nada venha a embargá-la, a obra poderá aparecer em dezembro. Prevê o senhor obstáculos?

Resp. — Eu não prevejo absolutamente dificuldades insuperáveis; sua saúde seria o principal; eis porque nós o aconselhamos sempre a não negligenciá-la. Quanto aos obstáculos externos, eu não pressinto nada de sério.

Doutor D.

22 de fevereiro de 1868

(Comunicação particular; médium: Senhor D.)

A Gênese.

Logo depois de uma comunicação do Doutor Demeure, na qual ele me deu conselhos muito sábios a respeito das modificações a efetuar no livro *A Gênese*, quando de sua reimpressão, para a qual ele me convidava a me ocupar sem demora, eu lhe perguntei:

A venda, tão rápida até aqui, se acalmará, sem dúvida; é o efeito do primeiro momento. Eu creio que as quarta e quinta edições demorarão mais para se esgotar. Não obstante, como se precisa de um certo tempo para a revisão e a reimpressão, convém não ser pego desprevenido. Poderia o senhor dizer-me, aproximadamente, com quanto tempo eu conto para agir de conformidade?

Resp. — Trata-se de um trabalho sério esta revisão, e eu o instigo a não esperar muito para empreendê-la: é preferível que o senhor esteja pronto antes da hora a ficarem esperando pelo senhor. Acima de tudo, não se apresse. Malgrado a contradição aparente de minhas palavras, o senhor me compreende sem dúvida. Ponha-se de imediato à obra, mas não a realize de uma tacada

só. Dê tempo ao tempo: as ideias ficarão mais claras, e o corpo ganhará com isso por se fatigar menos.

É preciso, não obstante, que o senhor tenha em mente que a obra se esgotará rápido. Quando nós lhe afirmamos que este livro seria um sucesso entre seus sucessos, nós entendíamos que seria de uma só vez um sucesso filosófico e material. Como o senhor vê, nossas previsões estavam corretas. Fique preparado desde já; isto será mais rápido do que o senhor está supondo.

Observação. — Em uma comunicação de 18 de dezembro, afirmou-se: *Este será, com certeza, um sucesso entre seus sucessos.* É notável que, com dois meses de intervalo, um outro Espírito repita precisamente as mesmas palavras, afirmando: *Quando nós lhe afirmamos,* etc. Esta palavra NÓS comprova que os Espíritos atuam em harmonia, e que muitas vezes só um fala em nome de muitos.

Paris, 23 de fevereiro de 1868

(Comunicação íntima oferecida ao Senhor C., médium.)

Acontecimentos.

Ocupe-se, desde já, com o trabalho que o senhor esboçou a respeito dos meios de ser um dia útil a seus irmãos de crença e de servir à causa da doutrina, porque é possível que os acontecimentos que irão desenrolar-se não lhe deixem tempo suficiente para dedicar-se a eles.

Estes mesmos acontecimentos apresentarão fases durante as quais o pensamento humano será capaz de produzir-se com uma liberdade absoluta. Em tais momentos, os cérebros em delírio, despojados de qualquer direcionamento sadio, darão à luz tais enormidades que o anúncio do aparecimento em breve da besta do Apocalipse não assustaria a ninguém e passaria despercebido. As rotativas vomitarão todas as loucuras humanas até ao esgotamento das paixões que elas terão engendrado.

Um tal tempo será favorável aos espíritos. Eles se avaliarão; eles prepararão seus materiais e suas armas. Ninguém pensará em provocá-los, porque eles não constrangerão a ninguém. Só eles serão os discípulos do Espírito; os outros serão os discípulos da matéria.

Paris, 4 de julho de 1868

(Médium: Senhor D.)

Meus trabalhos pessoais. Conselhos diversos.

Seus trabalhos pessoais estão bem encaminhados; prossiga na reimpressão de sua última obra; estabeleça sua agenda geral para o fim do ano, trata-se é uma boa coisa, e deixe o resto para nós.

O impulso produzido por *A Gênese* está apenas em seu início, e muitos elementos abalados por seu aparecimento cedo se alinharão sob seu estandarte; outras obras sérias aparecerão ainda para terminar de esclarecer o pensamento humano a respeito da nova doutrina.

Eu aplaudo igualmente a publicação das cartas de Lavater²⁴: trata-se de uma pequena coisa destinada a produzir grandes efeitos. Em suma, o ano será frutuoso para todos os amigos do progresso racional e liberal.

Eu estou também inteiramente de acordo com que se publique o resumo que o senhor se propõe a elaborar na forma de catecismo ou de manual, mas também estou de acordo com escoimá-lo cuidadosamente. Quando o senhor estiver a pique de dá-lo a lume, não se esqueça de me consultar a respeito do título; talvez eu tenha um bom conselho a lhe oferecer então, cujos termos dependerão dos eventos que acontecerão.

Quando nós o aconselhamos ultimamente a não esperar muito para ocupar-se da revisão de *A Gênese*, nós lhe afirmamos que se teria de acrescentar em diferentes partes, de se preencherem algumas lacunas e de se condensar aqui e ali a matéria, a fim de não tornar o volume mais extenso.

Nossas observações não foram em absoluto perdidas e nós ficaremos felizes em colaborar na revisão desta obra, como ficamos por haver contribuído para sua execução.

Eu o instigarei hoje a rever cuidadosamente sobretudo os primeiros capítulos, cujas ideias são todas excelentes, as quais nada apresentam que não seja verdadeiro, mas onde certas expressões poderiam prestar-se a uma interpretação errada. Salvo tais retificações, que eu lhe aconselho a não negligenciar, pois a gente investe contra as palavras quando não consegue atacar as ideias, eu não tenho mais nada a lhe apontar a respeito. Eu aconselho, por exemplo, a não perder nenhum tempo; é preferível que os volumes esperem pelo público a este sentir-se privado dele. Nada desvaloriza mais uma obra que uma interrupção na venda. O editor impaciente por não poder atender aos pedidos que lhes são feitos e que perde a ocasião de vender esfria em relação às obras de um autor imprevidente; o público se cansa de esperar e a impressão produzida é difícil de apagar.

Por outro lado, é bom que o senhor possua certa liberdade de espírito para se prevenir contra as eventualidades que são capazes de nascer em torno de si, e preparar-se por meio de estudos particulares que, conforme os acontecimentos, podem ser suscitados atualmente ou remetidos a tempos mais propícios.

Esteja, portanto, pronto para tudo; fique livre de todo empecilho, seja para se aplicar em um trabalho especial, caso a tranquilidade geral o permita, seja para estar preparado para qualquer evento, caso complicações imprevistas venham a requerer de sua parte uma resolução repentina. O ano próximo está chegando; logo, é preciso, ao final deste, dar a última demão na primeira parte da obra espírita, a fim de ter o campo livre para terminar a tarefa que concerne ao futuro.

²⁴ Na *Revista Espírita* dos meses de março, abril e maio de 1868. (Nota do tradutor.)

FORA DA CARIDADE, NÃO EXISTE SALVAÇÃO

Estes princípios, para mim, não existem somente em teoria: eu os pratico; eu faço o bem tanto quanto minha posição o permite; eu ajudo as pessoas quando posso. Não é fato que os pobres jamais foram expulsos de minha casa ou tratados com dureza? Que sempre foram recebidos com a mesma benevolência? Que nunca lastimei minhas idas e vindas para ajudar alguém? Que pais de família saíram da prisão através de minhas diligências? Certamente, não compete a mim realizar o inventário do bem que me foi possível praticar; mas, em um momento em que a gente parece esquecer-se de tudo, eu tenho a permissão, acredito, de evocar em minha lembrança que minha consciência me afirma que não fiz mal a ninguém, que pratiquei todo o bem que pude, e isto, eu o repito, sem me inquietar com a opinião; sob este aspecto, minha consciência se acha tranquila e, quanto a alguma ingratidão com a qual eu acabei sendo pago em mais de uma ocasião, isto não poderia ser para mim uma razão para parar de praticá-lo; a ingratidão é uma das imperfeições da humanidade e, como nenhum de nós está isento de críticas, é preciso ser capaz de passar aos outros o que ocorre com nós mesmos, a fim de que se possa dizer, como Jesus Cristo: “Que aquele que se acha sem pecado lhe jogue a primeira pedra.” Portanto, eu continuarei a praticar o máximo de bem que puder, mesmo a meus inimigos, pois o ódio não me cega; e eu lhes estenderia sempre a mão para retirá-los de um precipício, caso a ocasião se apresentasse.

Eis aqui como eu entendo a caridade cristã; eu compreendo uma religião que nos manda retribuir o mal com o bem, e, com maior razão, retribuir o bem com o bem. Mas eu não compreenderia jamais a que nos prescrevesse retribuir o mal com o mal. (*Pensamentos íntimos de Allan Kardec; documento encontrado entre seus papéis.*)

PROJETO — 1868

Um dos maiores obstáculos que podem obstar a propagação da doutrina seria a falta de unidade; o único meio de evitá-la, se não para o presente, pelo menos para o futuro, é o de formulá-la em todas as suas partes e até nos mais ínfimos pormenores, com tanta precisão e clareza que qualquer interpretação divergente seja impossível.

Se a doutrina do Cristo deu ensejo a tantas controvérsias, se ela é ainda hoje em dia tão mal compreendida e de tantos modos praticada, isto se deve ao fato de que o Cristo se limitou a um ensinamento oral, e ao fato de que seus apóstolos mesmos só forneceram os princípios gerais que cada um interpretou conforme suas ideias ou seus interesses. Caso ele tivesse formulado a organização de uma igreja cristã com a precisão de uma lei ou de um regulamento, incontestavelmente isto teria evitado a maioria dos cismas e das querelas religiosas, assim como a exploração que ocorreu da religião em proveito de ambições pessoais. Daqui resultou que, se o Cristianismo foi para alguns homens esclarecidos uma causa de reforma moral séria, ele foi e é ainda para muitos tão só o objeto de uma crença cega e fanática, resultado que, para muita gente, engendrou a dúvida e a incredulidade integral.

Tão somente o espiritismo, bem entendido e bem concebido, é capaz de sanar tal estado de coisas e tornar-se, como o disseram os Espíritos, a grande alavanca da transformação da humanidade. A experiência deve elucidar-nos a respeito da caminhada a realizar; ao nos demonstrar os inconvenientes do passado, ela nos diz claramente que o único meio de evitá-los no futuro é o de assentar o espiritismo sobre as bases sólidas de uma doutrina positiva, não deixando nada à arbitrariedade das interpretações. As dissidências que poderiam elevar-se fundir-se-ão por si mesmas na unidade principal que se estabelecerá sobre bases as mais racionais, caso tais bases sejam claramente definidas e não deixadas ao léu. Ressalta ainda destas considerações que tal caminhada, orientada com prudência, é o mais poderoso meio de lutar contra os antagonistas da doutrina espírita. Todos os sofismas virão quebrar-se contra os princípios em que a justa razão não alcançaria encontrar nada para repreender.

Dois elementos devem concorrer para o progresso do espiritismo; são eles: o estabelecimento teórico da doutrina e os meios de popularizá-la. O desenvolvimento que ela ganha a cada dia multiplica nossas relações, que só podem crescer através do *elã* que lhe imprimirá a nova edição de *O Livro dos Espíritos* e a publicidade que se fará a respeito. Para poder utilizar tais relações de um modo mais proveitoso, caso, após haver constituído a teoria, eu deva concorrer para sua instalação, seria necessário que, além da publicação de minhas obras, eu possuísse meios de ação mais direta; por isso, eu creio que seria bom que quem fundou a teoria pudesse, ao mesmo tempo, dar-lhe o impulso, porque haveria mais unidade. Sob este aspecto, a Sociedade deve necessariamente exercer uma grande influência, como o disseram os Espíritos mesmos, mas sua ação só será realmente eficaz quando ela servir de centro e de ponto de encontro, donde partirá um ensino que preponderará sobre a opinião pública. Para isto, é preciso que possua uma organização mais forte e elementos que ela não tem. No século em que nos achamos e considerando o estágio de nossos costumes, os recursos financeiros constituem o grande motor de todas as coisas, quando estas são levadas a efeito com discernimento. Na hipótese de que tais

recursos me viessem por uma via qualquer, eis aqui o plano que eu me proporia seguir e cuja execução seria proporcional à importância dos meios e subordinada aos conselhos dos Espíritos.

ESTABELECIMENTO CENTRAL

A etapa mais urgente seria a de se prover de um local convenientemente situado e adequado às entrevistas e às recepções. Sem colocar ali um luxo inútil, sem propósito, precisaria que nada acusasse penúria e que fosse suficiente para que as pessoas distintas pudessem comparecer sem se sentir muito diminuídas. Além de meu alojamento particular de moradia, deveria compreender:

1.º) Uma grande sala para as sessões da Sociedade e as grandes reuniões;

2.º) Um salão de recepção;

3.º) Uma peça consagrada às evocações íntimas, espécie de santuário que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha;

4.º) Um escritório para a *Revista Espírita*, os arquivos e os negócios da Sociedade.

Tudo disposto e arrumado de um jeito cômodo e adequado a sua finalidade.

Seria criada uma biblioteca composta de todas as obras e periódicos franceses e estrangeiros, antigos e modernos, que tenham relação com o espiritismo.

O salão de recepção seria aberto todos os dias, em determinados horários, aos membros da Sociedade, que poderiam vir discutir livremente, ler os jornais e consultar os arquivos e a biblioteca. Os adeptos estrangeiros de passagem por Paris, apresentados por um membro, ali seriam admitidos.

Uma correspondência regular se estabeleceria com os diferentes centros da França e do estrangeiro.

Um secretário e um escriturário ficariam vinculados ao estabelecimento.

ENSINO ESPÍRITA

Um curso regular de espiritismo seria ministrado com o fito de desenvolver os princípios da ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Tal curso teria a vantagem de sedimentar a unidade de princípios, de formar adeptos esclarecidos capazes de divulgar os ideais espíritas e de desenvolver um grande número de médiuns. Eu prevejo que este curso será capaz de exercer uma influência capital sobre o futuro do espiritismo e sobre suas consequências.

PUBLICIDADE

Seria infundido um maior desenvolvimento à *Revista Espírita*, seja através de ampliação, seja de uma periodicidade menor. Seria contratado um redator remunerado.

Uma publicidade em larga escala, nos jornais mais difundidos, levaria ao mundo inteiro e até aos locais mais distantes o conhecimento dos ideais espíritas, faria nascer o desejo de aprofundá-los, e, ao multiplicar os adeptos, impor silêncio aos detratores, que logo cederiam perante a predominância da opinião.

VIAGENS

Dois ou três meses por ano seriam consagrados a viagens para visitar os diferentes centros e lhes imprimir uma boa direção.

Caso os recursos permitam, seria constituído um fundo para remunerar um certo número de viajantes missionários, esclarecidos e de talento, que ficariam encarregados de espalhar a doutrina.

Uma organização completa e a assistência de ajudantes remunerados com os quais eu pudesse contar, liberando-me de uma infinidade de ocupações e de preocupações materiais, me deixariam o desafogo necessário para ativar os trabalhos que me faltam realizar e aos quais o estágio atual das coisas não me permite dedicar-me tão assiduamente quanto necessário, faltando-me tempo material e não conseguindo reunir forças físicas para isso.

Caso me fosse dado cumprir este projeto, na execução do qual precisaria manter a mesma prudência do passado, é indubitável que alguns anos seriam suficientes para fazer avançar a doutrina de alguns séculos.

CONSTITUIÇÃO DO ESPIRITISMO

A Constituição do Espiritismo foi inserida por Allan Kardec na *Revista Espírita* de dezembro de 1868, mas sem os comentários que lhe acrescentara antes de morrer, e que nós reproduzimos textualmente; a morte corpórea o surpreendeu quando ele se preparava para traçar os *Princípios fundamentais da doutrina espírita reconhecidos como verdades adquiridas*, o que nossos leitores lastimarão como nós, pois teriam completado sua constituição com a ajuda de apanhados lógicos e judiciosos; trata-se do derradeiro manuscrito do Mestre, e nós o lemos com respeito.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Exposição de motivos.

O espiritismo teve, como tudo, seu período de gestação e, até que todas as questões, principais e acessórias que se vinculam a ele, tivessem sido resolvidas, só lhe foi possível oferecer resultados incompletos; foi possível divisar-lhe o alvo, pressentir-lhe as consequências, mas somente de um modo impreciso. Da incerteza quanto aos pontos não ainda determinados deviam forçosamente nascer divergências a respeito do modo de encará-los; a unificação só poderia ocorrer com o tempo; e ela se deu à proporção que os princípios foram sendo elucidados. Apenas quando a doutrina houver abrangido todas as partes que ela comporta é que formará um todo harmonioso, e só então é que se poderá julgar o que é verdadeiramente o espiritismo.

Enquanto o espiritismo não passou de uma opinião filosófica, ele só podia obter entre os adeptos a simpatia natural produzida pela comunhão dos ideais, mas nenhum vínculo sério podia existir, por faltar-lhe um programa claramente definido. Tal é, evidentemente, a causa principal do pouco de coesão e de estabilidade dos grupos e sociedades que se formaram. Por isso, nós continuamente e com todas as nossas forças dissuadimos os espíritas de fundar prematuramente qualquer instituição específica baseada na doutrina, antes que esta se assentasse em sólidas bases; fora expor-se a fracassos inevitáveis, cujo efeito teria sido desastroso pela impressão que produziriam no público e pelo descoroçoamento que resultaria entre os adeptos. Tais fracassos teriam retardado de um século, talvez, o progresso definitivo da doutrina, a cuja impotência se teria imputado um insucesso que, na realidade, teria sido tão só o resultado da imprevidência. Por falta de saber aguardar para chegar ao ponto, os demasiado apressados e os impacientes sempre comprometeram as melhores causas.²⁵

Não há necessidade de ir inquirindo das coisas o que elas podem oferecer, à proporção que elas vão produzindo; não se pode exigir de uma criança o que se pode esperar de um adulto, nem de uma árvore nova recentemente plantada o que produzirá quando se achar em sua força plena. O espiritismo, em vias de elaboração, tão só podia oferecer resultados individuais; os resultados coletivos e gerais constituirão os frutos do espiritismo completo que se desenvolverá consecutivamente.

Embora o espiritismo não tenha dito ainda sua última palavra sobre todos os pontos, aproxima-se de seu remate, havendo chegado o momento de lhe fornecer uma base forte e durável, suscetível, não obstante, de receber todos os desenvolvimentos que comportarão as circunstâncias posteriores, para propiciar toda segurança aos que se perguntam quem lhe tomará as rédeas, após aquele que dirigiu seus primeiros passos.

A doutrina é imperecível, sem dúvida, porque repousa nas leis da natureza e porque, melhor que qualquer outra, corresponde às legítimas aspirações dos homens; no entanto, sua difusão e sua instalação definitiva podem ser antecipadas ou atrasadas pelas circunstâncias, dentre

²⁵ Ver, para maiores desenvolvimentos a respeito da questão das instituições espíritas, a *Revista Espírita* de julho de 1866.

as quais umas se acham subordinadas ao andamento geral das coisas, mas outras são inerentes à doutrina mesma, à sua constituição e à sua organização.

Posto que a questão do fundo seja absolutamente preponderante e finda sempre por prevalecer, a questão da forma apresenta aqui uma importância capital; ela poderia mesmo suplantá-la temporariamente e suscitar obstáculos e retardos, conforme a maneira pela qual for resolvida.

Nós teríamos realizado algo incompleto e deixado grandes problemas para o futuro, caso nós não houvésemos previsto as dificuldades que podem surgir. Com o fito de evitá-lo é que elaboramos um plano de organização em que nós tiramos vantagem da experiência do passado, a fim de evitar os obstáculos contra os quais se chocou a maioria das doutrinas aparecidas no mundo.

O plano abaixo vem sendo concebido há tempos, porque nós sempre nos preocupamos com o futuro do espiritismo; nós o demos a pressentir em diversas circunstâncias, de forma vaga, é verdade, mas suficiente para demonstrar que não se trata hoje de uma concepção nova e que, trabalhando, embora, na parte teórica da obra, não lhe negligenciamos o lado prático.²⁶

II

DOS CISMAS

Uma questão que se apresenta inicialmente ao pensamento é a dos cismas que poderão originar-se no seio da doutrina; o espiritismo se acha preservado deles?

Não, com certeza, porque ele terá, no princípio sobretudo, de lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, demoradas em se unir às ideias de outrem, e contra a ambição dos que desejam vincular, apesar de tudo, seu nome a uma inovação qualquer; dos que criam novidades unicamente para poder dizer que eles não pensam nem fazem como os outros; ou porque seu amor-próprio sofre por ocuparem tão só um posto secundário.

Se o espiritismo não consegue fugir às fraquezas humanas, com que se precisa sempre contar, ele consegue paralisar-lhes as consequências, o que é essencial.

É de se notar que os numerosos sistemas divergentes a respeito do modo de explicar os fatos, sistemas aparecidos no princípio do espiritismo, foram desaparecendo à proporção que a doutrina foi completando-se através da observação e de uma teoria racional; é com muito custo, hoje em dia, que aqueles primeiros sistemas acham ainda alguns raros partidários. Eis aí um fato evidente donde se pode concluir que as derradeiras divergências desaparecerão com o completo esclarecimento de todos aspectos da doutrina; mas sempre existirão dissidentes por partidarismo, interessados, por uma causa ou outra, em formar um grupo à parte: é contra a pretensão destes que é preciso premunir-se.

Para que fique assegurada a unidade no futuro, uma condição é indispensável: que todas as partes do conjunto da doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem nada ficar vago; para isto, nossos escritos foram redigidos de modo que não possam ocasionar nenhuma interpretação contraditória, e nós cuidaremos para que isso seja sempre assim. Quando se houver dito com convicção e sem ambiguidade que dois e dois são quatro, ninguém poderá pretender que

²⁶ No número de dezembro de 1868 da *Revista Espírita*, citado acima por Leymarie, o organizador das *Obras Póstumas*, Allan Kardec acrescenta algumas passagens do extrato do relatório da caixa do espiritismo feito à Sociedade de Paris, a 5 de maio de 1865 e publicado na mesma *Revista Espírita* no número de junho do mesmo ano, cujas considerações, segundo o autor, “se vinculam de forma direta ao nosso tema, do qual constituem a indispensável preliminar”. (Nota do tradutor.)

se desejou dizer que dois e dois são cinco. Poderão, portanto, formar-se, *ao lado* da doutrina, seitas que não lhe adotarão os princípios, ou todos os princípios, mas não *na* doutrina, através da interpretação do texto, como se formaram em tão grande número quanto ao sentido das palavras mesmas do Evangelho. Eis aqui um primeiro ponto de uma importância capital.

O segundo ponto consiste em não se sair do círculo das ideias práticas. Se é verdade que a utopia da véspera venha a ser muitas vezes a verdade do dia seguinte, deixemos para o dia seguinte o cuidado de realizar a utopia da véspera, mas não enredemos a doutrina com princípios que seriam considerados como quimeras e fariam que fosse rejeitada pelos homens positivos.

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressista da doutrina. Tendo em vista que ela não embala sonhos irrealizáveis para o presente, não se conclua que ela esteja imobilizada no presente. Exclusivamente apoiada nas leis da natureza, não tem como variar mais do que tais leis, mas, caso uma nova lei se descubra, ela deve ficar vinculada a esta; ela não deve cerrar a porta a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se: abrigando em si todas as ideias tidas como corretas, de qualquer ordem, físicas ou metafísicas, ela não será jamais ultrapassada; eis aqui uma das principais garantias de sua perpetuidade.

Logo, caso se forme uma seita a seu lado, fundada ou não nos princípios do espiritismo, uma de duas: ou tal seita estará com a verdade, ou não estará; se não estiver, ruirá por si mesma sob o influxo da razão e do senso comum, como já tantas outras vêm ruindo há séculos; se suas ideias estiverem corretas, ainda que em apenas um ponto, a doutrina, que busca o bem e a verdade por toda parte onde se encontrem, as assimila, de sorte que, ao invés de ser absorvida, é ela quem absorve.

Caso alguns de seus membros venham a se separar dela, é porque acreditam poder realizar algo melhor; caso realizem realmente algo melhor, ela os imitará; caso pratiquem um bem maior, ela se esforçará para equivalê-lo e superá-lo, caso seja possível; caso pratiquem um mal maior, ela os deixará praticá-lo, certa de que, cedo ou tarde, o bem prepondera sobre o mal e a verdade sobre a falsidade. Eis aqui a única luta em que ela se envolverá.

Acrescentemos que a tolerância, consequência da caridade, que é a base da moral espírita, transforma-lhe em um dever o respeitar a todas as crenças. Desejando ser aceita livremente, por convicção e não por coação, proclamando a liberdade de consciência como um direito natural imprescritível, a doutrina afirma: *Caso tenha razão, os outros terminarão por pensar como eu; caso esteja errado, eu terminarei por pensar como os outros*. Em virtude destes princípios, não atirando pedra em ninguém, ela não fornecerá nenhum pretexto para represálias e deixará aos dissidentes toda a responsabilidade por suas palavras e por seus atos.

O programa da doutrina, portanto, será invariável apenas no que concerne aos princípios transformados em verdades comprovadas; quanto aos outros, ela só os admitirá, como sempre fez, a título de hipóteses até que se confirmem. Caso lhe seja demonstrado que está errada em algum ponto, ela se modificará em relação a esse ponto.

A verdade absoluta é eterna, e, por isto mesmo, invariável; mas quem pode vangloriar-se de possuí-la por inteiro? No estágio de imperfeição de nossos conhecimentos, o que nos parece falso hoje em dia pode ser reconhecido como verdadeiro amanhã, como resultado da descoberta de novas leis; isto ocorre tanto na ordem moral quanto na ordem física. É contra esta contingência que a doutrina não deve jamais deixar-se apanhar de improviso. O princípio progressista que ela inscreve em seu código será a salvaguarda de sua perpetuidade, e sua unidade será mantida precisamente porque ela não repousa sobre o princípio da imobilidade.

A imobilidade, ao invés de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e de ruína para quem não segue o movimento geral; ela quebra a unidade porque os que desejam ir adiante se separam dos que se teimam em ficar para trás. Mas, seguindo o movimento progressista, é preciso que o faça com prudência e que se guarde de entregar-se irrefletidamente aos sonhos das utopias e

dos sistemas; é preciso fazê-lo oportunamente, nem muito cedo, nem muito tarde, e com conhecimento de causa.

Compreende-se que uma doutrina assentada sobre tais bases deva ser realmente forte; ela desafia qualquer concorrência e neutraliza as pretensões dos que competem com ela.

A experiência, aliás, já justificou esta previsão. Tendo a doutrina caminhado nesta direção desde sua origem, ela avançou continuamente, mas sem precipitação, observando sempre se o terreno em que põe o pé é firme, medindo seus passos respeitando a opinião. Ela procedeu como o navegador que só segue adiante com a sonda na mão e consultando os ventos.

III

O CHEFE DO ESPIRITISMO

Mas quem se encarregará de manter o espiritismo em tal direção? Quem possuirá o tempo disponível e a perseverança de se dar ao trabalho incessante que exige uma tal tarefa? Caso o espiritismo se veja entregue a si mesmo, sem guia, não é de recear que se extravie de sua rota? Que a malevolência, com a qual terá de se haver por muito tempo ainda, se empenhe em deturpar-lhe o espírito? Eis aqui, de fato, uma questão vital e cuja solução é do maior interesse para o futuro da doutrina.

A necessidade de uma direção central superior, guardiã vigilante da unidade progressista e dos interesses gerais da doutrina, é tão evidente que a gente se inquieta por não estar vendo ainda o condutor apontar no horizonte. Compreende-se que, sem uma autoridade moral capaz de centralizar os trabalhos, os estudos e as observações, de promover o incentivo, de estimular o zelo, de defender o fraco, de amparar a audácia hesitante, de ajudar com os conselhos da experiência, de fixar a opinião em relação aos pontos incertos, o espiritismo corre o risco de avançar à deriva. Não somente tal direção é necessária, mas é preciso que ela tenha condições de força e de estabilidade suficientes para enfrentar as tempestades.

Os que não desejam nenhuma autoridade não compreendem os verdadeiros interesses da doutrina; se alguns pensam conseguir dispensar toda direção, a maioria, os que não acreditam na própria infalibilidade e não possuem uma confiança absoluta em suas próprias luzes, tem a necessidade de um ponto de apoio, de um guia, nem que seja apenas para ajudá-los a avançar com mais confiança e firmeza. (Ver a *Revista Espírita* de abril de 1866: *O espiritismo independente*.)

Uma vez estabelecida a necessidade de uma direção, de quem o chefe obterá seus poderes? Será aclamado pela totalidade dos adeptos? É uma coisa impraticável. Caso se imponha com sua autoridade particular, ele será aceito por uns, rejeitado pelos outros, e vinte pretendentes podem surgir que ergueriam pavilhão contra pavilhão; isto seria, de uma só vez, despotismo e anarquia. Um tal ato constituiria a ação de um ambicioso, e nada seria menos apropriado que um ambicioso, *ipso facto*, um orgulhoso, para dirigir uma doutrina baseada na abnegação, no devotamento, no desinteresse e na humildade; situado fora do princípio fundamental da doutrina, ele mais não faria do que desvirtuar-lhe o espírito. Eis o que inevitavelmente aconteceria, se não se tomassem antecipadamente medidas eficazes para evitar tal inconveniente.

Admitamos, contudo, que um homem reunisse todas as qualidades requeridas para o cumprimento de seu mandato e que ele chegue à direção superior através de uma via qualquer: os homens se sucedem e não se parecem; após um bom, pode vir um mau; com o indivíduo, pode

alterar-se o espírito da direção; sem maus desígnios, ele é capaz de possuir alvos mais ou menos corretos; caso queira fazer prevalecer suas ideias pessoais, pode desencaminhar a doutrina, suscitar divisões, e as mesmas dificuldades se renovarão a cada troca. É preciso não perder de vista que o espiritismo não se acha ainda na plenitude de sua força; do ponto de vista da organização, é uma criança que mal começa a andar; logo, é importante, sobretudo no princípio, premuni-lo contra as dificuldades da rota.

Mas, perguntarão, um dos Espíritos anunciados que devem tomar parte na regeneração não estará à testa do espiritismo? É provável: mas, como não trarão na frente um sinal para se darem a reconhecer, como só se denunciarão *através de seus atos* e só serão reconhecidos como tais pela maioria após sua morte, conforme o que hajam feito durante sua vida; como, de resto, ninguém possui o dom da perpetuidade, é preciso prever todas as eventualidades. A gente sabe que sua missão será múltipla: que ele a desempenhará em todos os níveis da escala e nos diversos ramos da estrutura social, onde cada um exercerá sua influência a favor das ideias novas, conforme a especificidade de sua posição; todos trabalharão, assim, para o estabelecimento da doutrina, seja em um setor, seja em outro; uns como chefes de estados, outros como legisladores, outros como magistrados, cientistas, literatos, oradores, industriais etc.; cada um será testado em seu setor, desde o proletário até o soberano, *sem que nada mais que suas obras o distinga do comum dos homens*. Caso um deles deva ocupar o setor da direção, é provável que venha a ser colocado providencialmente em posição de ali chegar através dos meios legais adotados; circunstâncias em aparência fortuitas o conduzirão, sem que ele o haja premeditado, sem mesmo que ele tenha consciência de sua missão. (*Revista Espírita: Os messias do espiritismo*, fevereiro e março de 1868.)

Em tal caso, o pior de todos os chefes seria o que se desse por eleito de Deus. Como não é racional admitir que Deus confie tais missões a pessoas ambiciosas ou orgulhosas, as virtudes características de um verdadeiro messias devem ser, antes de tudo, a simplicidade, a humildade, a modéstia, em suma, o desinteresse material e moral mais completo; ora, a só pretensão de ser um messias seria a negação destas qualidades essenciais; a pretensão comprovaria, em quem se prevalecesse de tal título, ou uma tola presunção, caso seja de boa-fé, ou uma insigne impostura. Não faltarão intrigantes, pseudo-espíritas, que desejarão elevar-se através do orgulho, da ambição, da cupidez; outros que se estribarão em pretensas revelações com a ajuda das quais eles procurarão pôr-se em relevo e fascinar as imaginações demasiado crédulas. É preciso prever também que, sob falsas aparências, os indivíduos poderiam tentar apossar-se do leme com o intento de fazer naufragar o navio, desviando-o de sua rota. Ele não naufragará, mas poderia experimentar aborrecidos atrasos, o que é preciso evitar. Tais são, sem controvérsia, os maiores obstáculos de que o espiritismo tem de resguardar-se: mais ele toma consistência, mais seus adversários lhe prepararão armadilhas.

Portanto, constitui dever de todos os espíritas sinceros baldar as manobras da intriga que podem urdir-se tanto nos menores centros, como nos maiores. Eles deverão, antes de mais nada, repudiar, do modo mais peremptório, a qualquer que se considere por si mesmo um messias, seja como chefe do espiritismo, seja como simples apóstolo da doutrina. A gente conhece a árvore por seu fruto; esperem, portanto, que a árvore tenha dado seu fruto antes de julgar se é bom, e observem ainda se os frutos estão bichados. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXI, n.º 9, *Caracteres do verdadeiro profeta*.)

Propôs alguém fazer que os candidatos sejam designados pelos próprios Espíritos em cada grupo ou sociedade espírita. Além desse método não obviar todos os inconvenientes, existiriam os específicos a este modo de proceder, que a experiência já demonstrou e que seria inútil recordar aqui. É preciso não perder de vista que a missão dos Espíritos é de nos instruir, de nos melhorar, mas não de substituir a iniciativa de nosso livre-arbítrio; eles nos sugerem pensamentos, nos ajudam com seus conselhos, sobretudo no que tange às questões morais, porém, deixam a nosso

juízo o cuidado da execução das coisas materiais de que não têm por atribuição poupar-nos. Que os homens se contentem com ser assistidos e protegidos pelos bons Espíritos, mas que não descarreguem neles a responsabilidade que incumbe ao papel do encarnado.

Tal método, aliás, causaria mais problemas do que se pensa, pela dificuldade de fazer todos os grupos participarem dessa eleição; isso constituiria uma complicação nas engrenagens, e as engrenagens são menos suscetíveis de se desarranjarem quanto mais simples forem.

O problema consiste, portanto, em constituir uma direção central em condições de poder e estabilidade que a ponham ao abrigo das flutuações, que respondam a todas as necessidades da causa e que oponham uma barreira integral às tramoias da intriga e da ambição. Tal é o alvo do plano de que vamos oferecer um ligeiro rascunho.

IV

COMISSÃO CENTRAL

Durante o período de elaboração, a direção do espiritismo teve de ser individual; precisava que todos os elementos constituintes da doutrina, saídos no estágio de embriões de uma infinidade de focos, convergissem para um centro comum, para serem ali controlados e comparados, e que um pensamento único presidisse à sua coordenação para estabelecer a unidade no conjunto e a harmonia em todos os setores. Se tivesse sido diferente, a doutrina iria parecer um mecanismo cujas engrenagens não se encaixassem com precisão umas nas outras.

Nós o afirmamos, por ser uma verdade incontestável, claramente demonstrada hoje em dia: a doutrina não podia sair com todas as peças de um único centro, como toda a ciência astronômica de um único observatório; e todo centro que tentasse constituí-la apenas com suas observações, teria realizado algo incompleto e se acharia, em uma série de pontos, em contradição com os outros. Caso mil centros tivessem desejado organizar sua doutrina, não existiriam dois semelhantes em todos os pontos. Se eles concordassem quanto ao fundo, eles se diferenciariam inevitavelmente quanto à forma; ora, como existem muitas pessoas que preferem a forma ao fundo, existiriam tantas seitas quanto diferentes formas. A unidade poderia sair tão só do conjunto e da comparação de todos os resultados parciais; eis porque se precisava da concentração do trabalho. (*A Gênese*, cap. I, *Caracteres da revelação espírita*, n.ºs 51 e seguintes.)

Mas o que era uma vantagem por algum tempo se transformaria, mais tarde, em um inconveniente. Hoje, quando o trabalho de elaboração se encerrou no que concerne às questões fundamentais; quando os princípios gerais da ciência se estabeleceram, a direção, de individual que teve de ser no começo, tem de se tornar coletiva; primeiro, porque advém um momento em que seu peso excede as forças de um homem, e, segundo, porque existe maior garantia de estabilidade em um grupo de indivíduos em que cada um tenha apenas sua voz e em que não possam nada sem o concurso uns dos outros, do que em um indivíduo, que pode abusar de sua autoridade e desejar fazer predominar suas ideias pessoais.

Ao invés de a um chefe único, a direção será outorgada a uma *comissão central* permanente, cuja organização e atribuições serão definidas de molde a não sobrar nada para o arbítrio. Tal comissão será composta de doze membros titulares no máximo, os quais deverão, para este efeito, reunir certas condições desejáveis, e de um número igual de conselheiros. Ela mesma irá completando-se, conforme regras igualmente consignadas, à proporção que se forem abrindo

vagas por desistência ou outras causas. Uma disposição específica fixará o modo de nomeação dos doze primeiros.

A comissão nomeia seu presidente para um ano.

A autoridade do presidente é simplesmente administrativa; ele dirige as discussões da comissão e supervisiona a execução dos trabalhos e o expediente; fora, porém, das atribuições que lhe são conferidas pelos estatutos, ele não pode tomar nenhuma decisão sem o concurso da comissão. Sendo assim, nada de possíveis abusos, nada de alimentar a ambição, nada de pretextos de intrigas e de ciúme, nada de lesiva supremacia.

A comissão central constituirá, assim, a cabeça, o verdadeiro chefe do espiritismo, chefe coletivo, não possuindo nenhum poder sem o assentimento da maioria. Suficientemente numerosa para se elucidar através da discussão, ela não será assaz numerosa para que se estabeleça ali confusão.

A autoridade da comissão central será reprimida e seus atos controlados através de congressos ou assembleias gerais, sobre que falaremos abaixo.

Para os adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em suma, de um corpo constituído que represente uma opinião coletiva exercerão forçosamente uma autoridade que elas não teriam jamais caso emanasse de um único indivíduo, o que representa apenas uma opinião pessoal. Amiúde a gente rejeita a opinião de um só por julgar humilhante submeter-se a ela, ao passo que se aceita sem dificuldade a opinião de muitos.

Fique bem entendido que se trata aqui de uma autoridade moral no que concerne à interpretação e à aplicação dos princípios da doutrina, e não de um poder regulador qualquer. Tal autoridade corresponderá, em matéria de espiritismo, à de uma academia, em matéria de ciência.

Para o público estranho, um corpo constituído possui mais ascendência e preponderância contra os adversários; sobretudo, apresenta força de resistência e possui meios de ação que não poderia possuir um indivíduo; ele luta com muito mais vantagem. Ataca-se uma individualidade, ela se rompe; não se passa o mesmo com um ser coletivo.

Existe igualmente, em um ser coletivo, uma garantia de estabilidade que não existe quando tudo repousa em uma só cabeça; quando o indivíduo se acha impedido por uma causa qualquer, tudo pode obstruir-se. Um ser coletivo, ao contrário, perpetua-se sem parar: quando perde um ou diversos de seus membros, nada periclita.

Dirão que a dificuldade será reunir, de modo permanente, doze pessoas que se achem sempre de acordo.²⁷

O essencial é que se achem de acordo quanto aos princípios fundamentais; ora, esta será uma condição absoluta para sua admissão, como para a de todos os que participarem de sua direção. Quanto às questões secundárias pendentes, pouco importa sua divergência, já que é a opinião da maioria que prevalece. Àquele cujo modo de ver for correto não hão de faltar boas razões para justificá-lo. Caso um deles, contrariado por não poder fazer que admitam suas ideias, se retire, nem por isso as coisas deixarão de seguir seu curso, e ele não teria como lastimá-lo, já que comprovaria uma suscetibilidade orgulhosa pouco espírita e já que poderia tornar-se um motivo de distúrbio.

A causa mais frequente de divisão entre os co-interessados é o conflito de interesses e a possibilidade, para um, de suplantar o outro em seu proveito. Esta causa não apresenta nenhuma razão de ser, a partir do momento em que o prejuízo de um não tem como aproveitar aos demais, que são solidários e tão só podem perder ao invés de ganhar com a desunião. Eis aqui uma questão de detalhe prevista na organização.

²⁷ Este parágrafo não se encontra na edição compulsada das *Obras Póstumas* em francês. Segui o texto da *Revista Espírita*. (Nota do tradutor.)

Admitamos que naquele meio se encontre um falso irmão, um traidor enlevado pelos inimigos da causa; que poderá ele, já que possui apenas sua voz nas decisões? Raciocinemos por absurdo que a comissão inteira entre em uma via ruim: os congressos lá estarão para colocar ordem ali.

O controle dos atos da administração estará a cargo dos congressos, os quais poderão decretar o veto ou uma interdição contra a comissão central, por motivo de infração de seu mandato, de desvio dos princípios reconhecidos ou de medidas prejudiciais à doutrina. Eis porque se recorrerá ao congresso nas circunstâncias em que se julgar que a responsabilidade da comissão poderia ser afetada de maneira grave.

Logo, se os congressos constituem um freio para a comissão, esta obtém uma nova força com a aprovação deles. Eis como este chefe coletivo, definitivamente, se firma perante a opinião geral, não podendo, sem perigo para si mesmo, desviar-se do caminho correto.

As principais atribuições da comissão central serão:

1.^a) O cuidado com os interesses da doutrina e sua propagação; a manutenção de sua utilidade através da conservação da integridade dos princípios reconhecidos; o desenvolvimento de suas consequências;

2.^a) O estudo dos princípios novos suscetíveis de entrar no corpo da doutrina;

3.^a) A concentração de todos os documentos e informações que podem ser de interesse para o espiritismo;

4.^a) A correspondência;

5.^a) A manutenção, a consolidação e a extensão dos vínculos de fraternidade entre os adeptos e as sociedades particulares de diferentes países;

6.^a) A direção da *Revista Espírita*, que será o jornal oficial do espiritismo e à qual poderá ser juntada uma outra publicação periódica;

7.^a) O exame e a apreciação das obras, artigos de jornais e todos os escritos que interessem à doutrina. A refutação dos ataques, se necessário;

8.^a) A publicação das obras fundamentais da doutrina, nas condições mais adequadas a sua vulgarização. A confecção e a publicação daquelas cujo plano nós fornecermos, e que nós não teríamos tempo de realizar em nossa vida. Os encorajamentos oferecidos às publicações que poderão ser úteis à causa

9.^a) A fundação e a conservação da biblioteca, dos arquivos e do museu;

10.^a) A administração da caixa de assistência, do dispensário e da casa de repouso;

11.^a) A administração dos negócios materiais;

12.^a) A direção das sessões da sociedade;

13.^a) O ensino oral;

14.^a) As visitas e instruções aos grupos e sociedades particulares que se colocarem sob seu patrocínio;

15.^a) A convocação dos congressos e assembleias gerais.

Estas atribuições serão distribuídas entre os diferentes membros da comissão, conforme a especialidade de cada um, os quais, se precisarem, serão assistidos por um número suficiente de membros auxiliares ou de simples funcionários.

INSTITUIÇÕES ACESSÓRIAS E COMPLEMENTARES DA COMISSÃO CENTRAL

Diversas instituições complementares da comissão central lhe serão anexadas, como dependências locais, à proporção que as circunstâncias o forem permitindo, a saber:

1.^a) Uma *biblioteca*, onde ficarão reunidas todas as obras de interesse do espiritismo e que poderão ser consultadas no local ou ser emprestadas;

2.^a) Um *museu*, onde ficarão reunidas as primeiras obras da arte espírita, os trabalhos medianímicos mais notáveis, os retratos dos adeptos que tiverem muito dignificado a causa através de seu devotamento, os dos homens que o espiritismo honra, apesar de estranhos à doutrina, como benfeitores da humanidade, grandes gênios missionários do progresso etc.;

3.^a) Um *dispensário* destinado às consultas médicas *gratuitas* e ao tratamento de certas afecções, sob a direção de um médico licenciado;

4.^a) Uma caixa de assistência e de previdência, em condições práticas;

5.^a) Um casa de repouso;

6.^a) Uma sociedade de adeptos, com sessões regulares.

Sem entrar em um exame prematuro a respeito, é bom dizer algumas palavras sobre dois artigos cujo sentido poderia provocar equívocos.

O estabelecimento de uma caixa geral de assistência é uma coisa impraticável que apresentaria sérios inconvenientes, como nós o demonstramos em um artigo específico. (*Revista Espírita* de julho de 1866.) A comissão não pode engajar-se em uma via que cedo seria forçada a abandonar, nem nada empreender que não esteja certa de poder realizar. Ela deve ser positiva e absolutamente não se deixar embalar com ilusões quiméricas; eis o meio de avançar por bastante tempo e de maneira segura; para isto ela deve, em tudo, permanecer nos limites do possível.

A caixa de assistência não pode nem deve ser apenas uma instituição local, de uma ação circunscrita, cuja prudente organização poderá servir de modelo às do mesmo gênero que poderiam criar as sociedades particulares. É através de sua multiplicidade que poderão prestar serviços eficazes, e não centralizando os meios de ação.

Ela será alimentada: 1.^o) através da dotação específica sobre a renda da caixa geral do espiritismo; 2.^o) através dos donativos particulares que lhe serão feitos. Ela capitalizará as somas recebidas de modo que lhe constitua uma renda; mediante tal renda é que ela oferecerá assistências temporárias ou vitalícias e cumprirá as obrigações de seu mandato, as quais serão estipuladas em seu regimento interno.

O projeto de uma casa de repouso, na acepção completa da palavra, não pode ser realizado no começo, em razão dos capitais que exigiria semelhante fundação, e, além do mais, porque é preciso dar à administração o tempo de se assentar e de avançar com regularidade, antes de pensar em tornar complexas suas atribuições através de empresas em que poderia fracassar. Abarcar demasiadas coisas antes de se assegurarem os meios de execução seria uma imprudência. A gente compreenderá facilmente, se refletir sobre todos os pormenores que comportam os estabelecimentos deste gênero. É bom possuir boas intenções, mas, antes de tudo, é preciso poder efetivá-los.

EXTENSÃO DA AÇÃO DA COMISSÃO CENTRAL

Um centro de elaboração das ideias espíritas formou-se por si mesmo na origem, sem plano prévio, através da força das coisas, mas sem nenhum caráter oficial. Ele era necessário, pois, se não existisse, qual haveria de ser o ponto de reunião dos espíritas disseminados por diferentes países? Não tendo como comunicar suas ideias, suas impressões, suas observações, a todos os outros centros particulares, disseminados eles mesmos e muitas vezes sem consistência, eles teriam permanecido isolados e a difusão da doutrina padeceria com isso. Logo, precisava-se de um ponto para onde tudo confluísse e de onde tudo pudesse irradiar. O desenvolvimento das ideias espíritas, longe de tornar tal centro inútil, fará que se sinta ainda melhor a necessidade dele, porque a obrigação de se aproximar e de se formar um aglomerado será tanto maior quanto o número de adeptos for mais considerável. A constituição do espiritismo, ao regulamentar o estado das coisas, terá por efeito extrair delas as maiores vantagens e preencher as lacunas que ele apresenta. O centro que ela criar não constituirá em absoluto uma individualidade, mas um foco de atividade coletiva, atuando no interesse geral e onde a autoridade pessoal desaparecer.

Mas qual será a extensão do círculo de atividade do centro? Acha-se ele destinado a reger o mundo e a tornar-se o árbitro universal da verdade? Caso tivesse tal pretensão, isto seria compreender mal o espírito do espiritismo que, pelo fato de proclamar os princípios do livre exame e da liberdade de consciência, repudia o pensamento de se erigir em autocracia; desde o início, ele entraria por uma via fatal.

O espiritismo possui princípios que, em razão de estarem fundamentados nas leis da natureza e não em abstrações metafísicas, tendem a tornar-se, e se tornarão certamente um dia, os da totalidade dos homens; todos os aceitarão, porque constituirão verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o espiritismo será, por toda a parte, organizado do mesmo jeito; que os espíritas do mundo inteiro se sujeitarão a um regime uniforme, a um mesmo estilo de proceder; que deverão esperar a luz provir de um ponto fixo na direção do qual deverão fixar seus olhares, seria uma utopia tão absurda quanto pretender que todos os povos da Terra venham a formar um dia uma só nação, governada por um só chefe, regida pelo mesmo código de leis e sujeita aos mesmos usos. Se existem leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, tais leis serão sempre, nas minúcias da aplicação e da forma, adequadas aos costumes, às características, aos climas de cada um.

Assim sucederá com o espiritismo organizado. Os espíritas do mundo inteiro possuirão princípios comuns que os unirão à grande família através do vínculo sagrado da fraternidade, mas cuja aplicação poderá variar conforme as regiões, sem que, por isto, a unidade fundamental seja rompida, sem formar seitas dissidentes que se atirem pedras e anátemas, o que seria anti-espírita acima de tudo. Portanto, poderão formar-se, e se formarão inevitavelmente, centros gerais em diferentes países, sem outros vínculos que a comunhão de crenças e a solidariedade moral, sem que se subordine um a outro, sem que o da França, por exemplo, tenha as pretensões de se impor aos espíritas americanos e reciprocamente.

A comparação dos observatórios acima citada²⁸ é perfeitamente correta. Existem observatórios nos diferentes pontos do globo; todos, a qualquer nação que pertençam, se acham fundamentados nos princípios gerais e reconhecidos da astronomia, o que não os torna, só por isso,

²⁸ Item IV, *Comissão central*, 2.º parágrafo. (Nota do tradutor.)

tributários uns dos outros; cada um regula seus trabalhos como entende; eles comunicam entre si suas observações e cada um tira proveito para a ciência das descobertas de seus confrades. Sucederá o mesmo com os centros gerais do espiritismo; constituirão eles os observatórios do mundo invisível, que trocarão entre si o que tiverem de bom e de aplicável aos costumes das regiões em que se acharem estabelecidos, desde que seu alvo seja o bem da humanidade e não a satisfação das ambições pessoais. O espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma constituiria uma puerilidade indigna da grandeza do tema; eis aqui porque os diversos centros que se mantiverem dentro do verdadeiro espírito do espiritismo deverão estender fraternalmente a mão e unir-se para combater seus inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo.

VII

OS ESTATUTOS

A redação dos estatutos deveria preceder a qualquer execução; se ela fosse confiada a uma assembleia, nem por isso deixaria de ser preciso determinar previamente as condições a serem preenchidas pelos que estivessem encarregados do trabalho. A falta de base prévia, a divergência de pontos de vista, quiçá também as pretensões individuais, sem falar das intrigas dos adversários, poderiam trazer divisões. Um trabalho de um tão alto alcance não poderia ser improvisado; demandaria uma longa elaboração e o conhecimento das verdadeiras necessidades da doutrina, conhecimento adquirido através da experiência e de sérias meditações, com vistas à unidade de pontos de vista, a harmonia e a coordenação de todas as partes do conjunto; ele poderia emanar apenas da iniciativa individual, exceto quanto a receber, mais tarde, a sanção dos interessados. Mas, desde o início, precisaria apresentar uma regra, uma rota traçada, um alvo determinado; estabelecida a regra, avança-se com segurança, sem titubeios, sem hesitação.

Todavia, como a ninguém é dado possuir a luz universal, nem fazer nada perfeito; como um homem pode iludir-se com suas próprias ideias; como outros podem ver o que ele não vê; como a pretensão de se impor a qualquer título seria abusiva, os estatutos serão submetidos à revisão do primeiro congresso, que poderá trazer-lhes as retificações que se julgarem úteis.

Mas uma constituição, por melhor que seja, não poderia ser perpétua; o que é bom para um tempo pode tornar-se insuficiente mais tarde; as necessidades mudam com as épocas e o desenvolvimento das ideias. Caso não se deseje que, com o tempo, ela caia em desuso, ou que seja um dia violentamente subvertida pelas ideias progressistas, é preciso que acompanhe tais ideias. Acontece com as doutrinas filosóficas e as sociedades particulares como na política e na religião; seguir ou não seguir o movimento propulsor é uma questão de vida ou de morte. Quanto ao tema aqui tratado, seria um erro grave acorrentar o futuro por meio de uma regra declarada inflexível.

Não menos grave seria o erro de consignar na constituição orgânica modificações demasiado frequentes que a tirariam de sua estabilidade: é preciso agir com maturidade e circunspeção; tão só uma experiência de certa duração consegue determinar a utilidade real das modificações. Ora, quem pode ser juiz em tal caso? Não um homem sozinho, que geralmente enxerga apenas de seu ponto de vista: nem mesmo o autor do trabalho primitivo, que poderia ver sua obra com demasiada complacência; os próprios interessados, sim, porque sofrem, de um modo direto e permanente, os efeitos da instituição, e podem perceber por onde ela peca.

A revisão dos estatutos far-se-á através dos *congressos ordinários*, transformados para tal finalidade em *congressos orgânicos*, em épocas determinadas e durante o tempo necessário para mantê-los, sem solução de continuidade, ao nível das necessidades e do progresso das ideias, mesmo que por mil anos.

Sendo periódicas as épocas de revisão e conhecidas previamente, não ocorreriam nem editais nem convocações específicas. A revisão constituirá não somente um direito, mas um dever para o congresso da época marcada; a revisão estará inscrita por antecipação em sua ordem do dia, de sorte que não ficará subordinada à boa vontade de ninguém; de sorte que ninguém poderá arrogar-se o direito de decidir, com sua autoridade particular, se é ou não oportuna. Caso, após a leitura dos estatutos, o congresso julgue que nenhuma modificação é necessária, ele os declara mantidos integralmente.

Sendo a quantidade de membros dos congressos forçosamente limitado, considerando a impossibilidade material de reunir todos os interessados, para não se privar das luzes dos ausentes, cada um poderá, em qualquer lugar do mundo em que se encontre e no intervalo de dois congressos orgânicos, transmitir à comissão central suas observações, que serão postas na ordem do dia para o próximo congresso.

Tão somente em um período de quase um quarto de século é que se desenha um movimento significativo nas ideias. Portanto, a cada vinte e cinco anos é que a constituição orgânica do espiritismo será submetida à revisão. Este lapso de tempo, sem ser demasiado longo, é suficiente para permitir avaliar as novas necessidades, sem causar distúrbios através de modificações assaz frequentes.

Entretanto, como é nos primeiros anos que acontecerá o maior trabalho de elaboração, como o movimento social que se realiza neste momento pode fazer que surjam necessidades imprevistas, até que a sociedade se tenha assentado, e como é importante tirar proveito, sem excessivo atraso, das lições da experiência, as épocas de revisão serão mais próximas, mas sempre determinadas previamente, até o final deste século. No intervalo destes trinta primeiros anos, a constituição ficará suficientemente completada e retificada para obter uma estabilidade relativa; então é que poderão, sem inconveniente, começar os períodos de vinte e cinco anos.

Deste modo, a obra individual primitiva, que franqueou a rota, torna-se, na realidade, a obra coletiva de todos os interessados, com as vantagens inerentes a estas duas modalidades, sem apresentar-lhes os inconvenientes; ela se modifica sob a direção das ideias progressistas e da experiência, mas sem alvoroços, sem precipitações, porque o princípio se acha sedimentado na constituição mesma.

VIII

DO PROGRAMA DAS CRENÇAS

A plena condição de vitalidade para qualquer grupo ou associação, qualquer que seja seu objetivo, é a homogeneidade, isto é, a unidade de pontos de vista, de princípios e de sentimentos, a tendência para um mesmo alvo determinado, em suma, a comunhão de pensamentos. Todas as vezes que homens se reúnem em nome de uma ideia vaga jamais alcançam entender-se, porque cada um compreende tal ideia à sua maneira. Todo grupo formado de elementos heterogêneos traz consigo as sementes de sua própria dissolução, porque ele se compõe de interesses divergentes,

materiais ou de amor-próprio, tendendo para um alvo diferente, os quais digladiam entre si e bem raramente se acham dispostos a realizar concessões para o interesse comum ou mesmo para razão, sofrendo com a opinião da maioria, caso não possam dispor-se de outra forma, mas sem nunca se reunirem de peito aberto.

Assim tem sido até agora com o espiritismo; formado gradualmente, através de uma sequência de observações contínuas, como todas as ciências, a aceitação foi assumindo uma extensão cada vez maior. A qualificação de espírita, aplicada sucessivamente a todos os níveis de crença, compreende uma infinidade de nuances, desde a simples crença nos fenômenos de manifestações, até as mais altas deduções morais e filosóficas; desde quem, parando na superfície, só enxerga nele um passatempo curioso, até quem busca a concordância dos princípios com as leis universais e suas aplicações aos interesses gerais da humanidade; enfim, desde quem só enxerga nele um meio de exploração em seu proveito, até quem nele sorve os elementos de seu próprio aperfeiçoamento moral.

Dizer-se espírita convicto não indica, assim, de modo algum, a dimensão da crença; tal palavra diz muito quanto a uns e demasiado pouco quanto a outros. Uma assembleia para a qual se convocassem todos os que se dizem espíritas apresentaria um amálgama de opiniões divergentes que não poderiam fundir-se nem ela concluiria nada de sério; isto sem falar das pessoas interessadas em semear aí a discussão, às quais ela abriria suas portas.

Esta falta de precisão, inevitável no princípio e durante o período de elaboração, tem amiúde causado confusões lastimáveis pelo fato de haver atribuído à doutrina o que não passava de um abuso ou de um desvio. Em consequência desta falsa aplicação do qualificativo de espírita que diariamente se faz, é que a crítica, que se informa bem pouco quanto ao fundo das coisas e ainda menos quanto ao lado sério do espiritismo, pôde encontrar aí matéria para zombaria. Que um indivíduo se diga espírita ou pretenda praticar o espiritismo, como os prestidigitadores pretendem praticar a física, ainda que fosse um saltimbanco, constitui ele a seus olhos o representante da doutrina.

Vem sendo estabelecida, é verdade, uma distinção entre os bons e os maus, os verdadeiros e os falsos espíritas, os espíritas mais ou menos esclarecidos, mais ou menos convictos, os espíritas de coração etc.; mas tais designações, sempre vagas, não apresentam nada de autêntico, nada que as caracterize quando não se conhecem os indivíduos, e quando não se teve ocasião de julgá-los através de suas obras.

Pode-se, portanto, ser enganado pelas aparências. Resulta disso que a qualificação de espírita, só permitindo uma aplicação incompleta, não constitui uma recomendação absoluta; tal incerteza lança nas mentes uma espécie de desconfiança que não permite estabelecer entre os adeptos um vínculo sério de confraternidade.

Hoje, quando se fixaram todos os pontos fundamentais da doutrina e os deveres que incumbem a qualquer adepto sério, o qualificativo de espírita pode apresentar um caráter definido que não tinha outrora. Um formulário de profissão de fé pode ser estabelecido e a adesão, por escrito, a tal programa constituirá um testemunho autêntico da maneira de encarar o espiritismo. Comprovando a uniformidade dos princípios, esta adesão constituirá, além do mais, o vínculo que unirá os adeptos em uma grande família, sem distinção de nacionalidades, sob o império de u'a mesma fé, de uma comunhão de pensamentos, de pontos de vista e de aspirações. A crença no espiritismo não será mais uma simples aquiescência, muitas vezes parcial, a uma ideia vaga, mas uma adesão motivada, efetivada com conhecimento de causa e comprovada por um título oficial outorgado ao aderente. Para evitar os inconvenientes da falta de precisão do qualificativo de espíritas, os signatários da profissão de fé assumirão o título de *espíritas professos*.

Esta qualificação, repousando em uma base precisa e definida, não dá lugar a nenhum equívoco; ela permite aos adeptos que professam os mesmos princípios e avançam na mesma via

reconhecerem-se sem outra formalidade que a declaração de sua qualidade, e, se necessário, a apresentação de seu título. Uma reunião composta de espíritas-professos será necessariamente tão homogênea quanto o comporta a humanidade.

Um formulário de profissão de fé, circunscrito e claramente definido, será a via traçada; o título de *espírita-professo* será a palavra para a reunião.

Mas, perguntarão, constitui tal título uma garantia suficiente contra os homens de duvidosa sinceridade?

Uma garantia absoluta contra a má-fé é impossível, pois existem pessoas que transformam em brinquedo os atos mais solenes; mas a gente convirá que tal garantia é bem maior que quando não existia absolutamente nenhuma. Aliás, quem se faz passar inescrupulosamente por aquilo que não é, quando se trata apenas de palavras que se evolvem, amiúde recua perante uma afirmação espírita que deixa vestígios e que lhe pode ser imputada no caso em que se afastasse do reto caminho. Caso, contudo, existissem os que não se detivessem diante desta consideração, seu número seria mínimo e sem influência. De resto, tal caso está previsto nos estatutos e está regulado por um dispositivo específico.

Tal medida resultará inevitavelmente no afastamento das reuniões sérias das pessoas que ali se achariam deslocadas. Caso ela afastasse alguns espíritas de boa-fé, sempre seriam apenas os que não se acham assaz seguros de si mesmos para se consolidarem, os timoratos, que receiam pôr-se em evidência, e os que, em todas as circunstâncias, não são jamais os primeiros a se pronunciar, desejosos de ver antes como as coisas ficarão. Com o tempo, uns se esclarecerão mais completamente, enquanto outros tomarão coragem; até lá, nem uns nem outros poderão contar-se entre os firmes defensores da causa. Quanto aos que a gente poderia realmente lastimar, seu número será pequeno e irá diminuindo a cada dia.

Nada sendo perfeito neste mundo, as melhores coisas apresentam seus inconvenientes; caso se pretendesse rejeitar tudo o que não está isento deles, nada seria admissível. Em tudo se precisa pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes; ora, é bem evidente que aqui as vantagens levam a melhor sobre os inconvenientes.

Nem todos os que trazem o nome de espíritas se reunirão, assim, em torno da constituição; isto é certo; por isso ela existe apenas para os que a aceitarem livremente e voluntariamente, pois não tem ela a pretensão de se impor a ninguém.

Não sendo o espiritismo compreendido da mesma forma por todo o mundo, a constituição chama a atenção dos que o encaram de um ponto de vista próprio, com o fito de lhes oferecer um ponto de apoio, quando se encontrem isolados, de cimentar os vínculos da grande família através da unidade de crenças. Mas, fiel ao princípio da liberdade de consciência, que a doutrina proclama como um direito natural, ela respeita todas as convicções sinceras e não lança nunca o anátema contra os que possuem ideias diferentes; nem por isto ela deixará de tirar proveito das luzes que eles poderão emitir fora de seu seio.

Logo, o essencial é conhecer os que seguem no mesmo caminho; mas como sabê-lo com precisão? É materialmente impossível chegar a isto através de questionários individuais; aliás, ninguém pode ser investido do direito de escutar as consciências. O único meio, o mais simples, o mais legal, era estabelecer um formulário de princípios, resumindo o estágio dos conhecimentos atuais que ressaltam da observação e que são sancionados pelo ensino geral dos Espíritos, ao qual cada um é livre para aderir. A adesão escrita constitui uma profissão de fé que dispensa qualquer outra investigação e deixa a cada um sua inteira liberdade.

A constituição do espiritismo apresenta, pois, como complemento essencial um programa de princípios definidos no que tange à crença, sem o qual constituiria uma obra sem alcance e sem futuro. Tal programa, fruto da experiência adquirida, será o marco indicador do caminho. Para

avançar com segurança ao lado da constituição orgânica, faz-se necessária a constituição da fé, um *credo*, se o desejarem, que seja o ponto de referência de todos os aderentes.

Mas tal programa, não mais que a constituição orgânica, não pode nem deve acorrentar o futuro, sob pena de sucumbir cedo ou tarde às pressões do progresso. Fundado para o estágio atual dos conhecimentos, ele deve ir modificando-se e completando-se à proporção que novas observações forem demonstrando-lhe a carência ou as imperfeições. Todavia, as modificações não devem ser efetivadas nem com leviandade nem com precipitação. Elas constituirão a obra dos congressos orgânicos que, na revisão periódica dos estatutos, juntará a do formulário dos princípios.

Constituição e *credo*, avançando continuamente em harmonia com o progresso, sobreviverão na sucessão dos tempos.

IX

CAMINHOS E MEIOS

É aborrecido, sem dúvida, ser obrigado a entrar em considerações materiais para alcançar um objetivo de todo espiritual; mas é preciso observar que a espiritualidade mesma da obra se prende à questão da humanidade e de seu bem-estar; que não mais se trata somente da enunciação de algumas ideias filosóficas, mas de fundar algo de positivo e de durável, para a extensão e a consideração da doutrina, a qual se precisará fazer produzir os frutos que ela é suscetível de proporcionar. Imaginar que nós estamos ainda nos tempos em que alguns apóstolos podiam pôr-se na estrada com seu bastão de viagem, sem preocupação com sua pousada e seu pão cotidiano, seria uma ilusão cedo destruída por amarga decepção. Para realizar algo de sério, é preciso sujeitar-se às necessidades que impõem os costumes da época em que se vive; tais necessidades são outras do tempo da vida patriarcal; o interesse mesmo do espiritismo exige que se calculem seus meios de ação para não ser surpreendido no caminho. Calculemos, portanto, já que nós nos achamos em um século em que são obrigatórias as contas.

As atribuições da comissão central são assaz numerosas, como se vê, a ponto de precisar de uma verdadeira administração. Tendo cada membro funções ativas e constantes, caso não se empregassem apenas homens de boa vontade, os trabalhos poderiam sofrer com isso, pois ninguém teria o direito de reprovar os negligentes. Para a regularidade dos trabalhos e o expediente dos negócios, é preciso possuir homens com cuja assiduidade se possa contar e cujas funções não constituam simples atos de comisseração. Mais independência tiverem por seus recursos pessoais, menos se obrigarão a ocupações ininterruptas; caso não tenham independência, não podem conceder seu tempo. É preciso, portanto, que sejam remunerados, assim também o pessoal administrativo; a doutrina ganhará em força, em estabilidade, em pontualidade, ao mesmo tempo que isto constituirá um meio de dar serviço a pessoas que poderiam ter necessidade dele.

Um ponto essencial na gerência de toda administração providente é que sua existência não repouse em arrecadações eventuais que podem falhar, mas em recursos fixos, regulares, de modo que sua captação, aconteça o que acontecer, não possa ser obstada. É preciso, assim, que as pessoas chamadas a oferecer seu concurso não possam sentir nenhuma inquietação quanto a seu futuro. Ora, a experiência demonstra que se devem considerar como essencialmente aleatórios os recursos que repousam apenas na arrecadação de cotizações, sempre facultativas, sejam quais

forem as obrigações empenhadas, e de uma cobrança muitas vezes difícil. Assentar despesas permanentes e regulares em recursos eventuais constituiria uma falta de providência que se poderia lastimar um dia. As consequências são menos graves, sem dúvida, quando se trata de fundações temporárias, que duram quanto podem; mas, no nosso caso, trata-se de uma questão de futuro. A sorte de uma administração como esta não pode subordinar-se aos azares de um negócio comercial; ela deve ser, desde seu início, se não tão florescente, pelo menos tão estável quanto ficará daqui a um século. Mais sólida sua base, menos exposta se verá aos golpes da intriga.

Em tal caso, a mais corriqueira prudência determina que se vão capitalizando, de uma forma inalienável, os recursos, à medida que forem chegando, a fim de constituir uma renda vitalícia, ao abrigo de todas as eventualidades. Regrando a administração suas despesas por sua renda, sua existência não pode, em caso algum, ficar comprometida, já que terá sempre os meios para funcionar. Ela pode, ao começar, ser organizada em escala menor; os membros da comissão podem ficar provisoriamente limitados a cinco ou seis, o pessoal e os gastos administrativos reduzidos a sua mais simples expressão, exceto quanto a propiciar desenvolvimento ao crescimento dos recursos e das exigências da causa, mas ainda assim se careceria do necessário.

Para preparar os meios da instalação é que nós consagramos até hoje a arrecadação dos nossos trabalhos, conforme afirmamos acima. Se nossos meios pessoais não nos permitem realizar mais, ao menos nós teremos a satisfação de haver-lhe colocado a pedra fundamental.

Imaginemos que, por um meio qualquer, a comissão central esteja, em um determinado tempo, em condições de funcionar, o que pressupõe uma renda de vinte e cinco a trinta mil francos; restringindo-se no começo os gastos de todas as naturezas, o que a comissão dispuser, em capitais e arrecadações eventuais, constituirá a *Caixa Geral do Espiritismo*, que será objeto de uma contabilidade rigorosa. Reguladas as despesas obrigatórias, o excedente da renda aumentará o fundo comum; proporcionalmente aos recursos do fundo é que a comissão proverá as diversas despesas favoráveis ao desenvolvimento da doutrina, sem que jamais ela possa tirar daí para seu proveito pessoal, nem fazer disso uma fonte de especulação para nenhum de seus membros. O emprego dos fundos e a contabilidade, aliás, serão submetidos à análise de comissários especiais, delegados para tal finalidade pelos congressos ou assembleias gerais.

Um dos primeiros cuidados da comissão será ocupar-se das publicações, desde que exista a possibilidade, sem esperar poder fazê-lo com a renda; os fundos separados para tal uso serão, na realidade, apenas um adiantamento, já que voltarão através da venda das obras, cuja arrecadação retornará ao fundo comum. Trata-se de um negócio administrativo.

X

ALLAN KARDEC E A NOVA CONSTITUIÇÃO

As considerações com que Allan Kardec encerra o extrato abaixo da prestação de contas relativa à caixa do espiritismo, na Sociedade de Paris, em 5 de maio de 1865, constituindo o prelúdio da nova constituição do espiritismo que ele elaborava e a exposição de seus pontos de vista relativos à sua posição pessoal, têm seu lugar obrigatório neste preâmbulo.

“A gente muito falou das arrecadações que eu conseguia com minhas obras; nenhuma pessoa séria, com certeza, crê em meus milhões, malgrado a afirmação dos que diziam saber de boa fonte que eu possuo um trem principesco, carruagens a quatro cavalos e que, em casa, só se

anda sobre tapetes *d'Aubusson*. (*Revista Espírita* de junho de 1862.) O que quer que tenha dito, além disso, o autor de uma brochura que os senhores conhecem e que comprova, através de cálculos hiperbólicos, que meu orçamento de receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa, porque, somente na França, vinte milhões de espíritas são meus contribuintes (*Revista Espírita* de junho de 1863), existe um fato mais autêntico que seus cálculos: é que eu jamais pedi nada a ninguém, que ninguém jamais me deu nada a mim pessoalmente; em suma, que *eu não vivo às custas de ninguém*, já que, das somas que me foram espontaneamente confiadas, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito.²⁹

“Minhas imensas riquezas proviriam, portanto, de minhas obras espíritas. Posto que tais obras hajam tido um sucesso inesperado, é suficiente estar só um pouco iniciado nos negócios de livraria para saber que não é com livros filosóficos que se juntam milhões em cinco ou seis anos, quando se tem sobre a venda apenas um direito autoral de alguns centavos por exemplar. Mas, forte ou fraca, sendo tal arrecadação o fruto de meu trabalho, ninguém tem o direito de se imiscuir no emprego que lhe destino.

“Comercialmente falando, eu estou na condição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; eu corro o risco de qualquer escritor, que pode ter sucesso, como pode fracassar.

“Conquanto, sob este aspecto, eu não tenha que prestar nenhuma conta, creio ser útil, quanto à causa mesma a que estou votado, fornecer algumas explicações.

“Quem conheceu nossa intimidade outrora e a vê hoje pode comprovar que nada mudou em nossa maneira de viver desde que venho ocupando-me do espiritismo; ela é tão simples agora quanto era outrora. Logo, é certo que meus lucros, quaisquer que sejam, não servem para fornecer-nos os prazeres do luxo. Em que, então, são aplicados?

“O espiritismo, ao me arrancar da obscuridade, lançou-me em uma nova senda; em pouco tempo, eu me vi arrastado em um movimento que estava longe de prever. Quando eu concebi a ideia de *O Livro dos Espíritos*, minha intenção era de não me colocar de modo algum em evidência e de permanecer desconhecido; mas, de pronto ultrapassados os limites, isto não me foi possível: eu precisei renunciar a meu gosto por isolamento, sob pena de abdicar a obra empreendida, a qual aumentava a cada dia; precisei acompanhar o impulso e tomar-lhe as rédeas. À proporção que a obra ia desenvolvendo-se, um horizonte mais vasto ia desenrolando-se diante de mim, enquanto iam recuando seus limites; eu compreendi assim a imensidão de minha tarefa e a importância do trabalho que me faltava realizar para completá-la; as dificuldades e os obstáculos, longe de me assustarem, redobraram minha energia; eu percebi o alvo e resolvi atingi-lo com a assistência dos bons Espíritos. Eu sentia que não tinha tempo a perder e eu não o perdi nem com visitas inúteis, nem com cerimônias ociosas; essa foi a obra de minha vida; eu lhe concedi todo o meu tempo, eu lhe sacrifiquei meu descanso, minha saúde, porque o futuro se escrevia diante de mim em caracteres incontestáveis.

“Sem nos afastarmos de nosso gênero de vida, essa posição excepcional não deixou de nos criar necessidades a que só meus recursos pessoais, muito limitados, não me permitiam prover. Seria difícil de imaginar a multiplicidade dos gastos que tal posição acarreta, os quais, sem ela, eu teria evitado.

“Pois bem, senhores, o que me forneceu o suplemento de recursos foi a arrecadação de minhas obras. Eu o digo com satisfação: foi com meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que eu acudi, na maior parte ao menos, às necessidades materiais da instalação da doutrina. Eu trouxe, assim, uma larga quota-parte à caixa do espiritismo; os que ajudam na propagação das obras não poderão, portanto, dizer que trabalham para me enriquecer, já que a arrecadação de cada livro vendido, de cada assinatura da *Revista Espírita* aproveita à doutrina e não ao indivíduo.

²⁹ Tais somas se elevavam, naquela época, ao total de 14.100 francos, cujo emprego, em proveito exclusivo da doutrina, foi justificado através das contas.

“Não era tudo acudir ao presente; precisava também pensar no futuro e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar a quem me substituirá na grande tarefa que ele terá de cumprir; a fundação, sobre a qual eu devo calar-me ainda, se vincula à propriedade que possuo, e, com tal objetivo, é que eu aplico uma parte de meus rendimentos para melhorá-la. Como eu me acho longe dos milhões com que me gratificaram, duvido muito que, malgrado minhas economias, meus recursos me permitam oferecer à fundação o acabamento que desejaria ver nela em minha vida; mas, já que sua realização se acha nos desígnios de meus guias espirituais, caso não o realize por mim mesmo, é provável que um dia ou outro isso se realizará. Enquanto espero, eu lhe elaboro os planos.

“Longe de mim, senhores, o pensamento de me envaidecer por menos que seja com o que acabo de expor-lhes; foi preciso a insistência de certas diatribes para me forçar, conquanto a contragosto, a romper o silêncio sobre alguns fatos que concernem a mim. Mais tarde, todos os fatos que a malevolência forcejou por deturpar serão postos à luz através de documentos autênticos, mas o tempo para tais explicações ainda não chegou; a única coisa que me importava no momento era que os senhores se instruissem a respeito da destinação dos fundos que a Providência fez passar através de minhas mãos, qualquer que tenha sido sua origem. Eu me considero apenas o depositário mesmo dos que eu ganho; com mais forte razão dos que me são confiados.

“Alguém me perguntou, um dia, sem curiosidade, bem entendido, e por puro interesse pelo tema, o que eu faria com um milhão, caso o tivesse. Eu lhe respondi que hoje em dia o uso seria de todo diferente do que teria sido no início. Antigamente, eu teria efetuado a propaganda através de uma larga publicidade; agora, eu reconheço que isso teria sido inútil, já que nossos adversários se encarregaram dela às suas custas. Ao não me colocarem grandes recursos à minha disposição com tal finalidade, os Espíritos desejaram comprovar que o espiritismo devia o seu sucesso à sua própria força.

“Hoje, quando o horizonte se alargou, quando, sobretudo, o futuro já se revelou, necessidades bem diferentes se fazem sentir. Um capital como o que os senhores imaginam seria empregado de um modo mais útil. Sem entrar em minúcias prematuras, eu direi simplesmente que uma parte serviria para converter minha propriedade em uma casa específica de repouso para espíritas, onde os habitantes colheriam as benesses de nossa doutrina moral; outra parte serviria para constituir uma renda *inalienável* destinada: 1.º) à manutenção do estabelecimento; 2.º) para assegurar uma existência independente a quem me suceder e aos que o ajudarem em sua missão; 3.º) para acudir às necessidades correntes do espiritismo, sem correr o risco das arrecadações eventuais como sou obrigado a fazê-lo, já que a maior parte de meus recursos repousa em meu trabalho, que terá um termo.

“Eis aí o que eu faria; mas, caso tal satisfação não me for dada, eu sei que, de um modo ou de outro, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo útil; eis porque não me inquieto absolutamente, e me ocupo do que para mim é o essencial: o término dos trabalhos que me faltam encerrar. Isto feito, eu partirei quando aprover a Deus chamar-me.”

Ao que dizia, então, Allan Kardec acrescenta hoje:

Quando a comissão for organizada, nós dela tomaremos parte a título de simples membro, na qualidade de colaborador, sem reivindicar, para nós, nem supremacia, nem título, nem qualquer privilégio.

Conquanto viermos a constituir parte ativa da comissão, nós não representaremos nenhuma despesa para o orçamento, nem quanto a emolumentos, nem quanto a reembolsos de viagens, nem quanto a nenhuma outra causa; se nós não pedimos jamais nada a ninguém para nós, menos ainda o faríamos em tal circunstância; nosso tempo, nossa vida, todas as nossas forças

físicas e intelectuais pertencem à doutrina. Nós declaramos, assim, formalmente, que nenhuma fração dos recursos de que disporá a comissão será desviada em nosso proveito.

Nós lhe trazemos, ao contrário, nossa quota-parte:

1.º) Através da renúncia às arrecadações de nossas obras confeccionadas e a confeccionar;

2.º) Através da transmissão de valores mobiliários e imobiliários.

Quando a doutrina estiver organizada através da constituição da comissão central, nossas obras se tornarão propriedade do espiritismo na pessoa dessa mesma comissão, que lhes exercerá a gerência e tomará os cuidados necessários para sua publicação através dos meios mais adequados a popularizá-las. Ela deverá igualmente ocupar-se de sua tradução para as principais línguas estrangeiras.

A *Revista Espírita* vem sendo até agora, e não poderia deixar de ser, uma obra pessoal, considerando que faz parte de nossas obras doutrinárias, realmente servindo de anais para o espiritismo. Ali é que todos os princípios novos foram elaborados e colocados para estudo. Era preciso que ela conservasse seu caráter individual para o estabelecimento da unidade.

Muitas vezes nos solicitaram para fazê-la aparecer mais a miúdo; por mais lisonjeiro que fosse para nós tal desejo, nós não pudemos aceder a ele; primeiro, porque o tempo material não nos permitia esse acréscimo de trabalho, e, segundo, porque ela não devia perder seu caráter essencial, que não é o de um jornal propriamente dito.

Hoje, quando nossa obra pessoal se aproxima de seu término, as necessidades não são mais as mesmas; a *Revista Espírita* se tornará, como nossas outras obras confeccionadas e a confeccionar, propriedade coletiva da comissão, que lhe assumirá a direção para maior utilidade para o espiritismo, sem que nós renunciemos por isso a lhe prestar nossa colaboração.

Para completar a obra doutrinária, falta-nos publicar várias outras obras, que não constituem sua parte menos difícil nem menos penosa. Conquanto possuamos todos os elementos e o programa esteja traçado até o derradeiro capítulo, nós poderíamos oferecer-lhes cuidados mais constantes e ativá-las, caso, através da instalação da comissão central, estivéssemos livres de pormenores que absorvem uma grande parte de nosso tempo.

O primeiro período do espiritismo foi consagrado ao estudo dos princípios e das leis cujo conjunto devia constituir a doutrina, em suma, ao preparo dos materiais ao mesmo tempo que à divulgação da ideia; estava lançada a semente, mas, como a da parábola do Evangelho, ela não devia por toda a parte frutificar igualmente. A criança cresceu, está adulta e chegou o momento em que, sustentada por adeptos sinceros e devotados, deve avançar para o objetivo que se acha traçado para ela, sem ser obstruída pelos retardatários.

Mas como fazer tal triagem? Quem ousaria assumir a responsabilidade de um julgamento a efetuar-se sobre as consciências individuais? O melhor era, portanto, que tal triagem se efetuasse por si mesma e, para isso, o meio era bem simples; era suficiente fincar um estandarte e dizer: que os que o adotam o sigam!

Ao tomar a iniciativa da constituição do espiritismo, nós usamos de um direito comum: o que possui todo homem de completar, como ele entenda, a obra que começou e de ser juiz da ocasião oportuna; desde a hora em que cada um se acha livre de se reunir ou não, ninguém pode queixar-se de receber uma pressão arbitrária. Nós criamos a palavra *espiritismo* em virtude das necessidades da causa; nós bem temos o direito de determinar suas aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita. (*Revista Espírita* de abril de 1866.)

A partir de tudo o que precede, a gente compreenderá facilmente quanto era impossível e prematuro estabelecer a constituição no princípio. Caso a doutrina espírita tivesse sido montada com todas as peças, como toda concepção pessoal, teria ficado completa desde o primeiro dia e, sendo assim, nada teria sido mais simples que constituí-la; mas, como foi construída apenas gradualmente, em consequência de aquisições sucessivas, a constituição teria, sem dúvida, reunido

todos os apaixonados por novidades, mas logo teria sido abandonada pelos que não teriam aceitado todas as suas consequências.

Mas, perguntarão talvez, não se trata de uma cisão que o senhor está estabelecendo entre os adeptos? Ao se abrirem dois campos, não se está enfraquecendo a falange?

Nem todos os que se dizem espíritas pensam o mesmo a respeito de todos os pontos; a divisão existe de fato e é bem mais prejudicial, porque pode acontecer que não se saiba se, em um espírita, se possui um aliado ou um antagonista. O que faz a força é a união; ora, uma união franca não teria como existir entre pessoas interessadas, moralmente ou materialmente, em não seguir a mesma rota, e entre as que não perseguem o mesmo alvo. Dez homens sinceramente unidos por um pensamento comum são mais fortes que cem que não se entendam. Em tal caso, a mistura de desígnios divergentes rouba a força de coesão entre os que desejariam avançar juntos, absolutamente como um líquido que, ao se infiltrar em um corpo, constitui um obstáculo à agregação das moléculas.

Caso a constituição redunde em diminuir temporariamente o número aparente dos espíritas, ela terá como consequência inevitável atribuir mais força aos que avançarem de comum acordo para a realização do grande alvo humanitário que o espiritismo deve atingir. Eles se conhecerão e poderão dar-se as mãos de um extremo do mundo ao outro.

Ela terá, além disso, o efeito de opor uma barreira às ambições que, ao se imporem, tentariam concentrar o objetivo em seu proveito, fazendo-o desviar-se de sua rota. Tudo se calculou com vistas a tal resultado, através da supressão de toda autocracia ou supremacia pessoal.

CREDO ESPÍRITA

Preâmbulo.

Os males da humanidade advêm da imperfeição dos homens: é através de seus vícios que eles se prejudicam uns aos outros. Enquanto os homens forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses engendrará incessantemente as misérias.

Boas leis contribuem, sem dúvida, para a melhoria da sociedade, mas são impotentes para assegurar a felicidade humana, porque elas só coíbem as más paixões, sem aniquilá-las; em segundo lugar, porque são mais repressivas que moralizantes e porque só reprimem os crimes mais salientes, sem destruir a causa. Aliás, a bondade das leis se dá em função da bondade dos homens; enquanto estes forem dominados pelo orgulho e pelo egoísmo, elaborarão leis em benefício das ambições pessoais. A lei civil modifica apenas a superfície; tão só a lei moral consegue penetrar o foro íntimo da consciência e reformá-lo.

Admitido o fato de que o estrago causado pelo contato dos vícios é que torna os homens infelizes, o único remédio para seus males se acha em sua melhora moral. Já que as imperfeições constituem a fonte dos males, a felicidade irá aumentando, à proporção que as imperfeições forem diminuindo.

Por melhor que seja uma instituição social, caso os homens sejam maus, eles a degenerarão e lhe deturparão o espírito para explorá-la em seu proveito. Quando os homens forem bons, organizarão boas instituições e elas serão duráveis, porque todos estarão interessados em sua conservação.

A questão social não apresenta, pois, seu ponto de partida na forma de tal ou qual instituição; ela reside por inteiro na melhora moral dos indivíduos e das massas. Eis aqui o princípio, a verdadeira chave da felicidade humana, porque então os homens não pensarão mais em se prejudicarem uns aos outros. Não é suficiente pôr um verniz sobre a corrupção; a corrupção é que é preciso extinguir.

O princípio da melhora se acha na natureza das crenças, porque as crenças constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos; ele se acha também nas ideias inculcadas desde a infância e assimiladas pela mente, e nas ideias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão conseguem fortificar e não destruir. Através da educação, mais ainda que através da instrução, é que se transformará a humanidade.

O homem que trabalha seriamente em sua própria melhora assegura sua felicidade desde esta vida; além da satisfação de sua consciência, ele se isenta das misérias materiais e morais que constituem as consequências inevitáveis de suas imperfeições. Ele possuirá a calma, porque as vicissitudes só irão esflorá-lo; ele possuirá a saúde, porque não desgastará seu corpo através dos excessos; ele será rico, porque o homem é sempre rico quando sabe contentar-se com o necessário; ele possuirá a paz da alma, porque não terá necessidades artificiais, porque não será mais atormentado pela sede das honras e do supérfluo, pela febre da ambição, da inveja e do

ciúme; indulgente quanto às imperfeições de outrem, ele sofrerá menos com elas, que excitarão sua piedade e não sua cólera; evitando tudo quanto possa prejudicar seu próximo, em palavras e em ações, buscando, ao contrário, tudo quanto possa ser bom e agradável aos outros, ninguém sofrerá com seu contato.

Ele assegura sua felicidade na vida futura, porque, mais estiver depurado, mais se elevará na hierarquia dos seres inteligentes, e mais cedo trocará este orbe de provação pelos mundos superiores; porque o mal que houver reparado nesta vida não precisará mais reparar em outras existências; porque, na erraticidade, ele só encontrará seres amigos e simpáticos e não será atormentado pela visão incessante dos que teriam tido de que se queixar dele.

Os homens que viverem juntos animados destes sentimentos serão tão felizes quanto o comporta a nossa Terra; ganhando tais sentimentos, paulatinamente, todo um povo, toda uma raça, toda a humanidade, e nosso globo se alinhará entre os mundos felizes.

Trata-se de uma quimera, uma utopia? Sim, para quem não crê no progresso da alma; não, para quem crê em sua perfectibilidade infinita.

O progresso geral é a somatória de todos os progressos individuais; mas o progresso individual não consiste somente no desenvolvimento da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos; essa é apenas uma parte do progresso, a qual não conduz necessariamente ao bem, já que se veem homens fazendo muito mau uso de seu saber; ele consiste, sobretudo, na melhoria moral, na purificação do Espírito, na extirpação dos más sementes que existem em nós; eis aqui o verdadeiro progresso, o único que pode assegurar a felicidade humana, porque constitui a negação mesma do mal. O homem mais adiantado em inteligência pode praticar muito mal; quem é adiantado moralmente só praticará o bem. Logo, interessa a todos o progresso moral da humanidade.

Mas que significam a melhoria e a felicidade das gerações futuras para quem crê que tudo finda com a vida? Que interesse tem ele em se aperfeiçoar, em se coagir, em dominar suas paixões ruins, em privar-se em favor dos outros? Nenhum; a lógica mesma lhe afirma que seu interesse consiste em gozar logo e através de todos os meios possíveis, já que amanhã, talvez, não exista mais nada.

A doutrina do niilismo constitui a paralisia do progresso humano, porque circunscreve a visão do homem ao imperceptível ponto da existência presente; porque estreita as ideias e as concentra por força na vida material; com esta doutrina, não sendo o homem nada antes, nada depois, todas as relações sociais cessam com a vida, a solidariedade é uma palavra vazia, a fraternidade uma teoria sem raízes, a abnegação em benefício de outrem um logro, o egoísmo, com a sua máxima “cada um por si”, um direito natural, a vingança um ato de razão; a felicidade é para o mais forte e para os mais ladinos; o suicídio, o fim lógico de quem, com o término dos recursos e dos expedientes, não espera mais nada e não consegue sair do lamaçal. Uma sociedade fundada no niilismo traria em si a semente de sua próxima dissolução.

Bem diferentes são os sentimentos de quem tem fé no futuro; de quem sabe que nada do que adquire em saber e em moralidade se perde para ele; que o trabalho de hoje produzirá frutos amanhã; que ele mesmo fará parte daquelas gerações futuras mais adiantadas e mais felizes. Ele sabe que, ao trabalhar pelos outros, está trabalhando para si mesmo. Sua vista não se limita à Terra: ela abrange a infinidade dos mundos que serão um dia sua morada; ela vislumbra o lugar glorioso que constituirá sua partilha, como a de todos os seres chegados à perfeição.

Com a fé na vida futura, o círculo das ideias se amplia; o futuro lhe pertence; o progresso pessoal apresenta um fim, uma utilidade *efetiva*. Da constância das relações entre os homens, nasce a solidariedade; a fraternidade se funda em uma lei natural e no interesse de todos.

A crença na vida futura constitui, assim, o fator do progresso, porque ela é o estimulante do Espírito: somente ela pode proporcionar a coragem nas provações, porque lhe fornece a razão; a

perseverança na luta contra o mal, porque lhe aponta um alvo. É em firmar esta crença no espírito das massas, portanto, que é preciso predispor-se.

Entretanto, esta crença é inata no homem; todas as religiões a proclamam; por que não deu ela, até esta data, os resultados que se devem esperar? É que, em geral, ela se apresentou em condições inaceitáveis para a razão. Tal qual a apresentam, ela rompe todas as relações com o presente; desde que se deixa a Terra, o homem se torna alheio à humanidade; nenhuma solidariedade existe entre os mortos e os vivos; o progresso é puramente individual; ao trabalhar para o futuro, trabalha-se apenas para si, pensa-se apenas em si, e ainda em função de um fim vago que não possui nada de definido, nada de positivo sobre que o pensamento possa repousar com segurança; e porque se trata, enfim, de uma esperança antes de uma certeza material. Resulta daí, em uns, a indiferença, em outros, uma exaltação mística que, ao separar o homem da Terra, é essencialmente nociva ao progresso real da humanidade, pois negligencia os cuidados do progresso material para o qual a natureza lhe impõe como obrigação concorrer.

Entretanto, por mais incompletos que sejam os resultados, não deixam de ser reais. Quantos homens foram encorajados e mantidos na rota do bem por aquela vaga esperança?! Quantos se detiveram ante o despenhadeiro do mal pelo receio de comprometer o futuro?! Quantas nobres virtudes aquela crença não desenvolveu?! Não desdenhem as crenças do passado, conquanto imperfeitas, quando conduzem ao bem; elas se acham em relação com o nível de adiantamento humano. Mas, progredindo, a humanidade requer crenças em harmonia com as novas ideias. Se os fatores da fé permanecem estacionários e ficam distantes da mente, perdem toda influência, e o bem que produziram um dia não tem como prosseguir, porque não estão mais à altura das circunstâncias.

Para que a doutrina da vida futura traga, de agora em diante, os frutos que devemos esperar dela, é preciso, antes de mais nada, que satisfaça completamente a razão; que responda à ideia que se tem da sabedoria, da justiça e da bondade de Deus; que não possa receber nenhum desmentido da ciência; é preciso que a vida futura não deixe, nas mentes, nem dúvida, nem incerteza; que seja tão positiva quanto a vida presente, de que constitui a continuação, como o amanhã é a continuação da véspera; é preciso que a vejam, que a compreendam, que a toquem com o dedo, por assim dizer; é preciso, enfim, que a solidariedade do passado, do presente e do futuro, através das diferentes existências, fique evidente.

Tal é a ideia que o espiritismo oferece da vida futura; o que lhe dá a força é que não se trata, de forma alguma, de uma concepção humana, que teria apenas o mérito de ser mais racional, mas sem maior certeza que as outras. Trata-se do resultado dos estudos realizados sobre os exemplos fornecidos por diferentes categorias de Espíritos que se apresentam nas manifestações, o que ensinou a exploração da vida extracorpórea em todas as suas etapas, desde o alto até o mais baixo da escala dos seres. As peripécias da vida futura não constituem, portanto, mais uma teoria, uma hipótese mais ou menos provável, mas um resultado de observações; são os habitantes do mundo invisível que vêm, eles mesmos, descrever seu estado, e é tal situação que a imaginação mais fecunda não teria sido capaz de conceber, caso não fosse apresentada aos olhos do observador.

Ao fornecer a prova material da existência e da imortalidade da alma, ao nos iniciar nos mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, ao nos tornar palpáveis as consequências inevitáveis do bem e do mal, a doutrina espírita, melhor que qualquer outra, faz ressaltar a necessidade de melhoria individual. Através dela, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que se acha na Terra; o bem apresenta um fim, uma utilidade prática; ela não forma o homem tão somente para o futuro, ela o forma também para o presente, para a sociedade; através de sua melhoria moral, os homens prepararão na Terra o reino da paz e da fraternidade.

A doutrina espírita é, pois, o mais poderoso elemento moralizador, pelo fato de se endereçar, de uma só vez, ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido.

Por sua essência mesma, o espiritismo envolve todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e da moral; as questões que ele abrange são inumeráveis; não obstante, podem resumir-se nos pontos seguintes que, sendo considerados como verdades adquiridas, constituem o programa das crenças espíritas.³⁰

Princípios fundamentais da doutrina espírita reconhecidos como verdades adquiridas.

A morte corpórea de Allan Kardec interrompeu as obras deste Espírito eminente; este volume termina com um ponto de interrogação, e muitos leitores desejariam vê-lo resolvido logicamente, como sabia fazê-lo o douto professor em espiritismo; sem dúvida, isto devia ficar assim.

No Congresso Espírita e Espiritualista Internacional de 1890, os delegados declararam que, desde 1869, os estudos vinham revelando coisas novas e que, conforme o ensinamento preconizado por Allan Kardec, alguns dos princípios do espiritismo sobre que o mestre havia fundamentado seu ensinamento deviam ser atualizados de acordo com os progressos da ciência em geral dos últimos vinte anos.

Tal corrente de ideias, comum aos delegados vindos de todas as partes da Terra, comprovou que um volume novo devia ser elaborado, para casar o ensinamento de Allan Kardec com o que nos fornece continuamente a busca da verdade.

Essa será a *obra da Comissão de Propaganda*; nós contamos muito com os bons pareceres de nossos federados, que comprovaram ao Congresso sua competência a respeito das mais altas questões filosóficas, quanto a auxiliarem a comissão na composição de um trabalho coletivo, sempre progressivo; tal volume deverá, a seu turno, ser atualizado quando um novo Congresso decidir sobre isso. “A ciência, disse Allan Kardec, está sendo convocada para constituir a verdadeira gênese, de acordo com as leis da natureza.” (*A Gênese*, cap. IV, item 3.)

“As descobertas da ciência glorificam a Deus ao invés de diminuí-lo; elas destroem só o que os homens construíram sobre as ideias falsas que para si representaram de Deus.”

“O Espiritismo, avançando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está equivocado quanto a um ponto, ele se modificará quanto a esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.” (*A Gênese*, cap. I, item 55.)

PEDRO CAETANO LEYMARIE.

³⁰ Na *Revista Espírita* de abril de 1869, à guisa de cotejar com a doutrina de *O Livro dos Espíritos* a declaração de princípios aprovada na quinta *convenção nacional*, ou assembleia dos delegados dos espíritas das diversas partes dos Estados Unidos, e publicada no *Salut*, de Nova Orleães, Allan Kardec estabelece um paralelo entre as duas doutrinas, artigo por artigo, em dezenove itens, o que podemos considerar uma declaração de princípios dos espíritas europeus, sob a ótica do autor, ainda mais por se tratar do derradeiro número organizado por ele. É o próprio Kardec quem complementa a informação: “Encontra-se um resumo mais completo em *O que é o Espiritismo?*, cap. II.” (Nota do tradutor.)

ÍNDICE

Biografia de Allan Kardec

Discurso pronunciado à exéquias de Allan Kardec, por Camille Flammarion

PRIMEIRA PARTE

Profissão de fé espírita raciocinada

I. Deus

II. A alma

III. Criação

As manifestações espíritas

Caráter e consequências religiosas das manifestações espíritas

I. O perispírito, princípio das manifestações

II. Manifestações visuais

III. Transfiguração. Invisibilidade

IV. Emancipação da alma

V. Aparições de pessoas vivas. Bicorporeidade

VI. Dos médiuns

VII. Obsessão e possessão

Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas

Controvérsias sobre a ideia da existência de seres intermediários entre o homem e Deus

Causa e natureza da clarividência sonambúlica; explicação do fenômeno da lucidez

A segunda vista; conhecimento do futuro; previsões

Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento

Fotografia e telegrafia do pensamento

Estudo sobre a natureza do Cristo

I. Fonte das provas da natureza do Cristo

II. Comprovam os milagres a divindade do Cristo?

III. As palavras de Jesus comprovam-lhe a divindade?

IV. Palavras de Jesus após sua morte

V. Dupla natureza de Jesus

VI. Opinião dos Apóstolos

VII. Predições dos profetas concernentes a Jesus

VIII. O Verbo se fez carne

IX. Filho de Deus e Filho do homem

Influência perniciosa das ideias materialistas sobre as artes em geral; a regeneração delas através do espiritismo

Teoria da beleza

A música celeste

A música espírita

A estrada da vida

As cinco alternativas da humanidade

I. Doutrina materialista

II. Doutrina panteísta

III. Doutrina deísta

IV. Doutrina dogmática

V. Doutrina espírita

A morte espiritual

A vida futura

Questões e problemas. As expiações coletivas

O egoísmo e o orgulho. Suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los

Liberdade, igualdade, fraternidade

As aristocracias

Os desertores

Breve resposta aos detratores do espiritismo

SEGUNDA PARTE

Fragments *in extenso* do Livro das Previsões Concernentes ao Espiritismo.

Minha primeira iniciação no espiritismo

Meu Espírito protetor, 11 de dezembro de 1855

Meu guia espiritual, 25 de março de 1856

Primeira revelação de minha missão, 30 de abril de 1856

Minha missão, 7 de maio de 1856

Acontecimentos

Acontecimentos, 12 de maio de 1856

O Livro dos Espíritos, 10 de junho de 1856

Minha missão, 12 de junho de 1856

O Livro dos Espíritos, 17 de junho de 1856

O Livro dos Espíritos, 11 de setembro de 1856

Primeiro anúncio de uma nova encarnação, 17 de janeiro de 1857

A tiara espiritual, 6 de maio de 1857

A Revista Espírita, 15 de novembro de 1857

Fundação da Sociedade Espírita de Paris, 1.º de abril de 1858

Duração de meus trabalhos, 24 de janeiro de 1860

Acontecimentos. Papado, 28 de janeiro de 1860

Minha Missão, 12 de abril de 1860

Futuro do espiritismo, 15 de abril de 1860

Meu retorno, 10 de junho de 1860

Auto-de-fé de Barcelona Apreensão de livros, 21 de setembro de 1861

Auto-de-fé de Barcelona, 9 de outubro de 1861

Meu sucessor, 22 de dezembro de 1861

Imitação do Evangelho, 9 de agosto de 1863

A Igreja, 30 de setembro de 1863

A Vida de Jesus, de Renan, 14 de outubro de 1863

Precursores da tempestade, 30 de janeiro de 1866

A nova geração, 30 de janeiro de 1866

Mensagem quanto à saúde do Senhor Allan Kardec, 23 de abril de 1866

Regeneração da humanidade, 25 de abril de 1866

Avanço gradual do espiritismo. Dissidências e entraves, 27 de abril de 1866

Publicações espíritas, 16 de agosto de 1867

Acontecimentos, 17 de agosto de 1867

Minha nova obra a respeito da gênese, 9 de setembro de 1867

A Gênese, 22 de fevereiro de 1868
Acontecimentos, 23 de fevereiro de 1868
Meus trabalhos pessoais. Conselhos diversos, 4 de julho de 1868
Fora da caridade, não existe salvação
Projeto — 1868
 Estabelecimento central
 Ensino espírita
 Publicidade
 Viagens
Constituição do espiritismo
 I. Considerações preliminares. Exposição de motivos
 II. Dos cismas
 III. O chefe do espiritismo
 IV. Comissão central
 V. Instituições acessórias e complementares da comissão central
 VI. Extensão da ação da comissão central
 VII. Os estatutos
 VIII. Do programa das crenças
 IX. Caminhos e meios
 X. Allan Kardec e a nova constituição
Credo espírita
 Preâmbulo
 Princípios fundamentais da doutrina espírita reconhecidos como verdades adquiridas